



PLANTAS DE USO MEDICINAL OU RITUAL NUMA FEIRA  
LIVRE NO RIO DE JANEIRO, BRASIL.

MARY MARGARET STALCUP

2000

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Fórum de Ciência e Cultura - Museu Nacional

Curso de Pós-Graduação em Ciências Biológicas (Botânica)

PLANTAS DE USO MEDICINAL OU RITUAL NUMA FEIRA LIVRE  
NO RIO DE JANEIRO, BRASIL

Mary Margaret Stalcup

Dissertação submetida ao corpo docente do Curso de Pós-Graduação em Ciências Biológicas (Botânica), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre.

Banca examinadora:

Prof.

\_\_\_\_\_  
Dr. Luiz Emygdio Sérgio de Mello Filho  
(Presidente da banca)

Prof.

\_\_\_\_\_  
Dr. Nuno Álvares Pereira

Prof.

\_\_\_\_\_  
Dr. Lin Chau Ming

Prof.

Dra. Luci de Senna Valle  
(Suplente)

Orientadora: Dra. Margarete Emmerich

Rio de Janeiro

2000

Stalcup, Mary Margaret

Plantas de uso medicinal ou ritual numa feira livre no Rio de Janeiro, Brasil.

Rio de Janeiro: Museu Nacional - UFRJ/ Curso de Pós-Graduação em Ciências Biológicas (Botânica), 2000.

ix, 202 p. il.

Dissertação: Mestrado em Ciências Biológicas (Botânica) - UFRJ

- |                       |                               |
|-----------------------|-------------------------------|
| 1. Etnobotânica       | 3. Religiões Afro-brasileiras |
| 2. Plantas Medicinais | 4. Feira Livre                |

I. Universidade Federal do Rio de Janeiro / Museu Nacional

II. Título

“Mercados e feiras são a universidade do povo”

Prof. Câmara Cascudo

“O que é preciso saber sobre Mercados e Feiras Livres.”  
Rio de Janeiro, 1982.

Ao Guito e às minhas famílias daqui e de lá.

## AGRADECIMENTOS

Desejo expressar meu reconhecimento a todos que direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, em especial:

À Universidade Federal do Rio de Janeiro, através do Corpo Docente do Departamento de Botânica do Museu Nacional que possibilitou a realização deste curso de mestrado;

Ao Departamento de Botânica que me concedeu sua infra-estrutura para a realização desta pesquisa;

À CAPES pela bolsa concedida durante uma parte do curso, sem a qual teria sido mais difícil a concretização deste trabalho;

À Dra. Margarete Emmerich, por sua orientação e paciência durante todo o mestrado e na realização desta dissertação, e também pelo curso de Etnobotânica que estimulou o início deste trabalho;

Aos ervatários, pelo tempo e informações graciosamente concedidos;

À pesquisadora Angela Maria Studart da Fonseca Vaz pela determinação das espécies de *Bauhinia* e o empréstimo de bibliografia;

À Dra. Charlotte Emmerich, pelo incentivo e interesse demonstrado durante todas as etapas do Mestrado;

À Claudine Massi Mynssen pela determinação das espécies de Schizeaceae e Dennaedtiaceae, e sua amizade durante todo o Mestrado;

Aos colegas de Mestrado, em especial à Mariana, Maite, Silvana, Regina, Nelson e Iranilda, pelo prazer de estarmos juntas nas disciplinas (e no curso de desenho);

À pesquisadora Elsie Franklin Guimarães pela determinação das espécies de Piperaceae e diversas outras espécies;

À Fabiana Regina Nonato, pela cuidadosa revisão deste trabalho e sua amizade durante todo o Mestrado;

Aos funcionários do Herbário do Museu Nacional, em especial à Margarete, Liane, Vera, Ivete e Pedrinho pelo atendimento e orientação;

Ao pesquisador Haraldo C. de Lima pela determinação de espécies de Leguminosae e o empréstimo de bibliografia;

Ao pesquisador João Marcelo Aluarenga Braga por sua ajuda na determinação das espécies de Passifloraceae e Myrtaceae;

Ao Dr. Jorge Pedro Pereira Carauta pela determinação das espécies de Moraceae;

Ao Pe. Josefá Carlos de Siqueira S. J. pela determinação da espécie de Amarantaceae e sua ajuda paciente na determinação das espécies de diversas outras famílias;

Ao pesquisador José Fernandes Baumgratz pela determinação da espécie de *Tibouchina* (Melastomataceae);

À Dra. Léa de Jesus Neves pelo apoio e atenção, e o empréstimo de livros;

À Dra. Lúcia d'Avila Freire de Carvalho pela determinação das espécies de Solanaceae, suas sugestões sobre as descrições e metodologia e o empréstimo de bibliografia;

À Dra. Luci de Senna Valle e a Vanda de Cássia R. Maia pela determinação da *Acalypha* e a confirmação da determinação das outras espécies de Euphorbiaceae;

Ao Dr. Luiz Emygdio de Mello Filho, pelo apoio e interesse demonstrado desde o início do curso de Mestrado;

Ao pesquisador Luiz Sérgio Pereira Sarahyba pela determinação das espécies de Poaceae e Cyperaceae;

À Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Botânica do Museu Nacional, Dra. Mariângela Menezes, por sua determinação em ajudar e fazer o melhor em todas as situações;

Ao Dr. Miguel Alexiades, pelo curso de Etnobotânica: Métodos Antropológicos e por suas sugestões ao presente trabalho que contribuíram à melhoria desta pesquisa;

Ao Dr. Nuno Álvares Pereira, pelo curso de Plantas Tóxicas e Medicinais que tanto enriqueceu este trabalho, e pelos preciosos conselhos e empréstimos de livros;

Ao pessoal do Laboratório de Anatomia, especialmente à pesquisadora Dória Maria Saiter Gomes, pelo apoio e atenção;

Ao Dr. Ruy José Válka Alves por sua determinação das espécies de Polyporaceae e suas sugestões na determinação de diversas outras espécies;

Ao Dr. Raymond Harley pela determinação das espécies de Lamiceae;

Ao pesquisador Renato Goldenberg pela determinação das espécies de *Miconia* (Melastomataceae);

Ao pesquisador Roberto Lourenço Esteves pela determinação das espécies de Asteraceae e o empréstimo de livros;

A todas as pessoas que fizeram sugestões no 50<sup>o</sup> Congresso Nacional em Blumenau;

À pesquisadora Vera Lúcia Gomes Klein pela determinação das espécies de Cucurbitaceae e recomendações sobre referências bibliográficas;

Ao Luis Guilherme Portela Moreto, que me incentivou e ajudou durante todo o curso de mestrado;

Ao meu sogro, Luiz Edmundo Alves Moreto, pelo apoio e carinho constante, sem o qual teria sido impossível a concretização deste trabalho;

À minha sogra, Maria Elizabete Girão Portela, que fez tudo para me ajudar;

À minha avó por empréstimo, Dona Maria do Carmo Girão Portela, por conceder seu apartamento durante a realização desta pesquisa, e por todo seu carinho;

A estes e todos mais que cooperaram comigo e com o propósito deste trabalho, com suas sugestões, apoio e incentivo, o meu sincero agradecimento.

## RESUMO

Este trabalho procura documentar as espécies e os usos de plantas vendidas por ervatários numa feira semanal do bairro da Tijuca na cidade do Rio de Janeiro. Foi realizado entre os meses de agosto/98 e agosto/99, e participaram da pesquisa quatro vendedores, com média de 15 anos de experiência no mercado, fornecendo as plantas e informações sobre seus nomes vulgares, usos e o preparo dos remédios. A feira foi visitada regularmente e os espécimes encontrados foram coletados, fotografados, herborizados e identificados através da consulta de livros, chaves e especialistas, e comparação com exemplares de herbário. A coleta resultou em 151 espécies distribuídas em 59 famílias, a melhor representada sendo Asteraceae (21), Lamiaceae (13), Solanaceae (9), Leguminosae (6), e as restantes representadas por até 5 espécies. As plantas foram classificadas em 4 categorias segundo a procedência: comprada de terceiros (16%), cultivada nos jardins particulares dos vendedores (23%), ruderal (21%), e coletada da Mata Atlântica (40%). Foram documentadas 60 utilidades medicinais e rituais, e 15 formas de preparar as ervas, o número de indicações sendo 30% para uso externo e 70% para uso interno, e a forma mais comum, o chá. Além dos dados obtidos na feira, uma descrição botânica e um levantamento bibliográfico dos usos na medicina popular e em rituais afro-brasileiros são apresentados para cada espécie. Analisa-se o papel das plantas na saúde e na vida religiosa das pessoas do bairro, o conhecimento dos ervatários e a preocupante coleta das plantas da Mata Atlântica.

## ABSTRACT

This study seeks to document the species and uses of plants sold by herb vendors in a weekly market in Tijuca, a neighborhood in the city of Rio de Janeiro. Undertaken between the months of August/98 and August/99, four vendors averaging 15 years market experience participated, providing the plant specimens and information regarding their common names, origin, uses and preparation of folk remedies. The market was regularly visited and the species collected were photographed, pressed and identified with the aid of books, keys, taxonomy specialists, and by comparison with herbarium specimens. The collection resulted in 151 species distributed among 59 families, the most frequent being Asteraceae (21), Lamiaceae (13), Solanaceae (9), Leguminosae (6) and the others represented by up to 5 species. The plants collected were classified in 4 categories according to their place of origin: bought from a third party (16%), cultivated in the herb vendors' gardens (23%), spontaneous on degraded land near the vendors' homes (21%), and collected from the Atlantic rainforest typical of Brazilian coastal areas (40%). Sixty medicinal and ritual uses were found, prepared in 15 forms, with 30% indicated for external use and 70% for internal use, the most common preparation form being tea. In addition to the data from the market, a botanical description was written and a bibliographical survey of folk medicine and Afro-Brazilian ritual uses was conducted for each species. An analysis is presented of the role of the herb vendors in the health and religious life of the local people, the knowledge of the vendors and the problematic collection of plants from the Atlantic coastal rainforest.



## SUMÁRIO

<b>I. INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>II. MATERIAL E MÉTODOS</b> .....	2
<b>III. HISTÓRICO E DEFINIÇÃO DE ETNOBOTÔNICA</b> .....	5
<b>IV. RESULTADOS</b> .....	7
<b>IV.1 As feiras livres</b> .....	7
<b>IV.1.2 Histórico das feiras livres na cidade do Rio de Janeiro</b> .....	8
<b>IV.1.3 As feiras livres de hoje</b> .....	8
<b>IV.2 Aspectos do local de coleta</b> .....	9
<b>IV.2.1 Caracterização e breve histórico da Tijuca</b> .....	9
<b>IV.2.2 Descrição da feira livre na Rua Visconde de Figueiredo</b> .....	10
<b>IV.3 Os ervatários</b> .....	10
<b>IV.4 Aspectos dos locais de procedência</b> .....	12
<b>IV.4.1 Plantas compradas de terceiros</b> .....	12
<b>IV.4.2 Plantas ruderais e plantas de jardins</b> .....	13
<b>IV.4.3 A Mata Atlântica</b> .....	13
<b>IV.4.3.1 Histórico da Floresta da Tijuca</b> .....	14
<b>IV.4.3.2 Coleta no Município de Magé</b> .....	14
<b>IV.5 Nomes vulgares</b> .....	15
<b>IV.6 Os usos das plantas</b> .....	15
<b>IV.6.1 A medicina popular e a feira</b> .....	15
<b>IV.6.2 As plantas nos rituais afro-brasileiros</b> .....	16
<b>IV.6.3 Simpatias</b> .....	18
<b>IV.7 Definições locais de preparo</b> .....	19
<b>IV.8 Partes utilizadas</b> .....	20
<b>IV.8.1 Cascas e raízes</b> .....	20
<b>IV.9 Espécies coletadas</b> .....	21
<b>V. DISCUSSÃO</b> .....	174
<b>V.1 A popularidade das plantas da feira</b> .....	174
<b>V.2 Papel dos ervatários</b> .....	176
<b>V.3 Famílias</b> .....	178
<b>V.4 Procedências</b> .....	180
<b>V.5 Nomes vulgares</b> .....	182
<b>V.6 Preparo das plantas</b> .....	184
<b>V.7 Utilizações</b> .....	185
<b>V.8 Parte utilizada</b> .....	186
<b>VI. CONCLUSÕES</b> .....	188
<b>VII. NOTAS</b> .....	189
<b>VIII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	192
<b>X. ÍNDICE</b> .....	200

## LISTA DE QUADROS

Quadro - Nº e título	PÁGINA
1. Percentagem dos alimentos que vem de feira na cidade ..... do Rio de Janeiro.....	9
2. Dados pessoais dos informantes.....	11
3. Procedências.....	12
4. Preparo das plantas.....	19
5. Raízes e cascas.....	21
6. Número de citações por utilização.....	186

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA - Nº e título	PÁGINA
1. Representatividade das famílias em número de espécies.....	179
2. Categorias de procedência por número de espécies.....	180
3. Procedências como percentagem do total de citações.....	181
4. Número de citações por forma de preparar.....	184
5. Número de indicações por tipo de uso.....	185
6. Número de citações por órgão.....	187

## I. INTRODUÇÃO

As feiras barulhentas e coloridas, com o cheiro de peixe que demora-se no ar, fazem parte do cotidiano carioca. O grito do vendedor com rosto um pouco lúgubre, resultante talvez do cansaço de quem chega ainda na calada da madrugada para arrumar sua barraca, chama os fregueses a comprar as frutas douradas e hortaliças frescas. Os montinhos de especiarias espiam o mundo de sacos brancos, ao lado das colheres de madeira, adaptadores de tomada elétrica e pequenos imãs na forma do turbante de Carmen Miranda. Na feira, encontra-se um pouco de tudo, nem sempre da melhor qualidade, mas pelo menos a poucos metros da sua porta.

Na periferia dos galinheiros e da kombi do pastel e caldo-de-cana, ou de vez em quando com uma tábua baixinha encostada numa parede no meio da muvuca comercial, encontra-se outro tipo de feirante. Suas mesas precárias são cobertas por densa mata folhosa, indistinguível ao olho do passante comum, e oferecem o perfume verde das pilhas de ervas como remédio para corpo e alma. Aqui os ervatários vendem a promessa de alívio para a perna inflamada e o peito encatarrado, e também para a depressão e o quebranto.

As plantas de todos os tipos e de diversas origens apresentam aos moradores do bairro uma alternativa à medicina convencional. A grande procura pelas ervas pode ser interpretada como evidência da força das religiões afro-brasileiras, uma preferência pela cura natural e a sabedoria caseira ou simplesmente um tratamento acessível em comparação aos elevados preços dos remédios industrializados. De qualquer forma, o fato dos ervatários e seus produtos preencherem um espaço verdadeiro no mercado de saúde é evidenciado por sua presença constante e até crescente nas feiras da cidade.

Através da documentação dos nomes e usos associados às espécies botânicas numa feira no bairro da Tijuca na cidade do Rio de Janeiro procuramos saber mais sobre este acontecimento social. Segundo Martin (1995), nenhum estudo econômico dos recursos naturais de uma área é completo sem um levantamento detalhado das plantas vendidas nas feiras livres. É importante saber exatamente o que está sendo vendido e de onde vem a incrível riqueza de plantas, pois a alta quantidade de espécies silvestres indica a necessidade de controle e averiguação do impacto da coleta. O conhecimento do nome local da erva e como está sendo usada são relevantes para a saúde pública, já que existe grande variação regional nestes aspectos e não é incomum a venda de uma espécie como se fosse outra. Estes dados, junto com os de outros levantamentos, podem servir na orientação de pesquisas mais aprofundadas sobre a proteção de recursos florestais, a fitoquímica, o mercado potencial para o cultivo de plantas medicinais, a saúde pública e o uso religioso das plantas.

## II. MATERIAL E MÉTODOS

Para a realização deste estudo foram feitas visitas à feira livre que ocorre toda quarta-feira na Rua Visconde de Figueiredo, no bairro da Tijuca, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. As coletas foram realizadas durante um ano a partir de agosto de 1998, de uma a quatro vezes ao mês, com visitas ocasionais à feira depois do término dos doze meses para complementar as informações e esclarecer dúvidas. As entrevistas, a coleta e as fotografias das plantas foram realizadas no horário normal da feira, das 8:00 às 13:00 aproximadamente, o que permitiu observação geral e conversa informal com os vendedores e os fregueses.


Dos participantes do estudo, dois vendedores foram selecionados no início da pesquisa por apresentarem grande riqueza e qualidade de material. Depois de cerca de três meses, os ervatários inicialmente selecionados indicaram outros dois como tendo plantas interessantes e sendo versados sobre remédios. Os participantes são identificados nos resultados com os códigos P1, P2, P3 e P4, sendo preservado seu anonimato devido à ilegalidade das suas coletas de plantas silvestres. Apesar do número de vendedores que compareceram semanalmente a esta feira ser duas ou três vezes maior, restringimo-nos a estes quatro por acreditar que seria possível recolher uma amostra representativa, e também porque a quantidade de espécies que vendiam já atingia os limites da pesquisa.

O registro de campo das informações foi feito utilizando a metodologia indicada por Savastano & Di Stasi (*In Di Stasi, 1995*)<sup>1</sup> e Ming (*In Di Stasi, 1995*)<sup>2</sup>, com anotações sobre o hábito, cor, pilosidade e cheiro, feitas à medida que cada amostra foi coletada, e as informações folclóricas transcritas na linguagem usada pelo indivíduo entrevistado. Os dados relevantes foram posteriormente cadastrados no computador, preservando, quando possível, as palavras usadas, mas ocasionalmente reestruturando as frases para maior clareza e correção gramatical.

O ambiente da feira livre, com conversa e intercâmbio de plantas constantes entre os ervatários, não se conduz a entrevistas particulares. Sendo comum uma pergunta sobre a indicação e preparo das plantas resultar numa discussão coletiva, não foi possível obter dados comparativos de cada participante. As informações sobre cada planta, na grande maioria dos casos, refletem o consenso geral dos quatro participantes.

Os seguintes dados foram levantados para cada planta: o nome vulgar, a procedência, o uso, a parte utilizada e o preparo. As procedências se encaixam em quatro categorias, explicadas nos resultados e codificadas como 1, 2, 3 e 4. O código do ervatário ao lado da procedência nos resultados indica que o espécime registrado e depositado no herbário do Museu Nacional foi retirada de sua bancada.

Os usos estão apresentados sem transcrição para uma terminologia clínica, para evitar interpretações culturais e possivelmente errôneas, tal como a doença associada ao "sangue grosso".

Em geral, cada espécie botânica foi coletada uma vez, somente sendo repetida caso a primeira amostra estivesse estéril, e numa outra ocasião estivesse fértil, ou quando se desejava material adicional fresco para determinação. Os símbolos, ao lado,  indicam que o material coletado inclui, respectivamente, a flor e/ ou o fruto.

Várias espécies folclóricas (taxonômicamente distinguíveis, mas com o mesmo nome popular) foram coletadas repetidas vezes, sob a suspeita de que havia mais de uma espécie botânica.

A coleta ficou limitada ao material vendido na feira, não sendo realizada no habitat natural, uma vez que o objetivo da pesquisa era um levantamento de mercado. A pesquisa não apresenta um caráter comparativo com outras feiras, pois seria necessário, para isso, diminuir a profundidade dos dados levantados nesta feira. Há amplo precedente na literatura para este tipo de pesquisa e documentação do seu valor (Martin, 1995; van den Berg *In* Prance & Kallunki, 1984).

O material foi herborizado no mesmo dia da coleta, seguindo as técnicas descritas em Ming (*In* Di Stasi, 1995)<sup>3</sup>, com prensa, papel de jornal e cordão, e secadas durante dois a cinco dias em estufa no laboratório do Departamento de Botânica no Horto da Quinta da Boa Vista.

A determinação genérica e específica dos exemplares foi realizada no Museu Nacional e no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, a partir de consulta de bibliografia especializada (Martius, 1841-1872; Pio Corrêa 1926-1978; Cruz, 1965; Barroso, 1978, 1984, 1986; Freire; 1943) e comparação com material dos herbários do Museu Nacional (R) e do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (RB), com o uso de lupa modelo Carl Zeiss. O material que apresentava dúvidas na identificação foi encaminhado a um especialista no Brasil, sendo que material da família Lamiaceae, temporariamente sem especialista no país, foi encaminhado ao Jardim Botânico de Kew, na Inglaterra. Questões sobre a correta posição da espécie no seu gênero ou família foram resolvidas, conforme o caso e nesta ordem, segundo o conselho do especialista, a literatura consultada e Cronquist (1981). Pelo menos um exemplar de cada espécie está incluído no Herbário do Museu Nacional, e os números de registro estão apresentados nesta dissertação.

Devido à restrição da coleta ao material fornecido pelos ervatários e a natureza imprevisível da biologia reprodutiva tropical (houve espécies que não floresceram durante o ano de coleta), a coleção resultou em alguns exemplares estéreis, ou sem o órgão determinante. Estas plantas foram incluídas no interesse da integridade do estudo, sendo, em alguns casos, apenas identificadas ao nível genérico.

As fotografias para ilustrar o hábito das plantas foram obtidas com máquina Nikon, modelo FM2, as objetivas Nikon Série E 50mm (1:1.8) e Micro-Nikkor 55mm (1:2.8), utilizando filme Fuji 100 ou 200 ASA. Os negativos foram escaneados e incluídos nos arquivos de texto já na forma digital.

As descrições breves das espécies foram escritas através da consulta de bibliografia especializada, com a idéia de acrescentar informações às fotos, e fornecer uma referência taxonômica (indicada ao final do parágrafo de descrição). Houve uma preocupação em incluir os detalhes determinantes de cada espécie, e como que isso varia entre famílias e gêneros, os aspectos descritos também variam. Quando não são atribuídas a outro autor, a origem e distribuição da espécie provêm da mesma fonte que a descrição.

Os usos na medicina popular foram levantados exclusivamente dos volumes um a seis do “Dicionário das Plantas Úteis do Brasil e das Exóticas Cultivadas” (Corrêa, Manuel Pio, 1926-1978), a não ser quando outro autor é assinalado no texto. A referência bibliográfica não é, portanto, repetida para cada espécie, mas deveria ser entendida. As informações provenientes dos volumes de Pio Corrêa foram incluídas com o propósito de comparar os dados levantados na feira com os de uma referência padrão, porém não definitiva, sobre plantas medicinais.

Os dados bibliográficos em relação às religiões afro-brasileiras foram, em geral, limitados ao nome em Yorùbà (língua africana usada até hoje em dia em muitos grupos de candomblé) e sua tradução, alguns usos, e a classificação em compartimento (Água, Terra, Ar ou Fogo). Para cada espécie, foram consultados os livros de Barros (1993) e Silva (1993); segundo o padrão estabelecido para a seção de usos medicinais, estas referências não são repetidas para cada espécie, somente sendo citadas quando os autores tomaram posições diferentes.

Inerente a este tipo de trabalho, resultante de uma parceria entre o pesquisador e o participante, é a responsabilidade de contribuir com a comunidade, dando um retorno para as informações que foram concedidas. Ficou estabelecido que, em troca do tempo e das plantas dos ervatários, a pesquisadora se disporia a fotografá-los e seus familiares, para subseqüentemente fornecer-lhes os retratos. Desta forma, eliminamos o elemento diretamente financeiro, que podia afetar a relação necessariamente aberta e amigável entre a cientista e os ervatários.

A pesquisadora também se comprometeu a entregar cópias do trabalho aos informantes, não somente como gentileza, mas a fim de melhorar a confiabilidade dos serviços prestados à freguesia, já que o comprador freqüentemente procura uma espécie associada com um nome vulgar e lhe é vendida outra.

As referências bibliográficas seguem as “Normas gerais para publicação de artigos na Acta Botanica Brasilica” (1993), com as seguintes modificações para maior clareza de leitura: o nome do autor está em caixa alta, o nome da publicação em negrito, e em obras com mais de dois autores, os nomes estão separados por ponto e vírgula. Observa-se que estas normas não requerem o número total de páginas das obras usadas para consulta geral. As notas estão enumeradas com algarismos arábicos em ordem consecutiva, sendo as citações e os

comentários encontrados no final do texto (p. 186-189), antes da lista de referências bibliográficas.

### III. HISTÓRICO E DEFINIÇÃO DE ETNOBOTÂNICA

A interdependência dos animais com o reino vegetal se estende para trás aos enevoados anos da origem das espécies, a sustância oferecida em delicados mecanismos de polinização, o ninho de lenha, a dispersão de sementes através dos frutos saborosos, todos exemplos desta reciprocidade. A raça humana, recém-chegada em termos evolucionais, leva esta onipresente interação além do instinto para a alimentação e o abrigo. Somente o homem investiga e cuida de espécies vegetais que julga útil, culminando na relação interativa de cultivo e domesticação.<sup>4</sup>

A etnobotânica é o estudo destas relações úteis entre as plantas e o homem,<sup>5</sup> e, se incluirmos a auto-documentação de usos culturais, esta é provavelmente quase tão velha quanto as relações em si. Os conhecimentos adquiridos sobre as plantas foram inicialmente preservados sob a forma de poemas e músicas, que se espalharam junto com as espécies entre os povos antigos.<sup>6</sup> Com o advento da escrita essa trajetória passou a ser documentada, como num registro datado de 2250 a.C. que indica o tráfico de óleos, gomas e resinas vegetais entre a Babilônia e o Egito. No que se refere ao uso de plantas no tratamento de enfermidades encontramos as tábuas do Assurbanipal, rei de Assíria entre 668 e 626 a.C., que contém textos médicos referindo-se ao período entre 2000 e 3000 a.C. e o egípcio Papiro Ebers, de 1550 a.C., que apresenta 700 fórmulas e remédios compilados de obras anteriores que não sobreviveram à passagem do tempo.<sup>7</sup> Na China encontram-se coleções das dinastias Nuttan (206 a 220 a.C.) e Chin (265 a 420 a.C.), o livro de Hi-Han do século III chamado *O Estado da Flora na Região Sul* sobre a introdução de plantas do sudeste da Ásia, e o trabalho enciclopédico sobre plantas alucinógenas e medicinais do Li Shih-chen intitulado *Pen ts'ao kang mu*, que foi publicado em 1596 d.C., mas se baseou em séculos de conhecimento tradicional preservado de forma oral.<sup>8</sup>

Já na Europa, a primeira obra de etnobotânica é citada como sendo do cirurgião grego Dioscorides, que viajou o Mediterrâneo a pedido do Imperador Nero, e publicou em 77 d.C. *De Materia Medica*, com descrições, detalhes sobre coleta e propriedades de cerca de 600 plantas.<sup>9</sup> Este volume se tornou a referência principal do mundo ocidental durante 15 séculos, até que a invenção da tipografia estimulou novos trabalhos. Durante a Renascença, autores como Hieronymous Bosch (com *Neues Kreutterbuch* em 1539) e Leonhart Fuchs (com *De Historia Stirpium* em 1542) abandonaram tentativas de equiparar as plantas da Alemanha com as ervas mediterrâneas de Dioscorides e começaram novas investigações. Outros trabalhos importantes foram *A Herbarium Vivae Eiones* de Brunfels, *Generall Historie of Plantes* do inglês John Gerard (1597) e *Paradisi in Sole Paradisus Terrestris* e *Theatrum Botanicum* do

Parkinson.<sup>10</sup> De interesse especial era a inclusão em alguns trabalhos das plantas exóticas chegadas das Américas.

No Novo Mundo, o registro escrito começou com os Astecas e Maias, embora o estudo das plantas seja certamente mais antigo. Os pictogramas demonstram uma grande familiaridade com a riquíssima flora do continente americano. Os Astecas já contavam com um jardim botânico que reunia plantas medicinais e ornamentais buscadas nas províncias remotas de seu Império, quando da chegada dos espanhóis.<sup>11</sup> O primeiro herbário do Novo Mundo foi o trabalho do médico asteca Martín de la Cruz, que trabalhou com pajés idosos para produzir *O Códex Badianus* (1552), listando nomes, usos terapêuticos e ilustrações de espécies que ainda podem ser encontradas na etnomedicina do México.<sup>12</sup>

O contato com a riqueza de plantas encontradas no Novo Mundo, como milho, batata, tabaco, coca, cacau, abacaxi e a seringueira, mudariam o curso da história, estimulando um grande número de expedições científicas.<sup>13</sup> O Rei da Espanha enviou seu médico particular para estudar a medicina dos Astecas, resultando no livro *Rerum Medicarum Novae Hispaniae Thesaurus, seu Plantarum, Animalum, Mineralum Mexicanorum Historia* (1651).<sup>14</sup> Os relatos de muitas viagens continham observações etnobotânicas, e produziram obras como a *História Natural do Brasil Ilustrada* (1648) por Guilherme Piso, e a *Histoire des Plantes de la Guiane Française* (1775) por Fusée Aublet.<sup>15</sup>

Esta tendência continuou no século XIX, quando a exploração botânica atingiu o seu auge com as excursões realizadas por Alexander von Humboldt e Aimé Bonpland, inspirando outros naturalistas, como Alfred Wallace, que passou quatro anos na Amazônia, Joseph Hooker, que foi para Antártica, o Himalaia e Siri Lanka, e o naturalista Richard Spruce que passou 17 anos na Amazônia e regiões adjacentes. Durante longos períodos esses botânicos, e os outros exploradores, conviveram com os povos indígenas, e seus relatos forneceram muitos dados etnobotânicos. Esta riqueza de informação atraiu a atenção dos acadêmicos, desenvolvendo a noção de que o exame de sociedades e suas plantas merecia estudo sistemático. A palavra etnobotânica foi criada em 1895 pelo americano John Harshberger, no meio de uma série de estudos sobre as plantas e seus usos por diversas etnias (Mooney, 1889, 1891; Kroeber, 1907, 1920; Stevenson, 1915; Teit, 1930; Robbins et al, 1916; Vestal & Schultes 1939).<sup>16</sup>

A partir desta época o número de trabalhos proliferou e as técnicas de pesquisa se aprimoraram. No continente americano, o botânico Richard Evans Schultes foi um dos pioneiros na ênfase interdisciplinar, trabalhando por cerca de 50 anos na Amazônia em parceria com especialistas de outras áreas, como os farmacólogos Albert Hofmann e Robert Raffauf; em relação ao Brasil, pode-se mencionar os pesquisadores van den Berg, Prance, Posey, Elizabetsky, Amorozo, Gély e Balée, todos com diversas publicações.

A etnobotânica se desenvolveu muito nas últimas décadas, necessitando o esclarecimento da sua abrangência. Um campo de pesquisadores define o termo como sendo



somente o estudo das relações interativas entre sociedades não-industrializadas e o seu ambiente vegetal<sup>17</sup> ou a ciência botânica que possui uma etnia específica<sup>18</sup>. Etimologicamente, porém, a palavra refere ao estudo de plantas relacionadas às pessoas,<sup>19</sup> e preferimos a definição de Posey (1986) que a descreve como "a disciplina que se ocupa do estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo vegetal; este estudo engloba tanto a maneira como um grupo social classifica as plantas, como os usos que dá a elas."<sup>20</sup>

Os quatro participantes da pesquisa detalhada nesta dissertação não formam uma etnia, mas compartilham uma cultura e são representativos, se bem que mais versados, no seu conhecimento das ervas e seus usos. A etnobotânica de plantas curativas, no reino físico ou espiritual, merece atenção especial aqui - Aldous Huxley observou que "o homem deve ter sido antes farmacologista que fazendeiro"<sup>21</sup> indicando que a experimentação propositadamente com as plantas para o efeito de cura provavelmente aconteceu na fase de coletores-caçadores, antecedendo até a agricultura. A medicina popular preserva exatamente este conhecimento pré-industrializado de práticas essencialmente primordiais, como os preparos simples de plantas coletadas ou cultivadas para fins curativos e mágicos.

## **IV. RESULTADOS**

### **IV.1. AS FEIRAS LIVRES**

O que é a feira, esta confusão intensa e transitória de pessoas, alimentos e dinheiro? Segundo o dicionário, é um "lugar público, muitas vezes descoberto, onde se expõem e vendem mercadorias," e no português especificamente do Brasil, a feira livre é "onde se vendem sobretudo legumes e frutas."<sup>22</sup> Acrescenta o Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM) que as feiras livres "destinam-se à venda exclusivamente a varejo, de gêneros alimentícios e artigos de primeira necessidade por preços acessíveis, evitando-se o quanto possível os intermediários."<sup>23</sup>

Mais de somente um lugar onde se vende e compra itens do cotidiano, a feira subsiste da interação entre diversos elementos de uma cultura dinâmica, e encontramos representações dos hábitos e crenças da sociedade brasileira. Para entender o papel das ervas curativas no "complexo medicina folclórica, deve se enfatizar a necessidade de se estudar simultaneamente a pessoa que possui os conhecimentos da medicina folclórica, bem como o ambiente onde essas práticas são espontaneamente aceitas."<sup>24</sup>

#### **IV.1.2. Histórico das feiras livres na cidade do Rio de Janeiro**

Desde a época colonial as feiras fazem parte do abastecimento alimentar da cidade do Rio de Janeiro. Há quatro séculos atrás o povo do Rio costumava ir até o Largo do Paço para comprar os ingredientes da sua comida, e, na atual Praça XV, barracas vendiam o pescado e outros gêneros que chegavam no porto. Apesar da venda de alimentos nas ruas e praças ser muito comum, este comércio foi pouco regulamentado até 1771, quando o Marquês do Lavradio, terceiro vice-rei do Brasil, oficialmente autorizou esta prática.<sup>25</sup>

Pouco mudou no funcionamento das feiras nos séculos que seguiram, até que, em 1904, o então Prefeito do Rio de Janeiro, Pereira Passos, resolveu reorganizar a cidade, limitando o funcionamento das feiras aos sábados, domingos e feriados. No entanto, sua tentativa de ordenamento durou apenas até que os problemas causados pela Primeira Guerra Mundial tornassem as feiras essenciais ao abastecimento da cidade, fazendo com que essa restrição fosse removida. Os trabalhadores fortaleceram sua posição como um grupo até tal ponto que em 1933 tinham um jornal de classe chamado "Feirante".<sup>26</sup>

#### **IV.1.3. As feiras livres de hoje**

Trata-se, portanto, de uma prática arcaica, um resquício dos dias anteriores à refrigeração e aos grandes mercados em recinto fechado. Há ruído e refugo associados às atividades da feira que criam ambivalência na opinião popular sobre seu acontecimento, com pessoas que detestam as feiras, e outras que juram pela qualidade das mercadorias e a sua conveniência. Mas ela permanece viva, uma solução flexível para o provimento varejista urbano. Como diz o informativo do governo sobre o assunto, "a feira é de certa forma frágil: subordinada ao poder público, aos horários, sem instalações permanentes. Como solução de comercialização, porém, é muito forte. Regulamentos, decretos, supermercados, polícia, especuladores, tudo conspira contra, mas ela resiste."<sup>27</sup>

Segundo o site na Internet do governo do município do Rio de Janeiro, 182 feiras livres são realizadas semanalmente na cidade, empregando 6.000 feirantes devidamente licenciados, e outros tantos não licenciados, e garantindo a sobrevivência indireta de cerca de 30.000 pessoas. Estas feiras movimentam em média de 12.229,92 toneladas de produtos mensalmente, o que equivale a um movimento financeiro mensal de cerca de 15,3 milhões de reais, e são responsáveis por uma percentagem significativa do abastecimento da cidade, conforme indica a tabela (Quadra. 1) abaixo:

Quadro 1. Percentagem dos alimentos que vem de feira na cidade de Rio de Janeiro<sup>28</sup>

principais frutas	10%
frutas menos populares	5%
legumes, raízes, tubérculos em geral	10%
verduras	17%
pescado	40%

Os municípios matriculam os vendedores e dão algum amparo às feiras, sendo responsáveis pela vistoria sanitária dos veículos, pela coleta do lixo e pela limpeza da rua após o encerramento da feira.<sup>29</sup>

## IV.2. ASPECTOS DO LOCAL DE COLETA

### IV.2.1. Caracterização e breve histórico da Tijuca

O bairro da Tijuca é descrito pelo músico e compositor Caetano Veloso como sendo “um bairro de classe média colado ao centro da cidade do Rio de Janeiro...” cuja importância principal é de ser o lugar onde nasceu e cresceu o roqueiro Erasmo Carlos.<sup>30</sup> Muitos moradores não concordariam, ao menos porque o astro da música brasileira Jorge Ben Jor também nasceu no bairro, e provavelmente citariam entre os atributos seu aspecto residencial, suas ruas arborizadas e numerosos supermercados.

Esse baluarte da burguesia, com nome de origem tupi - *ty-iuc* - que significa “terreno cheio de lama”, pertencia à antiga fazenda dos Jesuítas no século XVIII. Os Jesuítas concederam terrenos para cultivo a particulares, e com o decreto de expulsão da Companhia de Jesus do Brasil, em 1759, esses sítios e chácaras, em regra de grande tamanho, foram vendidos.<sup>31</sup> No final do século apareceram as primeiras grandes plantações de café no Rio, com muito sucesso na Tijuca, mas “tal exploração imprópria e predatória da região foi determinante no declínio rápido da produtividade da terra e na decadência dos cafezais, ainda na primeira metade do século XIX.”<sup>32</sup>

Em 1835, a área passou a ser reconhecida como freguesia urbana, e começou a ser povoada por ricos comerciantes; a Tijuca era marcada por seus lindos solares até a segunda metade do século, quando apareceram pequenos núcleos de habitação. Esse padrão de desenvolvimento continuou durante mais de cem anos, com gradual adensamento da população mas a mesma reputação de dinheiro e respeitabilidade até meados dos anos 70, quando o narcotráfico e o aumento na violência fizeram com que o adjetivo “nobre”, comumente aplicado ao bairro, se tornasse parte do passado.

Mesmo assim, a Tijuca ainda pode ser caracterizada como sendo de classe média e classe média alta. Nos últimos anos observou-se a multiplicação dos supermercados e a substituição dos cinemas por igrejas, mas no geral preserva as características de um bairro residencial entrelaçado por áreas comerciais, com uma feira livre em alguma rua todos os dias da semana.

#### **IV.2.2. Descrição da feira livre na Rua Visconde de Figueiredo**

A feira na Rua Visconde de Figueiredo é uma das menores do bairro e ocorre quarta-feira, no período da manhã, inclusive nos feriados. Ela ocupa toda a rua, e se estende um pouco em ambas as direções na principal rua da Tijuca, a Conde de Bonfim.

Cerca de 150 vendedores em 100 pontos de venda comparecem na feira semanalmente, oferecendo suas mercadorias de tabuleiros, panos esticados no chão, barracas e caminhões. Muitas pessoas trabalham em dupla, mas encontra-se o feirante solitário e também barracas grandes com 4 ou 5 vendedores, a maioria vendendo legumes, frutas, pescado e produtos avícolas. Eles chegam com seus produtos desde o início da madrugada até as primeiras horas da manhã, em caminhões, vans e até de ônibus.

Há vendedores que oferecem grande variedade, inclusive delicadas frutas trazidas da Amazônia e do estrangeiro, e também feirantes com um produto só, como camarão, tomate ou banana. Alguns itens reconhecidamente comuns em rituais, como o alho ou azeite-de-dendê, não entraram no levantamento desta pesquisa porque são vendidos por esses vendedores especializados, freqüentemente junto com o louro e limão, e não pelos ervatários.

#### **IV.3. OS ERVATÁRIOS**

Segundo o informativo do governo sobre as feiras, os feirantes são classificados em três categorias: produtores, que vendem diretamente sua própria produção; mercadores, que vendem a produção de terceiros (hortigranjeiros e cereais) e cabeceiras-de-feira que vendem produtos não hortigranjeiros. Os ervatários não se encaixam adequadamente em nenhuma destas categorias, obtendo suas ervas de diversos lugares, mas de qualquer forma não entram nas estatísticas oficiais por trabalharem sem licença e sem fiscalização. Sem matrícula da Secretaria Municipal da Fazenda, os ervatários encontram ponto através de conhecidos e alugam diariamente os tabuleiros para fazer as mesas.

Os quatro participantes deste estudo têm entre 29 e 67 anos, com média de 15 anos de experiência como ervatário, e trabalham em dois a três feiras por semana. A história pessoal de três deles é bastante parecida: nascidos nos subúrbios do Rio, entraram no comércio das ervas por intermédio de alguém da família, e jamais exerceram outras atividades. Curiosamente, a participante mais idosa, e a única de origem rural, é quem tem

menos experiência no ramo, tendo trabalhado em diversos empregos durante sua vida, iniciando a atividade de vendedora de ervas já com idade avançada. Para ela, a feira funciona como suplemento à aposentadoria que recebe do governo, enquanto para os outros é a única fonte de renda.

Todos obtiveram a base do seu conhecimento na tradição oral através da sua família do lado materno, e são de descendência afro-brasileira. Somente P2 é alfabetizado (os outros três são analfabetos ou semi-analfabetos) e ele relata que procura aumentar seu conhecimento através da leitura. Eles podem ser caracterizados como pertencendo a uma classe social menos privilegiada, tendo como renda mensal bruta um montante de R\$ 300-400, que depois de subtraídas as despesas de transporte, compra de ervas e aluguel das tábuas resulta em R\$ 200 a R\$ 280.

#### Quadro 2. Dados pessoais dos informantes

<p><b>Código:</b> P1 <b>Ano e local de nascimento:</b> 1964, Penha, RJ <b>Quantos anos tem como vendedor(a) de plantas:</b> 20 anos <b>Outro(s) empregos/ atividades:</b> não <b>Como obteve a informação sobre as plantas:</b> começou como vendedora com a mãe capixaba</p>	<p><b>Sexo:</b> feminino</p>
<p><b>Código:</b> P2 <b>Ano e local de nascimento:</b> 1962, Vila Isabel, RJ <b>Quantos anos tem como vendedor(a) de plantas:</b> 18 anos <b>Outro(s) empregos/ atividades:</b> não <b>Como obteve a informação sobre as plantas:</b> o lado materno da família possui conhecimento</p>	<p><b>Sexo:</b> masculino</p>
<p><b>Código:</b> P3 <b>Ano e local de nascimento:</b> 1932, Cachoeira, ES <b>Quantos anos tem como vendedor(a) de plantas:</b> 9 anos <b>Outro(s) empregos/ atividades:</b> quando mais jovem sim, atualmente, não <b>Como obteve a informação sobre as plantas:</b> foi criada na roça, a mãe tinha um jardim e o pai vendia plantas decorativas no Rio de Janeiro. Foi aprendendo no cotidiano. É a mãe de P2.</p>	<p><b>Sexo:</b> feminino</p>
<p><b>Código:</b> P4 <b>Ano e local de nascimento:</b> 1970, Duque de Caxias, RJ <b>Quantos anos tem como vendedor(a) de plantas:</b> 13 anos <b>Outro(s) empregos/ atividades:</b> não <b>Como obteve a informação sobre as plantas:</b> começou como vendedora com a mãe, mas aprendeu mais das plantas com a avó materna de Minas Gerais</p>	<p><b>Sexo:</b> feminino</p>

#### IV.4 ASPECTOS DOS LOCAIS DE PROCEDÊNCIA

Os ervatários fornecem suas mercadorias individualmente, apesar de existir uma troca de ervas constante entre si. (Em vez de mandar o comprador potencial para outra mesa, o ervatário geralmente pega a planta do colega, vende e repassa o dinheiro.) Os diversos lugares de procedência encaixam-se em 4 categorias, enumeradas no texto conforme a tabela (Quadra 3) a seguir:

Quadro 3. Procedências

- |   |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"><li>1. comprada de terceiros no CEASA (Centro Estadual de Armazenamento) da cidade de Rio de Janeiro (Avenida Brasil 19001 CEP 21530-000) ou, de vez em quando, de pequenas chácaras na Baixada Fluminense;</li><li>2. cultivada pelos próprios ervatários nos jardins das suas moradias (situadas na subida do morro da favela da Formiga, no bairro Tijuca, ou no distrito de Imbariê, município Duque de Caxias) ou nos jardins de vizinhos;</li><li>3. coletada nos terrenos próximos à moradia, descritos como sendo semi-cultivados ou mata degenerada, de acesso livre para coleta;</li><li>4. coletada da Mata Atlântica na Floresta da Tijuca, ou no município de Magé, em Piabetá, ao lado de Raiz da Serra, perto de Pau Grande, todos localidades no distrito Vila Inhomirim.</li></ol> |
|---|

A maioria é fornecida de somente uma procedência, mas algumas plantas vêm de mais de um lugar, por exemplo, espécies silvestres que foram plantadas e agora são fornecidas também de jardim, ou plantas ruderais que, quando não são encontradas, são compradas. Duas espécies não se encaixam nas categorias. O cabelo de milho (as estigmas de *Zea mays* L.) é cedido pelos feirantes que vendem milho, e a pata-de-vaca (*Bauhinia blakeana* Dunn) é tão freqüentemente utilizada no paisagismo da cidade que os ervatários a recolhem na proximidade da feira, de suas casas ou no caminho.

##### IV.4.1. Plantas compradas de terceiros

Muitos alimentos que são vendidos na feira desta pesquisa vêm do CEASA do Rio de Janeiro, lugar de onde os quatro ervatários, como foi anteriormente mencionado, compram algumas espécies. No caso de P2 e P3, eles encomendam as plantas de outros feirantes que as levam para a feira.

Os ervatários utilizam este recurso para o que eles chamam de "ervas cheirosas", espécies cultivadas, geralmente não nativas, de grande procura, como o manjeriço, capim-limão e a sálvia. Essas, e as outras que podem ser encontradas na tabela de plantas cultivadas, formam uma percentagem minoritária do total de espécies (16%) e representam uma margem de lucro menor para a ervatário por serem compradas; porém, mesmo sem dados quantitativos sobre o total das vendas, é facilmente observado que constituem uma parte considerável do movimento nas mesas.

#### **IV.4.2. Plantas ruderais e plantas de jardins**

Todos os ervatários deste estudo coletam espécies ruderais de lugares próximos a suas moradias. Nos bairros urbanos ou semi-rurais onde moram crescem espontaneamente muitas das plantas invasoras que são vendidas na feira, como a quebra-pedra, erva-tostão e dente-de-leão. Estas incluem áreas degradadas e a mata degenerada, que, apesar de não representarem ecossistemas intactos, fornecem cerca de 20% das espécies vendidas.

Outros 20% das espécies vêm de jardins. P2 e P3 cultivam espécies nos seus quintais para venda, e também para seu próprio consumo, e P1 e P4 aproveitam os jardins de amigos vizinhos. Estas plantas são bastante procuradas, muitas sendo aquelas espécies bem conhecidas pelo freguês, como a goiabeira e a pitangueira, que são usadas nos xaropes caseiros.

#### **IV.4.3. A Mata Atlântica**

Na época do descobrimento, 12% do que viria a ser o Brasil, o equivalente a um milhão de quilômetros quadrados, era coberto pelo conjunto de ecossistemas denominados Floresta Tropical Atlântica ou Província Florestal Atlântica, ou simplesmente Mata Atlântica. Hoje restam apenas de 5 a 10% desta área original, que se estende sobre a faixa litorânea desde o Rio Grande do Sul ao Amapá, atingindo largura variada e apresentando duas grandes Subprovíncias, a Serrana ou Driádica, e a Litorânea ou Costeira. A área principal de coleta dos ervatários se encontra num subsetor da primeira, o Setor da Cordilheira Marítima, na subida para as serras que caracterizam o ambiente. Desenvolve-se ali "uma floresta exuberante de encosta", "submata" e "um rico estrato herbáceo", todos sobre um maciço orográfico de natureza geral granítica ou gnaissica e alimentados pela precipitação entre 1.700-2.500 mm anuais.<sup>33</sup>

Das espécies obtidas na feira, 40% são deste ambiente chamado de Mata Atlântica. As plantas são retiradas do Parque Nacional da Tijuca, ou na área de Piabetá, distrito Vila Inhomirim, ou dos remanescentes da floresta próximos às moradias dos ervatários. A história

destes lugares é de longa interação com o homem, o que influi na composição florística e conseqüentemente no valor do lugar como área de coleta.

#### **IV.4.3.1 Histórico da Floresta da Tijuca**

A Floresta da Tijuca é o principal local de coleta do ervatário com a maior diversidade de espécies (P2). A área como a conhecemos hoje começou com sua quase total desfiguração no início do século XIX quando se iniciou o plantio na Serra da Tijuca. Em 1810, o Conde Aymar Marie Jacques Gestas começou a cultivar o café e a cana-de-açúcar em suas terras na Fazenda da Boa Vista, e junto com as plantações de outros estrangeiros e brasileiros que seguiram nos seus passos de sucesso, resultou em vasto desflorestamento.

Essa destruição coincidiu com a chegada de D. João VI, que resultou num súbito povoamento da cidade do Rio de Janeiro, e num aumento proporcional na demanda por água.<sup>34</sup> A opinião pública estava convencida de que as repetidas crises de abastecimento de água, que abalaram a cidade a partir de 1840, eram conseqüências da ocupação das Serras de Tijuca e Carioca.<sup>35</sup> Em vista disso, em 1850 a área foi designada Floresta Nacional, e em 1861 a portaria nº. 577 dava instruções provisórias para o replantio e conservação das florestas da Tijuca e Paineiras, com o Major Manuel Gomez Archer como administrador.<sup>36</sup>

Quando o Major iniciou seu trabalho, encontravam-se apenas 16.075 árvores no local. Ciente da importância da silvicultura de valiosas madeiras nativas, o Major "dava preferência à vegetação originária de Mata Atlântica, cujas mudas ele buscava em seu sítio em Guaratiba ou na região das Paineiras, que não se encontrava tão devastada,"<sup>37</sup> salvando a floresta de se transformar numa plantação de eucalipto.<sup>38</sup> Ele plantou 80 mil árvores, das quais 45.777 vingaram.

O próximo administrador, o Tenete-Coronel do Exército Gastão d'Escragnolle tinha menor apreço pelos recursos nacionais, implantando 35.000 mudas "escolhidas pelo critério único da beleza, tais como o eucaliptos e a dracena..."<sup>39</sup> Destas, 21.489 vingaram.

O processo de reflorestamento ainda passou pelas mãos de vários outros administradores depois de d'Escragnolle, até cessar completamente em 1907, deixando a floresta continuar sua recuperação sozinha. Em 1961, a área foi elevada a Parque Nacional, e em 1991 passou a ser considerada Reserva da Biosfera.

#### **IV.4.3.2. Coleta no Município de Magé**

Dos quatro ervatários que participaram do estudo, três fazem coleta regularmente em Piabetá, situada no Município de Magé, enquanto o quarto coleta apenas ocasionalmente na área. A história do município está relacionada com o ciclo destrutivo de cana-de-açúcar,



iniciado em 1565, quando o português Cristóvão de Barros recebeu uma sesmaria, instalando um engenho na região.

Contudo, Magé contém relativamente grandes remanescentes de Mata Atlântica. Com 376 quilômetros quadrados e somente 350 mil habitantes, há áreas descritas pelos ervatários como sendo "mata fechada", "região serrana" e "brejo". As excursões de coleta, feitas uma ou duas vezes por semana, não são consideradas muito seguras pelas mulheres, e quando possível elas preferem ir acompanhadas de um irmão ou outro parente masculino.

#### **IV.5. NOMES VULGARES**

Para cada planta os ervatários citaram um ou ocasionalmente dois nomes, sendo o grau de correlação de quase cem por cento entre as denominações dos quatro, mas havendo divergências notáveis em relação aos livros populares. Os ervatários raramente citaram dois nomes diferentes, sendo mais comum a ocorrência de variações como "manjeriço-de-folha-miúda" e "manjeriço miúda". Para as denominações distintas, geralmente era o caso que um nome era de uso comum e o outro associado a ritual.

#### **IV.6. OS USOS DAS PLANTAS**

Foram documentadas 291 indicações de uso para as 158 plantas coletadas na feira, e como observou Camargo (1998), "As plantas que curam são, geralmente, as mesmas que atuam no campo religioso." Decerto, existe uma sobreposição, em que 108 espécies são puramente medicinais, 21 são rituais, e 31 têm função múltipla. Há um terceiro elemento que consiste na utilização destas plantas e de outros objetos em simpatias, pequenos rituais realizados para efetuar a "magia simpática". Nota-se que os ervatários não deram nenhuma indicação de uso para simpatias, apesar de comentarem que os clientes compram para esta utilidade e que representa um fator significativo nas suas vendas. Portanto, sem um questionamento junto aos fregueses que determinasse o propósito da compra, não seria possível incluí-las na análise estatística.

Independente das indicações dos ervatários, podemos generalizar que as ervas são compradas com o propósito de manter ou melhorar o estar do indivíduo, seja no domínio físico ou espiritual, ou nos dois. Na compreensão da medicina folclórica, precisamos ultrapassar "os limites da botânica aplicada para entendê-la como uma expressão cultural."<sup>40</sup>

##### **IV.6.1. A medicina popular e a feira**

A medicina popular corresponde ao conjunto de práticas empregado pelo povo na utilização dos recursos naturais como forma de tratamento e cura de doenças.<sup>41</sup> No Brasil,

esta sabedoria se baseia num conhecimento empírico europeu, africano e indígena, formando uma extensa farmacopéia oral que aproveita a vasta diversidade taxonômica botânica do país junto com espécies exóticas. As curas tradicionais são de suprema importância quando se constata que "...20% de nossa população consome 63% dos medicamentos disponíveis e o restante encontra nos produtos de origem natural, especialmente nas plantas medicinais, a única fonte de recurso terapêutico."<sup>42</sup>

Embora dependência nas ervas provavelmente diminua num ambiente urbano, como na cidade do Rio de Janeiro, os remédios industrializados, em grande parte resultantes da experiência milenar da raça humana, ainda permaneçam fora do alcance regular da maioria, inclusive os ervatários. Conseqüentemente, eles, cujo conhecimento vem de uma longa tradição oral, retêm por necessidade uma sabedoria cultural, a medicina popular, da qual se utilizam para ganhar o seu sustento.

Os fregueses da feira, por outro lado, apresentam o aspecto de quem tem condições financeiras adequadas para comprar remédios na farmácia, de acordo com a condição sócio-econômica do bairro. A utilização da medicina popular pode evidenciar pressões econômicas temporárias, como a súbita inflação dos remédios este ano, ou uma preferência pelo tratamento alternativo, ao menos quando os sintomas se apresentam dentro de um determinado quadro - não muito sérios ou resistentes às tentativas da medicina erudita.

Um elemento da opção pelas ervas é a percepção, não sempre correta, de que elas oferecem uma alternativa benigna. "A planta não mata", como disse uma balconista de farmácia de ervas industrializadas em Nova Iguaçu.<sup>43</sup> Seu emprego satisfaz o desejo de tratar a doença, mas de uma forma vista como natural, sem os efeitos colaterais dos fortes remédios industrializados. Infelizmente, as plantas vendidas na feira podem ser tóxicas, especialmente se não preparadas corretamente ou se tomadas na dosagem errada.

#### **IV.6.2. As plantas nos rituais afro-brasileiros**

Das indicações de uso, 17,2% são para banho ritual, o que se refere às cerimônias de diversas religiões afro-brasileiras, exemplificadas aqui pelo candomblé e pela umbanda. Não cabe a esta pesquisa se aprofundar nos detalhes das cerimônias, nem dos sistemas religiosos em si, sendo que os participantes negaram conhecimento especializado dos usos ritualísticos e não foi possível ampliar a pesquisa para incluir entrevistas com as pessoas adequadas, como pais ou mães-de-santo atuando na Tijuca. Contudo, estas plantas fazem parte do complexo cultural-médico de um segmento da população; através da sua utilização nas obrigações religiosas e nas cerimônias de cura se mantém o equilíbrio da vida. "As ervas... são um elemento constitutivo de sua cosmogonia, de seu sistema explicativo e classificatório, de sua teoria dos orixás [ as divindades]..."<sup>44</sup>

A base comum das religiões afro-brasileiras é o culto aos espíritos, em que o fenômeno da possessão tem um papel preponderante. Guardada as suas singularidades, a cosmovisão geral é de que “a existência se processasse simultaneamente em dois planos.”<sup>45</sup> Entre o mundo comum, e o outro, espiritual e abstrato, há uma relação dinâmica; no que se refere à saúde, “os pais e mães-de-santo atuam como intermediários entre os pacientes e os orixás, que são os verdadeiros detentores dos conhecimentos médicos.”<sup>46</sup>

No candomblé “existe um sistema de correspondência entre uma divindade, uma parte do corpo humano e determinada planta curativa e, enfim, entre esta planta e o orixá correspondente.” Enquanto que, na umbanda, também existem as analogias entre as plantas e as divindades, “eles procuram, via de regra, determinar primeiro se as causas do mal têm origem material ou espiritual.”<sup>47</sup> O tratamento que se segue pode combinar os dois mundos, como por exemplo, um banho curativo sugerido por um espírito.

Segundo Loyola (1984), as doenças refletem a relação do indivíduo com o sobrenatural ou com a sociedade. Em relação ao sobrenatural ela explica que “a doença pode resultar da violação de tabus ou de preceitos religiosos, do fato do axé do indivíduo estar fraco, ou até mesmo de uma mediunidade não desenvolvida (*doença-de-santo*).” Outras moléstias “ocorrem quando o doente é perseguido ou possuído por um espírito infeliz em busca de ascensão espiritual (*doença-de-encosto*).”<sup>48</sup>

Na sociedade, a relação que o indivíduo mantém com pessoas que o vêem com desconfiança ou hostilidade pode efetuar o mal-estar. “São as doenças provocadas pela força negativa de um olhar ou de um sentimento (*doença-de-mau-olhado*) e as que resultam da ação maléfica - feitiçaria ou magia - praticada por um intermediário, que atua no lugar de quem lhe deseja o mal (*doença-de-coisa-feita*).”<sup>49</sup>

É para curar os doentes de mau-olhado que se aplica o banho de descarrego, e é com o termo genérico “para banho” que os ervatários se referem a todas as ervas de uso ritual. No entanto, as ervas servem de outras formas não elaboradas pelos informantes, conforme indica a literatura (Barros, 1993; Varella, 1973; Silva, 1993; Camargo, 1998).

Algumas destas formas são citadas entre os dados bibliográficos nas páginas das espécies. O emprego das ervas é dividido por Silva (1993) entre as funções práticas espirituais e as curas espirituais. Na primeira categoria, ele lista *Obori*, para revigorar o mecanismo religioso; o *Abô* (também *Àgbó* - água dos *orixá*, ou *omi èrò*, água que acalma), “uma palavra Nagô que significa a reunião de todas as forças da natureza”, e inclui sangue animal, sumo vegetal e a força magnética dos minerais; e as “obrigações”, especialmente no “*Ori*” (cabeça), que são rituais cumpridos ciclicamente. Para a cura espiritual, há atos considerados preventivos, como o *Ebó*, que quebra negatividade, e o *Etutu*, que procura manter o sistema pessoal em bom estado. Há, também, atos purificativos, como o banho de descarrego, defumação, sacudimento e limpeza de corpo.<sup>50</sup>

Barros (1993) acrescenta que as ervas são usadas no preparo de “amaci - banhos destinados a induzir bem-estar - nos quais somente são empregados ‘folhas verdes’, recém-coletadas, maceradas e imediatamente usadas.” Ademais, fazem parte da feitura de santo, o que ele define como “a reconstrução do que está explícito nos mitos”, em que os vegetais são “mediadores entre a essência (elementos naturais), o modelo (*orixá*) e o indivíduo que está se construindo socialmente.”<sup>51</sup>

#### IV.6.3. Simpatias

O sucesso comercial das ervas no período em que não há surto de gripe, quando era de se imaginar que o movimento diminuísse, foi atribuído pelos ervatários como sendo resultante da procura de ervas para simpatias.

Segundo o site do Festival de Folclore (Fefol), a “simpatia é a maneira ritual de forçar poderes ocultos a satisfazerem a nossa vontade. Realiza-se a simpatia com um conjunto de atos e palavras pré-estabelecido, realizado por qualquer pessoa não especializada que lhe repete sem lhe acrescentar nada, a não ser nomes dos pacientes. O ritual é proveitoso, preventivo e curativo. De certo modo, trata-se da arte de produzir fatos que extrapolam as leis naturais. Com a magia simpática, pretende-se ter ação sobre pessoa ou objetos distantes, por meio de uma parte, por exemplo, peças de roupa, sinal dos dentes no pão, e outros.”<sup>52</sup>

Enquanto existem simpatias para arrumar trabalho, ter sorte no amor, corrigir o nariz torto e tudo mais, apenas as “simpatias que curam” e os banhos de cheiro incorporam as plantas como elemento constante e crítico à eficácia. As receitas pedem espécies medicinais, rituais ou as que podem ser consideradas como pertencendo a ambas as categorias, e eliminam totalmente a delimitação, freqüentemente já tênue, entre a medicina e a religião. A Fefol observa que “o que se nota na magia simpática, é que ela se dirige às doenças que dependem de uma tomada de forças do corpo e da alma, preparada pela reunificação da personalidade que a intensa fé provoca. Nesse caso, a coisa mágica tenta conseguir a cura de doenças que os médicos não podem debelar.”<sup>53</sup>

A fé na sua eficácia é o fator essencial, independente de a quem (o deus católico, espíritos, santos, etc.) o apelo é feito; é necessário acreditar nas forças ocultas para que os resultados concretos aconteçam. Segundo um ditado esotérico, “é como as folhas balançando ao sabor do vento. As folhas você vê, mas o vento não. A simpatia é como o vento que balança as folhas.”

A atração por um ato tão supersticioso e declaradamente sem comprovação é atribuído na literatura à “psicologia do povo que quer resultados imediatos, sem tratamento e sem trabalho, trazidos pelas escamoteações da mágica.”<sup>54</sup> O comunicador de rádio Antônio Carlos ressoa esta idéia quando declara que a popularidade da simpatia “mostra que a crença na fé, na palavra mágica, no poder maior, continua enraizada no inconsciente dos brasileiros, sempre em busca de soluções rápidas para os problemas do dia-a-dia.”<sup>55</sup> Este mesmo livro,

que reúne simpatias enviadas pelos seus ouvintes, e as centenas de outros livros e páginas na Internet que oferecem receitas, indicam que esta prática realmente está amplamente difundida, e dá peso à opinião dos ervatários sobre o destino das suas plantas.

#### IV.7. DEFINIÇÕES LOCAIS DE PREPARO

Encontramos 15 formas básicas de administrar as plantas, e algumas variações dentro de cada categoria. Os termos que seguem foram definidos pelos ervatários, o que pode ser diferente do que o trato num livro de medicina popular ou no dicionário mas não errado dentro do contexto cultural.

##### Quadro 4. Preparo das plantas

USO INTERNO
<p><b>CHÁ:</b> acrescentar a parte indicada da planta (folhas, caule, casca etc.) à água fervendo e cozinhar durante 5-10 minutos, depois tirar do fogo, e coar. Cada chá tem uma quantidade certa, como 1 xícara ou 1 copo, e também uma frequência indicada, como 3 vezes ao dia.</p>
<p><b>XAROPE:</b> torrar as folhas numa panela, com ou sem a flor e caule, segundo a indicação, e em seguida colocar mel ou açúcar e alho. Mais de uma planta pode ser usada, sendo comum a mistura de várias. Cozinhar sob fogo baixo mexendo freqüentemente, durante mais ou menos 30 minutos, depois coar. Tomar morno, podendo ser guardado na geladeira, e esquentado na hora de tomar.</p>
<p><b>VITAMINA:</b> juntar a parte indicada da planta a uma quantidade de leite, e socar com pilão ou bater no liqüidificador.</p>
<p><b>SUMO:</b> juntar a parte indicada da planta à água, e socar com pilão ou bater no liqüidificador.</p>
<p><b>TINTURA:</b> socar a parte da planta indicada, passar a massa resultante por um coador e pingar gotas em água para tomar.</p>
<p><b>COMIDA:</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• comer a parte da planta indicada, geralmente sem cozinhar, como por exemplo numa salada.</li><li>• (medicinal) torrar a parte indicada e socar com pilão até produzir um pó para comer ou adicionar à comida com intenção de algum benefício medicinal</li><li>• (tempero) adicionar a parte indicada, fresca ou seca, para dar gosto à comida</li></ul>
<p><b>GARRAFADA:</b> de vinho branco ou aguardente, pôr a parte indicada no álcool, e deixar descansar o número de dias apropriados à(s) espécie(s).</p>

USO EXTERNO
<p><b>BANHOS:</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• banho de passar: acrescentar a parte indicada da planta (folhas, caule, casca, etc.) à água e ferver durante 20-30 minutos, depois tirar do fogo, e coar. O líquido resultante deve ser passado no local afetado;</li><li>• banho de assento: igual as instruções para banho, só que o paciente senta-se na água preparada.</li></ul>
<p><b>CATAPLASMA/ APLICAÇÃO TÓPICA:</b> amassar a parte indicada da planta, e aplicar-la diretamente no local afetado.</p>

**COMPRESSA:** preparar um chá concentrado, molhar uma toalha no líquido e pôr no local afetado.

**LAVAGEM:** o mesmo líquido usado para fazer compressa também pode ser usado para fazer lavagem por via anal, vaginal ou uretal, sendo introduzido com seringa.

**POMADA:** socar a parte da planta indicada com azeite, manteiga de coco, ou outra gordura apropriada, e passar no local afetado.

**GARGAREJO/ BOCHECHO:** usar o líquido do chá para gargarejar e bochechar.

**MACERAÇÃO:** pôr a parte da planta indicada em água durante um tempo, próprio para cada planta, e depois passar no local afetado, trocando a água regularmente.

**INFUSÃO:** pôr a parte da planta indicada álcool durante um tempo próprio para cada planta, geralmente de um a sete dias, e depois passar no local afetado.

#### **IV.8. PARTES UTILIZADAS**

Ramos de folhas compõem a grande parte do que é vendido nas mesas dos ervatários, com a presença de flores ou frutos sendo freqüentemente facultativa. Ao contrário dos horários e dosagens, a parte utilizada é geralmente constante, algumas substituições sendo possíveis, como a troca do fruto pelas folhas do romã, mas no geral cada parte tem seu uso apropriado. Para a maioria destas espécies com diversos órgãos proveitosos, a substituição não faria sentido, como no exemplo do urucúm, em que somente as sementes servem como corante, e estas não ajudam o diabetes como as folhas. Nem todas as plantas e todos os órgãos são encontrados toda semana, a oferta semanal pode variar com a sorte do ervatário na sua coleta ou a estação do ano. Dentro da análise aqui apresentada, cada planta foi contada uma vez, e os órgãos com utilidades singulares foram contados outra vez, sendo essas plantas uma minoria.

##### **IV.8.1. Cascas e raízes**

Elementos constantes, compondo, porém, uma percentagem muito pequena do material encontrado, as cascas e raízes geralmente são consideradas mais potentes que os outros órgãos, sendo, também, mais caras. Estes órgãos podem ser administrados na forma de chá, mas os ervatários consideram-nos melhor aproveitados em garrafadas. É comum uma receita para garrafada que leva todos estes elementos, sendo indicada no tratamento de diversas moléstias, mas especialmente para fortalecer.<sup>56</sup>

Segundo o estudo sobre garrafadas de Camargo (1998), "...não foi encontrada nenhuma possibilidade de identificação total das garrafadas com formas usadas por outros povos. Pode-se admitir, portanto, que a garrafada seja uma expressão da cultura brasileira."

Devido à falta de material fértil e até de outros órgãos vegetais, na maioria dos casos a identificação não foi realizada. As espécies *Agave* sp. (Agavaceae), *Schinus terebinthifolius* Raddi (Anacardiaceae) e *Solanum torvum* Sw. (Solanaceae) têm várias partes vendidas, inclusive a raiz ou a casca, e podem ser encontradas na seção da sua própria família nos resultados. Segue uma tabela de todas as raízes e cascas encontradas na feira. Nota-se que, excluindo as espécies mencionadas acima, a tabela abaixo apresenta meramente uma lista das espécies científicas associadas aos nomes vulgares na literatura pesquisada.

Quadro 5. Raízes e cascas

FAMÍLIA ASSOCIADA	ESPÉCIE ASSOCIADA	NUME VULGAR	INDICAÇÃO LEVANTADA
Agavaceae	<i>Agave americana</i> Mart.	pita	(raiz) - fortalecer o sangue
Anacardiaceae	<i>Schinus terebinthifolius</i> Rad.	aroeira	inflamação
Aristolochiaceae	<i>Aristolochia</i> spp.	cipó-mil-homens	impotência, banho de descarrego
Bignoniaceae	<i>Tynnanthus elegans</i> Miers.	cipó-cravo	estimular o sangue, fazer os nervos funcionarem melhor
Bignoniaceae	<i>Anemopaegma glaucum</i> M.	catuaba	melhorar os nervos, músculos
Euphorbiaceae	<i>Phyllanthus nobilis</i> Muell.Arg.		
Magnoliaceae	<i>Drymis winteri</i> Forst	casca-de-anta	gastrite, pressão alta
Rubiaceae	<i>Cinchona</i> sp.	quina rosa	fígado
Solanaceae	<i>Solanum torvum</i> Sw.	jurubeba	(raiz) limpar sangue, fígado
-----	-----	casca-sagrada	limpar sangue
Smilacaceae	<i>Smilax santarmensis</i> D.C.	salsaparilha	melhorar sangue
Leguminosae	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	pau-ferro	estimulante

#### IV. 9. ESPÉCIES COLETADAS

Encontram-se a seguir as informações dadas pelos ervatários sobre cada espécie, o que consiste na denominação vulgar, o local de procedência, o uso recomendado aos compradores, a parte da planta utilizada, a forma de preparo, o número e a data da coleta. Uma foto do material coletado também é apresentada, juntamente com os dados resultantes do levantamento bibliográfico, incluindo uma breve descrição, a origem ou distribuição da espécie, os usos na medicina popular segundo M. P. Corrêa (1926-1978) e os usos em rituais afro-brasileiros, segundo J.F.P Barros (1993) e O. J. Silva (1993).



**Espécie:** *Lepidium virginicum* L.

**Família:** Brassicaceae

**Sinônímias:** -

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** *vassourinha-de-relógio*,  
*vassourinha santa*

**Procedência:** 3 (P1 )

**Uso(s):** para queda de cabelo; chá para dor no corpo

**Parte(s) utilizada(s):** planta inteira menos a raiz

**Preparo:** ferver 10 ramos da planta em 1 litro d'água -  
passar no cabelo ou tomar uma xícara do chá 3 vezes  
ao dia.

**Material examinado:** 19/08/98 (MMS 23) R-197279

**DESCRIÇÃO:** Erva anual, ereta, glabra, com a parte subterrânea fusiforme. Folhas basais rosuladas, lanceoladas, de margem serrada, e as caulinares alternas, lineares. Flores andróginas, actinomorfas, com nectários laterais pequenos e os medianos maiores; sépalas externas alvas, persistentes; androceu diandro; ovário súpero, bicarpelar; estigma terminal. Cachos estreitos, compridos, laxiflores. Sílqua quase orbiculares, sem alas, cada metade do fruto mais ou menos lenticular, deiscente, uma semente não alada em cada lóculo (Grisebach, 1963).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** provavelmente originária do hemisfério norte, encontrada no Caribe, espontânea em muitas regiões do Brasil.

**Usos na medicina popular:** -

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Barros e Silva citam malváceas diferentes como *vassourinha-de-relógio*; segundo o primeiro a planta pertence ao compartimento Água e ao orixá Oxum, para o segundo pertence ao orixá Exu e é usada em sacudimento para fins lucrativos.

**OBSERVAÇÕES:** o nome vulgar de vassoura ou *vassourinha* é muito comum, e é dada a várias espécies.





**Espécie:** *Senebiera pinnatifida* DC.

**Família:** Brassicaceae

**Sinonímias:** *Senebiera pinnatifolia* DC.; *S. didyma* Pers.; *Coronopus didymus* Sm.; *C. incisus* Hornem.; *C. pinnatus* Mornem.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** mascruz, mastruço, mastruz  
rasteira

**Procedência:** 3, 4 (P1)

**Uso(s):** vitamina para problemas do pulmão,  
tuberculoses

**Parte(s) utilizada(s):** flor e folha

**Preparo:** bater alguns ramos verdes com as folhas, e  
flores se tiver, com 1 litro de leite no liquidificador e  
tomar meio copo três vezes ao dia

**Material examinado:** 19/08/98 (MMS 41) R-197278

**DESCRIÇÃO:** Erva anual, glabra, ramificada desde o solo, com a parte subterrânea fusiforme. Folhas alternas, heterofílicas, as jovens pinatipartidas, as maduras pinatissectas, membranáceas, de gosto forte, não muito agradável. Cachos estreitos, compridos, laxiflores. Flores miúdas, sub-sésseis, esverdeadas, andróginas, com nectários laterais pequenos e os medianos maiores; ovário súpero, bicarpelar; estigma terminal. Sílqua quase orbicular, emarginada no ápice, reticulado-rugosa na base, mais curto que o pedicelo, cada metade do fruto mais ou menos globosa, indeiscente, uma semente em cada lóculo (Grisebach, 1963).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** comum nas regiões temperadas, espontânea no estado de Rio de Janeiro.

**Usos na medicina popular:** esta espécie é considerada estimulante, peitoral, vermífida e antiescorbútica.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** associada ao orixá Obaluaiyê, mas sem uso específico.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Tillandsia usneoides* (L.) L.

**Família:** Bromeliaceae

**Sinonímias:** a partir de 1753: *Renealmia usneoides* L.; *Fucus filum* Esper.; *Rhizomorpha ochreata* Ach.; *Tillandsia trichoides* HBK; *T. filiformis* Lod. ex Schult.; *T. pendula* Louv. ex Schult.; *Dendropogon usneoides* (L.) Nutt. ex Steud.; *Tillandsia crinita* Willd.; *T. usneoides* forma *genuina* Mez.; *T. usneoides* f. *cretacea* Mez.; *T. usneoides* f. *filiformis* André. (ver Reitz, 1983)

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** barba-de-velho

**Procedência:** 1(P1)

**Uso(s):** banho de descarrego; banho para parar o caimento e aumentar o crescimento do cabelo

**Parte(s) utilizada(s):** planta inteira

**Preparo:** normal para banho de descarrego; ferver a quantidade que cabe na palma da mão em 1 litro d'água, e lavar a cabeça 1-2 vezes ao dia

**Material examinado:** 04/08/99 (MMS 150) R-196683



**DESCRIÇÃO:** Epífita, geralmente sem raízes, pendente das árvores. Caule filiforme, aproximadamente 1 mm diâm., densamente coberto por escamas. Folhas de 2-5 cm compr.; bainha concrecida pelas margens quase até o ápice, escamada; lâmina filiforme-cilíndrica, longamente aguda, palidamente esverdeada. Inflorescência unifloral; brácteas florais 5 mm compr. Flores com sépalas paleáceas, 7 mm compr.; ovado-agudas; pétalas amareladas, 11 mm compr., de base linear lâmina oval, aguda ou arredondada; estames inclusos; ovário com poucos óvulos, grossamente clavados. Cápsula ca. 11 compr., 1 mm diâm. (Reitz, 1983)

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** presente nas áreas úmidas desde o sudeste dos Estados Unidos até o centro da Argentina e Rio Grande do Sul

**Usos na medicina popular:** tem a reputação de ser anti-reumática, anti-hemorroidária e útil para combater hérnias e problemas do fígado.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Silva cita como defumador, para uso em banho de descarrego e para obrigação no *Ori* de qualquer orixá.

**OBSERVAÇÕES:** -

**Espécie:** *Agave* sp.

**Família:** Agavaceae

**Sinonímias:** -

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** pita

**Procedência:** 2, 3, 4 “cresce em qualquer lugar” (P2)

**Uso(s):** banho para coceira em animais

**Parte(s) utilizada(s):** folha, raiz

**Preparo:** ferver a planta em água, passar 3-4 vezes ao dia até o problema melhorar.

**Material examinado:** 19/05/99 (MMS 102) R- 197266 e um espécime foi plantado no horto do Departamento de Botânica, Museu Nacional, Quinta da Boa Vista, RJ.

**DESCRIÇÃO:** Planta semi-lenhosa, rizomatosa. Folhas simples, rosuladas, sésseis, ensiformes, carnosas e fibrosas, com mucilagem interna de cheiro muito forte e desagradável. Panícula ou espiga geralmente comprida, até 15 m em algumas espécies. Flores esverdeadas com tubo curto, 6 lacínios; estames inseridos no tubo ou na fauce, filamentos filiformes; ovário com estigma capitado, 3-lobado, óvulos muitos. Cápsula oblonga, loculicida com 3 valvas (Bailey, 1949).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** o gênero é americano, com 300 ou mais espécies encontradas nos trópicos e semi-trópicos.

**Usos na medicina popular:** o nome popular “pita” é geralmente associada à espécie *Agave americana* L., a raiz desta sendo considerada diurética, sudorífica e antisifilítica, e o sumo das folhas tido como rubefaciente e inseticida.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** a piteira, citada pelo Silva como sendo do gênero *Fourcroya*, é usada como defumadora e para feridas.

**OBSERVAÇÕES:** as espécies de *Agavaceae*, muito cultivadas para suas fibras, comumente são de infreqüente e imprevisível floração, o que dificulta a determinação. Portanto, o exemplar foi plantado ao propósito de esperar a floração para futura determinação.

**Espécie:** *Dracaena fragrans* Ker-Gawl.

**Família:** Agavaceae

**Sinónimas:** *Aletris fragrans* L. ; *Cordyline fragrans* Planch.; *Dracaena massangeana* Hort.; *Pleomele fragrans* Salisb.; *Sansevieria fragrans* Jacq.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** pelegum

**Procedência:** 3 (P4)

**Uso(s):** banho de descarrego para espírito ruim

**Parte(s) utilizada(s):** folha

**Preparo:** ferver algumas folhas em 1 litro de água e lavar de pescoço para baixo

**Material examinado:** 24/03/99 (MMS 65) R-197265

**DESCRIÇÃO:** Planta de caule fibroso, simples ou ramoso, até 5 m alt. Folhas simples, sésseis, verdes às vezes com listras verticais mais claras, oblongo-lanceoladas, ápice curtamente agudo, até 1m compr., 10 cm larg. Panículas até 25 cm, pouco vistosas, com brácteas alvas, pequenas. Flores de perianto amarelado-esverdeado, ca. 1 cm, compr. dos lacínios quase igual ao tubo; estames 6, inseridos no tubo ou na fauce; ovário com 3 lóculos, estilete delgado. Baga globosa (Bailey, 1949)



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** provavelmente originária da África tropical, comumente encontrada em cultivo e espontaneamente em muitas partes do Brasil .

**Usos na medicina popular:** -

**Usos em rituais afro-brasileiros:** chamada de *ewé pèrègún funfun* / *ewé pèrègún kò* em Yorùbá, nome que indica que a planta chama o transe, esta espécie pertence ao compartimento terra e ao *orixá* Ogún, e é louvada numa cantiga que ensina agitação/calma, esta última categoria associada à espécie. Adicionalmente é usada para sacudimento, feitura de santo e *Abô*.

**OBSERVAÇÕES:** -

**Espécie:** *Sansevieria trifasciata* Hort. ex Paine

**Família:** Agavaceae

**Sinonímias:** *Sansevieria laetevirens* Haw.; *S. polyphylla* Haw.; *S. thyrsiflora* Thumb.; *S. guineensis* (L.) Willd.; *Cordyline guineensis* Britt.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** espada-de-São-Jorge, espada-de-Santa-Bárbara

**Procedência:** 4 (P1, P4)

**Uso(s):** banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** planta inteira

**Preparo:** normal para banho

**Material examinado:** 19/08/98 (MMS 20) R-197264

**DESCRIÇÃO:** Planta herbácea, rizomatosa. Folhas simples, rosuladas, eretas, sésseis, ensiformes, carnosas variegadas de verde claro e verde escuro. Panícula com 2-6 flores. Flores tubulosas, esverdeadas, perfumadas, lacínios 6, tubo 1,5 cm compr.; estames 6, inseridos na fauce. Baga (Brickel, C. & Zuk, J., 1997)



espada-de-São-Jorge

#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** África tropical

**Usos na medicina popular:** independente das crenças religiosas, esta espécie é popularmente conhecida por dar sorte, além de ser ornamental comum.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Esta espécie de *Sansevieria* não é a que Barros nem Silva indica como *ewé idà òrìsà*, nome que em Yorùbá traduz como “folha de espada de *orixá*”, pertencendo ao compartimento terra e ao *orixá* Ogún, nem *ewé idà Oya*, do compartimento ar, embora tenha os nomes populares de espada-de-São-Jorge e espada-de-ogum. As espadas são usadas nas obrigações no ori, sacudimento e contra mau-olhado.



espada-de-Santa-Bárbara

**Espécie:** *Echinodorus macrophyllus* (Kunth) Mich

**Família:** Alismataceae

**Sinonímias:** *Alisma macrophyllum* Kunth.; *E. muricatum* Griseb.; *Sagittaria sagittifolia* Vell.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** chapéu-de-couro

**Procedência:** 1 ou 4, aquática (P1)

**Uso(s):** chá para problemas do rins

**Parte(s) utilizada(s):** folha

**Preparo:** ferver um maço, aproximadamente 5 folhas em 1 litro d'água, tomar meio copo 3 vezes ao dia.

**Material examinado:** 02/06/99 (MMS 112) R-197205

**DESCRIÇÃO:** Erva aquática perene; caule ereto. Folhas longo-pecioladas, oblongo-lanceoladas ou cordiformes; ápice obtuso; base obtusamente cordada ou reniforme; nervuras 11-13; coriáceas; 20 cm compr. por 15-16 cm larg.; pecíolo 10-13.5 cm. Panícula multiflora; raquis 60 cm compr. Flores hermafroditas, trímeras; bractéolas lanceoladas com ápice agudo; cálice com 3 sépalas lanceoladas, ápice agudo, verdes; corola com 3 pétalas alvo-translúcidas, obovadas, membranáceas, caducas; androceu polistêmone, filetes e anteras fortemente amarelados; ovário súpero, multicarpelas. Fruto aquênio com 7 mm diâm (Ribeiro, 1996).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** ocorre principalmente em SP, MG, RJ e MT.

**Usos na medicina popular:** considerada útil contra inflamação da garganta, úlceras, moléstias da pele e do fígado, como depuradora de sangue e adstringente.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** -

**Espécie:** *Aloe vera* L..

**Família:** Aloeaceae

**Sinónimas:** *Aloe barbadensis* Mill.; *A. vulgaris* Lam.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** babosa

**Procedência:** 1 (P1)

**Uso(s):** como sumo para câncer, aplicação tópica para queda de cabelo ou para dar brilho

**Parte(s) utilizada(s):** folhas

**Preparo:** sumo - bater as folhas com água no liquidificador; aplicação tópica - abrir a folha e passar no cabelo

**Material examinado:** 12/08/98 (MMS 9) R-197245

**DESCRIÇÃO:** Folhas rosuladas, ensiformes, longo-atenuadas, carnosas, glauco-esverdeadas, margem freq. cartilaginosa, com dentes curtos, triangulares.

Racemos alongados sobre pedúnculo simples ou pouco ramificado, 60-95 cm compr., com tufos de brácteas imbricadas no ápice. Bractéolas escariosas, alvas, mais compridas que o pedicelo; flores amarelo-esverdeadas, tubuladas, pendentes; ovário com estilete simples, estigma 3-lobado. Cápsula loculicida, ovado-oblongo, trigono; sementes aladas (Bailey, 1949).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** originária da África do Sul, amplamente cultivada no Brasil.

**Usos na medicina popular:** esta espécie já era usada no antigo Egito e no decorrer do tempo foi lhe atribuída uma lista extensa de virtudes, sendo usada como purgativa, emoliente e inseticida, contra tumores, problemas do fígado e dos olhos, e para evitar a queda de cabelo.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** associada ao orixá Ogún, é usada para defumação junto com outras ervas para fins depurativos.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Celosia argentea* L

**Família:** Amaranthaceae

**Sinonímias:** *Celosia cristata* L.; *C. argentea* var *cristata* (L.) Kuntze

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **suspiro**

**Procedência:** 2 (P2)

**Uso(s) levantado(s) na feira:** chá para urina solta

**Parte(s) utilizada(s):** flor e/ou folhas

**Preparo:** ferver 2 inflorescências ou 10 folhas em 1 litro d'água e tomar a metade de uma xícara 3 vezes ao dia

**Material examinado:** 25/06/99 (MMS 138) R-187205

**DESCRIÇÃO:** Planta anual, ereta, glabra, até 1 m alt., geralmente avermelhada. Folhas pecioladas, alternas, obovado-lanceoladas a linear-lanceoladas, 4-25 cm compr.; pecíolo 1-6 cm compr., base avermelhada. Inflorescência uma espiga ou uma panícula terminal, muito densa, geralmente vermelho-rosa. Flores hermafroditas, com brácteas e bractéolas lanceoladas; sépalas lanceoladas uninervadas ou subtrinervadas; estames unidos na base numa cúpula curta; ovário subobovado, estilete alongado até a altura das sépalas. Sementes 4-8, lenticilares, pretas, 1,5 mm diâm. (Smith & Downs, 1972).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** provavelmente de origem asiática, é freqüentemente cultivada além de ser encontrada espontaneamente em muitas regiões tropicais.

**Usos na medicina popular:** também chamada de crista-de-galo, come-se as folhas e as sementes são consideradas antiescorbúticas, anti-helmínticas e antidiarréicas.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** Smith & Downs (1972) descrevem as formas *argentea* ( habitat in America) e *cristata* (L.) Schinz (habitat in Índia ).





**Espécie:** *Mangifera indica* L.

**Família:** Anacardiaceae

**Sinonímias:** -

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** mangueira

**Procedência:** 2 (P2)

**Uso(s):** xarope para tosse

**Parte(s) utilizada(s):** folhas

**Preparo:** tirar as folhas do caule e cozinhar com mel ou açúcar até formar um líquido, tomar uma colher do sopa 3 vezes ao dia

**Material examinado:** 30/06/99 (MMS 143) R-197201

**DESCRIÇÃO:** Árvore até 30 m alt., diâm. da copa até 40 m. Folhas simples, oblongo-lanceoladas, glabras, coriáceas, até 30 cm compr., 10 cm larg, peninérveas.; pecíolos de 1-6 cm compr. Panícula terminal, densiflora. Flores hermafroditas ou dióicas; cálice piloso, sépalas 4-5, ovado-oblongas de 2-4 mm; corola com 4-5 pétalas, de 3-5 mm, alvas, amareladas ou com veias purpúreas; estame fértil 1, comprimento da corola, estaminóides rudimentares; ovário 1-locular, 1-ovular. Drupa reniforme ou ovóide, glabra, com mesocarpo comestível (Meijer, 1983).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** originária da Ásia tropical, cultivada em todos os países tropicais.

**Usos na medicina popular:** a resina do caule é empregada contra a disenteria e a sífilis; a casca, que contém taninos, é usada em curtume.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** chamada de *Òró ò ìmbó* em Yorùbà, a mangueira pertence ao compartimento terra, e ao *orixá* *Ògún*; as folhas são usadas no *Abô* com folhas de aroeira, pinhão roxo e cajueiro.

**OBSERVAÇÕES:** xarope pode ser feito com flor de mamão, folha de laranja, e outras espécies dependendo do efeito desejado.



**Espécie:** *Schinus terebinthifolius* Raddi

**Família:** Anacardiaceae

**Sinonímias:** *Sarcotheca bahiensis* Turcz.; *Schinus mucronulata* Mart.; *S. antiarthriticus* Mack et March; *S. weinmannifolius* Mart.; *S. chichita* Speg.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** aroeira

**Procedência:** 2, 4

**Uso(s):** para lavar machucado; lavagem para inflamação da vagina

**Parte(s) utilizada(s):** galhos com folha e/ou fruto

**Preparo:** ferver alguns galhos em água; para machucado passar no lugar ferido; para inflamação tomar o chá, e fazer lavagem interna (P4).

**Material examinado:** 19/08/98 (MMS 64) R-197200



**DESCRIÇÃO:** Árvore de 5-8 m alt.; ramos jovens erectos, densamente folhosos, pubescentes. Folhas alternas, compostas, imparipenadas, raquis de 4-9 cm compr; folíolos em 2-7 pares, sésseis, elípticos, assimétricos, de ápice agudo e base atenuada, 2,5-4 cm compr. por 2 cm larg., face adaxial ligeiramente pubescente ou glabra, face adaxial pubescente. Panícula axilar densiflora, de 3-5 cm compr., com brácteas linear-lanceoladas, pedicelos pubescentes. Cálice glabro ou pubescente, sépalas ciliadas; pétalas obtusas, 2 mm compr.; flores masculinas com estames de 1-2mm compr.; flores femininas com ovário coroadado por três estiletos de base conivente. Drupa globosa, unilocular. Madeira de cheiro ácido (Cabrera 1938-39).

#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** encontrada no Brasil desde Pernambuco até Rio Grande do Sul, no Paraguai e no nordeste da Argentina.

**Usos na medicina popular:** a planta é tida como adstringente, tônica, estimulante e antinevralgica, porém possivelmente tóxica também; a casca passa por depurativa e febrífuga, as folhas como antireumáticas e útil contra úlceras e feridas, e a resina é usada nas doenças da córnea e contra os efeitos da sífilis.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** chamada de *Àjóbi Pupa* em Yorùbà, ela pertence ao compartimento fogo, a ao *orixá* Xangô, sendo usada para chamar o transe.

**Espécie:** *Geissospermum vellosii* Allem.

**Família:** Apocynaceae

**Sinonímias:** *Geissospermum laeve* Miers;  
*Tabernaemontana laevis* Vell.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** pau-pereira

**Procedência:** 4 (P2)

**Uso(s):** problemas do fígado e intestino

**Parte(s) utilizada(s):** preferencialmente a casca, mas a folha também pode ser utilizada

**Preparo:** chá - ferver a casca ou as folhas em água e tomar 3 vezes ao dia; infusão - por a casca em água fria de um dia para outro, e tomar 3 vezes ao dia.

**Material examinado:** 24/03/99 (MMS 72) R-197197

**DESCRIÇÃO:** Árvore de ramos um pouco ferrugíneos. Folhas alternas, curto-pecioladas, glabras, de forma oblongo-elíptica, ápice acuminado, base acunhada, e margem ondulada. Inflorescência cimosas. Flores alvacentas, os lacínios do cálice sem emergências glandulares na parte interna; corola hipocrateriforme; ovário súpero com estigma claviforme, piloso. Cápsula carnosa (Barroso, 1986; Corrêa, 1974).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** encontrada nos estados de BA, MG, ES e RJ.

**Usos na medicina popular:** considerada tônica e febrífuga, especialmente na forma de banhos demorados da infusão da casca.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** O gosto é descrito como sendo muito amargo. Encontra-se escrita na etiqueta de uma espécie no Herbário do Museu Nacional, data 1872 "*Geissospermum vellosii* Allem - grande árvore, flores alvacentas vulg. Pau-pereira. O Dr. Ezequiel Corrêa dos Santos extraiu da casca um alcalóide que denominou Pereirina. Aplicada contra febres intermitentes...O cozimento da casca é também usada externamente nas lymphatiles e erysipelas. Col. Tijuca."

**Espécie:** *Himantanthus lancifolius* (Muell.) Arg. Woodson

**Família:** Apocynaceae

**Sinonímias:** *Plumeria lancifolia* Muell. Arg; *P. lancifolia* Muell. Arg; *P. floribunda* Muell. Arg. (ver Markgraf, 1968)

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **agoniada**

**Procedência:** 4, região serrana (P2)

**Uso(s):** banho, chá ou garrafada do fruto/casca para inflamação no pé ou outro lugar; chá ou lavagem para inflamação do útero; chá para provocar aborto;

**Parte(s) utilizada(s):** folha, casca, fruto

**Preparo:** banho - ferver a folha ou a casca em água e passar no local; chá para inflamação - ferver 2 folhas / copo d'água, ou 100 g casca ou fruto em 1 litro d'água e tomar ou fazer a lavagem; para aborto, ferver 4 folhar em 1 copo d'água; normal para garrafada.

**Material examinado:** 23/06/99 (MMS 131b) R-197195



**DESCRIÇÃO:** Árvore lactífera, até 8 m, tronco adulto oco. Folhas alternas, membranáceas, discolores, oblanceoladas a lineares, ápice acuminado, base atenuada, pecíolo curto; nervura principal verde-amarela, cerca de 18 nervuras secundárias de cada lado. Inflorescência cimososa densa; brácteas 2-2,5 cm compr, caducas. Flores vistosas; sépalas com uma glândula no ápice; corola alva, um pouco perfumada, o tubo 2,3 cm compr, os lacínios oblongo-elípticos, com uma mancha amarela na fauce; estames inseridos no tubo, as anteras totalmente férteis; ovário semi-ínfero com estigma claviforme. Frutos apocárpicos, secos, cilíndricos; sementes oblongas, aplanadas, aladas (Markgraf, 1968).

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** América do Sul

**Usos na medicina popular:** a casca é empregada contra a asma, a sífilis, a clorose, como purgativa e para auxiliar a concepção e regularizar as menstruações difíceis; as folhas e o látex são considerados febrífugos, galactagogas quando colocados sobre os seios e bons para restaurar os órgãos genitais em aplicação topical, isso podendo, porém, tornar a pessoa estéril.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** associada ao *orixá* Obaluaiyê, *agoniada* é usada em lavagem de contas, feitura de santo e banho de decarrego.



**Espécie:** *Peschiera* DC

**Família:** Apocynaceae

**Sinonímias:** *Tabernaemontana* sect. *Peschiera* Schum.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **agoniada**

**Procedência:** 4, região serrana (P2)

**Uso(s):** banho, chá ou garrafada do fruto/casca para inflamação no pé ou outro lugar; chá ou lavagem para inflamação do útero; chá para provocar aborto;

**Parte(s) utilizada(s):** folha, casca, fruto

**Preparo:** banho - ferver a folha ou a casca em água e passar no local; chá para inflamação - ferver 2 folhas / copo d'água, ou 100 g casca ou fruto em 1 litro d'água e tomar ou fazer a lavagem; para aborto, ferver 4 folhas em 1 copo d'água; normal para garrafada.

**Material examinado:** 09/06/99 (MMS 131a)

**DESCRIÇÃO:** Arbustos ou árvores pequenas. Folhas opostas, coriáceas, amarelo-esverdeadas. Inflorescências terminais, cimosas, com brácteas. Flores pequenas ou medíocres; sépalas lineares, com pontos glanulosos na face interna; corola plateliforme, branca ou amarelada, fauce peludo. Frutos apocarpos, obtusos, verrugosos; sementes ovais, envoltas por um arilo sulcado vermelho (Markgraf, 1968).

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** da América Central e Índia Ocidental através de quase toda América meridional a leste dos Andes até a Argentina oriental; centros de irradiação na região Amazônica e no sudeste do Brasil.

**Usos na medicina popular:** -

**Usos em rituais afro-brasileiros:** associada ao *orixá* Obaluaiyê, agoniada é usada em lavagem de contas, feitura de santo e banho de decarrego.

**OBSERVAÇÕES:** Pouca encontrada na feira, agoniada foi coletada duas vezes, resultando em duas espécies botânicas diferentes.





**Espécie:** *Tabernaemontana laeta* Mart.

**Família:** Apocynaceae

**Sinonímias:** -

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **esperta**

**Procedência:** 3 (P2); 4 (P4)

**Uso(s):** banho de assento, lavagem para inflamação vaginal e para baixar pressão, especialmente da mulher grávida; banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** flor e folha

**Preparo:** ferver 100-200 g. do material (folhas com ou sem flor) em 1 litro d'água durante 5-10 minutos, depois deixa esfriar um pouco antes de usar.

**Material examinado:** 19/08/98, 14/04/99 R-197196



**DESCRIÇÃO:** Árvore até 7 m alt., com látex branco; casca lisa de coloração clara. Folhas opostas, inteiras, glabras, elípticas, de ápice agudo, base acunhada, e margem levemente ondulada, 10 cm compr., 4 cm larg. Inflorescência cimoso, terminal. Flores muito aromáticas; cálice verde, sépalas 5, sem veias, relativamente grossas, envolvendo a base da corola, com numerosas glândulas internamente; corola alva, o tubo sem alas; estames inseridos no tubo, 2 ovários com muitos óvulos. Folículo 2, sementes ariladas (Bailey, 1949, Corrêa, 1926).

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** encontrada nos estados brasileiros de Amazônia, Bahia até São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul e Mato Grosso do Norte.

**Usos na medicina popular:** além de fornecer uma madeira fibrosa, aplica-se a casca em tônicos e na cura de úlceras.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** encontra-se o nome popular de "leiteira" na etiqueta de algumas exemplares da espécie no herbário do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

**Espécie:** *Dieffenbachia picta* Schott

**Família:** Araceae

**Sinónimas:** *Caladium pictum* Lodd.; *Dieffenbachia maculata* Don.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** comigo-ninguém-pode

**Procedência:** 3, 4 (P4)

**Uso(s):** banho de descarrego; decoração

**Parte(s) utilizada(s):** folha

**Preparo:** normal, lavar de pescoço para baixo

**Material examinado:** 24/03/99 (MMS 68) R-197198

**DESCRIÇÃO:** Planta semi-lenhosa até 150 cm alt. Folhas pecioladas, oblongo-elípticas ou oblongo-lanceoladas, de ápice acuminado-cuspidado, base obtusa a acunheada, ambas as faces apresentando variação alvo-esverdeada ou amarelada, nervura principal prominente na face abaxial, nervuras secundárias 15-20 de cada lado; pecíolo carnoso, com sulco largo e fundo na face adaxial. Espádice ereta, protegida por espata oblongo-lanceolada, persistente. Baga vermelho alaranjada (Bailey, 1949).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** originária da América do Sul, amplamente cultivada no sul dos Estados Unidos, América Central e no Caribe.

**Usos na medicina popular:** todas as partes da planta contêm um suco cáustico que causa irritação da pele.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** -

**Espécie:** *Pistia stratiotes* L.

**Família:** Araceae

**Sinonímias:** *Pistia crispata* Blume, *P. cumingii* Kl.; *P. minor* Blume; *P. aethiopica* Fenz.; *P. linguaeformis* Blume; *Apiospermum obcordatum* Kl.; *Limnonesis commutata* Kl. (ver Nicholson, 1987)

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **erva-de-Santa-Luzia-d'água**

**Procedência:** 2, 4, perto de água (P1)

**Uso(s):** problemas do olho e visão

**Parte(s) utilizada(s):** folha com ou sem raiz

**Preparo:** botar a planta numa bacia com água, deixar um dia, banhar os olhos com a infusão 3 vezes ao dia. Trocar a água de dois em dois dias.

**Material examinado:** 02/12/98 (MMS 61) R-197199

**DESCRIÇÃO:** Erva aquática ou enraizando em lama, estolonífera; raízes fasciculadas, filiformes, ocas, verticais, até 30 cm compr. Folhas rosuladas, sésseis, carnosas, discolors, pubescente em ambas as faces, com até 12 nervuras longitudinais, 3-12 cm compr., 1,5-5,5 cm larg., de forma obovado-cuneada até ovada, ápice truncado a levemente retuso, base até 1,5 cm grossura, truncada a atenuada. Espata verde ou brancacenta, obliquamente campanulada, externamente vilosa; espádice com as flores masculinas reunidas em verticilos na parte superior e as femininas solitárias na parte inferior. Flores pequenas, unissexuadas, amarelas; ovário pubescente, 1-locular com muitos óvulos. Baga elipsóide ou ovóide; sementes numerosas (Morton, 1982)

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** encontrada em quase todas as regiões tropicais e subtropicais do mundo.

**Usos na medicina popular:** usada internamente para a estrangúria e hematúria, diabetes, expectoração sanguínea, hidropsia, artrismo e as afeções hepáticas; é aplicada topicamente contra inflamações, especialmente hemorróides.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** chamada de *ójuórú*, esta espécie pertence ao compartimento água e ao *orixá* Oxum, rainha da nação Ijexá e associada com as forças naturais de rio, chuva e cachoeira; é usada nas obrigações no *Ori*.

**OBSERVAÇÕES:** -







**Espécie:** *Asclepias curassavica* L.

**Família:** Asclepiadaceae

**Sinonímias:** *Asclepias bicolor* Moench; *A. margaritacea* Hoffm.; *A. nivea* L. var *curassavica* Ktze.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** oficial-de-sala

**Procedência:** 4, brejo (P4)

**Uso(s):** gargarejo para dor de dente; banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** folha e flor se tiver

**Preparo:** gargarejo - ferver algumas folhas com ou sem flor em água e fazer o gargarejo; normal para banho de descarrego

**Material examinado:** 02/09/98 (MMS 46) R-197204

**DESCRIÇÃO:** Erva anual, ereta, glabra, latescente, com 30-60 cm alt. Folha simples, opostas, curto-pedunculadas, oblongo-lanceoladas, margem inteira, peninérveas, glabras e verde-claras. Umbela simples, longo-pedunculada. Cálice verde-claro, simpétalo; corola de pétalas livres, vermelhas; corona amarela; pólen em políneas. Folículo glabro, oblongo-ovado; semente com pequenas saliências e uma aba voltada para a face ventral, um tufo de pêlos longos no ápice da semente (Leitão *et al.*, 1972).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** originária do Caribe, hoje em dia é amplamente dispersa na América do Sul

**Usos na medicina popular:** apesar da comprovada toxicidade desta espécie, numerosas propriedades terapêuticas são lhe atribuídas, a planta é considerada adstringente e a raiz é empregada como sudorífica, febrífuga, antiasmática e contra as hemorróides.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** associada ao orixá Ogum, serve para banho de descarrego

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Acanthospermum australe* (Loef.) Kuntz.

**Família:** Asteraceae

**Sinonímias:** *Melampodium australe* Loef.; *Acanthospermum brasilum* Schrank; *Centrospermum xanthioides* HBK.; *Oreya adhaerescens* Vell.; *Echinodium prostratum* Poit.; *Acanthospermum xanthioides* DC.; *A. obtusifolium* DC.; *A. hirsutum* DC.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** fel-da-terra

**Procedência:** 4, região serrana

**Uso(s):** chá ou banho para cortar febre

**Parte(s) utilizada(s):** folha

**Preparo:** chá - ferver 200 g de folha em 1 litro d'água, tomar uma xícara 3 vezes ao dia; se a febre for alta (mais de 37), usar o banho e o chá.

**Material examinado:** 26/05/99 (MMS 106) R-196528

**DESCRIÇÃO:** Erva anual, prostrada. Caule comprido e denso-piloso. Folhas simples, opostas, inteiras, curto-pecioladas, oblongo-lanceoladas, de ápice e base agudos, bordos irregularmente serrados, no lado adaxial verdes e curto-pilosas, e no abaxial mais claras, densamente glandulosas e com esparsos pêlos curtos. Capítulo axilar, solitário e pedunculado; involúcro bisseriado, com a série interna envolvendo as flores femininas marginais, que são em número de 6-12, de corola ligulada, trilobada no ápice e amarelada; flores centrais 6-8, masculinas, de corola tubulosa e amarelada. Aquênio elítico, sem pápus; semente elítica, de tegumento preto, opaco (Leitão *et al*, 1982).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** distribuída principalmente na América Latina.

**Usos na medicina popular:** as folhas são consideradas febrífugas, tônicas, sudoríficas, antiblenorrágicas, antiarréticas e eficazes contra a erisipela.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** o nome fel-da-terra é freqüentemente associado às espécies de Gencianaceae.



**Espécie:** *Achyrocline satureoides* (Lam.) DC.

**Família:** Asteraceae

**Sinonímias:** *Achyrocline albicans* Griseb.; *A. candidans* DC.; *A. citrina* Griseb.; *A. flaccida* DC.; *A. mathioaefolia* DC.; *A. mollis* Benth.; *A. vargasiana* DC.; *Gnaphalium flaccidum*, Weism; *G. satureoides* Lam.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** macela, marcela

**Procedência:** 4 (P4)

**Uso(s):** chá para febre, dor de barriga, aplicação para prevenir a perda do cabelo; banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** planta inteira ou só as folhas

**Preparo:** para o chá ferver um ramalhete da planta em 4 litros d' água e tomar 3 xícaras ao dia; para o cabelo amassar as folhas e deixar uma hora no cabelo, ou ferver a planta em água e passar no cabelo, podendo deixar o dia inteiro; normal para banho de descarrego.

**Material examinado:** 09/09/98 (MMS 56) R- 196527



**DESCRIÇÃO:** Planta herbácea ou arbustiva, perene, ereta, até 1,5m alt., com caule cilíndrico, tomentoso. Folhas sésseis, lineares ou lanceoladas, até 12 cm compr., inteiras, lado adiaxial pubescente, lado abaxial apresso-alvo-tomentoso. Capítulos densos, agregados, brácteas involucrais escariosas, amarelo-avermelhadas. Flores femininas 3-6 com corola filiforme, flores andróginas 1-3. Aquênio obovóide, glabro; pápus alvo, unisseriado, cerdas livres na base (Barroso, 1986).

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** originária da América do Sul, cresce em todo o Brasil, exceto na região amazônica.

**Usos na medicina popular:** usada para estofar travesseiros e almofadas, o que dá um cheiro agradável e tem a reputação de ajudar com a respiração.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** associada ao orixá Oxum para uso nas obrigações no Ori e ao orixá Oxalá mas sem uso específico.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Ageratum conyzoides* L.

**Família:** Asteraceae

**Sinonímias:** *Ageratum hirtum* Lam.; *A. humile* Salisb.; *A. hirsutum* Lam.; *A. album* Willd. ex Steud.; *Cacalia mentrasto* Vell.; *Ageratum cordifolium* Roxb.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** erva-de-São-João

**Procedência:** 4 (P1, P4 )

**Uso(s):** como abortiva ou anti-depressiva

**Parte(s) utilizada(s):** planta inteira menos raiz

**Preparo:** abortiva - fazer o chá e tomar 1 copo 2 vezes ao dia, em jejum; anti-depressiva - (não para mulheres grávidas) tomar três vezes ao dia.

**Material examinado:** 19/08/98 (MMS 24) R-196526



**DESCRIÇÃO:** Erva ou subarbusto anual de até 1,5 m alt., com talos eretos, pouco ramosos, hirsutos. Folhas opostas, de forma ovada, ápice agudo ou quase obtuso e arredondada ou cordada na base, margem crenada, trinervadas, hirsutas em ambas as faces, de 3-6 cm compr. por 2-4 cm larg, com pecíolo de 1-2,5 cm compr., aromáticas. Capítulos numerosos, dispostos em cimas corimbiformes terminais, involúcro de 25-30 brácteas em 2 séries; flores numerosas, lilases, violáceas ou brancas. Aquênios escuros, laxamente pubescentes, de 1,5 mm compr; pápus formado por 5 palhinhas lanceoladas, aristadas (King & Robinson, 1975).

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** nativa da América do Sul e América Central, atualmente difundida como erva daninha na maioria das regiões tropicais e subtropicais.

**Usos na medicina popular:** também chamada de maria-preta, é considerada febrífuga, tônica, anti-reumática, diurética e antispasmódica, além de ser empregada no tratamento de amenorréia, gonorréia, beribéri, e moléstias do tubo digestivo e das vias urinárias.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** denominada *isúmi* ure em Yorùbà, pertence ao orixá Xangô e é classificada no compartimento Fogo

**OBSERVAÇÕES:** segundo King and Robinson (1975), *A. conyzoides* tem sido confundida com *A. houstonianum*; porém, é sempre *A. conyzoides* que é dada como sendo de uso medicinal e é uma das plantas medicinais citadas mais constantemente nos estudos etnobotânicos na América do Sul.



**Espécie:** *Baccharis dracunculifolia* DC.

**Família:** Asteraceae

**Sinonímias:** *Baccharis leptospermoides* DC.; *B. bracteata* Hook et Arn.; *B. dracunculifolia* f. *spectabilis* Herring; *B. paucidentata* Schultz

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **alecrim-do-campo**

**Procedência:** 4, região serrana (P2)

**Uso(s):** banho de descarrego para afastar influências ruins

**Parte(s) utilizada(s):** ramo com folha, com ou sem as flores.

**Preparo:** normal para banho

**Material examinado:** 24/03/99 (MMS 75) R-196525

**DESCRIÇÃO:** Arbusto muito ramificado, com até 2 m de altura. Folhas simples, alternas, sésseis, com 1,5-3,5 cm de compr., lanceoladas, de ápice agudo, base ligeiramente atenuada e margem inteira ou irregularmente dentada, glandulosas, no lado adaxial verdes e glabras, no abaxial mais claras e com esparsos pêlos simples e alvotranslúcidos. Capítulos com flores femininas ou somente hermafroditas; brácteas involucrais dispostas em 3-4 séries, flores em número aproximado de 30 por capítulo, de corola filiforme e branca. Aquênio elítico, com pappus unisseriado ca. de 4,5 mm; semente de tegumento reduzido a uma fina película transparente (Cabrera, 1972).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** ocorre no Brasil do Sudeste ao Sul; Paraguai, Uruguai, no Sul da Bolívia, e no norte da Argentina até Entre Rios.

**Usos na medicina popular:** empregada como tônica e febrífuga, e para ajudar na digestão e embaraços gástricos.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Silva menciona uma espécie de *Baccharis* como “alecrim-do-campo”, que pertence ao orixá Oxalá e é usada para feitura de santo, *obori*, defumação e banho de descarrego.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Baccharis trimera* (Less.) DC.

**Família:** Asteraceae

**Sinonímias:** *Molina trimera* Less.; *Baccharis genistelloides* var. *trimera* (Less.) Baker

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** carqueja

**Procedência:** 2

**Uso(s):** como chá para emagrecer ou dor no estômago (P4 )

**Parte(s) utilizada(s):** folhas

**Preparo:** ferver 5-8 folhas em água durante 20 minutos, e tomar uma xícara em jejum, quente ou morno.

**Material examinado:** 12/08/98 (MMS 11) R-196524

**DESCRIÇÃO:** Subarbusto de 30-50 cm alt., ramoso na base, glabro, resinoso, áfilo. Caule delgado com 3 alas glabras, com pontuações glandulares. Capítulos numerosos, sésseis, dispostas ao longo dos ramos superiores formando falsas espigas laxas. Capítulos femininos com involúcro cilíndrico de 5-6 mm de compr.; flores numerosas, com corola filiforme; capítulos masculinos com involúcro de 4-4,5 mm; flores numerosas, com corola tubulosa pentalobada. Aquênio costado, glabro (Cabrera, 1972).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** ocorre no Sul do Brasil e na Bolívia, Paraguai, Uruguai e no norte da Argentina

**Usos na medicina popular:** é considerada estomáquico, tônica, anti-reumática, anti-helmíntica e útil nas obstruções do fígado, na diabetes e contra chagas ulceradas.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** associada ao orixá Ogum, mas sem uso específico

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Bidens pilosa* L.

**Família:** Asteraceae

**Sinonímias:** *B. leucantha* Willd.; *Kerneria dubia* Cass.; *K. tetragona* Moench; *Bidens leucanthus* Willd DC.; *Bidens sundaicus* Brume; *B. subalternans* DC.; *B. quadrangularis* DC.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** picão

**Procedência:** 3, 4 (P2)

**Uso(s):** chá para hepatite, cirrose, problemas do fígado, banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** planta inteira

**Preparo:** chá ou banho - ferver a planta em água, tomar uma xícara 3 vezes ao dia ou passar no corpo; normal para banho de descarrego

**Material examinado:** 07/04/99 (MMS 79) R-196523

**DESCRIÇÃO:** Erva anual, com 30-120 cm alt. Caule esverdeado ou levemente pigmentado de antocianina na base, estriado, quadrangular e com esparsos pêlos simples e translúcidos. Folhas opostas ou raramente alternas, membranáceas, inteiras ou 3-5-lobadas, de margem serrada, no lado adaxial verde glabrescente, no lado abaxial mais clara e com pêlos curtos e hialinos. Inflorescência terminal, em capítulo isolado ou pequena panícula, formada de capítulos longo-pedunculados e multi-flores; involúcro campanulado, com as brácteas externas foliáceas e as internas paleáceas; flores amarelas, sendo as marginais, de corola ligulada, femininas ou neutras, e as centrais, de corola tubulosa, hermafroditas. Aquênio linear, 4-costado, pericarpo preto e opaco (D'Arcy, 1975).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** nativa do Caribe, amplamente dispersa como ervadanhinha nos trópicos e países cálido-temperados; encontrada em todo o Brasil.

**Usos na medicina popular:** é empregada como estimulante, antiescorbútica, desobstrutiva, antidisentérica, problemas do fígido e para boca seca.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Chrysanthemum* sp.

**Família:** Asteraceae

**Sinonímias:** -

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** camomila

**Procedência:** 1, 2

**Uso(s):** como chá calmante ou para dor de barriga;  
para clarear o cabelo (P1)

**Parte(s) utilizada(s):** planta inteira menos a raiz

**Preparo:** ferver planta em água, tomar chá ou passar  
no cabelo

**Material examinado:** 19/08/98 (MMS 22) R-196535

**DESCRIÇÃO:** Ambos o gênero *Chrysanthemum* e o gênero *Matricaria*, da camomila verdadeira, fazem parte do tribo Anthemideae: São ervas aromáticas, sub-arbustos ou arbustos. Folhas alternas, pinatissectas, lobadas ou denteadas. Invólucro com 1-4 séries de brácteas involucrais escariosas ou membranáceas, com bordo largo, hialino, plano ou convexo, nu ou pubescente, mas não paleáceo. Flores do raio femininas e as do disco andróginas ou masculinas; flores femininas com corola ligulada, e as do disco tubuloso-5-denteada. Aquênio costado, anguloso ou comprimido, auriculiforme ou ausente (D'Arcy, 1975). Separa-se *Chrysanthemum* de *Matricaria* através das séries de brácteas involucrais e o aquênio. O *Chrysanthemum* apresenta as séries externas do invólucro gradativamente menores do que as da interna, e o aquênio não convexo no dorso, enquanto as séries são iguais no gênero *Matricaria* e o aquênio é convexo no dorso (Barroso, 1978).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** *Chrysanthemum* é interpretado estreitamente por alguns autores para incluir cerca de 5 espécies da Europa, ou é interpretado por outros para incluir mais de 200 espécies distribuídas no velho mundo (D'Arcy, 1975).

**Usos na medicina popular:** Contato com as folhas pode causar a dermatose, e há 2 espécies usadas como inseticidas; as plantas deste gênero geralmente são aromáticas e podem ser encontradas na medicina do povo de vários países. (D'Arcy, 1975)

**OBSERVAÇÕES:** Apesar da camomila verdadeira ser *Matricaria recutita*, esta espécie de *Chrysanthemum* é encontrada nos canteiros de plantas medicinais do Jardim Botânico de Rio de Janeiro e em muitas feiras livres no Rio de Janeiro como se fosse a camomila.



**Espécie:** *Cosmos* sp.

**Família:** Asteraceae



**Sinonímias:** -

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** picão-da-praia

**Procedência:** 4 (P1)

**Uso(s):** chá e lavagem para inflamação do útero e da vagina; banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** folha e flor

**Preparo:** chá - ferver 200 gramas em 1 litro d' água e tomar meio copo 3 vezes ao dia, ou usar líquido para fazer lavagem com seringa; normal para banho

**Material examinado:** 25/11/98 (MMS 59) R-196534

**DESCRIÇÃO:** Ervas anuais ou perenes. Folhas opostas, bi- ou tri-pinatissectas. Capítulo de tamanho médio, heterógamo e radial. Invólucro campanulado, 2-seriado, as fileiras conatas na base, membranáceas.

Flores da margem neutras; flores do disco hermafroditas, amarelas, tubulosas com 5 lobos; estames com filetes pubescentes, anteras com apêndice apical, ovado-cordado; ovário subcilíndrico, estile dividido, com apêndice. Aquênio fusiforme, 4-angulado, estreitando-se a um bico, geralmente com 1-3 cerdas (Grierson, 1980).

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** 30 espécies, a maioria do México e algumas da América Central; várias espécies são amplamente cultivadas.

**Usos na medicina popular:** *Cosmos bipinnatus* Cav. é citada como desobstrutiva do fígado e útil contra a icterícia, mas *C. sulphureus* e *C. caudatus* somente como ornamentais.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** picão-da-praia é comumente citada como sendo uma espécie de *Plumbago*, e é associada ao orixá Exu, mas sem uso específico.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Elephantopus angustifolius* Swartz

**Família:** Asteraceae

**Sinonímias:** *Elephantopus angustifolia* DC;  
*Orthopappus angustifolius* (Swartz) Gleason

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** língua-de-vaca

**Procedência:** 4 (P1)

**Uso(s):** chá para diabetes

**Parte(s) utilizada(s):** planta inteira

**Preparo:** ferver a planta em água e tomar bastante

**Material examinado:** 24/03/99 (MMS 71) R-196533

**DESCRIÇÃO:** Erva perene de 5-150 cm alt., com talo simples, ereto, densamente veludoso, com folhas arrosetadas na base. Folhas radicais oblanceoladas, obtusas ou semi-agudas no ápice, longamente atenuadas na base em pseudopecíolo, crenadas nos bordos, pubescentes em ambas as faces, de 15-30 cm

compr. por 3,5-6 cm larg., folhas superiores bracteiformes, lanceoladas, agudas, muito reduzidas. Capítulos muito numerosos, dispostos em uma espiga de glomérulos ramificada na parte superior; flores 4, com corola de 7-7,5 mm compr. Aquênios pubescentes, de 3 mm compr; pápus branco, com mais de 20 cerdas de 7 mm compr. (Cabrera & Klein, 1980).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** desde Cuba e México, pelas Antilhas e América Central, até o norte de Argentina e Uruguai e em todo Brasil

**Usos na medicina popular:** o nome vulgar língua-de-vaca é freqüentemente associado com espécies de *Chaptalia* (Asteraceae).

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Silva cita uma espécie do gênero *Tussilago* como sendo "língua-de-vaca", associada ao orixá Oxumaré para obrigações no *Ori*, feitura de santo, banho de descarrego e o assento *Okutá*.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Elephantopus mollis* HBK

**Família:** Asteraceae

**Sinonímias:-**

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** erva-grossa

**Procedência:** 4, região serrana (P2)

**Uso(s):** xarope ou sumo como expectorante, e para bronquite

**Parte(s) utilizada(s):** planta inteira, menos raiz

**Preparo:** sumo - socar ou bater no liquidificador; xarope- socar com mel ou açúcar queimado

**Material examinado:** 14/04/99 (MMS 86) R-19632

**DESCRIÇÃO:** Erva perene, de 40-90 cm alt., com ramos eretos, ramosos, densamente pubescentes, providas de folhas inferiores grandes e folhas caulinares mais reduzidas. Folhas radicais obovadas, subobtusas no ápice e longamente atenuadas na base e em pseudopecíolo, crenado-serreadas nos bordos, laxamente pubescentes na face adaxial e muito densamente na face abaxial, de 6-20 cm compr., 3-7 cm larg. Capítulos numerosos, dispostos em glomérulos protegidos por 3 brácteas cordadas; flores 4, com corola violácea ou roxa de 5 mm compr. Aquênios cilíndricos, com 10 costinhas de 4mm compr.; pápus formado por 5 cerdas de 3,5 mm compr. (Cabrera & Klein, 1980).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** desde Cuba e Baixa Califórnia através da América Tropical até o norte da Argentina; em todo o Brasil

**Usos na medicina popular:** as folhas e raízes são tidas como tônicas, febrífugas, sudoríficas, adstringentes e emolientes, enquanto o suco fresco das folhas é indicado no combate aos cálculos urinários, além de lhe ser atribuído a propriedade de eliminar o catarro pulmonar e a elefantíase.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Silva cita outra espécie de *Elephantopus* como “erva-gross”, associada ao orixá Xangô para obrigações no *Ori*.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Emilia coccinea* Sims

**Família:** Asteraceae

**Sinonímias:** *Cacalia coccinea* Sims; *Emilia sagittata* (Voll.) DC, *E. sonchifolia* Hort.; *E. sonchifolia* L. var *sagittata* Clarke, *Cacalia sagittata* Vahl.; *Emilia flammea* Cass.; *Senecio sagittatus* Hoffm.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** dente-de-leão

**Procedência:** 3 (P1), 4 (P4)

**Uso(s):** chá ou garrafada de vinho para problemas de sangue ou dor no corpo; diabetes

**Parte(s) utilizada(s):** folha e flor se tiver

**Preparo:** chá - ferver a planta em água e tomar; para diabetes, deve ser tomado em jejum; garrafada - pôr o material em vinho, e deixar um tempo, depois tomar duas vezes ao dia.

**Material examinado:** 02/09/98 (MMS 45) R-196531



**DESCRIÇÃO:** Erva anual de 20-60 cm alt., glabra ou ligeiramente pubescente. Folhas muito variáveis; as inferiores pecioladas, de forma ovada ou quase circular, as seguintes ovado-lanceoladas, contraídas inferiormente em um pseudopécio alado; as superiores lanceoladas, cordadas ou sagitadas na base, todas mais ou menos dentadas. Capítulos poucos, longamente pedunculados formando uma cimeira corimbiforme muito laxa. Invólucro campanulado-cilíndrico, 12-14 brácteas involucrais de 6-9 mm compr; flores róseas-alaranjadas, todas tubulosas. Aquênio costado, hispídeos sobre as costinhas. Pápus branco (Cabrera & Klein, 1975)

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** erva daninha comum no velho mundo e de ocorrência esporádica nos trópicos e sub-trópicos

**Usos na medicina popular:** sem uso, exceto como ornamental

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** Apesar de não ser *Taraxacum officinale*, a espécie que é geralmente identificada como dente-de-leão, todos os participantes deram as mesmas informações sobre o nome desta planta.



**Espécie:** *Emilia sonchifolia* DC.

**Família:** Asteraceae

**Sinonímias:** *Cacalia sonchifolia* L.; *Emilia purpurea* Cass.; *E. rigidula* DC.; *E. scabra* DC.; *Senecio sonchifolius* Moench.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **dente-de-leão**

**Procedência:** 3 (P1), 4 (P4)

**Uso(s):** chá ou garrafada de vinho para problemas de sangue ou dor no corpo; diabetes

**Parte(s) utilizada(s):** folha e flor se tiver

**Preparo:** chá - ferver a planta em água e tomar; para diabetes, deve ser tomado em jejum; garrafada - pôr o material em vinho, e deixar um tempo, depois tomar duas vezes ao dia.

**Material examinado:** 02/09/99 (MMS 111) R-196530

**DESCRIÇÃO:** Erva anual de 20-60 cm alt. Caule cilíndrico, glabro ou ligeiramente pubescente. Folhas sésseis, membranáceas, as basais deltóides de margem dentada, e as superiores sagitadas, semi-amplexicaules e de margem fortemente serrada. Capítulo terminal isolado ou em curto-racemo formado por capítulos longo-pedunculados; involúcro uniseriado; flores hermafroditas, de corola rósea a vermelha, mas não alaranjada e com 1,3-1,9 cm compr. Aquênio lanceolado, 5-costado; pápus uniseriado, abundante e ca. 6 mm compr. (Leitão *et al*, 1982).

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** nativa no velho mundo mas amplamente distribuída nos trópicos e sub-trópicos (Barkley, 1975)

**Usos na medicina popular:** além de ser ornamental, é considerada febrífuga, antiasmática e antioftálmica.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** os dados levantados da feira para esta espécie são iguais dos para *Emilia coccinea* Sims, a planta anterior, já que as duas não são diferenciadas pelos ervatários.



**Espécie:** *Erechtites hieracifolia* (L.) Raf. ex Dr

**Família:** Asteraceae

**Sinonímias:** *Senecio hieracifolius* L.; *Sonchus occidentalis* Spreng.; *Erechtites praealta* Less.; *E. ambigua* DC; *E. sulcata* Gardn.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** **serralha**

**Procedência:** 3, lugares frescos

**Uso(s):** chá para problemas do fígado, aplicação tópico para manchas no corpo (micose) (P2)

**Parte(s) utilizada(s):** flor, caule, folha

**Preparo:** chá - ferver vários ramos em água e tomar 2-3 vezes ao dia; banho - socar a planta ou bater no liquidificador com água, depois pôr este sumo em algodão e passar no local afetado

**Material examinado:** 05/05/99 (MMS 92) R-196529

**DESCRIÇÃO:** Erva anual, com 30-80 cm alt. Caule fortemente pigmentado de antocianina, escuro e com pilosidade mais acentuada no ápice. Folhas simples, alternas, sésseis, amplexicaules. Corimbo terminal formado por capítulos curto-pedunculados, ou raramente glomérulos de capítulos subsésseis na axila das folhas superiores; capítulos com involúcro unisseriado, constituído de brácteas denso-pigmentadas de antocianina e curto-pilosas. Flores marginais femininas, de corola filiforme e amarelo clara; flores centrais hermafroditas, de corola tubulosa e amarela. Aquênio com pápus brancacento (Leitão *et al*, 1982).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** encontrada em todo o Brasil

**Usos na medicina popular:** comestível mas sem usos medicinais

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

#### OBSERVAÇÕES:



**Espécie:** *Eupatorium maximilianii* Schrad ex DC..

**Família:** Asteraceae

**Sinonímias:** *Eupatorium conyzoides* Valh. var *maximilianii* Baker

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **arnica-do-mato, arnica-do-campo**

**Procedência:** 2, 4 (P4)

**Uso(s):** infusão para reumatismo

**Parte(s) utilizada(s):** folha e flor

**Preparo:** botar vários ramos da planta, com ou sem flor, em álcool e deixar 6 dias, depois passar no local uma ou duas vezes ao dia

**Material examinado:** 07/04/99 (MMS 80) R-196543

**DESCRIÇÃO:** Arbusto com ramos estriados, pilosos. Folhas ovadas, dentadas, membranáceas, pecioladas, pilosas, trinérveas, com 9 cm compr., 7 cm larg; pecíolo piloso, 2 cm compr. Capítulos pedicelados, corimboso-paniculados; ramos da inflorescência patentes, pilosos, bracteados; bractéolas agudas na base do capítulo; involúcro cilíndrico, com 6 séries de brácteas involucrais obtusas; receptáculo plano; flores 32 em cada capítulo. Corola 5,5 mm compr, dividida em lacínios agudos. Aquênio negro, anguloso, com pêlos nos ângulos, 4 mm compr.; pápus fino, 5 mm compr. (Barroso, 1959).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** todo o Brasil

**Usos na medicina popular:** apesar de muitas espécies de *Eupatorium* serem usadas medicinalmente, não foram encontradas citações para *E. maximilianii* nas referências consultadas.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Gochnatia polymorpha* (Less.) Cabr.

**Família:** Asteraceae

**Sinonímias:** *Spadonia polymorpha* Less.; *Moquinia polymorpha* (Less.) DC.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **balieira-branca**

**Procedência:** 3 (P2)

**Uso(s) levantado(s) na feira:** chá ou banho para inflamação, especialmente de hemorróidas e varizes

**Parte(s) utilizada(s):** folha e flor

**Preparo:** ferver alguns ramos em 1 litro d' água e tomar o chá 3 vezes ao dia, ou tomar banho de assento.

**Material examinado:** 31/03/99 (MMS 78) R-196542

**DESCRIÇÃO:** Planta arbórea, podendo atingir 7-15 m alt., embora somente com muita idade; caule suberoso na base. Folhas alternas, subcoriáceas, discolores, pecioladas, lanceoladas com 10-12 cm compr., margem inteira, face adaxial glabra, e abaxial com densa pilosidade branca. Panículas terminais congestas formadas por capítulos curto-pedunculados com 10-15 flores; involúcro 3-4 seriado. Flores hermafroditas férteis, de corola branca. Aquênio elítico ou obovado com nervuras longitudinais levemente salientes; pápus unisseriado, piloso; semente de tegumento amarelo (Leitão *et al*, 1982).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** é encontrada no Brasil nos estados de MG, BA, SP, MT, RJ, RS, PR, SC, e no Paraguai e Uruguai.

**Usos na medicina popular:** as folhas são consideradas úteis nas afecções bronco-pulmonares.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Mikania aff. glomerata* Sprengle

**Família:** Asteraceae

**Sinónimias:** *M. hederifolia* DC.; *M. scansoria* DC.;  
*Cacalia trilobata* Vell.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** guaco

**Procedência:** 1 (P4)

**Uso(s):** xarope (P1) ou chá para resfriado ou gripe

**Parte(s) utilizada(s):** folhas

**Preparo:** xarope - torrar as folhas juntas com outras ervas numa panela, e em seguida colocar mel e alho. Cozinhar durante aproximadamente 30 minutos. Tomar morno; pode guardar na geladeira e esquentar na hora de tomar. Deve ser tomado 3 vezes por dia. Chá - para uma xícara, ferver três folhas em água durante 20 minutos

**Material examinado:** 12/08/98 (MMS 1) R-196541



**DESCRIÇÃO:** Liana glabra com talos costados. Folhas opostas, longamente pecioladas, ovadas, acuminadas no ápice e arredondadas ou cordadas na base, pentanervadas, de 8-12 cm compr. por 6-8 cm larg.; pecíolo de 3-6 cm compr. Capítulos muito numerosos, sésseis, formando glomérulos que se agrupam em panículas axilares e terminais; involucrio de 4-5mm compr.; corola com tubo de 2 mm e limbo de 4 mm. curtamente pentadentado. Aquênios ligeiramente pubescentes ou glabros; pápus estramíneo (Barroso, 1959).

#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** comum em todo o Brasil, Paraguai e extremo nordeste da Argentina.

**Usos na medicina popular:** empregada como febrífuga, estimulante, tônica e expectorante.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** este espécie, "guaco", diferente do "guaco-cheiroso", que é identificado como *Mikania vellosiana* e associado a vários orixás, pertence ao orixá Oxumaré para uso em obrigações no Ori.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Solidago chilensis* Meyen.

**Família:** Asteraceae

**Sinonímias:** *Solidago linearifolia* DC.; *S. microglossa* var. *linearifolia* (DC) Bak.; *S. linearifolia* var. *brachypoda* Spreng.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **arnica-de-horto**

**Procedência:** 1 (P3)

**Uso(s):** chá, xarope, ou vitamina para problemas do pulmão, resfriado

**Parte(s) utilizada(s):** planta inteira

**Preparo:** chá - ferver 1 maço (ca. 300 g) em 3 litros d'água; xarope - preparo normal para xarope com leite; vitamina - prepara com leite, socando a mão, ou batendo no liquidificador.

**Material examinado:** 09/06/99 (MMS 123) R-196540

**DESCRIÇÃO:** Erva perene, 40-100 cm alt., rizomatosa, com ramos eretos, finos, simples, glabros ou pubérgulos na parte superior, densamente folhosos até a inflorescência. Folhas alternas, linear-lanceoladas, inteiras, trinervadas, glabras em ambas as faces mas com pêlos curtos e curvados na margem, de 40-80 mm compr., 5-8 mm larg. Capítulos radiados, muito numerosos, dispostos em panículas com ramos secundários curvadas e todos os capítulos orientados para cima. Invólucro 4-5mm alt; fileiras linear-lanceoladas, agudas ou semi-obtusas, glabras. Flores amarelas, diformas; as da margem curtamente liguladas; as do disco tubulosas. Aquênios ligeiramente pubescentes. Pápus alvo (Cabrera, 1972).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** América do Sul

**Usos na medicina popular:** sem citações nas referências consultadas, mas *S. microglossa* DC é chamada pelo mesmo nome e considerada estomáquico e bom para encher colchões e travesseiros.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** uma outra espécie de *Solidago* é citada como “arnica”, associada ao orixá Oxum para obrigações no *Ori*.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Sphagneticola trilobata* (L.) Pruski

**Família:** Asteraceae

**Sinonímias:** *Wedelia paludosa* DC.; *Acmella brasiliensis* Spreng; *Buphtalmum heterophyllum* Willd.; *B. strigosum* Spreng; *Wedelia brasiliensis* Blake, *W. pedunculosa* DC.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** **doripepe, margarida-do-telhado**

**Procedência:** 4 (P4)

**Uso(s):** banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** flor e folha

**Preparo:** normal para banho

**Material examinado:** 02/09/98 (MMS 43) R-196536

**DESCRIÇÃO:** Erva prostrada, radicante nos nós, com entrenós de 5-6 cm compr.; caule esparsamente piloso. Folhas opostas, curto pecioladas, membranáceas, pilosas nas duas faces, limbo trilobado, a base atenuada, margem dentado; pecíolo semicilíndrico, ciliado, 4 mm compr. Capítulos solitários, longo pedunculados, axilares; pedúnculo piloso, 10 cm compr. brácteas involucrais foliáceas, em duas séries, 8-12 mm compr; receptáculo cônico, carnoso, paleáceo; páleas lanceoladas, 8 mm compr. por 1,5 mm larg., hialinas, amareladas no ápice. Flores amarelas, cerca de 13 femininas marginais, com corola ligulada, trilobada no ápice, 8 mm compr., estilete com ramos sulcados e papilas estigmáticas na parte interna; as do disco muitas, hermafroditas, com corola tubulosa, o tubo 0,5 mm e o limbo 3,5 mm, as anteras negras, de base sagitada. Aquênio glabro, 3 mm compr., com pappus de 1 mm compr. (Barroso, 1959).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** desconhecida, mas encontrada no RJ e MG

**Usos na medicina popular:** -

**Usos em rituais afro-brasileiros:** chamada pelo nome vulgar de “malmequer”, esta espécie pertence ao orixá Oxum. Barros dá o nome Yorùbà de *bánjókó* e classifica no compartimento Água, enquanto Silva chama de *ewé pepe* e cita para feitura de santo, e Varela (1973) alista os usos de obrigações no *Ori*, nos *abô* e em banhos de limpeza.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Tithonia speciosa* Hook ex. Cris.

**Família:** Asteraceae

**Sinonímias:** *Tithonia rotundifolia* Blake; *Tagetes rotundifolia* Mill.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** mão-de-deus, girassol miúdo

**Procedência:** 2, 3 (P3)

**Uso(s):** chá ou pó para parar de fumar

**Parte(s) utilizada(s):** folhas

**Preparo:** chá - ferver 200 g de folha em 1 litro d'água e tomar durante o dia; pó - secar as folhas no forno baixo, socar e botar um pouco do pó na língua quando tem desejo de fumar.

**Material examinado:** 26/05/99 (MMS 108) R-196539

**DESCRIÇÃO:** Erva de base lenhosa, de até 2,5 m alt. Folhas pecioladas, largo-ovadas, 6-20 cm compr., de ápice curto-acuminado, base truncada, ou nas inferiores 3-lobadas, margem crenada, pubescente ao menos nas nervuras. Capítulos amarelo-alaranjados, 4,5-7 cm diâm.; pedúnculo fistuloso, maior no ápice; involúcro em 2 séries quase iguais, acuminado ou agudo; receptáculo convexo. Flores da margem vistosas, neutras; flores do disco hermafroditas, férteis. Aquênios um pouco achatados ou 4-angulados; pápus de cerdas persistentes (Bailey, 1949).

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** originária do Caribe, encontrada no México, América Central, e cultivada no Brasil.

**Usos na medicina popular:** -

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** esta espécie não é mencionada nas referências bibliográficas de plantas medicinais, nem de religiões afro-brasileiras.





**Espécie:** *Vernonia beyrichii* Less.

**Família:** Asteraceae

**Sinonímias:** -

**DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **assa-peixe**

**Procedência:** 4 (P1)

**Uso(s):** vitamina para problemas do pulmão e junto com saião e erva de passarinho como chá ou sumo para pneumonia.

**Parte(s) utilizada(s):** folhas

**Preparo:** para a vitamina bater as folhas com leite morno no liquidificador; para o chá juntar 15 folhas com saião e erva-de-passarinho, e ferver em 1 litro d'água, ou bater as três no liquidificador para o sumo.

**Material examinado:** 12/08/98 (MMS 5) R-196537

**DESCRIÇÃO:** Arbusto de 2 m alt.; ramos glabros, estriados. Folhas lanceoladas, denticuladas, papiráceas, agudas nas duas extremidades, penínervas, reticuladas, glabras, com 10-12 cm compr., 3-4 cm larg.; pecíolo com 1,5 cm compr. Capítulos em corimbos definidos de cincínios; involúcro campanulado, com 3 séries de brácteas involucrais, glabras, apiculadas. Flores em capítulo 8, levemente odoríferas. Aquênio piloso, com 1 mm compr., provido de carpódio crasso; pápus amarelado, o externo com 1 mm e o interno com 4 mm compr. (Barroso, 1959).

**DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** encontrada nos estados de RJ, SP, ES e PA.

**Usos na medicina popular:** -

**Usos em rituais afro-brasileiros:** assa-peixe é identificada como *Vernonia polyanthes* Less. por Silva, e associada ao orixá Nanã, para obrigações no *ori*, enquanto Silva o identifica como *Eupatorium altissimum* L., sem denominação em Yorùbà mas no compartimento Água.

**OBSERVAÇÕES:** -





**Espécie:** *Vernonia condensata* Baker.

**Família:** Asteraceae

**Sinonímias:** -

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **boldo-do-Chile, alumã**

**Procedência:** 2, muda obtida de Petrópolis

**Uso(s):** chá ou maceração com água para problemas do fígado e estômago (P2)

**Parte(s) utilizada(s):** planta inteira menos raiz

**Preparo:** fazer o chá ou a maceração em proporção de 4 folhas por 1 copo d'água e tomar 3 vezes ao dia.

**Material examinado:** 04/08/99 (MMS 152) R-196538

**DESCRIÇÃO:** Arbusto; ramos jovens tomentoso-pubescentes, estriados. Folhas simples, alternas, pecioladas, elíptico-lanceoladas, de ápice agudo a quase obtuso, base acunhada a atenuada, margem crenada, papiráceas, penínervias reticuladas, limbo até 12 cm compr., 3-4 cm larg.; pecíolo até 4 cm compr. Capítulos em densos corimbos; brácteas involucrais imbricadas em várias séries. Flores alvas; corola tubular, 5-lobada. Aquênio costado; pápus em 2 séries (Bailey, 1949).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** o gênero é largamente distribuído.

**Usos na medicina popular:** -

**Usos em rituais afro-brasileiros:** àlùmón é identificada por Barros como *Vernonia baiensis* Toledo, espécie chamada de *Ewúro* em Yorùbà, nome que refere às flores e quer dizer “fica de cabelo branco”; é do compartimento terra e associada ao orixá Ogum; é usada nas obrigações no *ori*.

**OBSERVAÇÕES:** esta não é a espécie geralmente identificada como “boldo-do-Chile”.



**Espécie:** *Cibystax antisiphiliticus* (Mart.) Mart ex DC

**Família:** Bignoniaceae

**Sinonímias:** *Bignonia antisiphilitica* M.; *B. quinquefolia* Vell.; *B. rivularis* Hort.; *B. viridiflora* Lodd., *Phryganocydia antisiphilitica* M.; *Yangua tinctoria* Spruce

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** ipê

**Procedência:** 4 (P4)

**Uso(s):** dor / inflamação dos órgãos femininas; banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** folha e flor

**Preparo:** ferver as folhas e flores de alguns ramos em 1 litro d'água e fazer a lavagem com uma seringa; normal para banho

**Material examinado:** 09/09/98 (MMS 55) R-197283

**DESCRIÇÃO:** Árvore de tamanho variável. Folhas digitadas, pecioladas, com 5 ou mais folíolos glabros, de forma elítica, ápice cuspidado, base acunhada; pecíolo de 13-20 cm compr. Panícula ou sub-umbela. Flores de cálice campanulado, anguloso, com 5 lacínios triangulares e agudíssimos; corola campanulada, mais ou menos curvada, glabra, geralmene com papilas na parte média, esverdeada ou amarelada. Ovário muricado. Cápsula elíptica ou oblonga semicilíndrica, até 22 cm compr., 5 cm diâm., glabra, com saliências longitudinais (Gomes, 1957).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** ocorre desde a Amazônia até Rio Grande do Sul

**Usos na medicina popular:** é considerada terapêutica como energético depurativo e anti-sifilítico.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Silva cita uma Bignoniácea como sendo do orixá Oxum, e a considera um poderoso e milagroso defumador.

**OBSERVAÇÕES:** o nome "ipê" é dado a diversas espécies de Bignoniaceae.

**Espécie:** *Jacaranda puberula* Cham.

**Família:** Bignoniaceae

**Sinonímias:** *Jacaranda semiserrata* Cham.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **carobinha, caroba, caraúba**

**Procedência:** 4 (P3)

**Uso(s):** chá para fortificar o sangue; banho para feridas

**Parte(s) utilizada(s):** folha

**Preparo:** ferver 3-4 ramos (300 gramas) em 1 litro d'água, e tomar 2-3 vezes ao dia para fortificar o sangue; para feridas, lavar o local com o decocto.

**Material examinado:** 16/06/99 (MMS 132) R-197281

**DESCRIÇÃO:** Árvore geralmente 3-5 m alt., raro 10 m. Folhas bipinadas, raque 25-35 cm compr; folíolos arredondados ou oblongos, base muitas vezes oblíqua, a margem serrada do meio para o ápice, glabros, algumas vezes com a nervura pilosa na face inferior. Panícula multiflora, 15-20 cm compr. Flores com cálice tubuloso com 5 dentes, pouco piloso; corola tubuloso-afunilada, rósea ou amarelada, externamente tomentoso-glandulosa, pêlos capitados. Cápsula oblongo-elíptica, lenhosa (Gomes, 1957).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** ocorre no Brasil nos estados de RJ, SP, MG, PR e SC

**Usos na medicina popular:** a casca e os renovos são utilizadas como depurativos e anti-sifilíticos, e as folhas de forma não especificada.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** associada ao orixá Ossanyin para banho de descarrego e obrigações no *Ori*.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Sparattosperma vernicosum* Bur. et Schum

**Família:** Bignoniaceae

**Sinonímias:** *Bignonia leucantha* All., *S. leucanthum* Schum., *S. lithontripticum* M., *Spathodea vernicosa* Cham., *Tecoma leucantha* All., *T. subvernica* DC.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** cinco-folhas, cinco-chagas-de-Cristo, caroba-branca

**Procedência:** 4 (P1)

**Uso(s):** banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** folha

**Preparo:** normal

**Material examinado:** 09/06/99 (MMS 116) R-

**DESCRIÇÃO:** Árvore de 5 m ou mais. Folhas digitadas, pecioladas, com 5 folíolos glabros, escamosos e luzidíós, de forma elítico-oblonga, ápice cuspidado, base obtusa; pecíolo 6-13 cm compr. Panícula terminal. Flores com cálice tubuloso-espátáceo, fendido unilateralmente; corola campanulado-afunilada, alva, estriada de vermelho e com lóbulos crespos. Ovário escamoso. Cápsula linear, semi-cilíndrica, lenhosa e estriada (Gomes, 1957).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** ocorre no Brasil nos estados do RJ, MG, SP, AM, e AC

**Usos na medicina popular:** empregada contra afecções da garganta, sífilis, reumatismo, cálculos da bexiga, e como estomáquica, depurativa, adstringente e diurética.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** associada ao orixá Oxóssi, portanto servindo a todos os orixás, por ele ser o senhor de todas as matas, é usada nas obrigações no Ori e para enfeitar barracão.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Bixa orellana* L.

**Família:** Bixaceae

**Sinonímias:** *Bixa acuminata* Boj.; *B. americana* Poir.;  
*B. orleana* Noronha.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** urucú, urucúm

**Procedência:** 4 (P4)

**Uso(s):** como corante; bronzeador para pele; chá para diabetes

**Parte(s) utilizada(s):** semente ou folhas

**Preparo:** corante e bronzeador - colocar sementes moídas na comida, ou passar na pele; chá - ferver 5-8 folhas em água durante 20 minutos, tomar quente ou morno três vezes ao dia.

**Material examinado:** 12/08/98 (MMS 13a) R-196680  
(MMS 13b) R-196682



**DESCRIÇÃO:** Arbusto com até 5 m alt. Folhas alternas, glabras ou pubescentes, 7-18 cm compr., 3,5-9 cm larg., pecioladas, elípticas, cordiformes na base, inteiras. Panículas terminais. Flores com 5 sépalas, castanho-verdes, rosadas, rapidamente caducas; pétalas 5, largas, arendondadas, rosadas, purpúreas ou brancacentas; estames numerosos, purpúreos; ovário espinhoso. Cápsula abrindo em 2 partes, revestida de espinhos moles; sementes numerosas, castanhas, cobertas por um arilo alaranjado-velho (Reitz, 1984).

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** nativa da América tropical, e amplamente cultivada nos trópicos e subtropicais do mundo inteiro

**Usos na medicina popular:** além de ser tintorial, a semente é tida como estomáquica, laxativa, e útil para queimaduras e bronquite, os renovos são usados para fazer uma infusão para olhos inflamados, as folhas para combater os vômitos da gravidez e a raiz para ajudar a digestão.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** no compartimento fogo, esta espécie é denominada *osùn* em Yorùbà e pertence ao orixá Xangô; segundo Silva, as sementes socadas misturadas com pó-de-pemba-branca servem como *Efun* (giz) usado no *Iyawo* (esposa).

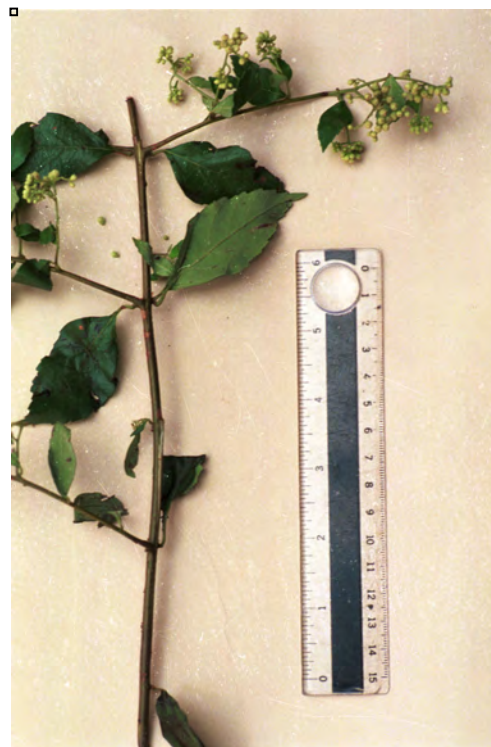
**OBSERVAÇÕES:** os termos entre parêntese são do glossário de Silva (1993).



**Espécie:** *Cordia monosperma* (Jacq.) R. & S.

**Família:** Boraginaceae

**Sinonímias:** *Varronia monosperma* Jacq.; *V. dichotoma* R. et P.; *V. corymbosa* Desv.; *V. guazumaefolia* Desv.; *Cordia guazumaefolia* R. et S.; *C. bifurcata* R. et S.; *C. discolor* Cham.; *C. urticifolia* Cham.; *C. hermanniaefolia* Cham.; *C. hermanniaefolia* var. *calycina* Cham.; *C. corymbosa* Don.; *C. salzmanni* DC.; *C. salzmanni* var. *lanceolata* Fresen.; *C. lapensis* Warm.; *Lithocardium dichotoma* Kuntze; *L. discolor* Kuntze; *L. hermanniaefolium* Kuntze; *L. guazumifolium* Kuntze; *L. corymbosum* f. *glabriusculum* Kuntze; *Cordia paraguariensis* Chodat et Hassler; *C. boliviana* Gandoger; *C. corymbosa* f. *typica*, f. *intonsa*, f. *detonsa*, f. *hirstua*.



#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** baliera-preta, balieera-preta

**Procedência:** 3 (P2)

**Uso(s) levantado(s) na feira:** chá para bronquite

**Parte(s) utilizada(s):** folha e flor

**Preparo:** ferver alguns ramos em 1 litro d'água, adicionar açúcar e tomar quantas vezes foram necessárias

**Material examinado:** 31/03/99 (MMS 77) R-196682

**DESCRIÇÃO:** Arbusto ou às vezes erva, subarbastivo ou liana, ca. 2 m alt., muito ramoso; os ramos mais jovens tomentosos. Folhas lanceoladas a elípticas, ápice agudo ou obtuso, base acunhada, margem inteira perto da base, crenada perto do ápice, 4-8 cm. compr., 1-3,7 cm larg., ambas as faces pubescentes até densamente tomentosas. Inflorescência corimbosa, laxa até densa e quase capitada, 1-7 cm larg., pálido-estrigosa até tomentosa; pedicelos delgados 1-2 mm compr. Cálice campanulado, 2-3 mm compr., os lobos largamente triangulares; corola campanulada, até 5 mm compr., branca até amarela, levemente lobada; estames superando a corola; anteres elípticas, 1 mm compr. Fruto subgloboso, geralmente enserrado pelo cálice (Smith & Klein, 1970).

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** todo o Brasil do Amazonas até o Rio Grande do Sul. Venezuela até Uruguai, Paraguai e o norte de Argentina.

**Usos na medicina popular:** -

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Silva cita outra espécie de *Cordia* como "baleeira", erva de Xangô que é indicada pelos Pretos-Velhos para abrir caminhos.

**Espécie:** *Symphytum officinale* L.

**Família:** Boraginaceae

**Sinônimas:** *Consolida major* Gilib.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** confrei

**Procedência:** 1 (P1)

**Uso(s):** (ver observações) chá para problemas do estômago, coração, inflamação, colesterol e diabetes.

**Parte(s) utilizada(s):** folha

**Preparo:** ferver três folhas em 1 litro de água e tomar três vezes ao dia para o coração, inflamação, colesterol e diabetes; para problemas do estômago tomar uma vez ao dia, em jejum.

**Material examinado:** 02/09/98 (MMS 50) R-197280

**DESCRIÇÃO:** Erva perene até 1 m alt., hispida, raízes ramificadas, grossas. Folhas inferiores oblongo-ovadas, as superiores oblongo-lanceoladas, ápice curto-agudo, base obtusa a decorrente, margem e superfície um pouco onduladas. Cimeira escorpióide, apresentando brácteas. Flores pediceladas; cálice verde 5-partido em lacínios lineares; corola alva, amarela, purpúrea ou rósea, campanulada após a inserção dos estames, 5 lobos, recurvados. Nucélas 4, obliquamente ovadas, rugosas (Bailey, 1949).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** originária de regiões temperadas, é encontrada no mundo inteiro e amplamente cultivada no Brasil como medicinal.

**Usos na medicina popular:** considerada adstringente e emoliente, a raiz é especialmente indicada contra a diarreia e hemorragia.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** segundo o Dr. Nuno Álvares Pereira (via oral), esta espécie deve ser usada topicamente, sendo atualmente proibido seu uso interno devido a sua alta toxicidade.

**Espécie:** *Cecropia catarinensis* Cuatr.

**Família:** Moraceae

**Sinonímias:**

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** imbaúba

**Procedência:** 2 , quintal, ou 4 (P3)

**Uso(s) levantado(s) na feira:** chá para diabetes

**Parte(s) utilizada(s):** folha

**Preparo:** ferver 300 gramas em 1 litro d'água e tomar durante o dia

**Material examinado:** 16/06/99 (MMS 134) R-197216

**DESCRIÇÃO:** Árvore ou arbustivo de copa densa dando um aspecto hemisférico à distância; caule fistuloso com lenticelas muito esparsas. Folhas peltadas, profundamente 9-12 lobadas; lobos obovado-oblongos, ápices levemente agudos ou obtusos; lâmina com o lado adaxial verde-escuro mas com pontos claros, abaxial verde-claro, fosco, velutino; estípula terminal recoberta externamente de pilosidade lanuginosa alva. Amentilhos masculinos amarelo-creme, tomentosos, pediculados, em grupos de 6-17. Perigônio com 2 segmentos concrecidos; 2 estames férteis, livres, desiguais. Tomentos femininos grupados em 4-5, grisáceos (Carauta, 1996).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** ocorre nas regiões Sudeste e Sul do Brasil

**Usos na medicina popular:** as espécies de *Cecropia* são, de modo geral, consideradas eficazes contra tosses e asma.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Há uma *Cecropia* denominada *Àgbaó* em Yorùbà, classificada no compartimento Fogo e pertencendo ao orixá Xangô que é usada para sacudimento e *Obori*.

**OBSERVAÇÕES:** -

**Espécie:** *Cecropia* sp.

**Família:** Moraceae

**Sinonímias:** -

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **imbaúba-prata**

**Procedência:** 4 (P2)

**Uso(s) levantado(s) na feira:** chá para diabetes

**Parte(s) utilizada(s):** folha

**Preparo:** ferver 300 gramas em 1 litro d'água e tomar durante o dia

**Material examinado:** 30/06/99 (MMS 142) R-197215

**DESCRIÇÃO:** Fanerófitos terrestres, caule fistuloso, geralmente com raízes-escora. Folhas alternas, simples, pecioladas, com estípulas; ocorre um grande dimorfismo entre as folhas do exemplar jovem para o adulto e das folhas basais para as apicais; peltadas com venação radial. Inflorescências em amentos protegidos por espata. Perigônio tubular; flor masculina com 2 estames; flor feminina com os segmentos do perigônio mais ou menos concrecidos e carnosos na maturação; ovário bicarpelar, unilocular, estigma em pincel ou peltado (Carauta, 1996).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** ocorrem cerca de 80 espécies na América tropical.

**Usos na medicina popular:** as espécies de *Cecropia* são, de modo geral, consideradas eficazes contra tosses e asma.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Há uma *Cecropia* denominada *Àgbaó* em Yorùbà, classificada no compartimento Fogo e pertencendo ao orixá Xangô que é usada para sacudimento e *Obori*.

**OBSERVAÇÕES:** segundo Dr. J. Pedro P. Carauta (via oral), especialista em Moráceas, tanto o número de lobos quanto a pilosidade que produz o efeito prateado na face abaxial varia nas folhas jovens de diversas espécies. Estes aspectos não ajudam, portanto, na determinação desta espécie. Suspeita-se que pelo menos três espécies de *Cecropia* podem ser encontradas na feira.



**Espécie:** *Morus alba* L.

**Família:** Moraceae

**Sinônimas:** *Morus rubra* Lour.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** **amora**

**Procedência:** 3 (P4)

**Uso(s):** lavagem ou chá para inflamação, banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** folha, flor ou fruto imaturo se tiver

**Preparo:** ferver em água e tomar, ou passar no local; normal para banho de descarrego.

**Material examinado:** 26/08/98 (MMS 44) R-197217

**DESCRIÇÃO:** Árvore de caule simples, até 8-20 m alt., dióica, com as flores masculinas e femininas ordenadas em inflorescências diferentes. Folhas alternas, freq. irregularmente lobadas, glabrescentes ou pubescentes, 5-12 cm compr., ovadas a orbicular-ovadas, ápice agudo a acuminado, base semi-truncada a subcordada, freq. oblíquas, margem irregularmente serrada ou inteira, folhas novas dobradas em espiral; estípulas intrapeiolares. Amentos densos. Flores 4-partidas; as masculinas com 3-5 estames infletidos no botão floral; as femininas com ovário sésstil, estilete bi-partido, com óvulo pêndulo. Polidrupa pedunculada, branco ou rósea, doce (Bailey, 1949).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** originária da China e cultivada em todos os estados brasileiros.

**Usos na medicina popular:** o suco das folhas é adstringente e passa por febrífugo; a casca é amarga, purgativa e vermífuga

**Usos em rituais afro-brasileiros:** sem fazer distinção entre *M. alba* e *M. negra*, Silva afirma que a amoreira é associada ao orixá Exu, mas sem uso específico e também que entra nas obrigações para o orixá Babá Egun.

**OBSERVAÇÕES:** -

**Espécie:** *Sorocea* sp. St. Hill

**Família:** Moraceae

**Sinonímias:** -

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **espinheira-santa**

**Procedência:** 1, 4 (P4)

**Uso(s):** (ver Observações) chá para inflamação do fígado, apendicite, gastrite; todos os problemas, especialmente os internos.

**Parte(s) utilizada(s):** folha, fruto se tiver

**Preparo:** chá - ferver 11 folhas em 1 litro de água, tomar uma xícara 5-6 vezes por dia

**Material examinado:** 19/08/98 (MMS 36a) R-197219  
09/08/99 (MMS 36b) R-197218

**DESCRIÇÃO:** Arbusto ou árvores dióicos. Folhas dísticas, inteiras, denticuladas ou com os dentes reduzidos a espinhos; estípulas axilares, geminadas. Inflorescência espiga ou em recemos, receptáculos masculino e feminino iguais ou quase iguais entre si, com brácteas peltadas. Flores pediceladas, tetrâmeras, isostêmones; a masculina monoclamídea, estames 4; a feminina com pedicelo carnoso, perigônio tubuloso, cônico ou urceolado; ovário ínfero a semi-ínfero, com uma loja e um óvulo; estilete bifurcado. Baga (Carauta, 1996).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** ocorrem 18 espécies na América tropical

**Usos na medicina popular:** o látex de uma espécie de *Sorocea* é usado como supurativo, os frutos da mesma empregados num gargarejo contra feridas da garganta.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** sem especificar a espécie, Silva associa “espinheira-santa” ao orixá Oxalá para banho de descarrego; Varella (1973) acrescenta uma associação com Obaluaiê e seu emprego para limpeza dos filhos dos santos.

**OBSERVAÇÕES:** esta espécie é considerada uma panacéia pelos ervatários como se fosse a *Maytenus ilicifolia* Mart, (Celastraceae), a espinheira-santa verdadeira, mas os testes iniciais indicam que é tóxica.





**Espécie:** *Sambucus australis* Cham. et Schl

**Família:** Caprifoliaceae

**Sinonímias:** -

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** sabugueiro

**Procedência:** 2, 3

**Uso(s):** como chá, ou na comida para asma, como chá para sarampo (P1, P4)

**Parte(s) utilizada(s):** flores e folhas, sendo preferidas as flores.

**Preparo:** chá - ferver 300 gramas das folhas em água durante 20 minutos, tomar quente ou morno, ou comer na comida; para sarampo, fazer o chá e tomar de jejum, uma vez ao dia.

**Material examinado:** 12/08/98 (MMS 8) R-196684

**DESCRIÇÃO:** Arvoreta de 3-8 m alt., tronco de 10 a 20 cm diâm., casca cinzenta e rugosa; folhas estipuladas. pinaticompostas, 5-6 pares de folíolos e um folíolo terminal, todos ovado-lanceolados, serrados, glabros, de 3,5-6 cm compr.; estípulas sésseis na base do pecíolo. obovadas, dentadas, caducas. Flores brancas muito numerosas, dispostas em cimas compostas muito densas, umbeliformes corola de 5-8 mm diâm.; estames 5, em algumas flores atrofiados (Reitz & Klein, 1985).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** encontrada nos estados brasileiros de PR, RJ, RS, SC, SP e ES

**Usos na medicina popular:** as folha são tidas como purgativas, eméticas, emenagogas, insetífugas e úteis no tratamento de hidropisias; considera-se as flores sudoríficas, excitantes, diaforéticas e anti-reumáticas, o fruto peitoral e a casca drástica.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** denominada *Àtòrìná* Yorùbà, nome que quer dizer “a que foi forjada como espada”, uma alusão à forma da folha, esta espécie é associada ao orixá Xangô e é classificada no compartimento Fogo.

**OBSERVAÇÕES:** *Sambucus nigra* é frequentemente associada ao nome vulgar “sabugueiro,” com *S. australis* sendo diferenciada como sabugueiro-do-Brasil. Duke e Vasquez (1994) listam *S. mexicana* Presl. var. *bipinnata* e *S. peruviana* HBK como sendo plantas de uso medicinal na Amazônia peruana.



**Espécie:** *Carica papaya* L.

**Família:** Caricaceae

**Sinonímias:** *Papaya cucumerina* Noronha; *P. communis* Noronha; *P. carica* Gaertn.; *P. vulgaris* DC.; *P. sativa* Tuss.; *P. edulis* Boj.; *P. papaya* Karsten; *Carica mamaya* Vell.; *C. hermaphrodite* Blanco; *C. papaya* f. *mamaya* Stell.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **mamão**

**Procedência:** 3, 4 (P2)

**Uso(s):** expectorante na forma de xarope

**Parte(s) utilizada(s):** flor masculina (tirar do caule)

**Preparo:** ferver 2 litros de água com uma xícara de mel ou açúcar caramelado, e 100 g de flores masc., podendo ser em botão; tomar como necessário.

**Material examinado:** 28/04/99 (MMS 88) R-197239

**DESCRIÇÃO:** Árvore latescente, geral. dióica. Folhas alternas, simples, glabras ou não, discolors, 14-60 cm compr., 20-40 cm larg., palmatilobadas; pecíolos ocos. Inflorescência masculina cimeira ou panícula, pêndula, axilar, com pequenas brácteas pilosas. Flores masc. pediceladas, perfumadas; corola tubulosa, 5-lobada, 1,2-2,5 cm compr.; estames 10, inseridos na fauce da corola em 2 verticilos. Inflorescência feminina axilar 1-flor ou em cimeiras curto pedunculadas com poucas flores. Flores femin. amareladas de 4- 5,5 cm compr., quase sésseis; corola 5-partida, 5 cm compr.; ovário 1-locular, multi-ovulado, estilete curto e 5 estigmas ramificados. Fruto bacáceo, globoso ou alongado; sementes numerosas, rugosas, arilo gelatinoso (Santos, 1970).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** encontrada, principalmente em cultivo, em todo o Brasil, exceto nas zonas muito frias

**Usos na medicina popular:** as flores masculinas são empregadas no tratamento de tosses, gripes e bronquites crônicas; o látex e as sementes são tidos como antihelmínticos.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** denominada *Ìbépé* em Yorùbà, a mamoeira é do orixá Oxalá e é classificada no compartimento Terra, além de ser oferecida à Iyemanjá em *Ipanan* (festa de Erê, nação Ketu) *Ìyàwó* (esposa).

**OBSERVAÇÕES:** há outras formas da planta além da comum descrita acima, estas formas não típicas produzindo frutos diferentes no tamanho, forma e sabor. As traduções são do glossário de Silva (1993).



**Espécie:** *Chenopodium ambrosioides* L.

**Família:** Chenopodiaceae

**Sinonímias:** *Chenopodium anthelminticum* L.; *C. suffruthicosum* Willd.; *C. spathulatum* Sieber.; *C. santa-maria* Vell.; *C. chilense* Schrad.; *C. retusum* Juss. ex Moq.; *C. obovatum* Moq.; *C. ambrosioides anthelminticum* A. Gray.; *C. querciforme* Murr.; *C. vagans* Standl.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** erva-de-Santa-Maria, mastruz

**Procedência:** 2, 3 (P1)

**Uso(s):** chá para problemas do pulmão; vitamina vermífuga; banho contra pulgas para cachorro

**Parte(s) utilizada(s):** planta inteira ou só flor e folha

**Preparo:** chá - ferver a planta em água e tomar três vezes ao dia; vitamina- bater as folhas e flores se tiver com leite morno no liquidificador; banho - ferver a planta em água e dar banho no cachorro

**Material examinado:** 19/08/98 (MMS 40) R-197234



**DESCRIÇÃO:** Erva anual, 40-130 cm alt.; caule esverdeado, glabro ou ligeiramente piloso. Folhas simples, verdes, inteiras, alternas, as inferiores pecioladas e as superiores normalmente sésseis, de dimensões extremamente variáveis, margem inteira ou sinuosodentada, ápice e base agudos e pilosos, glandulosas em ambas as faces, mais na abaxial. Inflorescências espiciformes formadas por densos glomérulos axilares ou terminais. Flores sésseis, hermafroditas ou raramente unissexuais; sépalas 5, agudas, esverdeadas e exteriormente glandulosas. Fruto amarelado, coberto pelas sépalas persistentes; semente com testa marrom, reluzente e lisa (Leitão *et al*, 1972).

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** cosmopolita

**Usos na medicina popular:** empregada como vermífugo, especialmente na medicina veterinária, emenagogo, abortivo, antiinflamatório, sudorífico, estomáquico e digestivo.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** os ervatários a consideram menos potente que mascruz, *Sennebiera pinnatifolia* DC, para os problemas do pulmão.



**Espécie:** *Commelina virginica* L.

**Família:** Commelinaceae

**Sinonímias:** *Tradescantia virginica* L.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** trapoeraba-azul

**Procedência:** 4, beira de caminho (P2)

**Uso(s):** chá para dor de barriga, intestino

**Parte(s) utilizada(s):** planta inteira

**Preparo:** cozinhar cerca de 100 g de folha em 1 litro d'água e tomar 4 copos ao dia.

**Material examinado:** 28/07/99 (MMS 149) R-197233

**DESCRIÇÃO:** Erva rasteira, pilosa nos nós e nas folhas, suculenta. Folhas alternas, simples, inteiras, elípticas a ovado-oblongas, ápice curto-agudo a obtuso, base acunhada e obtusa, a bainha formando ócrea. Cimeira axilar, brácteas formando uma quilha, 2-3 flores em cada quilha. Flores hermafroditas, trímeras; pétalas azuis; 3 estames férteis. 2-3 estaminóides ou ausentes, anteras basifixas, ditecas, conectivo bem desenvolvido; ovário súpero, tricarpelar, lóculo dorsal 1-ovulado, outros lóculos 1- a 2-ovulado (Kissman & Groth, 1991-1992).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** o gênero é amplamente distribuída nos trópicos e subtropicais de todo o mundo.

**Usos na medicina popular:** todas as espécies de trapoeraba-azul são consideradas emolientes, diuréticas, anti-reumáticas e úteis no tratamento da hidropsia e das anginas.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Barros dá outra espécie de *Commelina*, associada ao orixá Naná, como sendo usada no Candomblé, do compartimento água e com a denominação Yorùbà *Gòdògbódó*, sendo atribuída a ação de “grande rio”. Silva cita trapoeraba-azul como *Ílèkè Òpòlò*, sendo de Iyemanjá, para obrigações no *Ori*, *Abô*, feitura de santo e assento *Okutá*.

**OBSERVAÇÕES:** -

**Espécie:** *Kalanchoe brasiliensis* Camb.

**Família:** Crassulaceae

**Sinonímias:** *Cotyledon brasilica* Vell.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** folha-da-fortuna

**Procedência:** 4 (P1)

**Uso(s):** banho contra olho grande

**Parte(s) utilizada(s):** folha

**Preparo:** normal para banho

**Material examinado:** 09/06/99 (MMS 118) R-197207

**DESCRIÇÃO:** Erva perene até 2 m, ereta, com haste succulenta mas bastante enrijecida. Folhas opostas, jovens simples, as adultas pinadas, com 1 a 3, raro 5, folíolos muito succulentos, com ápice curto-agudo a obtuso, base largo-acunheada, pecíolo semi-amplexicaule e margem crenada ambos tingidos roxos, glabérimas, só a nervura principal visível.

Panículas terminais, alongadas, geralmente ca. 30 cm. Flores com cálice gamossépalo inflado.; corola tubulosa com 4 dentes, alaranjado-esverdeada; estames mais que 5, anteras oblongas basifixas; ovário dialicarpelar, multi-ovulado. Folículos multispermos, sementes com endosperma (Barroso, 1986).

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** originária do Brasil

**Usos na medicina popular:** usada como cicatrizante e refrescante, contra cefalalias, queimaduras, calos, inchações das pernas e problemas com os gânglios linfáticos.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** para Barros, esta espécie é folha-da-costa ou simplesmente fortuna, e pertence ao compartimento Água, e aos orixás Oxalá e Iyemanjá; a denominação em Yorùbà é *òdundun*, uma referência à ação “bate e faz eco” que é lhe atribuída. Silva não faz uma distinção muito nítida entre esta espécie e a seguinte.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Kalanchoe pinnata* (Lamk.) Pers.

**Família:** Crassulaceae

**Sinonímias:** *Cotyledon pinnata* Lamk.; *Bryophyllum calycinum* Salisb.; *Cotyledon calycina* Roth.; *C. rhizophylla* Roxb.; *C. paniculata* Blanco; *Bryophyllum germinans* Blanco; *B. pinnatum* (Lank.) Oken.; *B. pinnatum* Kurz.



#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **saião**

**Procedência:** 1 (P1)

**Uso(s):** vitamina para pneumonia; sumo para tuberculoses, ou catarro, em aplicação topical para machucado ou dores

**Parte(s) utilizada(s):** folhas

**Preparo:** vitamina - bater no liquidificador com mel e leite morno; sumo - bater no liquidificador com água e tomar; aplicação topical - amassar e aplicar encima do machucado ou dor.

**Material examinado:** 12/08/98 (MMS 3) R-197206

**DESCRIÇÃO:** Erva com 50 cm alt, raro até 2 m, ereta, com haste succulenta mas bastante enrijecida, glabérrima. Folhas vivíparas opostas, as adultas pinadas, com 1 a 3, raro 5, folíolos muito succulentos, com ápice quase obtuso, base acunheada, com pecíolo semi-amplexicaule, e margem crenada, glabérrimas, nervação imersa, brilhosas e com aspecto sedoso. Panículas terminais, alongadas, com 10-80 cm compr., geralmente ca. 30 cm. Flores com cálice gamossépalo inflado, com 5 dentes, 2-2,5 cm compr.; corola tubulosa vermelho-esverdeada; estames 10, anteras oblongas basifixas; gineceu com 4 carpelos ligeiramente concrecidos na base. Folículos multispermos, sementes minúsculas com testa reticulada (van den Berg, 1982).

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** pantropical

**Usos na medicina popular:** considerada refrescante, boa para curar feridas e diurética.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** chamada de *ábámodá* em Yorùbà, está espécie pertence ao compartimento Água, e para Barros é chamada de folha-da-fortuna e é associada ao orixá Nanã. Silva a chama de folha-da-fortuna, fortuna, folha-da-costa e saião, e associa a planta ao orixá Exu para ser usada em banho de descarrego, e ao Xangô e Oxalá, para obrigações no Ori.



**Espécie:** *Luffa cylindrica* (L.) Roem.

**Família:** Cucurbitaceae

**Sinonímias:** *Cucumis lineatus* Bosc.; *Luffa aegyptiaca* Mill.; *L. clavata* Roxb.; *L. parvula* Ham.; *L. pentandra* Roxb.; *L. scabra* Schum.; *Momordica carinata* Vell.; *M. cylindrica* L.; *M. luffa* L.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** bucha

**Procedência:** 4 (P3)

**Uso(s):** banho para varizes; chá para depressão

**Parte(s) utilizada(s):** caule e/ou folhas

**Preparo:** para banho ferver 300 g em 4 litros d'água; para o chá, ferver 5 folhas em 1 litro d'água e tomar 1 xícara.

**Material examinado:** 25/06/99 (MMS 136) R-196635

**DESCRIÇÃO:** Trepadeira herbácea, monóica. Caule pentângulo, gavinhas ramificadas. Folhas alternas, palmatilobadas, com 5, raro 7, lobos, margem dentada, áspera, pecíolo comprido. Inflorescência masculina racemo axilar de 4-20 flores. Flores masculinas com 5 estames inseridos no tubo do cálice, filetes livres entre si, anteras bitecas; flores femininas isoladas; ovário ínfero, muitos óvulos dispostos horizontalmente. Cápsula fibrosa, opercular, oblonga, até 35 cm compr. (Corrêa, 1926; Grisebach, 1963)



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** subespontânea desde a Guiana até São Paulo, e cultivada em todos os estados brasileiros

**Usos na medicina popular:** as folhas e o caule são citados na forma de chá contra perturbações hepáticas, irregularidade no ciclo menstrual, clorose e anemia geral. As sementes produzem óleo com propriedades purgativas, este mesmo efeito sendo atribuído à polpa e à raiz, especialmente para a cura das ascites. Este suposto resultado emenagogo e purgativo talvez explique porque a polpa e as folhas são reputadas comestíveis, mas pouco procuradas.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Momordica charantia* L.

**Família:** Curcubitaceae

**Sinonímias:** *Momordica zeylanica* Mill.; *M. senegalensis* Lam.; *M. muricata* Willd.; *M. anthelminthica* Schum.; *M. roxburghiana* Don.; *M. macropetala* M.; *M. operculata* Vell.; *M. papillosa* Peck.; *Curcumis africanus* Lindl.; *C. intermedius* Roem.; *Melothria pendula* Sieb.

#### **DADOS COLETADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** melão-de-São-Caetano

**Procedência:** 3, 4 (P1)

**Uso(s):** infusão para reumatismo e bursite (inflamação no braço), chá para dores no corpo; aplicação topical para machucados

**Parte(s) utilizada(s):** flor/fruto e folha

**Preparo:** infusão - pôr flor e/ou fruto em álcool e deixar uma semana antes de passar no local da inflamação; chá - ferver a planta inteira, tomar em jejum; aplicação - socar a planta e aplicar no local.

**Material examinado:** 19/08/98 (MMS 33) R-196636



**DESCRIÇÃO:** Planta monóica, herbácea, escandente, ramos delicados, muito ramificada, com caule estriado, piloso. Folhas membranáceas, palmatipartidas em 5-7 segmentos; gavinha simples, delicada, pubescente. Flores masculinas solitárias; cálice com lacínios oblongo-lanceolados, com 4-6 mm compr.; corola com lacínios obtusos ou emarginados de 15-20 mm compr.; 5 estames aglutinados com anteras flexuosos; flor feminina longopedunculada; ovário fusiforme; estilete curto, trífido no ápice; estigmas 3, bífidos. Cápsula carnosa, amarela quando madura, com 3-15 cm compr., trivalvar, expondo sementes de testa vermelha (Corrêa, 1974; Grisebach, 1963)

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** quase todo o Brasil

**Usos na medicina popular:** considerada purgativa, febrífuga, antileucorréica, anticatarral, vermífuga, anti-reumática, supurativa, anticarbunculosa, útil nas inflamações do fígado, embaraços e cólicas gástricos, menstruações difíceis, queimaduras, cravos e lepromas.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** associada ao orixá Naná, é do compartimento Água e chamada de *èjirin* em Yorùbà, o que traduz como “muito molhado”, uma alusão à capacidade das folhas em reter água.

**OBSERVAÇÕES:** -





**Espécie:** *Cuscuta racemosa* Mart.

**Família:** Cuscutaceae

**Sinonímias:** *Cuscuta citricola* Schl.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **cipó-chumbo**

**Procedência:** 4 (P4)

**Uso(s):** banho para queda de cabelo; xarope para gripe

**Parte(s) utilizada(s):** planta inteira

**Preparo:** ferver a quantidade que cabe numa mão cheia em 1 litro d'água e passar no cabelo.

**Material examinado:** 30/06/99 (MMS 140) R-197193

**DESCRIÇÃO:** Trepadeira herbácea, anual, parasita usando haustórios; caule filiforme, áfila ou com folhas reduzidas a minúsculas escamas quase que imperceptíveis, totalmente amarela. Corimbo com flores hermafroditas e pediceladas. Flores miúdas; cálice verde campanulado, 4-5 lobado, glabro; corola de tubo curto com lobos ovados, amarelo-pálida; ovário súpero, obovado, glabro com estilete filiforme e estigma subpeltado. Cápsula globosa, bivalvar e glabra (Leitão *et al*, 1972).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** desde Minas Gerais até Rio Grando do Sul.

**Usos na medicina popular:** considerada adstringente, emoliente, estomáquica, purgativa, diurética, antiblenorrágica, útil nas afeções da garganta (amigdalite, laringites, inflamações), fígado, diarréias sangüíneas, abscessos internos e feridos recentes.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** associado aos orixás Obaluaiyê e Oxum, cipó-chumbo é usada na obrigação de feitura *Aborixá* e nas obrigações de *Obé (faca) Fari*.

**OBSERVAÇÕES:** Segundo Corrêa (1931) este nome é comum a todas as espécies de *Cuscuta*.



**Espécie:** *Cyperus rotundus* L.

**Família:** Cyperaceae

**Sinonímias:** *Cyperus olivaris* Targ.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** dandá-da-costa

**Procedência:** 2, 4 (P4)

**Uso(s):** banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** toda a parte aérea da planta

**Preparo:** normal para banho de descarrego

**Material examinado:** 24/03/99 (MMS 63)

**DESCRIÇÃO:** Erva perene com estolão comprido e delgado terminado por um tubérculo de 12 mm compr., 3-7 larg.; colmo solitário ou em agrupamento pequeno, ereto, 10-40 cm compr., raro 60 cm, 1-2 mm larg. Folhas poucas, na base, de forma linear e estreitando-se para o ápice acuminado; bainha marrom que termina em fibras paralelas. Antelas simples a compostas, 3-8 (-15) cm compr., 2-5 (-10) cm larg., 2 a 10; espigas curtas com raquis glabros com 3-10 espiguilhas, cada uma com 8 a 28, raro 40, flores; raquilha com alas alvas, persistentes. Estames 3, antera 1 mm compr.; ovário súpero com estilete alongado, 3 estigmas. Aquênio oblongo a oblongo-ovado, 3-angulado, 1,3 mm-1,5 mm compr., 0,5-0,7 mm larg. (Koyama, 1985).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** erva daninha cosmopolita encontrada nas regiões tropicais, subtropicais e temperadas do mundo inteiro.

**Usos na medicina popular:** também chamada de tiririca, é considerada estimulante, diurética, adstringente e vermífuga.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** algumas espécies de Cyperáceas são chamadas de tiririca, *Làbé làbé* em Yorùbù, o que refere à ação atribuída à espécie e significa “corta, corta ali”; é classificada como sendo do compartimento Foga, e do orixá Exú. Silva acrescenta que os tubérculos são torrados e usadas como pó de mudança.

**OBSERVAÇÕES:** -

**Espécie:** *Pteridium aquilinum* (L.) Kuhn

**Família:** Dennstaedtiaceae

var. *arachnoideum* (Kaulf.) Brade

**Sinonímias:** *Pteris aquilina* L.; *Pteris arachnoidea* Kaulf.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** samambaia-de-reumatismo

**Procedência:** 3, 4 (P2)

**Uso(s):** chá e/ou compressa para as dores de reumatismo

**Parte(s) utilizada(s):** ramo com folhas

**Preparo:** para o chá, ferver 200 gramas em 1 litro d'água e tomar como necessário; para fazer a compressa, esquentar alguns ramos numa chapa, ou ferver em água, enrolar num pano e pôr no local doído.

**Material examinado:** 09/06/99 (MMS 126) R-197203



**DESCRIÇÃO:** Planta terrestre. Rizoma longo-reptante com tricomas pluricelulares, sem escamas, ca. 30 cm diâm. Frondes momomorfas, medindo até 7 m compr., 80 cm larg., retas, podendo ser escandentes. Lâmina em geral coriácea, 2-4-pinado-pinatífida, pubescente a raramente lisa; pinas decompostas, largas; nervuras livres, simples ou furcadas. Soros marginais, geralmente contínuos e alongados, paráfises ausentes; esporângios dispostos entre um indúcio externo falso (porém funcional), formado pela margem modificada retroflexa, e outro indúcio interno verdadeiro (porém não funcional), membranoso, que pode ter vários graus de desenvolvimento (Siquiera, C.R. & Windisch, P.G., 1998).

#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** encontrada em todo o Brasil

**Usos na medicina popular:** a infusão das folhas é considerada anti-reumática, o decocto dos rizomas passa por acalmar a tosse dos tuberculosos em grau adiantado; os brotos são comidos, enquanto a planta adulta é tóxica.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** outras espécies de samambaias são citadas.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Davilla rugosa* Poir

**Família:** Dilleniaceae

**Sinonímias:** *Davilla brasiliiana* DC.; *D. pilosa* Miq.; *D. rugosa* St. Hilaire; *Hieronnia scabra* Vell.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **cipó-caboclo**

**Procedência:** 4, região serrana (P2)

**Uso(s) levantado(s) na feira:** banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** planta inteira, menos raiz

**Preparo:** normal

**Material examinado:** 14/04/99 (MMS 87) R-196637

**DESCRIÇÃO:** Liana, raminhos laterais novos-ferrugíneo-híspidos, ramos glabrescentes. Folhas oblongas, na base obtusas ou agudas e decurrentes para o pecíolo, ápice obtuso, às vezes curtamente acuminadas, na margem revolutas, podendo ser serrada ou inteira para o ápice, cartáceas ou subcoriáceas, ásperas, nervuras laterais de ambos os lados 8-15 (-18), nas entre nervuras com verrugas mínimas escabras. Inflorescência de 5-10 cm compr., ferrugíneo-vilosas. Flores pediceladas, sépalos suborbiculares, externamente ferrugíneo-seríceos, internamente glabros. Carpelo 1, glabro, com 1 óvulo, ca. 3 cm comprimento. Cápsula, com 1 semente (Kubitzki & Klein, 1971).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** encontrada em todo o Brasil

**Usos na medicina popular:** planta é reputada como sendo uma poderosa estimulante, depurativa, diurética, e afrodisíaca, além de ser empregada para combater a icterícia, orquite, linfangite, inchação das pernas, edema dos membros, úlceras crônicas e atônicas.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** pertence ao orixá Oxóssi, portanto servindo a todos os orixás por ele ser o senhor de todas as matas, para banho de descarrego.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Acalypha poiretii* Spreng

**Família:** Euphorbiaceae

**Sinonímias:** *Urtica hispida* Lour.; *Acalypha macrostachya* Poir.; *A. hispida* Willd.; *A. indica* Vell.; *A. rhombifolia* Baill.; *Ricinocarpus poiretii* O. Kuntze

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** **pareatária**

**Procedência:** 4, região serrana, áreas secas (P2)

**Uso(s):** chá ou tintura para problemas do rins

**Parte(s) utilizada(s):** flor, caule, folha

**Preparo:** para o chá ferver vários ramos em água e tomar 1 xícara 3 vezes ao dia; para a tintura - socar a planta ou bater no liquidificador, depois, pingar a tintura em água e tomar 3 vezes ao dia.

**Material examinado:** 05/05/99 (MMS 93) R-196500

**DESCRIÇÃO:** Erva anual, às vezes com a base um pouco lenhosa, 25-70 cm alt., em regra pouco ramosa; pubescente com pêlos deprimidos. Folhas membranáceas, 3-6 cm compr.; ovadas a oblongo-ovadas, ápice agudo, base inteira por vezes subcordada, trinervada e margem serrada; estípulas lineares, 1 mm compr. Espigas terminais e axilares, bissexuais, protogínicas. Flor feminina com 3 a 4 sépalas, ovadas a oblongas, bordo ciliado; ovário subgloboso, piloso, trilocular muricado na parte superior; estilete geralmente simples. Cápsula muricada; semente foveolada (Smith & Downs, 1988).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** MG, RJ, MT, BA, CE, PE, DF, e SC

**Usos na medicina popular:** chamada também de “chorão”, mas indicada como ornamental sem usos terapêuticos.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** a Urticácea *Parietária officinalis* é freqüentemente citada para este nome vulgar.



**Espécie:** *Euphorbia hirta* L.

**Família:** Euphorbiaceae

**Sinonímias:** *Chamaesyce hirta* Millsp.; *Euphorbia capitata* Lam.; *E. gemella* Lag.; *E. globulifera* HBK; *E. nodiflora* Steud.; *E. obliterated* Jacq.; *E. ophthalmica* Pers.; *E. procumbens* DC.; *E. verticillata* Vell. *E. pilulifera* sensu Jacq.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** erva-de-Santa-Luzia-da-terra

**Procedência:** 4 (P4)

**Uso(s):** banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** toda a parte aérea da planta

**Preparo:** normal para banho de descarrego

**Material examinado:** 24/03/99 (MMS 62) R-197238

**DESCRIÇÃO:** Erva anual, pouco ramosa, em regra ereta ou subereta. Caule até 60 cm compr., coberto de pêlos compridos, patentes, amarelos, de várias células; entrenós em regra 1-4 cm. Folhas opostas; estípulas triangulares, 1 mm, longo-estreitadas; pecíolos 1-2 mm; lâminas rombiforme-lanceoladas, agudas, fortemente assimétricas pela base, 1-4 cm compr., serrilhadas, cedo glabras no lado adaxial, disperso-pubescentes no abaxial. Ciátios muitos em capítulos densos, pedunculados; involúcro muito curto; glândulas longo-estipitadas, freq. cupuliformes, os apêndices brancos, glabros, inteiras, às vezes ausentes. Flores masculinas 2-8 em cada ciátio. Cápsula 1-1,5 mm, pubescente; sementes leve e grosseiramente arrugadas (Smith & Klein, 1988).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** todo o Brasil com a exceção possível da Bacia Amazônica; amplamente distribuída no mundo como erva daninha.

**Usos na medicina popular:** usada como purgativa drástica, resolutive e antisifilítica e contra a asma, enfizema, bronquite crônica, picada de cobra venenosa e hemorragias uterinas.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** associada ao orixá Exú e classificada no compartimento Fogo, é denominada *fálákàlà* em Yorúbá.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Euphorbia prostrata* Ait

**Família:** Euphorbiaceae

**Sinonímias:** *Euphorbia callitrichoides* HBK.; *E. perforata* Guss.; *E. tenella* HBK; *E. trichogona* Bertol. *chamaesyce* L. sensu Smith e Downs; *Chamaesyce prostrata* (Ait.) Small.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** quebra-pedra

**Procedência:** 2, 3 (P1)

**Uso(s):** chá para problemas dos rins

**Parte(s) utilizada(s):** a planta inteira aérea

**Preparo:** para fazer um chá, ferver a planta em água e tomar 1 copo três vezes ao dia

**Material examinado:** 19/05/99 (MMS 42b) R-197237

**DESCRIÇÃO:** Erva anual. Caule muito ramoso ou não, prostrado ou decumbente, 10-20 cm compr., entrenós ca. 1cm nos caules mas às vezes só 2 mm nos ramos.

Folhas opostas; estípulas triangular-asseoveladas, 0,5-1 mm, livres ou soldadas; lâminas largo-elípticas até obovaladas ou ovadas, assimétricas pela base, 3-11 mm compr., às vezes serrilhadas, em regra glabras no lado adaxial. Ciátios ínicais nos nós, mas usualmente nos raminhos laterais de nós curtos; involúcro obcônico, 0,6-0,9 mm diâm., os lóbulos triangular-obtusos, igualando as glândulas; glândulas transverso-elípticas ou oblongas, apêndices brancos, glabros. Flores masculinas 4 em cada ciátio. Cápsula 1-1,4 mm, agudo triangulada, pêlos persistentes sobre os ângulos; sementes leve e arrugadas (Smith & Klein, 1988).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** natural do novo mundo, introduzida no velho mundo; encontrada no Brasil nos estados de MG e RJ até Rio Grande do Sul.

**Usos na medicina popular:** embora Corrêa (1926-1978) não especifique os usos medicinais desta espécie, o povo usa as plantas popularmente denominadas “quebra-pedra” como diurético, sudorífico e antidiabético (Ribeiro, 1996)

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Barros dá *Phyllanthus niruri* Hit como “quebra-pedra”, ewé bojútónà em Yorúbá, associada ao orixá Ossayn e classificada no compartimento Terra.

**OBSERVAÇÕES:** nome vulgar “quebra-pedra” é freqüentemente associado à espécie *Phyllanthus niruri* Hit. (Euphorbiaceae).



**Espécie:** *Jatropha gossypifolia* L.

**Família:** Euphorbiaceae

**Sinonímias:** *Jatropha staphsagrifolia* Mill.; *J. gossypifolia* HBK.; *Adenoropium jacquinii* Pohl.; *A. elegans* Pohl.; *A. gossypifolium* Pohl.; *Jatropha elegans* Kl.; *J. jacquinii* Baill.; *J. gossypifolia* L. var. *staphsagrifolia* Mill

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** pião roxo, pinhão roxo

**Procedência:** 2, 3 (P4)

**Uso(s):** banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** folhas

**Preparo:** ferver em água, banhar o corpo das costas para baixo

**Material examinado:** 15/09/98 (MMS 15b) R-197235

**DESCRIÇÃO:** Arbusto 1-2 m alt. Folhas com pecíolos iguais às lâminas ou menores ornadas com sedas glanulosas, simples ou algo ramosas; lâminas com 3-5 lóbulos até o meio, glabras ou quase, denticuladas até inteiras. Inflorescências pseudopaniculadas com ramos alternos, multifloras; brácteas lineares, glanduloso-ciliadas, as ínfimas 8-12 mm compr. Sépalas ovado-lanceoladas, glanduloso-ciliadas, pubescentes, as masculinas 4-5 cm compr., as femininas 6-7 mm; pétalas 4-5 mm compr.; glabras, roxas; estames soldados acima do meio, anteras subglobosas; ovário pubescente. Cápsula subglobosa, 1 cm compr. sementes pouco pretomaculadas, carunculadas (Smith & Klein, 1988).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** ocorre do sul do México e Antilhas até o sul do Brasil, sendo encontrada em quase todos os estados brasileiros

**Usos na medicina popular:** empregada como purgativa, derivativa e para obstruções das vias abdominais, na hidropsia e no tratamento de reumatismo.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** associada ao orixá Oya e classificada no compartimento Ar, é denominada *olóbòtujè pupa olóbòtujè* em Yorúbá, o que significa “passaro pequeno abre e come”.

**OBSERVAÇÕES:** -





**Espécie:** *Rinicus communis* L.

**Família:** Euphorbiaceae

**Sinonímias:** -

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** mamona

**Procedência:** 2, 4 (P3)

**Uso(s):** varizes, machucado,

**Parte(s) utilizada(s):**

**Preparo:** folha esquentar 2 folhas e enrolar na perna

**Material examinado:** 09/06/99 (MMS 135) R-197236

**DESCRIÇÃO:** Erva ereta, bastante variável, até 2,5 m de alt., glabra. Folhas alternas, pecioladas, peltadas, palmado-divididas com 7 ou mais lóbulos serrilhados, 10-60 cm em diâm, estípulas grandes, soldadas, cobrindo o botão; pecíolo oco quando maduro. Racemos paniculados. Flores masculinas na base dos ramos e as femininas acima; disco ausente; cálice masculino 6-12 mm compr.; cálice feminino 4-8 mm, muitos estames; filamentos ramosos; ovário 3-locular, cada lóculo uni-ovulado. Cápsula espinhosa, elipsóideia, 15-25 mm compr. (Smith & Klein, 1988).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** natural da África, mas largamente naturalizada nas regiões tropicais e subtropicais do mundo, ocorrendo como ruderal ou daninha em muitas partes do Brasil

**Usos na medicina popular:** além do emprego para problemas dos rins mencionada por Corrêa, a planta é também usada como vermífuga, laxante e em aplicações tópicas para hemorróides, dor de dente, nevralgias, queimaduras e no umbiga de criança para expulsar vermes (Ribeiro, 1996).

**Usos em rituais afro-brasileiros:** segundo Barros é associada ao orixá Ossanyñ e classificada no compartimento Terra, com a denominação *ewé lárà* em Yorúbá, o que significa “folha do corpo”; Silva concorda sobre o nome, mas afirma que pertence ao orixá Exú para *ipade iyawo*, um tipo de oferecimento aos orixás, e ao orixá Obaluaiyê, sendo folha principal que deve ser incluída nas obrigações no *Ori*.

**Espécie:** *Pelargonium* sp.

**Família:** Geraniaceae

**Sinonímias:** -

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** malva branca, malva cheirosa

**Procedência:** 1, 2 (P1)

**Uso(s):** inflamação em geral, por exemplo, inflamação dos dentes, da vagina, da garganta

**Parte(s) utilizada(s):** folhas com ou sem flores

**Preparo:** para inflamação da barriga, fazer um chá fervendo as folhas em 1 litro de água e tomar 3 vezes ao dia; para dor de dente e da garganta fazer gargarejo de manhã; para inflamação da vagina, seguir os mesmos procedimentos mas usar o chá para fazer lavagem com seringa.

**Material examinado:** 02/12/98 (MMS 60) R-197202



**DESCRIÇÃO:** Plantas herbáceas, ou lenhosas na base, freq. suculentas e aromáticas. Folhas lobadas ou partidas, nervação palminérvea, margem crenada. Flores pentâmeras, hermafroditas, actinomorfas; cálice com nectário; estames 10, um pouco conatos na base, algumas sem anteras. Fruto esquizocárpicos, desfazendo-se em cinco mericarpos rostrados (Bailey, 1949).

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** a maioria das espécies deste gênero é da África do Sul, amplamente distribuída como ornamental, especialmente nas zonas temperadas.

**Usos na medicina popular:** as diversas espécies de *Pelargonium* servem na perfumaria, além de serem consideradas adstringentes.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Silva menciona uma espécie de *Pelargonium* como malva-cheirosa, usada para infecções da garganta e boca na forma de gargarejo ou bochecho, e associada ao orixá Nanã, com entrada obrigatória e, Obori, feitura de santo e banho de descarrego.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Aeollanthus suaveolens* Mart. ex Spreng.

**Família:** Lamiaceae

**Sinonímias:** -

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** macaçá, catinga de mulata

**Procedência:** 1, 2 (P2)

**Uso(s):** tintura para pingar no olho para cataratas;  
banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** folha e flor

**Preparo:** socar a planta e coar o líquido, pingar uma gota em cada olho, 3 vezes ao dia; normal para banho.

**Material examinado:** 12/05/99 (MMS 96) R-196493

**DESCRIÇÃO:** Erva rasteira, até 45 cm alt. cheirosa, caule sucultento, piloso, levemente rosado em partes. Folhas opostas, simples, inteiras, até 5,4 cm compr., ovado-elípticas, ápice agudo, base obtusa, glabras com pontuações visíveis na face abaxial. Espigas dispostas em racemos, até 2 cm. Flores lilás, hermafroditas; cálice gamossépalo; corola zigomorfa, bilabiada; estames epipétalos, alternos com os lobos da corola, ovário súpero, tetralobado, bicarpelar, bilocular, um óvulo em cada lóculo, estilete ginobásico, estigma bifido; disco hipógeno presente. Fruto esquizocarpo, tetraquênio, envolvido no cálice persistente (Corrêa, 1931; Vidal & Vidal, 1995).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** encontrada no Brasil ao menos na região sudeste

**Usos na medicina popular:** fornece um óleo essencial, ao qual são atribuídas as propriedades de estimulante difusivo e emenogogo, além da infusão ser considerada antiespasmódica.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Silva, sem especificar a espécie botânica, cita macaçá como sendo usada em banho de descarrego para os filhos de Oxum/Oyá.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Leonotis nepetaefolia* (L.) Br.

**Família:** Lamiaceae

**Sinonímias:** *Phlomis nepetaefolia* L.; *P. nepetifolia* L.; *Leonurus nepetaefolius* Mill.; *L. marrubiastrum* Lour.; *L. globosus* Moench; *Stachys mediterranea* Vell.; *Phlomis repetifolia* Roxb.; *Leonurus ovata* Boj.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** cordão-de-frade

**Procedência:** 3, 4 (P4)

**Uso(s):** banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** toda a parte aérea da planta

**Preparo:** normal para banho

**Material examinado:** 12/08/98 (MMS 14) R-196506

**DESCRIÇÃO:** Erva anual, ereta, pouco ramosa, 60-200 cm alt.; ramos obtuso-tetrágonos, sulcados e tênue-pubescentes. Folhas firme-membranáceas, pecioladas, limbo 5-8 cm compr., oval ou oblongo-deltóide, ápice obtuso ou levemente agudo, base subcordada ou truncada, margem crenada, ambas as faces cano-tomentosas ou quase glabras; pecíolo delgado, um tanto tomentoso, 5-8 cm compr. Glomérulos, 4-7 cm diâm quando maduros, com até 100 flores sésseis, brácteas oblongo-lanceoladas. Flores bracteoladas; cálice tubuloso, 20-25 mm compr., pubescente, 8 lacínios, o superior muito maior que os outros, agudo e espinhoso; corola vistosa, coccínea, 20-25 mm compr., o tubo com 1-3 anéis incompletos de pêlos densos internamente, lábio superior oblongo, 8-12 mm, lábio inferior trífido, 4-5 mm compr.; anteras divergentes; estilete glabro. Nucelas oblongas de 2,5-3 mm (Epling & Toledo, 1943).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** originária da África e Ásia tropicais distribuindo-se, na mesma latitude, pela América e algumas ilhas do Pacífico; no Brasil é encontrada em todos os estados litorâneos.

**Usos na medicina popular:** começou a ser usada popularmente com a chegada dos escravos, sendo empregada até hoje em banhos contra reumatismo, e também como antiasmática, antiespasmódica e febrífuga.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** apesar de não ter denominação em Yorùbà, esta espécie pertence ao orixá Obaluaiyê e é classificada no compartimento Terra.



**Espécie:** *Leonurus sibiricus* L.

**Família:** Lamiaceae

**Sinonímias:** *Leonurus tataricus* Burm.; *Stachys artemisiae* Lour.; *Panzeria multifida* Moench; *P. sibirica* Hort ex Steud.; *Leonurus mansguricus* Yabe

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** macaé, erva-de-macaé

**Procedência:** 4 (P1)

**Uso(s):** chá para problemas do fígado, dor de estômago

**Parte(s) utilizada(s):** folha e flor se tiver

**Preparo:** chá - para problemas do fígado, ferver alguns ramos de folhas e flores em 1 litro d'água e tomar 3 vezes ao dia; para dor de barriga, tomar o mesmo chá uma vez ao dia, em jejum.

**Material examinado:** 02/09/98 (MMS 48) R-196505

**DESCRIÇÃO:** Erva bi-anual, até 100 cm alt.; os ramos laterais curtos, obtuso-tetrâgonos e sulcados, glabros ou tênue-pubescentes. Folhas pecioladas, 2,5-10 cm compr., raro 15 cm, heterofílias, irregularmente lobadas. Glomérulos densos, de 8-25 flores, de 1-1,5 cm diâm., os inferiores distanciados de 2-4 cm, os superiores aproximados formando racemos ca. 30 cm compr. Flores com bractéolas numerosas, subuladas; cálice turbinado, 6-8 mm compr., 5-nervados, glabros ou pubescentes, lacínios lanceolado-subulados, quase iguais ou os 2 superiores maiores; corola rósea, 12-15 mm compr., externamente pubescente, internamente provido de um anel oblíquo de pêlos curtos; estames inseridos na fauce, glandulosos na base dos filamentos, com anteras divergentes; estilete glabro. Nucelas escuras (Epling & Toledo, 1943).

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** originária da Sibéria, é provalmente a Labiada de maior área de dispersão, vegetando bem em qualquer latitude e clima.

**Usos na medicina popular:** indicada nos tratamentos para asma, como antiespasmódica e para machucados e feridas.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** -





**Espécie:** *Mentha pulegium* L

**Família:** Lamiaceae

**Sinonímias:** *Pulegium vulgare* Mill.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **poejo**

**Procedência:** 1 (P1)

**Uso(s):** xarope ou chá para resfriado ou gripe

**Parte(s) utilizada(s):** folhas, com ou sem flor

**Preparo:** xarope- juntar a planta com as outras ervas desejadas numa panela, e em seguida colocar mel e alho, cozinhar durante cerca de 30 minutos e tomar morno, 3 vezes ao dia; pode guardar na geladeira e esquentar na hora de tomar; chá - ferver um galho por xícara de água durante 20 minutos e tomar segundo sua necessidade.

**Material examinado:** 12/08/98 (MMS 2) R-196501



**DESCRIÇÃO:** Erva estolonífera, ramos eretos ou prostrado-ascendentes, 10-50 cm alt. Folhas curto-pecioladas, ca. 1 cm compr., elípticas, margem inteira ou crenada, pubescentes ou glabrescentes, às vezes variegadas. Flores pequenas, azul-lilás, quase sésseis, em verticilos axilares, densiflores; cálice tubuloso, viloso, a fauce muito pilosa; corola com 5 dentes subiguais, os 2 inferiores mais estreitos, o lábio superior emarginado (Bailey, 1949).

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** encontrada na Europa, Ásia ocidental, África e nas Américas; cultivada no Brasil.

**Usos na medicina popular:** segundo Camargo (1998), poejo é usada como carminativo (contra gases intestinais), e contra vermes intestinais em crianças, enquanto Silva (1993) cita a espécie para doenças do aparelho respiratório, e para diarreia.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** o poejo é associado ao orixá Oxalá, e entra nas obrigações no *Ori*.

**OBSERVAÇÕES:** -

**Espécie:** *Mentha x piperita* L. var. *citrata* (Ehrh.) Briq.

**Família:** Lamiaceae

**Sinonímias:** -

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** alevante

**Procedência:** 1 (P2)

**Uso(s):** banho de descarrego, e em xarope expectorante com outras ervas.

**Parte(s) utilizada(s):** planta inteira

**Preparo:** normal para banho; xarope - juntar a planta com as outras ervas desejadas numa panela, e em seguida colocar mel e alho, cozinhar durante cerca de 30 minutos e tomar morno, 3 vezes ao dia; pode guardar na geladeira e esquentar na hora de tomar.

**Material examinado:** 02/06/99 (MMS 110) R-196491

**DESCRIÇÃO:** O gênero *Mentha* é caracterizado por ervas perenes, eretas ou prostratas, aromáticas. Folhas opostas, com glândulas. Espigas terminais, densas, cilíndricas, verticilos com muitas flores, axilares. Flores pequenas, cálice tubular ou campanulado, 10 nervuras; tubo glabro ou viloso, lacínios 5, subiguais; corola tubular, 4 lobada, os lobos mais ou menos irregulares, o lobo inferior maior, inteiro ou emarginado; estames 4, eretos, inclusos ou exsertos, filamentos glabros; disco simétrico, estilete exserto. Nucelas ovadas, lisas (Cramer, 1981).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** existem entre 25-30 espécies, poucas tropicais.

**Usos na medicina popular:** “alevante” é mencionada por Pio Corrêia como sendo a espécie *Mentha silvestris* L., com um óleo essencial que serve como anti-helmíntico; *Mentha piperita* L. é considerada útil como estimulante, anti-espasmódica, antissético, analgésico e contra gases e nas doenças brônquios.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Silva identifica a espécie *Mentha sylvestris* L. como “levante”, pertencendo ao orixá lansan para uso em *amassi*, banho de descarrego e *Abô*, enquanto o autor Varella (1973) cita *Mentha piperita* L. como “alevante”, pertencendo aos orixás Oxalá e Xangô.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Ocimum basilicum* L.

**Família:** Lamiaceae

**Sinonímias:** *Plectranthus barreliere* Spreng; *Basilicum citratum* Rumph.; *B. indicum* Rumph.; *Soladi tittava* Rheed; *O. album* L.; *O. americanum* Jacq.; *O. hispidum* Lam.; *O. minimum* Burm.; *O. basilicum* Burm. (ver Pereira, 1979)

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** manjericão

**Procedência:** 1, 2 (P4)

**Uso(s):** banho de descarrego para olho grande

**Parte(s) utilizada(s):** folha

**Preparo:** normal para banho de descarrego

**Material examinado:** 24/03/99 (MMS 69) R-196494

**DESCRIÇÃO:** Erva ereta ou ascendente, freq. muito ramificada, 40-60 cm alt.; ramos glabros na base e pubescente nas partes mais novas; pode se tornar purpúrea. Folhas 3-5 cm compr., 1-3 cm larg., ovadas a oblongas, ápice obtuso ou levemente acuminado, base acunhada ou arredondada, margem irregularmente denteada ou subinteira, limbo liso, às vezes bastante rugoso; pecíolo 1-3 cm compr. Tirsois terminais, simples ou ramificados, flores 6; pedicelos 2-3 mm compr., pilosos ou ciliados, brácteas pilosas ou ciliados. Cálice florífero 4-5 mm compr., lacínio superior arredondado, os laterais ovais, obtusos e mucronados, os inferiores eretos, o frutífero maior, reticulado-venoso; corola 7-8 mm compr., lábio inferior ca. 4 mm compr., lilás ou alvacenta; estames exsertos, os maiores com um apêndice dentiforme; estilete bífido. Nucelas lisas, ca. 2 mm compr. (Pereira, 1979).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** provavelmente originária da Índia, e atualmente ocorre espontaneamente em quase todas as regiões equatoriais e subtropicais do velho mundo, sua presença sendo menos marcante no continente americano.

**Usos na medicina popular:** passa por ser útil nos embarços gastricos e nas cólicas, para aftas, contra diarréia e como diurética e sudorífica.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Varella (1973), chamando a de “manjericão-de-folha-grande”, afirma que esta espécie pertence ao orixá Oxalá e é usada na preparação de *Abô*, nos banhos de purificação e na tiragem de *Vumbi* (em case de falecimento do pai ou mãe-de-santo).

**OBSERVAÇÕES:** -





**Espécie:** *Ocimum campechium* Mill.

**Família:** Lamiaceae

**Sinonímias:** -

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **alfavaca para tempero**

**Procedência:** 1, 2

**Uso(s):** para temperar comida

**Parte(s) utilizada(s):** folha

**Preparo:** secar, usar as folhas inteiras ou em pó na comida

**Material examinado:** 19/08/98 (MMS 30) R-196498

**DESCRIÇÃO:** Erva, 20-40 cm alt.; ramos subglabros.

Folhas 3,5-10 cm compr., 2,5-6 cm larg., ovadas, ápice agudo ou gradativamente acuminado, base arredondada ou acunhada, ambas as faces glabras ou levemente pubescentes na face inferior, glandulosa pontuadas, margem subserreada, face adaxial glabra, às vezes pilosa na base. Tirso de 7-10 cm compr., raque pubescente; flores dispostas em verticilastros, brácteas ovadas, acuminadas, sésseis, caducas. Cálice florífero 2,5-3 mm compr., pubescente, o frutífero com 7-8 mm compr., deflexo, glabro ou levemente piloso nas nervuras; estames glabros, tamanho da corola. Nucelas lisas, ca. 2 mm compr. (Pereira, 1979).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** amplamente distribuída em toda América do Sul

**Usos na medicina popular:** as alfavacas, nome associada a diversas espécies de *Ocimum*, são consideradas sudoríficas, estimulantes, e útil contra a tosse.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Silva identifica alfavaca como espécies do gênero *Ocimum*, associada ao orixá Nanã, e usada no Ketu nas obrigações de *Iku*.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Ocimum gratissimum* L.

**Família:** Lamiaceae

**Sinonímias:** *Cattu tirtava* Rheed.; *Ocimum arborescens* Boj ex Benth; *O. citronatum* Buch-Ham ex Wall.; *O. frutescens* Mill.; *O. petiolare* Lm.; *O. robustum* Heyne ex Hook; *O. sericeum* Medic.; *O. zeylanicum* Burm.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** **alfavaca, alfavaca do mato**

**Procedência:** 4 (P2, P4)

**Uso(s):** chá para gripe ou tumores; banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** flor e folha

**Preparo:** chá - ferver as folhas e flores em água, tomar quente ou morno; normal para banho

**Material examinado:** 19/08/98 (MMS 26) R-196497, (MMS 30a) R-196499



**DESCRIÇÃO:** Subarbusto 1-2 m alt., ramificado; ramos glabros nos ângulos e pubescente entre eles. Folhas 5-15 cm compr, 2-5 cm larg, ovadas a lanceoladas, ápice agudo, base cuneada, margens serradas ou crenadas, glabras ou pilosas ao longo das nervuras, ou pubescentes em ambas as faces, principalmente nas mais jovens; pecíolo longo, viloso. Tirsos ramificados, 8-15 cm compr., raque pubescente. Flores 6, dispostas em verticilastos; pedicelos 2-3 mm compr, pubescentes; cálice florífero 2-3 mm compr, pubescente, o frutífero maior, glabrescente, lacínio superior ovado ou arredondado, curtamente decurrente sobre o tubo, os inferiores concrecidos e mucronados; corola alva, maior que o cálice, pubescente; estames exsertos, os dois maiores com um apêndice dentiforme próximo à base. Estilete curtamente bifido, exserto (Pereira, 1979).

#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** embora originária da Índia e bastant difundida na Ásia e África, a espécie é muito comum no Brasil, principalmente nos estados litorâneos; é citada para o Suriname e a Colômbia, em cultivo, e para o Paraguai.

**Usos na medicina popular:** é planta aromática e considerada estimulante, carminativa, sudorífica, diurética, antitussígena, anticefalálgica, febrífuga e antiblenorrágica.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Silva identifica alfavaca como espécies do gênero *Ocimum*, associada ao orixá Nanã, e usada no Ketu nas obrigações de *Iku*.



**Espécie:** *Ocimum minimum* L.

**Família:** Lamiaceae

**Sinónímias:** *O. americanum*

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** manjeriçã-de-folha-miúda

**Procedência:** 1 (P2)

**Uso(s):** tempero

**Parte(s) utilizada(s):** planta inteira menos raíz

**Preparo:** colocar na comida ao gosto

**Material examinado:** 02/06/99 (MMS 109) R-196495

**DESCRIÇÃO:** Erva de ramos eretos, cheirosa, arroxeadada ou não. Folhas opostas, simples, 1-2 cm compr., margem inteira ou subserreada. Racemo terminal, espiciforme, bracteada, as brácteas pequenas e decíduas. Flores bilabiadas. Fruto mericárpico, 4 núcelas ovóides achatadas. (van den Berg, 1982)



#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** manjeriçã-de-folha-miúda, manjeriçã miúda

**Procedência:** 1 (P1)

**Uso(s):** banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** planta inteira menos raíz

**Preparo:** normal para banho de descarrego

**Material examinado:** 04/08/99 (MMS 151) R-196496

#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** cultivada

**Usos na medicina popular:** segundo Cruz (1965), é considerada estimulante, tônico, e útil como antiespasmódico e nas afecções gástricas.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** denominada *éfírín*

em Yorùbà, *O. minimum* é do compartimento Água e segundo Barros pertence ao orixá Oxum, seu nome significando “sopro molhado”, uma alusão à propriedade das folhas de reter água. Silva distingue entre o manjeriçã miúdo e o roxo, o primeiro sendo para obrigações no Ori para lansan, e o segundo sendo do Xangô para defumação contra corisco e as obrigações no Ori.



**Espécie:** *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng

**Família:** Lamiaceae

**Sinónimas:** *Coleus amboinicus* Lour.; *C. aromaticus* Benth.; *Plectranthus aromaticus* (Benth.) Roxb.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** hortelã pimenta

**Procedência:** 1 (P1)

**Uso(s):** xarope para resfriado ou gripe especialmente com catarro

**Parte(s) utilizada(s):** folhas

**Preparo:** xarope - cozinhar durante ca. 30 min. a planta com as outras ervas desejadas, e em seguida colocar mel e alho e tomar morno, 3 vezes ao dia; pode guardar na geladeira e esquentar na hora de tomar.

**Material examinado:** 12/08/98 (MMS 4) R-196492



**DESCRIÇÃO:** Subarbusto perene, aromático, até 1,2 m alt.; ramos lenhosos e glabros na base, quadrangulares e hirsutos, com glândulas sésseis entre os pêlos, nas partes superiores. Folhas ovadas a deltóides, ápice triangular, base truncada, face abaxial hirsuta, com glândulas, face abaxial tomentosa, carnosas. Pseudo-espigas terminais, até 5,1 cm compr., 12-20 flores; brácteas ovadas. Cálice campanulado, 1,5-2 mm compr., lábio superior ereto, 2 mm compr., ciliado; lobos laterais do lábio inferior curtos, os medianos até 1,25 mm compr.; corola 10-12 mm compr, rósea ou lilás, tubo 3-4 mm compr, externamente hirsuto, lábio superior ereto, até 4,5 mm, lábio inferior 5-6 mm compr.; filamentos exsertos; etilete glabro. Nucelas globosas (Cramer, 1981).

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** origem desconhecida, mas amplamente cultivada na região Indo-Malásia, e introduzida nas Américas.

**Usos na medicina popular:** outras espécies do gênero são mencionadas como excitantes, antiespasmódicas e útil contra dor de cabeça.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** geralmente identificadada como *Mentha piperita* L., a "hortelã-pimenta" pertence ao orixá Exu, sendo plantada em volta do seu assento e usada em banho de descarrego.

**OBSERVAÇÕES:** Segundo Cruz (1965) há cerca de 25 espécies encontradas com o nome vulgar de hortelã.



**Espécie:** *Plectranthus barbatus* Andr.

**Família:** Lamiaceae

**Sinonímias:** *Coleus barbatus* (Andr.) Benth.; *C. forskohlii* sensu Briq.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **boldo**

**Procedência:** 2 (P2)

**Uso(s):** chá ou sumo para problemas do fígado

**Parte(s) utilizada(s):** folha

**Preparo:** tirar do caule 10 folhas para 2 copos d'água ferver as folhas na água; para fazer o sumo, socar as folhas em água e tomar 1 copo 2 vezes ao dia.

**Material examinado:** 12/05/99 (MMS 95) R-196504

**DESCRIÇÃO:** Erva perene, caule decumbente ou ereto, carnoso, quadrangular e densamente hirsuto, pêlos uniserriados entre outros pêlos com glândulas. Folhas ovado-oblongas, ápice obtuso, base obtusa a oblíqua, margem crenada a serrada, 2,8-8,6 cm compr., 1,9-4,7 cm larg., pilosa em ambas as faces, carnosa; pecíolo 0,6-2,5 cm compr. Racemos simples, até 33 cm compr., 8-10 flores; pedúnculo hirsuto; brácteas ovado-lanceoladas, 1,3 mm compr., 1mm larg. Flores com cálice campanulado, tubo 1,5-2,5 mm compr., 10 nervuras; lábio superior ereto, ovado-orbicular, 3,5-4 mm compr, 2-3 mm larg; lábio inferior 4,5-5,5 mm compr., com lobos ovado-lanceolados, purpúreos no ápice; corola purpúreo-azul, ocasionalmente alvo-azulada, até 17 mm compr., tubo 6-8 mm compr, lábio superior ereto, até 2,3-5 mm, lábio inferior 8-10 mm compr., esparsamente hirsuto; estames de tamanhos variáveis; etilete glabro. Nucelas globosas, até 1,25 mm diâm., escuras (Cramer, 1981).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** Este d'África tropical, da Índia até Sri Lanka, cultivada na América do Sul.

**Usos na medicina popular:** outras espécies do gênero são mencionadas como excitantes, antiespasmódicas e útil contra dor de cabeça.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** o nome vulgar de "boldo" é associado a uma espécie de Monimiaceae, pertencendo ao orixá Oxalá e usada em diversas cerimônias.

**OBSERVAÇÕES:** também chamada de falso-boldo, ou boldo-brasileiro.

**Espécie:** *Rosmarinus officinalis* L.

**Família:** Lamiaceae

**Sinonímias:** *Rosmarinus angustifolius* Mill.; *R. latifolius* Mill.; *R. chilensis*; *R. communis* Noronha; *R. prostratus* F. Mazz.; *Salvia rosmarinus* Schleiden.; *Rosmarinus laxiflorus* Noé ex Lange; *R. rigidus* Jord & Fourr.



#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** alecrim

**Procedência:** 1 (P4)

**Uso(s):** chá para depressão ou pressão alta; tempero para comida; banho para melhorar o cabelo

**Parte(s) utilizada(s):** folha e flor se tiver

**Preparo:** chá - ferver as folhas de alguns ramos em 1 litro d'água; para depressão, tomar várias vezes ao dia; para pressão alta, tomar uma vez ao dia, em jejum; para melhorar o cabelo, passar o chá e deixar durante 15 minutos; como tempero, ao gosto.

**Material examinado:** 02/09/98 (MMS 49) R-196503

**DESCRIÇÃO:** Subarbusto perene ramoso, ca. 1 m alt., densamente folioso. Folhas sésseis, lineares, inteiras, coriáceas e persistentes, margens revolutas, face adaxial verde e pontuado-rugosa, face abaxial branco-tomentosa, 1-4 cm compr., 1-4 mm larg. Racemos axilares, com flores pouco numerosas. Flores curtamente pediceladas, com bractéolas pequenas, caducas; cálice tomentoso-pubescente, verde ou purpúreo, 5-7 mm compr.; corola com tubo um pouco exserto, cerúleo-purpúrea ou azulada, raras vezes rosada ou alva, o lobo mediano do lábio inferior côncavo e unguiculado, freq. com duas máculas longitudinais na face superior, os lobos laterais oblongos, inteiros reflexos ou torcidos e um pouco mais curtos que o lábio superior, este fracamente côncavo, inteiro ou emarginado (Epling & Toledo, 1943).

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** espontânea na região mediterrânea da Europa, na Ásia e África e cultivada em todo o mundo.

**Usos na medicina popular:** com uso documentado já no primeiro século a.C. por Plínio "o Velho", esta planta vem sendo considerada por possuir propriedades estomáquicas, estimulantes, antiespasmódicas, emenagogas e também sudoríficas.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** associada ao orixá Oxalá, a chamada "alecrim-da-horta" é usada para *amassi*, *obori*, feitura de santo, defumação e *Abô*.

**Espécie:** *Salvia officinalis* L.

**Família:** Lamiaceae

**Sinonímias:** *Salvia minor* Gars.; *S. aurita* Schult.; *S. chromatica* Hoffm. & G.; *S. papillosa* Hoffm. & G.; *S. grandiflora* Ten.; *S. hispanica* Etling ex Willk et Lange.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **sálvia, salva**

**Procedência:** 1 (P1)

**Uso(s):** tempero, banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** folha

**Preparo:** tempero ao gosto; normal para banho

**Material examinado:** 09/06/99 (MMS 122) R-196502

**DESCRIÇÃO:** Subarbusto perene 30-60 cm alt., com caules semilenhosos, albo-lanosos. Folhas inferiores longo-pecioladas, limbo 2,5-4,5 cm compr., 1,0-1,8 cm larg, de forma oblonga, ápice obtuso, base obtusa ou subcordada, a face adaxial finamente rugosa; folhas superiores sésseis, lanceoladas e mais agudas no ápice. Racemos densos e simples com 6-8 flores; brácteas sésseis, ovais. Flores de cálice campanulado, 15-nervado, 9-11 mm compr., lábio superior tridentado e o inferior bifido; corola pupúrea, azul ou alva, comprimento variavel, de regra o dobro ou triplo do cálice, tubo amplo e exserto, com anel interno de pêlos, lábios eretos, o superior e inferior com compr. igual do tubo, os laterais pequenos; estames com filamentos curtos, curvos, pilosos e dilatados na base, inseridos na fauce; estilete glabro, com ápice bifido. Nucelas lisas e escuras (Epling & Toledo, 1943).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** habita as regiões secas do sul da Europa, nas costas do Mediterrâneo; cultivada em muitas partes do mundo, inclusive no Brasil.

**Usos na medicina popular:** conhecida pelos menos desde os tempos gregos, a sálvia é considerada uma estimulante das funções do estômago, reguladora do sistema nervoso e da circulação, útil na cicatrização, como astringente nas molestias da boca, gengivas e garganta.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** associada aos orixás Ogun, Obaluaiyê e Oxalá, as folhas e flores são usadas em obrigações no *Orí*.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Persea americana*, Mill.

**Família:** Lauraceae

**Sinonímias:** *Laurus persea* L.; *Persea americana* C. Bauh.; *Laurus gratissima* Mayc.; *L. indica* Sieb.; *Persea praecox* Poepp.; *Persea gratissima* Gärtn.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **abacate**

**Procedência:** 2 (P3)

**Uso(s):** chá para rins

**Parte(s) utilizada(s):** folha

**Preparo:** cozinhar ca. 100 gramas de folha em 1 litro d'água e tomar 3 copos ao dia.

**Material examinado:** 28/07/99 (MMS 146) R-197194

**DESCRIÇÃO:** Árvore de 12-30 m alt.; râmulos algo angulosos, glabrescentes. Folhas alternas ou subopostas, subcoriáceas ou cartáceas, com forma muito variada, predominando a elítica, ovada ou obovada, de ápice acuminado ou agudo às vezes arredondado, base aguda ou arredondada, pubescentes, as maduras glabras na face adaxial e esparsamente pubérulas na face abaxial, penínervias com a nervura principal saliente na face abaxial. Panículas congestas, subterminais, 7-10 cm compr. Flores esverdeadas com perianto campanulado rotado, os segmentos de 5-7 cm compr.; estaminóides do quarto verticilo glanduliformes, estipitados, ovário subgloboso, ovóide, piloso. Baga ovóide piriforme, de 15-20 cm compr. e de 7-15 cm diâm; pericarpo carnoso e comestível; semente com cotilédones grandes de 4-5 cm compr. (van den Berg, 1982)



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** originária do México, atualmente cultivada em todos países tropicais da América e do mundo.

**Usos na medicina popular:** emprega-se como antianêmico, tônico reconstituente, diurético, eliminador de ácido úrico, para problemas do fígado e contra cálculos e areias renais, debilidade muscular e disenterias.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** -





**Espécie:** *Bauhinia blakeana* Dunn

**Família:** Leguminosae

**Sinónimas:** -

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** pata-de-vaca

**Procedência:** 3 (P1)

**Uso(s):** como chá para diabetes

**Parte(s) utilizada(s):** folhas

**Preparo:** ferver 100 gramas de folhas em 1 litro d'água durante 5 minutos, tomar meio copo do chá três vezes ao dia.

**Material examinado:** 15/09/98 (MMS 18) R-196638

**DESCRIÇÃO:** Árvore pequena, sem espinha, ramos glabrescentes. Folha bilobada, 2-5 cm compr, os lobos até um terço do compr., obtusos no ápice, base da folha cordada; margem inteira. Racemos axilares, laxiflores. Flores vistosas; cálice ca. 2,5 cm compr., espatiforme e pubescente; corola rósea, 6-8 cm diâm, 5 pétalas longo-obovadas; estames férteis 5; ovário unilocular com óvulos bisseriados. Legume bivalvar, oblongo, com sementes achatadas (Bailey, 1949).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** esta espécie é de origem incerta, provavelmente sendo uma híbrida de *B. variegata* x *B. purpurea*, e possivelmente criada em jardins chineses. Ela primeiro foi coletada num jardim no Hong Kong, depois cultivada na Malaysia, embora definitivamente não seja nativa desse país, e introduzida no Brasil na década 50 (Wit, 1954-1956).

**Usos na medicina popular:** as diversas espécies de *Bauhinia* chamadas de pata-de-vaca são consideradas eficazes para impedir o aparecimento de açúcar na urina, e portanto anti-diabéticas, além de serem utilizadas nas infecções urinárias, contra o reumatismo e como antisifilítico.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Barros não menciona nenhuma espécie de *Bauhinia*, enquanto Silva chama *B. forficata* Link de *Ewé Oxo mauu*, e associa com Ogum para banho de descarrego e *Abô*

**OBSERVAÇÕES:** -

**Espécie:** *Bauhinia radiata* Vell.

**Família:** Leguminosae

**Sinonímias:** -

**Nome(s) vulgar(es):** pata-de-vaca-rasteira

**Procedência:** 4 (P3)

**Uso(s):** chá para diabetes

**Parte(s) utilizada(s):** ramo com folhas

**Preparo:** para o chá, ferver alguns ramos em 1 litro d'água e tomar 3 ou mais vezes ao dia

**Material examinado:** 09/06/99 (MMS 128) R-196639

**DESCRIÇÃO:** arbusto escandente ou liana. Caule cinzento, subcilíndrico com gavinhas duplas; folha sempre bilobada 2,5-10,5 cm compr, 1,4-5,5 cm larg., face abaxial glaucescente, com pêlos esparsos, cartácea a subcoriácea, pecíolo 1,0-5,5 compr. Inflorescência paniculada ou com racemos axilares, com indumento ferrugíneo-tormentoso; flores perfumadas; cálice truncado, 5 nérveo; corola com pétalas iguais ou quase iguais, róseas as duas opostas ao estilete possuem 2 estrias de cor róseo-escuro, que são guias de nectar; ovário uniovulado, raramente com dois óvulos. Fruto fusiforme, um legume samaróide. (Vaz, 1993)



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** ocorre desde o estado de Pernambuco até o Rio de Janeiro, adentrando até Minas Gerais na fronteira com Bahia, já no bioma da Caatinga.

**Usos na medicina popular:** esta espécie de *Bauhinia* não é mencionada nas referências bibliográficas consultadas, mas conforme foi mencionada para *B. blakeana*, o gênero é comumente considerada antidiabético.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** ver a página da espécie *B. blakeana* Dunn.

**OBSERVAÇÕES:** quando no interior da floresta conservada, no Rio de Janeiro, são lianas robustas. As formas de rebrotamento e jovens apresentam hábito arbustivo, e como as folhas apicais, cor rosa. Esta espécie ocorre freqüentemente em associação com *B. microstachya*.



**Espécie:** *Cajanus cajan* (L.) Millsp.

**Família:** Leguminosae

**Sinonímias:** *Cajanus flavus* DC.; *Cyrtus cajanus* L.; *Cajanus cajan* (L.) Druce; *Cajanus indicus* Spreng

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **quando, quandú**

**Procedência:** 2 (P2)

**Uso(s):** chá e gargarejo antiinflamatório para abscesso, dor de dente; semente pode substituir feijão na comida; banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** folha e flor

**Preparo:** ferver alguns ramos em 1 litro d' água e tomar como chá ou fazer gargarejo; para comer, cozinhar semente igual feijão; normal para banho de descarrego

**Material examinado:** 12/05/99 (MMS 94a) R-196640, R-196641



**DESCRIÇÃO:** Arbusto 1-3 m alt. Ramos pubescentes, sulcados. Folhas alternas, compostas, pubescentes em ambas as faces; folíolos 3, até 5 cm compr., oblongo-elípticas de ápice agudo e base acunhada, com glândulas pequenas na superfície. Inflorescência em cacho, poucas flores. Flor vistosa de cálice verde, pubescente com 5 lacínios; corola com quilha vermelha, outra pétala amarela; estames 9; ovário súpero. Legume (Santos *et al.*, 1998).

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** considerada nativa da região leste da África, de onde teria se deslocada para a Índia e posteriormente introduzida pelos europeus na América Central e do Sul na época do descobrimento; aclimatada em diversos países tropicais.

**Usos na medicina popular:** usada para combater a clorose, as inflamações da garganta e dor de dente, tosse, úlceras, contra diabetes, aftas, abscessos da gengiva, como laxante, antiblenorrágico, emoliente e para lavagem de feridas.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** associada aos orixás Ogun e Oxum para feitura de santo, lavagem de contas e obrigações no *Ori*.

**OBSERVAÇÕES:** importante no Brasil como adubo verde e como planta forrageira



**Espécie:** *Desmodium adscendeus* (Sw.) DC.

**Família:** Leguminosae

**Sinonímias:** *Hedysarum caespitosum* Poir; *Desmodium racemiforme* DC.; *D. caespitosum* DC.; *D. obovatum* Vog.; *D. vogelli* Steud.; *D. thwaitosii* Bak.; *D. arinense* Hoene; *Meibomia adscendens* Kuntze

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** amor-do-campo

**Procedência:** 4 (P4)

**Uso(s):** chá para inflamação do útero e da vagina

**Parte(s) utilizada(s):** folha e flor

**Preparo:** ferver 100 g em 1 litro d' água e tomar 1 xícara 3 vezes ao dia, ou fazer lavagem com seringa.

**Material examinado:** 24/03/99 (MMS 67) R-196645, 196646

**DESCRIÇÃO:** Planta herbácea a subarborescente, no geral prostrada, ramosa, estolonífera; ramo estriado a sulcado; estípula estreito-triangular a lanceolada, caduca. Folhas trifoliadas, as basais não raro unifolioladas; pecíolo no geral cimbriforme, com pêlos retos; pecíololo denso piloso; raquis cilíndrica, pilosa, folíolos orbiculares, obcordiformes a elípticos, ápice arredondado a emarginado, base obtusa a cuneada, face adaxial glabrescente, abaxial pubescente a velutina. Inflorescência terminal 5-8 cm; flores geralmente inseridas aos pares, pediceladas; cálice esverdeado, 5-denteado, tubo puberulento ou glabro, 1-1,5 mm compr., lacínios arroxados; corola vermelha, rosa a lilás, raro branca, 3-6 mm compr.; ovário com ca. 3 óvulos; fruto lomento 2-4 articulado 1-3 cm compr., piloso (Azevedo, 1981).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** espécie largamente dispersa na Ásia, África e América, sendo encontrada no Brasil em AC, AM, BA, MT, MG, PA, PR, RJ, RS, SC, e SP.

**Usos na medicina popular:** citada como forragem sem uso medicinal.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** denominada *Ewé Ode* em Yorùbà, é associada ao orixá Oxóssi e classificada no compartimento Terra.

**OBSERVAÇÕES:** Na sua dissertação (1981) sobre o gênero *Desmodium*, Azevedo (1981) comenta que há 3 formas da espécie no Brasil e que talvez estas devam ser consideradas variedades. Ela acrescenta que esta espécie é importante na alimentação do gado.



**Espécie:** *Mimosa pudica* L.

**Família:** Leguminosae

**Sinonímias:** *Mimosa endymionis* M.; *M. hirsuta* Moc. et Sessé, *M. hispidula* HBK; *M. irritabilis* Presl.; *M. pudibunda* Willd.; *M. striato-stipula* Steud.; *M. unijuga* Duch et Walp.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **dormideira**

**Procedência:** 2, 3 (P4),

**Uso(s):** gargarejo para dor de dente; chá das folhas secas para insônia ou enchimento de travesseiro.

**Parte(s) utilizada(s):** folhas

**Preparo:** gargarejo - ferver folhas em água e fazer gargarejo segundo necessidade; chá - ferver 100 g de folhas em 1 litro d'água e tomar antes de dormir.

**Material examinado:** 12/08/98 (MMS 19) R-196642

**DESCRIÇÃO:** Erva perene, prostrada ascendente ou rasteira, raramente setuloso-hirsuta a subglabra. Acúleos recurvos de 5 mm compr. Folhas muito sensíveis, palmado-bipinadas com 4 pinas ou às vezes 2 pinas, estipuladas, pecioladas, ráquis quase nula ou de 2 mm compr. Folíolos em (7-) 11-25 pares, oblongo-lineares, obtusos, mucronados a agudos, herbáceos, verdes concolores; faces glabras, bordo sem nervura mas uma fileira de curtos cílios adpressos, estrigosas. Capítulos ovóides ou globosos; flores rosadas ou lilás, tetrâmeras, cálice inconspícuo; corola membranácea, de 1,5-2,2 mm compr. estames 4, ca. 5-6mm compr.; ovário glabro. Lomento (1-) 2-4 articulado, de 1-1,7 cm compr. por 3,5-4,5 mm de larg. Semente lenticular subcompressa de 3mm diâm., castanha. Cheiro forte e desagradável, gosto amargo (Leitão *et al*, 1982)



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** cosmopolita nos trópicos úmidos, especialmente América do Sul, África e Ásia; provavelmente nativa na América.

**Usos na medicina popular:** use-se em banho contra tumores reumáticos e leucorréia, e também como vermífuga, purgativa e anti-gonorréica.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** chamada em Yorùbà de *Àpéjè*, o que traduz como “sendo chamada, funciona”, esta espécie pertence ao orixá Oyo e ao compartimento Ar.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Senna occidentalis* (L.) Link

**Família:** Leguminosae

**Sinonímias:** *Cassia occidentalis* L.; *C. falcata* L.; *C. geminiflora* Schrank; *C. lineares* Michx.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** fedegoso

**Procedência:** 4, terra seca (P2)

**Uso(s):** chá para inflamação do útero

**Parte(s) utilizada(s):** folha e/ou flor

**Preparo:** ferver 100 gramas da planta, com ou sem flor, em água, deixar o chá esfriar e tomar 1 copo ao dia.

**Material examinado:** 07/04/99 (MMS 83) R-196643, R-196644

**DESCRIÇÃO:** Arbusto perene, 1,5-2 m alt.; caule ramificado, esverdeado, sulcado, glabro e levemente reluzente no ápice, Folhas alternas, compostas, paripinadas, com 4-6 pares de folíolos, com uma glândula saliente e marrom na base do pecíolo; folíolos opostos, peciolulados, ovado-lanceolados, de ápice agudo e base arredondada, com 6-7 cm compr. por 2,5-3 cm larg.; membranáceos, verdes e glabros. Racemo terminal, com numerosas flores curto-pediceladas. Cálice de 5 sépalas esverdeadas e glabrescentes; corola de 5 pétalas amareladas, glabras e com nervação esverdeada e saliente; estames férteis 6, 2 maiores, 4 menores, com 4 estaminóides atrofiados; ovário sésil e alvo-piloso, com estigma apical ligeiramente piloso no ápice. Fruto legume, marrom-claro, subcilíndrico, tardiamente deiscente, 10-14 cm compr., 0,6-0,7 cm larg. (Leitão *et al*, 1982).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** cosmopolita tropical espontânea em todo o Brasil, e freqüentemente cultivada nos países temperados.

**Usos na medicina popular:** passa por ser estomáquica, febrífuga, sudorífica, tônica, purgativa e é usada para desarranjos menstruais, problemas do fígado, asma, erisipela, inflamação dos olhos, reumatismo e enfermidades venéreas.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** segundo Silva esta espécie é denominada *Ewé Réré* em Yorùbà e pertence ao orixá Exu para sacudimento da case com outras folhas.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Struthanthus concinnus* Mart.

**Família:** Loranthaceae

**Sinonímias:** *Loranthus concinnus* Mart.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** erva-de-passarinho

**Procedência:** 3,4 (P4)

**Uso(s):** sumo para problemas do pulmão, tuberculoses

**Parte(s) utilizada(s):** folha

**Preparo:** bater no liquidificador com água, e tomar o sumo duas vezes ao dia, diariamente.

**Material examinado:** 19/08/98 (MMS 34a) R-197209, 19/05/99 (MMS 34b) R-197208

**DESCRIÇÃO:** Erva ereta ou semi-volúvel, com radículas apreensoras simples e curtas nos ramos longos e delgados; cresce sobre diversos árvores e arbustos. Folhas opostas, glabras, elípticas ou ovado-lanceoladas, ápice curto-agudo, base acunhada, a nervura principal levemente deprimida na face superior e saliente na inferior, nervuras laterais quase imperceptíveis. Espiga unitária ou binária, axilar; inflorescências masculinas 3-5 cm, dispostas em 4-6 pares de ternos; as femininas menores, 2-4 pares de ternos; raque quadrangular, bracteada. Flores verde-amareladas com cálice pequeno, 5-dentado quando jovem; corola com 5 pétalas espatulado-lineares; estames insertos um pouco abaixo do meio da corola, filetes assoveolados; ovário obovóide, disco hemisférico, estilete cilíndrico, estigma papiloso na altura das pétalas. Baga elipsóide, de 5-6 mm compr. (Ribeiro, 1996).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** freqüente nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e nas matas do Alto Amazonas.

**Usos na medicina popular:** muitas Lorantáceas recebem este nome vulgar, e de modo geral são utilizadas nos casos de contusões e doenças pulmonares (Ribeiro, 1996).

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Barros cita *S. brasiliensis* Lank como erva-de passarinho, chamada de *Àfòmón* em Yorùbà, o que significa parasita, pertencendo ao orixá Obaluaiyê e o compartimento Terra. Silva associa as espécies de *Struthanthus* ao orixá Ossanyin, para uso nas obrigações no *Ori* e no *Abô*.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Cuphea carthagenensis* (Jacq.) Macbride

**Família:** Lythraceae

**Sinonímias:** *Lythrum carthagenense* Jacq.; *Cuphea balsamina* Cam et Schl.; *Balsamona pinto* Vand.; *Cuphea prunelaefolia* St. Hill.; *Cuphea hyssopifolia* Gris.; *Parsonia pinto* (Vand.) Hell.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** sete-sangrias

**Procedência:** 3, 4 (P3, P4)

**Uso(s):** chá para dor de barriga, diarreia, circulação de sangue.

**Parte(s) utilizada(s):** folha e flores

**Preparo:** ferver ca. 150 g. das folhas (e flores se tiver) em 4 litros d'água; para dor de barriga tomar várias vezes ao dia, até a situação melhorar; para a circulação, tomar uma vez ao dia em jejum

**Material examinado:** 19/08/98 (MMS 25) R-196685



**DESCRIÇÃO:** Erva ou subarbusto. Caule glanduloso-pubescente e setoso, avermelhado. Folhas discolors elípticas a lanceoladas, ásperas, pubescentes, glandulosas; bractéolas ovado-acuminadas. Flores de cálice 4,5-6 mm, pouco pubescente; pétalas rosadas de aprox. 1,5 mm; estames insertos ca. do meio do tubo; disco pequeno lobulado; pistilo incluso; estilete curto, glabro; óvulos 4-8. Fruto ampuláceo; sementes 3-5, pardo-avermelhas, subcordadas, finamente foveoladas, ala estreita (Lourteig, 1969).

#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** cosmopolita - encontrada nas regiões tropicais, subtropicais e temperadas, adaptando-se a condições ecológicas muito variadas.

**Usos na medicina popular:** as diversas espécies de *Cuphea* citadas como "sete-sangrias" são consideradas sudoríficas, anti-sifilítica, diuréticas e útil nas febres intermitentes.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Barros dá o nome vulgar de "sete-sangrias" a *Cuphea balsamona* Cham. et Sch., associada ao orixá Obaluaiyê e classificada no compartimento Terra; é chamada de *àmù* em Yorúbá, o que significa "nós bebemos", uma alusão ao sabor e ao perfume. Silva cita uma espécie da família Symlocaceae.

**OBSERVAÇÕES:** -





**Espécie:** *Gossypium barbadense* L.

**Família:** Malvaceae

**Sinônimas:** *Gossypium peruvianum* Cav.; *G. vitifolium* Lam.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** algodão

**Procedência:** 2, 4

**Uso(s):** inflamação do útero e da vagina (P4)

**Parte(s) utilizada(s):** folha

**Preparo:** ferver em água e tomar o chá, e fazer lavagem com seringa

**Material examinado:** 24/03/99 (MMS 70) R-197254

**DESCRIÇÃO:** Arbusto muito ramoso, até 2 m alt., pubescente nos ramos jovens. Folhas pecioladas, alternas, palmatipartidas, com 3-5 segmentos curto-acuminados, base cordada ou subcordada; estípulas

eretas, linear lanceoladas. Invólucro de 5 ou mais brácteas. Flores axilares, solitárias; cálice denteado; corola amarela, tingida de purpúrea. Cápsula verde, 3-5 valvular, oblongo-acuminada, contendo 6 sementes ovadas, envolvido em algodão branco, 2-5 cm de compr. (Bailey, 1949).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** além de ser amplamente cultivada, é encontrada espontaneamente na América Tropical, África e Índia.

**Usos na medicina popular:** a parte aérea tem a reputação de ser emoliente, antidisentérica, útil contra tumores linfáticos, oftalmias, enxaquecas, picadas de inseto, otopatias e para diminuir a lactação das mulheres, e a raiz é considerada emenagoga, abortiva e paralizante das hemorragias internas.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** do compartimento Terra e o orixá Oxalá, o algodão tem a denominação em Yorùbà *Ewé òwú*, o que quer dizer “não germina”, uma alusão à germinação que não se dá sem a interferência de Oxalá. É usada no *Obori*, a feitura de qualquer santo, para forrar o assento *Okutá* e cobrir obrigações.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Sida carpinifolia* L.

**Família:** Malvaceae

**Sinonímias:** *Sida brasiliana* Salzm.; *S. acuta* Burm. *S. stipulata* Cav. *S. ulmifolia* Mill.; *S. acuta* var *carpinifolia* (L.) K. Schum

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** vassourinha-preta

**Procedência:** 4 (P2)

**Uso(s):** para evitar queda de cabelo, banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** folha com ou sem flor/fruto

**Preparo:** para cabelo há duas maneiras: socar somente as folhas, passar no cabelo e deixar uma hora, ou ferver a planta (incluindo flor ou fruto) em água e passar no cabelo, podendo deixar quanto tempo quiser; normal para banho de descarrego.

**Material examinado:** 02/09/98 (MMS 57) R-197255



**DESCRIÇÃO:** Subarbusto, sublenhoso, ereta, 30-50 cm alt. Caule e ramos cilíndricos, sinuosos, com pêlos estrelados e alvo-translúcidos de muitos raios; estípulas lineares e pilosas. Folhas alternas, oblongo-lanceoladas, ápice agudo, base arredondada e freq. oblíqua, margem irregularmente denteada, face adaxial verde, glabrescente, com minúsculos pêlos; abaxial mais pálida, reticulada, pêlos sobre as nervuras prominentes; pecíolo curto, cilíndrico, superiormente aplanado com pilosidade simples e estrelada. Inflorescência axilar, flores agregadas ou solitárias. Cálice verde, membranáceo, campanulado, 5-anguloso, com minúsculos pêlos; corola de 5 pétalas amarelas e tênua-membranáceas; anteras montecas; ovário súpero, um óvulo em cada carpelo. Carpídios bi-aristados (Leitão *et al*, 1972).

#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** encontrada em todo o Brasil.

**Usos na medicina popular:** empregada como emoliente, tônica, febrífuga, estomáquica e contra hemorróides.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** chamada vassourinha-do-botão ou *Òsé Pòtu* em Yorùbà, esta espécie é considerada símbolo do deus *Sònpòn Nón*, causador da varíola e é usada para varrer o quarto onde tem alguém doente para espantar o mal.

**OBSERVAÇÕES:** os informantes indicaram que esta espécie é mais potente que as outras espécies de vassoura.



**Espécie:** *Miconia albicans* (Sw.) Triana

**Família:** Melastomataceae

**Sinonímias:** *Melastoma albicans* Swartz; *M. holosericea* Vahl.; *M. velutina* Willdenow; *Miconia holosericea* DC.; *M. detergibilis* DC.; *Melastoma detergibile* Schr. et Mart ex. DC.; *Miconia heterochroa* Walpers.; *M. rufescens* Macf. ex Grisbach; *M. montana* Crueg ex Triana; *Melastoma nitidula* Pav. ex Triana

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** canela-de-velho, branda-fogo

**Procedência:** 4 (P4, P2)

**Uso(s):** banho de descarrego; reumatismo

**Parte(s) utilizada(s):** folhas

**Preparo:** normal para banho de descarrego; para banho para reumatismo, ferver 15 folhas em água durante 20 minutos e dar o banho.

**Material examinado:** 12/08/98 (MMS 10) R-197212

**DESCRIÇÃO:** Arbusto de 1,0-2,5 m alt., ramos densamente pilosos. Folhas simples, pecioladas, sem estípulas; lâmina elíptica-oblonga, às vezes obovada, 6-12 cm compr., 2,5-6,5 cm larg., glabra na face adaxial e densamente pilosa na face abaxial; 3-5 nervuras paralelas, e 2 nervuras paralelas ao bordo, inconspícuas. Inflorescência em panículas terminais, com ramos bi-trífidos secundiflores, 5-14 cm compr.; pedúnculo e raque pilosos. Flores 5-6 cm compr., alvas, sésseis, actinomorfas, andróginas, diclamídeas com bractéolas dorsalmente pilosas, persistentes no fruto; cálice campanulado, piloso; pétalas 5, livres, obovadas, levemente assimétricas; estames 10, subiguais, livres, exsertos; ovário semi-ínfero, trilocular com muitos óvulos. Baga roxo-escuro, com pêlos; sementes lisas (Baumgratz, 1980).

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** no Brasil ocorre nos estados de RR, AM, PI, CE, PE, AL, BA, ES, MG, RJ, SP, MT, e GO

**Usos na medicina popular:** -

**Usos em rituais afro-brasileiros:** embora esta espécie não tenha denominação em Yorùbà, o nome popular faz alusão ao orixá a quem é atribuída - o velho Omolú (Filho do Senhor), também chamado Obaluaê (Rei Dono da Terra). Segunda-feira é o dia da semana deste deus da varíola e das doenças contagiosas, cujo nome na África, perigoso ser pronunciado, é Xapanã. (Bastide, 1973; Verger 1997).





**Espécie:** *Miconia mirabilis* (Aubl.) L. Wms.

**Família:** Melastomataceae

**Sinonímias:** *Fothergilla mirabilis* Aubl.; *Tamonea guianensis* Aubl.; *Miconia guianensis* (Aubl.) Cogn.; *M. florida* Naud. ex Cogn.; *Diplochita florida* DC.; *Melastoma compressa* Vahl.; *M. fothergilla* Desr.; *M. fothergilla* var. *lanceolata* Bonpl.; *M. fothergilla* var. *ovalis* (Bonpl.) Cogn.; *Miconia guianensis* (Aubl.) Cogn. var. *ovalis* (Bonpl.) Cogn.; *Miconia guianensis* (Aubl.) Cogn. var. *vulgaris* (Bonpl.) Cogn.; *Melastoma tamonea* Sw.; *Chitonia fothergilla* D.; *Diplochita fothergilla* DC.; *Miconia fothergilla* Naud.; *Miconia holosericoa* Wawra.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** capa-de-Xangô

**Procedência:** 4 (P2, P4)

**Uso(s):** banho de descarrego; banho ou cataplasma para reumatismo

**Parte(s) utilizada(s):** folha e flor

**Preparo:** normal para banho de descarrego; para reumatismo, ferver vários ramos com folhas, com ou sem flor, em água, e aplicar as folhas ou passar a água no local.

**Material examinado:** 07/04/99 (MMS 82) R-197211



**DESCRIÇÃO:** Árvore de 7-18 m alt. Folhas pecioladas, lâmina 8-22 cm compr., 2,5-8 cm larg; elíptica ou estreitamente ovada ou oblonga; face adaxial glabriúscula, face abaxial revestida de pêlos estrelados; 5 nervuras paralelas, e mais 2 junto à margem, inconspícuas; fortemente aromáticas. Panículas terminais, 9-13 cm compr. Flores ca. 1 cm, alvas, sésseis, 2 bractéolas caducas; cálice campanulado, de glabriúsculo a glabro; pétalas glabras e com papilas de cutícula estriada no ápice; estames 10,5-16,0 mm compr.; ovário semi-ífero, geralmente trilocular, muitos óvulos. Baga subglobosa; sementes foveoladas (Baumgratz, 1982).

#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** distribuição do sul do México até os seguintes estados brasileiras: RR, AM, PA, BA, ES, MG, e RJ

**Usos na medicina popular:** -

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Embora as referências consultadas não mencionem esta espécie nem este nome, a denominação dada pelos informantes indica que a planta pertence ao Xangô, o orixá do fogo. (Silva, 1993; Verger, 1997).



**Espécie:** *Tibouchina granulosa* (Desr.) Cogn.

**Família:** Melastomataceae

**Sinónimias:** in A. Cogniaux, *Melastomataceae* - DC

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** quaresma ou erva-de-naná  
(quando usada em ritual)

**Procedência:** 4 (P2)

**Uso(s):** varizes, inchação, banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** folha

**Preparo:** normal para banho de descarrego; para varizes e inchação, ferver folhas em água e passar no local afetado.

**Material examinado:** 24/03/99 (MMS 74) R-197210

**DESCRIÇÃO:** Árvore com ramos tetragonos e alados com pêlos curtos, nós com um anel de pêlos longos. Folhas curto-pecioladas, oblongas ou oblongo-lanceoladas, base aguda ou subarredondada; ápice agudo, margem inteira, 5-nérveas, nervuras laterais confluentes na base; lado adaxial esparsamente estrigoso-adpresso, abaxial com pêlos longos sobre as nervuras, pêlos curtos no restante. Panículas terminais com muitas flores curto-pediceladas. Cálice pubescente, tubo campanulado, cilíndrico, lobos oblongos de ápice obtuso e margem ciliada; pétalas obovais, assimétricas, ápice truncado ou emarginado, margem longo-ciliada; estames quase iguais entre si, conectivo um pouco prolongado abaixo dos lóculos sem glândulas; estilete glabro ou pouco piloso na base; ovário oval com ápice curto setoso. Cápsula oval, levemente 5-sulcada; sementes cuneado-cocleares (Pereira, 1960/1961).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** ocorre no Brasil nos estados de RJ, SP, MG e BA

**Usos na medicina popular:** -

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Esta espécie pertence a Nanã, ou Nanã Buruku, uma divindade muito antiga, de vez em quando confundida ou unida com Obaluaê-Omolú, mas conhecida no Novo Mundo, tanto no Brasil como em Cuba, como a mãe de Obaluaê-Omolú. Por tanto, alguns põe o dia dela na segunda-feira, junto com o filho, e outros no sábado, ao lado das outras divindades das águas. A folha, flor e o galho entram em obrigações no Ori, e são usados em Abô. Nenhuma espécie deste gênero é mencionada por Verger como sendo usada na África. (Silva, 1993; Verger 1997).



**Espécie:** *Melia azedarach* L.

**Família:** Meliaceae

**Sinonímias:** *Melia augustifolia* Schum et Thonn.; *M. sempervirens* Sw.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** pára-raio, erva-de-xangô

**Procedência:** 3,4 (P4)

**Uso(s):** banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** flores, sementes, fruto, folha

**Preparo:** normal para banho de descarrego

**Material examinado:** 17/09/98 (MMS 16a) R-196686;  
28/07/99 (MMS 16b) R-196687

**DESCRIÇÃO:** Árvore de folhas pecioladas, bi a tripinadas; folíolos peciolulados, opostos, ovado-lanceolados, acuminados, margem serrada. Tirso axilar; botão lilás, ca. 1 cm. Flor aberta com pétalas brancas; tubo estaminal violáceo a roxo-escuro; anteras 8-12, introrsas. Drupa obovada, glabra, 2-3-locular; lóculos monospérmicos; sementes alongdas (Klein, 1984).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** planta originária da Ásia e frequentemente cultivada no Sul do Brasil

**Usos na medicina popular:** também conhecida como cinamomo, a árvore inteira é usada medicinalmente; os frutos são comestíveis e tidos como purgativos, eméticos, anti-helmínticos, as folhas como estomáquicas, febrífugas, eméticas, anti-histéricas, antidiarréicas, antisifilíticas, emenagogas, resolventes de tumores, vermífugas e insetífugas e são consideradas abortivas; a casca da raiz é descrita como sendo catártica, vomitiva, anti-helmíntica, tônica, estimulante e febrífuga, é utilizada para lavar feridas e combater doenças da pele de crianças.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** associada ao orixá Oya e classificada no compartimento Ar, é denominada *ewé mésân* em Yorúbá.

**OBSERVAÇÕES:** segundo Cruz (1965), o caroço é usado como amuleto e contas de rosário, tanto por católicos como por muçulmanos.

**Espécie:** *Siparuna guianensis* Aubl.

**Família:** Monimiaceae

**Sinonímias:** *Citriosma discolor* Poepp. et Endl.; *C. guianensis* (Aubl.) Tul.; *C. guianensis* var. *divergentifolia* (Pohl.) Tuhl.; *C. guianensis* var. *nuda* Tul.; *C. glabrescens* (Mart.) Tul.; *C. oblongifolium* Spreng.; *C. oligocarpa* Mart.; *Angelina divergentifolia* Pohl. ex. Tul.; *Siparuna panamensis* DC.; *S. discolor* DC.; *S. guianensis* var. *divergentifolia* (Pohl.) DC.; *S. guianensis* var. *glabrescens* (Mart. ex. Tul.) DC.; *S. guianensis* var. *longifolia* DC.; *S. sprucei* Rusby; *S. guianensis* var. *nitens* Kuntze.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** negra-mina, erva-da-vovó

**Procedência:** 4 (P1)

**Uso(s):** banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** folha

**Preparo:** normal para banho

**Material examinado:** 09/06/99 (MMS 117) R-197256



**DESCRIÇÃO:** Arvoreta de 4-6 m alt.; râmulos jovens rufo-tomentosos. Folhas ovato-oblongas ou elípticas, ápice curtamente acuminado, base arredondada, margem inteira, com 9-16 cm compr. e 3,5-7,5 cm larg., glanduloso-pontuada, face abaxial glabrescente ou piloso estrelado. Flores unissexuadas em inflorescências hermafroditas ou unissexuadas, as masculinas urceoladas com 4-6 lacínios denticulados e com 10-12 estames, flores femininas globoso-achatadas, com lacínios denticuladas, gineceu com estiletos em coluna. 10-12 carpídios semi-englobados pelo receptáculo expando (van den Berg, 1982).

#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** encontrada desde a Guiana até Mato Grosso do Norte e Mato Grosso do Sul.

**Usos na medicina popular:** utilizada como carminativo, contra dispepsia e espasmos dolorosos (van den Berg, 1982).

**Usos em rituais afro-brasileiros:** associada ao orixá Xangô, seu uso é obrigatório nas obrigações no *Ori*.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Solanum argenteum* Dun.

**Família:** Solanaceae

**Sinonímias:** *Solanum argenteum* var. *luridum* Stedtn; *S. argenteum* Dunn vel *bicolor* Auct.; *S. argenteum* var. *angustifolium* Sendtn; *S. argenteum* var. *parvifolium* Dun.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** erva-prata

**Procedência:** 4, região serrana (P2)

**Uso(s) levantado(s) na feira:** banho de descarrego para lansá

**Parte(s) utilizada(s):** as folhas

**Preparo:** normal para banho

**Material examinado:** 26/05/99 (MMS 107) R-197227

**DESCRIÇÃO:** Arbustos ou arvoretas de 2-5 m alt.; ramos foliosos, aplanados na porção terminal, indumento prateado. Folhas membranáceas a cartáceas, oblongo-lanceoladas a lanceoladas; ápice obtuso, agudo ou acuminado; base aguda decurrente ou um tanto assimétrica; margem subondulada ou sub-revoluta, 4-19,5 cm compr., 1,6-6,9 cm larg., lado abaxial lepidoto-adpresso, prateado. Racemos subsésseis, simples, escorpióides, 2-7 flores. Cálice campanulado a urceolado, lacínios irregulares; corola rotáceo-estrelada; ovário cônico, pubérulo. Baga oblonga, nigrescente, lacínios do cálice pouco desenvolvidos na região dorsal (Smith & Downs, 1966).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** Colômbia, em Bogotá e Santander, e Brasil nos estados de MG, RJ, SP e PR.

**Usos na medicina popular:** Pio Corrêa (1969) chama esta espécie e uma Brassicaceae de “herva-de-Santa-Bárbara”, somente mencionando uso medicinal como antiescorbútico e para curar feridas para esta última.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** -





**Espécie:** *Solanum cernuum* Vell.

**Família:** Solanaceae

**Sinonímias:** *Solanum jubatum* Dun.; *S. paleatum* Schott; *S. cernuum* Vell f. *longijubatum* Bitt.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** **panacéia**

**Procedência:** 2, 3 (P1)

**Uso(s):** chá, banho e lavagem para inflamação

**Parte(s) utilizada(s):** flor, caule, folha

**Preparo:** ferver vários ramos em água, o líquido resultante podendo ser usado como chá, neste caso deve ser tomado 3 vezes ao dia, ou como banho ou lavagem, neste caso deve ser aplicado 2 vezes ao dia.

**Material examinado:** 28/04/99 (MMS 91) R-197228

**DESCRIÇÃO:** arbusto ou arvoreta até 8 m. alt., aromático, ramos sólidos ou fistulosos, indumento amarelo ou pardacento-denso-paleáceo; páleas laminares, até 1,8 cm compr. Folhas largo-lanceoladas, obovado-lanceoladas, a oblongos, 10-60 cm compr., 10-25 cm larg., cartáceas, ápice agudo, base levemente assimétrica, margem sinuada; face adaxial glabra ou glabrescente, tricomas dentríticos ou estrelados; tricomas peltados ao longo das nervuras; pecíolo até 2-8 cm. Racemo dicotômico, pêndulo, congesto, robusto, 16-20 cm compr. e 3-5 raques florais. Flores 10-15 por raque; indumento dentrítico e paleáceo-laminar; corola campanulada-estrelada, até 2,5 cm compr. e ca. 5,0 cm diâm; anteras oblongas; ovário piloso, estilete reto ou quase. Baga globosa, glabra, indumento presente; testa estriada-pontuada (Freire, 1996)



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** encontrada no Brasil nos estados de MG, ES, RJ e SP

**Usos na medicina popular:** Freire (1989) menciona esta espécie como tônico; Silva cita como sendo diurética e útil contra sífilis, reumatismo e problemas da pele como eczema.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** pertence ao orixá Obaluaiyê para uso nas obrigações no Ori, Abô e banho de descarrego.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Solanum torvum* Sw..

**Família:** Solanaceae

**Sinonímias:** *Solanum ficifolium* sensu Abeywick; *S. ficifolium* Ortega; *S. stamonifolium* Lam.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** jurubeba

**Procedência:** 4 (P4)

**Uso(s):** chá ou infusão para problemas gerais do fígado, estômago, e sangue

**Parte(s) utilizada(s):** folha e flor

**Preparo:** chá - ferver alguns galhos em 1 litro d'água e tomar 2 vezes ao dia; infusão - pegar sementes já maduras e pôr no vinho ou na água; deixar descansar durante uma semana e tomar 2 vezes ao dia

**Material examinado:** 24/03/99 (MMS 65) R-197229

**DESCRIÇÃO:** Arbusto ou árvore 1-3 m alt. entrenós longos, ramos cilíndricos, esparsamente cobertos de espinhos curtos, os jovens densamente pilosos, às vezes ferrugíneos. Folhas pecioladas, 7-20 cm compr., 4-12 (-18) cm larg., forma muito variável, pinatilobadas, discolores, pubescente em ambas as faces; pecíolo 1,5-3 cm compr. Racemo nitidamente extra-axilar com muitas flores, brácteas ausentes. Corola alva, 2-2,5 mm diâm., externamente pubescente, internamente glabra, rotácea, lacínios 5, longo-acuminados; estames de anteras amarelas, poricidas. Baga globosa, 15 mm diâm.; sementes lisas (Hepper, 1987).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** comum nos trópicos de todo o mundo

**Usos na medicina popular:** as diversas espécies de *Solanum* que são chamadas de jurubeba são consideradas tônicas, desobstruentes do fígido e do baço e útil no tratamento de hepatite crônica e febres intermitentes.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** outras espécies de *Solanum* são citadas como jurubeba, ou *Igún* em Yorùbà, do orixá Ossanyñ e o compartimento Fogo.

**OBSERVAÇÕES:** -

**Espécie:** *Cecropia catarinensis* Cuatr.

**Família:** Moraceae

**Sinonímias:**

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** imbaúba

**Procedência:** 2 , quintal, ou 4 (P3)

**Uso(s) levantado(s) na feira:** chá para diabetes

**Parte(s) utilizada(s):** folha

**Preparo:** ferver 300 gramas em 1 litro d'água e tomar durante o dia

**Material examinado:** 16/06/99 (MMS 134) R-197216

**DESCRIÇÃO:** Árvore ou arbustivo de copa densa dando um aspecto hemisférico à distância; caule fistuloso com lenticelas muito esparsas. Folhas peltadas, profundamente 9-12 lobadas; lobos obovado-oblongos, ápices levemente agudos ou obtusos; lâmina com o lado adaxial verde-escuro mas com pontos claros, abaxial verde-claro, fosco, velutino; estípula terminal recoberta externamente de pilosidade lanuginosa alva. Amentilhos masculinos amarelo-creme, tomentosos, pediculados, em grupos de 6-17. Perigônio com 2 segmentos concrecidos; 2 estames férteis, livres, desiguais. Tomentos femininos grupados em 4-5, grisáceos (Carauta, 1996).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** ocorre nas regiões Sudeste e Sul do Brasil

**Usos na medicina popular:** as espécies de *Cecropia* são, de modo geral, consideradas eficazes contra tosses e asma.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Há uma *Cecropia* denominada *Àgbaó* em Yorùbà, classificada no compartimento Fogo e pertencendo ao orixá Xangô que é usada para sacudimento e *Obori*.

**OBSERVAÇÕES:** -

**Espécie:** *Cecropia* sp.

**Família:** Moraceae

**Sinonímias:** -

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** imbaúba-prata

**Procedência:** 4 (P2)

**Uso(s) levantado(s) na feira:** chá para diabetes

**Parte(s) utilizada(s):** folha

**Preparo:** ferver 300 gramas em 1 litro d'água e tomar durante o dia

**Material examinado:** 30/06/99 (MMS 142) R-197215

**DESCRIÇÃO:** Fanerófitos terrestres, caule fistuloso, geralmente com raízes-escora. Folhas alternas, simples, pecioladas, com estípulas; ocorre um grande dimorfismo entre as folhas do exemplar jovem para o adulto e das folhas basais para as apicais; peltadas com venação radial. Inflorescências em amentos protegidos por espata. Perigônio tubular; flor masculina com 2 estames; flor feminina com os segmentos do perigônio mais ou menos concrecidos e carnosos na maturação; ovário bicarpelar, unilocular, estigma em pincel ou peltado (Carauta, 1996).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** ocorrem cerca de 80 espécies na América tropical.

**Usos na medicina popular:** as espécies de *Cecropia* são, de modo geral, consideradas eficazes contra tosses e asma.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Há uma *Cecropia* denominada *Àgbaó* em Yorùbà, classificada no compartimento Fogo e pertencendo ao orixá Xangô que é usada para sacudimento e *Obori*.

**OBSERVAÇÕES:** segundo Dr. J. Pedro P. Carauta (via oral), especialista em Moráceas, tanto o número de lobos quanto a pilosidade que produz o efeito prateado na face abaxial varia nas folhas jovens de diversas espécies. Estes aspectos não ajudam, portanto, na determinação desta espécie. Suspeita-se que pelo menos três espécies de *Cecropia* podem ser encontradas na feira.



**Espécie:** *Morus alba* L

**Família:** Moraceae

**Sinonímias:** *Morus rubra* Lour.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** **amora**

**Procedência:** 3 (P4)

**Uso(s):** lavagem ou chá para inflamação, banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** folha, flor ou fruto imaturo se tiver

**Preparo:** ferver em água e tomar, ou passar no local; normal para banho de descarrego.

**Material examinado:** 26/08/98 (MMS 44) R-197217

**DESCRIÇÃO:** Árvore de caule simples, até 8-20 m alt., dióica, com as flores masculinas e femininas ordenadas em inflorescências diferentes. Folhas alternas, freq. irregularmente lobadas, glabrescentes ou pubescentes, 5-12 cm compr., ovadas a orbicular-ovadas, ápice agudo a acuminado, base semi-truncada a subcordada, freq. oblíquas, margem irregularmente serrada ou inteira, folhas novas dobradas em espiral; estípulas intrapeciolares. Amentos densos. Flores 4-partidas; as masculinas com 3-5 estames infletidos no botão floral; as femininas com ovário sésil, estilete bi-partido, com óvulo pêndulo. Polidrupa pedunculada, branco ou rósea, doce (Bailey, 1949).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** originária da China e cultivada em todos os estados brasileiros.

**Usos na medicina popular:** o suco das folhas é adstringente e passa por febrífugo; a casca é amarga, purgativa e vermífuga

**Usos em rituais afro-brasileiros:** sem fazer distinção entre *M. alba* e *M. negra*, Silva afirma que a amoreira é associada ao orixá Exu, mas sem uso específico e também que entra nas obrigações para o orixá Babá Egun.

**OBSERVAÇÕES:** -

**Espécie:** *Sorocea* sp. St. Hill

**Família:** Moraceae

**Sinonímias:** -

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **espinheira-santa**

**Procedência:** 1, 4 (P4)

**Uso(s):** (ver Observações) chá para inflamação do fígado, apendicite, gastrite; todos os problemas, especialmente os internos.

**Parte(s) utilizada(s):** folha, fruto se tiver

**Preparo:** chá - ferver 11 folhas em 1 litro de água, tomar uma xícara 5-6 vezes por dia

**Material examinado:** 19/08/98 (MMS 36a) R-197219  
09/08/99 (MMS 36b) R-197218



**DESCRIÇÃO:** Arbusto ou árvores dióicos. Folhas dísticas, inteiras, denticuladas ou com os dentes reduzidos a espinhos; estípulas axilares, geminadas. Inflorescência espiga ou em recemos, receptáculos masculino e feminino iguais ou quase iguais entre si, com brácteas peltadas. Flores pediceladas, tetrâmeras, isostêmones; a masculina monoclamídea, estames 4; a feminina com pedicelo carnoso, perigônio tubuloso, cônico ou urceolado; ovário ínfero a semi-ínfero, com uma loja e um óvulo; estilete bifurcado. Baga (Carauta, 1996).

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** ocorrem 18 espécies na América tropical

**Usos na medicina popular:** o látex de uma espécie de *Sorocea* é usado como supurativo, os frutos da mesma empregados num gargarejo contra feridas da garganta.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** sem especificar a espécie, Silva associa “espinheira-santa” ao orixá Oxalá para banho de descarrego; Varella (1973) acrescenta uma associação com Obaluaiê e seu emprego para limpeza dos filhos dos santos.

**OBSERVAÇÕES:** esta espécie é considerada uma panacéia pelos ervatários como se fosse a *Maytenus ilicifolia* Mart, (Celastraceae), a espinheira-santa verdadeira, mas os testes iniciais indicam que é tóxica.

**Espécie:** *Eucalyptus* sp.

**Família:** Myrtaceae

**Sinonímias:** -

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **eucalipto**

**Procedência:** 4 (P4)

**Uso(s):** xarope para tosse; nebulização para bronquite; infusão em álcool para reumatismo

**Parte(s) utilizada(s):** folha, ou folha e caule

**Preparo:** para xarope segue procedimento normal usando 10 folhas, e tomar 3 vezes ao dia; para nebulização pôr 2 folhas em água fervendo e inspirar a fumaça; para infusão pôr cerca de 300 gramas em 1 litro d'álcool, deixar 1 semana e passar no local afetado.

**Material examinado:** 28/07/99 (MMS 147) R-197253



**DESCRIÇÃO:** Árvore com poucas ramificações, caule cilíndrica com perda de casca característica; ramos cilíndricos, glabros. Folhas alternas espiraladas, inteiras, peninérveas, heterofília demonstrada entre as jovens e adultas, lanceoladas, glabras. Umbelas ou capítulos axilares, raro flor solitária. Flores pecioladas, actinomorfas, aclamídeas e hermafroditas; estames muitos, em séries, geralmente livres; ovário com 3-6 lóculos, óvulos numerosos em cada um. Cápsula totalmente ou parcialmente dentro do tubo do cálice, deiscente no ápice por 3-6 valvas (Bailey, 1949).

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** origem de Austrália e Tasmânia, cultivada em diversas regiões de todo o mundo.

**Usos na medicina popular:** tem emprego topicamente para a cura de chagas, úlceras e outras enfermidades dos tecidos e da pele, e também internamente para resfriados, afecções respiratórias, do fígado, da garganta e do tubo digestivo, além de ser considerada útil contra a malária, e diabétes.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** duas espécies de *Eucalyptus* são associadas aos orixá Ogun e Oxalá, para tirada de *Vumbi*, obrigações no *Ori*, *Abô* e banho de descarrego, uma destas também relacionada ao orixá Xangô para obrigações no *Ori*.

**OBSERVAÇÕES:** -

**Espécie:** *Eugenia aff brasiliensis* Lam.

**Família:** Myrtaceae

**Sinonímias:** -

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** abajerú , abagerú, guajerú

**Procedência:** 3, 4 encontrada em região serrana e beira de praia (P3)

**Uso(s):** chá para diabetes

**Parte(s) utilizada(s):** folhas

**Preparo:** para o chá, ferver 8-10 folhas em 1 litro d'água e tomar 5-6 vezes ao dia

**Material examinado:** 09/06/99 (MMS 129) R-197250



**DESCRIÇÃO:** Árvores ou arbustos. Folhas variáveis. Flores solitárias ou em glomérulos axilares, com o hipânquio prolongado acima do ovário, ou dispostas em racemos “stenocalyx”;

cálice 4-5 lobos, tubo não se estendendo além do ovário; estames numerosos, as anteras com deiscência longitudinal, ovário com 2-3 lóculos, três a mais óvulos agrupados nos ângulos internos dos lóculos do ovário. Baga. Embrião eugenióide (Bailey, 1949).

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** cerca de 600 espécies nos trópicos

**Usos na medicina popular:** muitas espécies de *Eugenia* tem usos medicinais, geralmente sendo consideradas adstringentes.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** “abajerú” é comumente identificada na literatura como uma Chrysobalanaceae, anteriormente Rosaceae (Corrêa, 1926).





**Espécie:** *Eugenia uniflora* L.

**Família:** Myrtaceae

**Sinonímias:** *Eugenia micheli* Lam.; *Stenocalyx micheli* (Lam.) Berg; *S. brunneus* Berg; *S. affinis* Berg; *S. strigosus* Berg; *S. impunctatus* Berg; *S. lucidus* Berg; *S. dasyblastus* Berg; *S. glaber* Berg; *Eugenia costata* Camb; *Myrtus brasiliiana* L.; *Plinia rubra* L.; *P. pedunculata* L.; *Eugenia indica* Micheli.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** pitanga

**Procedência:** 2,4 (P2)

**Uso(s):** chá para febre, ou xarope expectorante, feito geralmente junto com flor de laranja

**Parte(s) utilizada(s):** folha

**Preparo:** chá - ferver 10 folhas em meio litro d'água e tomar meia xícara 3 vezes ao dia; xarope - esquentar açúcar e 20 folhas numa panela, acrescentando outras plantas para outros sintômas, e tomar uma colher de sopa 3 vezes ao dia

**Material examinado:** 30/06/99 (MMS 114a) R-197251; 11/08/99 (MMS 114b) R-197252



**DESCRIÇÃO:** Arbusto ou árvore pequena, 3-12 m alt., geralmente glabra ou com raminhos pubérulos. Folhas jovens membranáceas, adultas cartáceas, pecioladas, ovadas ou ovado-oblongas, 2,5-7 cm compr., com glândulas translúcidas. Flores brancas, hermafroditas, actinomorfas, o receptáculo muito desenvolvido, diclamídeas, tetrâmeras; androceu polistêmone formado por estames com anteras basifixas e indeiscência rimosa; gineceu com ovário ínfero, bilocular, multiovulado, de placentação axilar, estilete e estigma simples. Baga 1,5-2,5 cm diâm., costado, com a polpa avermelhada quando maduro (Neves & Donato, 1989).

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** desde Minas Gerais até a metade norte do Uruguai, e desde a Mesopotâmia argentina até as regiões chaquênicas (Legrand & Klein, 1969).

**Usos na medicina popular:** As folhas são consideradas antirreumáticas, tônicas, excitantes e febrífugas, e o refresco da fruto como calmante (Neves & Donato, 1989, citando outros autores)

**Usos em rituais afro-brasileiros:** chamada "itã" em Yorùbà, segundo Barros pertence ao orixá Ossanyñ e é classificada no compartimento Terra, enquanto Varella (1973) e Silva a associa ao orixá Oxóssi para defumação, junto com canela, cravo, café e açúcar para melhorar as finanças.

**Espécie:** *Psidium guajava* L

**Família:** Myrtaceae

**Sinonímias:** *Psidium pyrifera* L.; *P. guayava* Raddi., *P. pumilum* Vahl. *P. sapidissimum* Jacq.; *P. pyrifera* L.; *P. vulgare* Rich.; *P. pomiferum* L.; *Guayava pyrifera* Gärtn.



#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **goiabeira**

**Procedência:** 4 (P2)

**Uso(s):** chá para problemas de intestino

**Parte(s) utilizada(s):** folhas

**Preparo:** ferver 200 gramas em 1 litro d'água e tomar uma xícara 3 vezes ao dia.

**Material examinado:** 30/06/99 (MMS 144) R-197248

**DESCRIÇÃO:** Arbusto ou pequena árvore, às vezes 8 m alt., geralmente menor; ramos jovens quase sempre tetrâgonos e pubescentes, casca escamosa avermelhada. Folhas opostas discolores, curtamente pecioladas, oblongo-elípticas a ovais, 4-11,5 cm compr., penínérveas, face adaxial glabra ou ligeiramente pubescente, face abaxial pubescente, com pontuações glandulosas, saliente-nervada. Pedúnculos 1-3 flores, axilares. Cálice gamossépalo e membranoso, 4-5 lobado; pétalas alvas, ca. 2,3 cm diâm.; estames mesmo compr. que as pétalas; ovário plurilocular. Baga amarela e aroma forte, contendo polpa branco, amarelo ou rósea envolvendo as sementes (Legrand & Klein 1977).

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** encontrada em toda a América tropical e subtropical.

**Usos na medicina popular:** usa-se como antidiarréico, na leucorréia, contra afecções do estômago, do sangue e da pele.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Barros denomina esta espécie como *àtòri* em Yorùbà, e declara que pertence ao orixá Ogun e ao compartimento Terra, enquanto Silva chama de *Guafa*, *Guroba* ou *Gurofa*, e associa ao orixá Oxóssi para uso em oferenda de *Eránkó* ou qualquer obrigação de *Ori*.

**OBSERVAÇÕES:** -

**Espécie:** *Syzygium cumini* (L.) Skeels

**Família:** Myrtaceae

**Sinonímias:** *Myrtus cumini* L.; *Eugenia jambolana* Lam.; *Eugenia glomerata* Sieb., *E. moorei* Müll., *Calyptantes caryophyllaefolia* DC., *C. jambolana* Willd., *Jambolifera pedunculata* Hoult., *Syzygium caryophyllifolium* DC., *Syzygium* <sup>□</sup> *jambolanum* (Lam.) DC

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** jambolão, jameirão

**Procedência:** 4 (P1)

**Uso(s):** chá para diabetes ou diarreia

**Parte(s) utilizada(s):** caule com folha

**Preparo:** ferver 2 galhos, com as folhas, em 1 litro d'água e tomar meio copo 3 vezes ao dia para diabetes, e 4 vezes ao dia para diarreia.

**Material examinado:** 09/06/99 (MMS 115) R-197249

**DESCRIÇÃO:** Árvore glabra, de 8-12 m de altura. Folhas desde lanceoladas ou lanceolado-oblongas até elípticas, de 7-18 cm compr., até 6 cm compr; nervura central amarela, impressa no lado adaxial; nervuras laterais numerosas. Inflorescência axial. Flor com cálice de limbo quase inteiro ou lobado; pétalas 4-5, arredondadas, em forma de capuz; estames indefinidos; livres; ovário bilocular, com poucos óvulos nos lóculos; fruto baga unilocular, roxo-escuro (Legrand & Klein, 1978)



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** originária da Ásia tropical, cultivada e espontânea em muitas regiões do mundo.

**Usos na medicina popular:** o pó da semente é empregado como antidiabético e misturado com óleo para passar em queimaduras.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** a maioria das plantas usada no tratamento de diabetes tem propriedades diuréticas, o que seria contra-indicado para casos de diarreia; porém, os ervatrários afirmam que a espécie serve para ambos os problemas.



**Espécie:** *Boerhavia diffusa* L

**Família:** Nyctaginaceae

**Sinonímias:** *Boerhavia coccinea* Mill; *B. caribbra* Jacq.; *B. paniculata* Rich.; *B. diffusa* var. *paniculata* (Rich.) Kuntze; *B. hirsuta* Willd.; *B. viscoa* Lag. et Rodr.; *B. decumbens* Vahl.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** erva-tostão, para-tudo

**Procedência:** 3 (P2)

**Uso(s):** chá / banho para varizes; chá para urina solta

**Parte(s) utilizada(s):** toda a planta

**Preparo:** chá e banho para varizes - ferver 200 gramas de folha e/ou flor em água, tomar uma xícara ou passar no local afetado; chá para urina solta - pegar 3 raízes ou 40 gramas, ferver em 1 litro d'água e tomar.

**Material examinado:** 28/04/99 (MMS 90) R-197246

**DESCRIÇÃO:** Planta bianual ou perene, herbácea e prostrada. Caule 1-1,5 m compr., esverdeado ou variavelmente pigmentado de antocianina, glabro no ápice e translúcido-piloso na base. Folhas simples, opostas, pecioladas, membranáceas, ovaladas, discolores; ápice obtuso; base arredondada ou subcordada; margem ondulada ou levemente crenada; lado adaxial glabro, abaxial glabro ou com esparsos pêlos simples e alvo-translúcidos. Racemo terminal, bastante ramificado. Flores hermafroditas, menos de 1 cm compr., monoclamídeas; cálice de 5 sépalas curtas, avermelhadas no ápice; estames 3, avermelhados, anteras rimosas; ovário ínfero, revestido de pêlos glandulosos. Fruto oboval (Leitão *et al*, 1982)



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** distribuição pantropical, com presença nas Américas Central e do Sul; no Brasil ocorre na maior parte do território, com presença mais significativa na Região Nordeste

**Usos na medicina popular:** usada nas perturbações do fígado, contra icterícia e mordida de cobra, como diurética e desobstruente.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Barros associa-a ao orixá Xangô, do compartimento Fogo, com o nome *épitóniá* em Yorùbà, que significa "limite afiado da riqueza", enquanto para o Silva pertence ao orixá Ogun para banho de descarrego.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Mirabilis jalapa* L.

**Família:** Nyctaginaceae

**Sinonímias:** *Mirabilis oderata* L.; *Admirabilis peruana* Nieuwl.; *Mirabilis dichotoma* L.; *Jalapa dichotoma* (L.) Crantz; *Nyctago mirabilis* DC.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **folha-de-maravilha, maravilha**

**Procedência:** 2

**Uso(s):** pomada para furúnculo ou qualquer tipo de tumor

**Parte(s) utilizada(s):** flor e folha

**Preparo:** socar com azeite ou óleo e passar no local

**Material examinado:** 19/08/98 (MMS 29) R-197247

**DESCRIÇÃO:** Subarbusto anual ou bianual, ereto, ramificado, com 60-70 cm alt. Caule verde ou com pigmentação vermelho-violácea, geralmente glabro, os nós às vezes ligeiramente pubescentes. Folhas simples, opostas, membranáceas, pecioladas, glabras, discolores, ovaladas ou deltóides, ápice agudo; base arredondada ou subcordada; margem inteira, até 14 cm compr., 10 cm larg., mas geralmente menores. Racemos curtos, apicais, uma ou mais flores se abrem a um tempo; brácteas campanuladas, lacínios 5, esverdeados e caliciformes. Flor monoclamídea; cálice infundibuliforme com o tubo muito estreito, coloração variável, lacínios 5; estames 5, inclusos, de filetes longos e avermelhados; ovário súpero, glabro, verde-amarelado e reluzente; estilete longo, estigma apical e pouco desenvolvido. Fruto globoso (Leitão *et al.*, 1982)



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** Planta nativa no México e em outros países das Américas; levada para muitas regiões do mundo, como ornamental e ocorrendo hoje de forma livre; no Brasil tem ampla distribuição, ocorrendo em todas as regiões nas quais foi introduzida.

**Usos na medicina popular:** apreciada como emético-catártico, as folhas novas são consideradas comestíveis quando cozidas, a raiz purgativa, porém, venenosa e o fruto é usado para eliminar sardas e panos do rosto.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** citando o nome vulgar de “bonina” e o nome em Yorùbà de *èkelèyí*, que significa “aponta a mentira”, Barros declara que esta espécie pertence ao orixá Oya e do compartimento Ar, enquanto para Silva é do orixá lansan, para feitura de santo.



**Espécie:** *Averrhoa carambola* L.

**Família:** Oxalidaceae

**Sinonímias:** *Averrhoa carambola* L. var. *angustisepala* Progel; *Prunum stellatum* Rumph.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** carambola

**Procedência:** 4, mata

**Uso(s):** chá para diabetes

**Parte(s) utilizada(s):** as folhas

**Preparo:** ferver cerca de 300 gramas de folhas em 4 litros d'água, tomar 1 copo 4 vezes ao dia.

**Material examinado:** 26/05/99 (MMS 105) R-197220

**DESCRIÇÃO:** Árvore até 25 m alt, profusamente ramificada. Folhas imparipenadas, com 7-17 folíolos; folíolos alternos ou subopostos, discolores, de forma variável, assimétricos, ovados, os inferiores menores, 1,5-3 cm compr. Cimeiras pubescentes e glandulosas reunidas em racimos e estes em fascículos ou pseudopanículas; brácteas e bractéolas densamente pubescentes. Flores com pétalas violáceas, marginadas de branco, até 9 mm, com pêlos glandulosos na face interna; 10 estames, 5 compridos e férteis. Baga ovóideia, assimétrica, profundamente 5-lobada; semente com tegumento externo (Lourteig, 1983).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** encontrada no Brasil nos estados de AM, PE, RJ, MG, BA, SP, PR, e SC

**Usos na medicina popular:** além das flores e o fruto serem comestíveis, é reputada excitante do apetite, anti-disentérica, antiscorbútica e febrífuga.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Passiflora alata* Dryand

**Família:** Passifloraceae

**Sinonímias:** *Passiflora mauritiana* Du Pet.; *P. maliformis* Vell.; *P. tetradena* Vand.; *P. latifolia* DC.; *P. pyriformis* DC.; *P. brasiliiana* Desf.; *P. mascarensis* Presl.; *P. oviformis* M.; *P. alata* var. *brasiliiana* Mast.; *P. alata* var. *latifolia* Mast.; *P. alata* var. *mauritana* Mast.; *P. sarcosepala* B. Rodr

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** folha-de-maracujá

**Procedência:** 2 (P3)

**Uso(s):** chá calmante ou para baixar pressão

**Parte(s) utilizada(s):** folha

**Preparo:** ferver as folhas em água, tomar quente ou morno três vezes ao dia, todos os dias

**Material examinado:** 23/06/99 (MMS 138) R-197213

**DESCRIÇÃO:** Liana glabra, caule tetragonal, os ângulos alados, gavinhas simples. Folhas simples, inteiras, ovadas ou ovado-oblongas, membranáceas, peninérveas, de margem lisa ou finamente denticulada, 6-21,5 cm compr.; estípulas persistentes. Flores odoríferas, axilares, geralmente isoladas, pedunculos trígonos; brácteas foliáceas livres com até 3 cm compr. e 2,2 cm larg.; tubo calicinal curto-campanulado, sépalas carnosas, externamente verdes e face interna carmesim; pétalas oblongas, externamente brancas ou brancas-arroxeadas e internamente carmesins; coroa em 4 séries, as duas externas filamentosas, bandeados de branco e vinoso, as internas tuberculiformes. Fruto obovóide ou piriforme, glabro; amarelo quando maduro; 8-10 cm compr., 4-6 cm larg.;. Sementes cordado-oblongas, com 0,8 cm compr. e 0,55 cm larg., de testa lustrosa e reticulada (Sacco, 1980.).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** Peru; no Brasil ocorre nos estados de BA, MT, MG, RJ, SP, PR, e SC.

**Usos na medicina popular:** considerada anti-helmíntica, sedativa e hipnótica e eficaz nas excitações nervosas, histerismo, neurastenia e nas perturbações da menopausa; dizem-se também que provoca um sono natural, sem depressão nervosa.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** *P. macrocarpa* Roiz. é citada como maracujá, ou *kankinse* em Yorùbà, o que traduz como “folha que no azeda”, uma alusão ao sabor e ao perfume da planta, do compartimento Ar e associada ao orixá Oya.



**Espécie:** *Passiflora edulis* Sims

**Família:** Passifloraceae

**Sinonímias:** *Passiflora gratissima* St. Hill.; *P. pallidiflora* Bert.; *P. diaden* Vell.; *P. verrucifera* Lindl.; *P. middletonia* Pax.; *P. rigidula* Jacq.; *P. rubricaulis* Jacq.; *P. pomifera* M.; *P. edulis* var. *verrucifera* Mast.; *P. edulis* var. *pomifera* Mast.; *P. edulis* var. *rubricaulis* Mast.; *Passiflora picroderma* Barb. Rodr.; *P. iodocarpa* Barb. Rodr.; *P. vernicosa* Barb. Rodr.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** folha-de-maracujá

**Procedência:** 2 (P3)

**Uso(s):** chá calmante ou para baixar pressão

**Parte(s) utilizada(s):** folha

**Preparo:** ferver as folhas em água, tomar quente ou morno três vezes ao dia, todos os dias

**Material examinado:** 19/08/98 (MMS 32) R-197214

**DESCRIÇÃO:** Liana em geral glabra à exceção do ovário, raro inteiramente pilosa. Folhas simples, as jovens ocasionalmente inteiras ou bilobadas, as adultas trilobadas, glandular-serradas, trinervadas, com máximo de 12 cm na nervura mediana e 15 cm entre os ápices dos lobos laterais, pecíolos bi-glandulares; estípulas linear-subuladas, ca. 1 cm compr. Flores axilares, isoladas, até 7 cm diâm.; brácteas foliáceas, às vezes com glândulas; sépalas oblongas, aristadas, glandulosas na margem, externamente verdes e internamente alvas; pétalas subiguais às sépalas, obtusas, alvas; coroa em 4 ou 5 séries filamentosas, as externas alvas, purpúreos na base, as internas reduzidas. Fruto ovóide-globoso, 4-5 cm diâm.; sementes ovais (Sacco, 1980).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** nas Américas Central e do Sul; no Brasil ocorre nos estados de AM, PA, PB, AL, BA, MG, RJ, SP, PR, SC, e RS.

**Usos na medicina popular:** as folhas são tidas como desobstruentes, diuréticas e úteis contra as irritações do aparelho bronco-pulmonar, além de serem aplicadas topicamente nos hemorróides; raiz, folhas e sementes são consideradas anti-helmínticas.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** *P. macrocarpa* Roiz. é citada como maracujá, ou *kankinse* em Yorùbà, o que traduz como “folha que não azeda”, uma alusão ao sabor e ao perfume da planta, do compartimento Ar e associada ao orixá Oya.

**OBSERVAÇÕES:** os dados levantados da feira para esta espécie são iguais aos para *Passiflora alata*, a planta anterior, já que as duas não são diferenciadas pelos ervatários.





**Espécie:** *Petiveria alliacea* L.

**Família:** Phytolaccaceae

**Sinonímias:** *Petiveria octandra* L.; *P. feotida* Salisb.; *P. tetrandra* Gomez, *Mapa graveolens* Vell.; *P. alliacea* L. var *grandifolia* Moq.; *P. alliacea* L. var *octandra* Moq.; *P. ochroleuca* Moq.; *P. paraguayensis* Parodi.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** guiné

**Procedência:** 3, 4 (P4)

**Uso(s):** banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** flor e folha

**Preparo:** normal para banho - ferver as folhas e flores se tiver em água, passar no corpo

**Material examinado:** 19/08/98 (MMS 37) R-196688

**DESCRIÇÃO:** Subarbusto ereto, com ramos levemente esverdeados ou quase cor de ocre, pubescentes ou glabros. Folhas alternas, pecioladas; lâminas elípticas ovadas ou lanceoladas, a nervura mediana um pouco saliente, glabras ou esparsamente pubescentes, 4,5-16,5 cm compr.; estípulas muito estreitas. Racemo ereto, cilíndrico, 10-32 cm compr. Flores com bractéolas, uniperiantado, sépalas alvas ou róseas, de 2,4-4 mm compr. Fruto tubuloso, apresentando 4-6 ganchos recurvos no ápice (Santos e Flaster, 1967).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** ocorre como planta ruderal em todos os estados brasileiros

**Usos na medicina popular:** emprega-se as raízes, em decocto ou em pó, como antiespasmódico e abortivo, além de serem consideradas sudoríficas, diuréticas, anti-reumáticas e anti-venéreas.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** chamada de *ewé Ojúsàjú* em Yorùbà, significando “faz predileto”, nome que refere ao efeito desejado da planta ou orixá, segundo Barros esta espécie pertence ao orixá Ogun e é classificada no compartimento Terra; para Silva, “guiné-pipi” é do orixá Oxóssi e goza de grande prestígio em defumação e sacudimento, além de ser usada em obrigações no *Ori*, banho de descarrego e *Abô*.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Peperomia pellucida* HBK

**Família:** Piperaceae

**Sinonímias:** *Piper pellucidum* L.; *P. concinnum* Haw.; *Peperomia concinna* A.; *Micropiper pellucidum* Miq.; *Peperomia pellucida* var. *pygmaea* Willd.; *Peperomia pellucida* var. *minor* Miq.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** oriri-da-oxum

**Procedência:** 2, 3 (P1, P4)

**Uso(s):** chá para problemas de coração, diabetes; banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** toda parte aérea da planta

**Preparo:** chá - ferver 85 g de planta em 1 litro d' água e tomar 3 vezes ao dia; normal para banho.

normal para banho de descarrego

**Material examinado:** 12/08/98 (MMS 21) R-197131

**DESCRIÇÃO:** Erva terrestre, delicada, suculenta, com pontuações translúcidas; caule ereto, ramificado.

Folhas alternas, largo-ovadas; base cordada; ápice agudo; membranáceas; longo-pecioladas; nervação de 3 nervuras primárias, nervuras secundárias que formam ângulos de aprox. 90 graus, e terciárias que partem do ponto de divergência das primárias; pêlos glandulares capitados; bolsas secretores no mesofilo. Espigas terminais, axilares ou opositifolhas, 2-5 cm compr.; brácteas arredondadas, peltadas. Drupas elipsóides, longitudinalmente estriadas, com ápice pontuado e estigma apical. (Guimarães et al., 1984)

#### DADOS BIBIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** erva daninha comum com distribuição no Caribe e nos trópicos das Américas; encontrada nos estados brasileiros de AM, RR, AP, PA, CE, PE, BA, GO, MT, RJ, SP, e PR

**Usos na medicina popular:** empregada como diurético

**Usos em rituais afro-brasileiros:** conforme indica o nome, esta espécie é associada ao orixá Oxum; é classificada no compartimento Água, chamada de *ewè rinrin* em Yorùbà e usada para obrigações no *Ori*.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Piper arboreum* Aubl.

**Família:** Piperaceae

**Sinonímias:** *Piper macrophyllum* Sw.; *P. geniculatum* Sw.; *P. verrucosum* Sw.; *P. nitidum* Sw.; *P. nodulosum* Link.; *Steffensia xylopioides* Kunth.; *P. xylopioides* Kunth.; *Steffensia nitida* Kunth.; *S. geniculata* Kunth.; *P. secundum* Poepp.; *Steffensia? verrucosa* Kunth.; *S. luschnathiana* Kunth.; *Piper luschnathianum* Kunth.; *Artanthe lessertiana*; *A. xestophylla* Miq.; *A. xylopioides* Miq.; *A. geniculata* Miq.; *A. luschnathiana* Miq.; *A. verrucosa* Griseb.; *A. macrophylla* Griseb.; *Piper arboreum* Aubl. f. *geniculata* Fawc. & Rendl.; *P. laevibracteum* Trel.; *P. subnudispicum* Trel.; *P. tuberculatum* var. *alleni*.



#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** vence-demanda

**Procedência:** 4 (P1)

**Uso(s) levantado(s) na feira:** banha de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** folha

**Preparo:** normal para banho

**Material examinado:** 02/06/99 (MMS 113) R-197130

**DESCRIÇÃO:** Arbusto até 2 m alt. Ramo glabro. Folha com estípulas pouco evidentes; bainha desenvolvida ultrapassando o tamanho do pecíolo glabro; lâmina 15-25 cm compr., 5-7 cm larg., lanceolada; ápice acuminado, base assimétrica, subcordada, diferindo um lado em relação ao outro de 5-20mm no pecíolo; margem inteira; glabra em ambas as faces; nervuras secundárias 8-10 de cada lado, distribuídas ao longo da nervura primária. Espiga 10-15 cm compr., ereta; pedúnculo 5-20 mm compr; bráctea triangular subpeltada, franjada marginalmente; estames 4; estigmas sésseis. Drupa glabra, oblonga (Guimarães *et al.*, 1984).

#### DADOS BIBIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** encontrada no Caribe, no norte da América do Sul, e no Panamá.

**Usos na medicina popular:** diz-se que a raiz entra na confecção de curare e que também se emprega contra os seus efeitos, além da planta ser reputada tônica, estomáquico, sudorífica, diurética, febrífuga, fortificante, antiescorbútica e odontálgica.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** sem especificar a espécie botânica ou o orixá, Silva menciona “vence-demanda” para sacudimento e para uso em banho de descarrego.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Piper mollicomum* Kunth

**Família:** Piperaceae

**Sinonímias:** *Arthante mollicoma* Miq,

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **aperta-ruão**

**Procedência:** 4

**Uso(s):** banho para queda do cabelo; banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** folha e inflorescência

**Preparo:** ferver 3-5 ramos em 2 litros d'água e passar no cabelo; normal para banho de descarrego

**Material examinado:** 02/09/98 (MMS 51) R-196690

**DESCRIÇÃO:** Arbusto até 3 m alt. Ramo piloso. Folha com estípulas em forma de capuz, caduca, visível apenas nas folhas jovens; bainha evidente; pecíolo 8-13 mm compr., podendo chegar a 18 mm nas folhas mais velhas, piloso, vaginado na base; lâmina 13-17compr., 5-7,5 cm larg., ovado-elíptica, bulada quando adulta, dotada de glândulas; base assimétrica; ápice acuminado; margem ciliada; face adaxial subvelutina, subescabra; face abaxial velutina mais densa nas nervuras; nervuras secundárias 5-7 de cada lado, surgindo na metade inferior da lâmina. Espiga 9-11 cm compr. curvada; pedúnculo 10-20 mm compr., piloso; bráctea triangular subpeltada, densamente franjada marginalmente; estames 4; estigmas 3, sésseis. Drupa obovada, glabra (Carvalho-Okano & Alves, 1998).



#### **DADOS BIBIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** Venezuela, Colômbia, Panamá, Cuba e Brasil.

**Usos na medicina popular:** os frutos são considerados excitantes e estomáquicos e as raízes são usadas como desobstruentes.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Silva menciona uma Melastomatácea e outra espécie de *Piper* como aperta-ruão, associada ao orixá Xangô.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Pothomorphe umbellata* (L.) Miq

**Família:** Piperaceae

**Sinonímias:** *Piper umbellatum* L.; *P. peltatum* Ruiz y Pav.; *P. sidaefolium* Link & Otto; *Peperomia umbellata* Kunth; *P. sidaefolia* A.; *Lepianthes umbellatum* Raf.; *Heckeria umbellata* Kunth.; *H. sidaefolia* Kunth.; *Pothomorphe sidaefolia* Miq.; *P. sidaefolia* var *subglabrata* Miq.; *P. dombeyanum* C. DC.; *P. umbellatum* var *majus* C. DC.; *Piper subpeltatum* var. *sidaefolium* DC.; *Pothomorphe alleni* Trel.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** **pariparoba, caapeba,**

**Procedência:** 2 (P3)

**Uso(s):** cataplasma para dor nas pernas; chá para dor nos rins

**Parte(s) utilizada(s):** folha

**Preparo:** cataplasma - esquentar as folhas e enrolar na perna; chá - ferver 200 g de folha em 1 litro d'água, e tomar 3 vezes ao dia.

**Material examinado:** 16/06/99 (MMS 133) R-196689



**DESCRIÇÃO:** Arbusto 1-3 m alt., ramos florais estriados, pilosos ou puberulentos. Folhas longo-pecioladas, limbo arredondado-ovado ou reniforme, profusamente dotado de glândulas translúcidas, 14-24 cm compr., 17-25 cm larg., pêlos hispídeos no lado adaxial; 12-16 pares de nervuras palmatiformes providas de pêlos curtos nos dois lados; pecíolo vaginado-alado, puberulento, 11-22 cm compr. Umbela axilar de espigas, cada uma 6-9 cm compr.; bractéolas triangular-subpeltadas, glandulosas, marginalmente fimbriadas; pedúnculo com glândulas. Flores congestas; estames 2. Drupa glabra, 0,5-0,6 mm compr., obpiramidal-angulosa (Guimarães *et al.*, 1978).

#### DADOS BIBIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** originária da América, atualmente pan-tropical encontrada no Brasil nos estados de AM, CE, PE, AL, BA, MT, MG, RJ, SP, PR, e SC.

**Usos na medicina popular:** maceração para dor de dente, de barriga e contra a blenorragia, além de ser considerada antiescorbútica, diurética, detersiva e vermífuga.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Barros dá uma *Piper* como "capeba", enquanto Silva concorda com a espécie botânica aqui dada e o nome vulgar de "pariparoba", associada ao orixá Xangô mas para uso nas obrigações no *Ori* de todos os orixás.



**Espécie:** *Plantago major* L

**Família:** Plantaginaceae

**Sinonímias:** (ver Schmidt, J.A. 1978. Plantaginaea In Martius, Fl. Bras. 6(4): 167-176)

### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** **transais**

**Procedência:** 1(P2, P4)

**Uso(s):** para inflamação ou dor de dente, dor de garganta

**Parte(s) utilizada(s):** flor e folha

**Preparo:** chá - ferver as folhas, e flores se tiver, em água e tomar uma xícara quente ou morno; para gargarejo, usar o mesmo chá.

**Material examinado:** 19/08/98 (MMS 27) R-197270

**DESCRIÇÃO:** Erva perene; raízes adventícias, provenientes de um rizoma curto. Folhas de poucos até 50 cm compr., incluindo um pecíolo de ca. da metade do comprimento, de forma ovada, truncada ou obtusa na base, margem inteira, irregularmente dentada ou lobulada, glabra ou pilosa. Espiga com escapo mais comprido que as folhas; flores com 4 sépalas ca. 2 mm compr.; corola com 4 lobos de 1 mm compr.; ovário súpero. Fruto com 6 a muitos sementes (Rahn, 1966).



### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** amplamente cultivada

**Usos na medicina popular:** Pio Corrêa menciona propriedades antihemorróides, mas de modo geral as espécies do gênero *Plantago* são usadas para gripe, febre, ulcerações da garganta e da língua, dor de dente, otite, inflamações da vista, hemorragias, feridas, picadas venenosas e tumores (Ribeiro, 1996).

**Usos em rituais afro-brasileiros:** associada ao orixá Ogum, é usada para banho de descarrego, *Abô*, obrigações no *Ori* e para o assento *Okutá*.

**OBSERVAÇÕES:** esta espécie tem tantos sinonímias que não seria viável alistá-los neste espaço.

**Espécie:** *Andropogon bicornis* L.

**Família:** Poaceae

**Sinonímias:** *Anatherum bicornis* (L.) Beauv.; *Sorghum bicornis* Kuntze

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** cavalinha

**Procedência:** 4, região serrana (P2)

**Uso(s):** rins, inflamação geral, como diurético

**Parte(s) utilizada(s):** planta inteira, geralmente seca

**Preparo:** ferver 100 g de planta em 1,5 litros d'água e tomar 3-4 vezes ao dia

**Material examinado:** 23/02/00 (MMS 73b) R-197240

**DESCRIÇÃO:** Planta ereta, robusta, densamente cespitosa, 1-2 m de altura; rizomas curtos. Colmos muito fasciculado-ramosos com as inflorescências formando uma massa comprida e muito densa. Folhas duras, glabras; bainhas carenadas; lígula membranácea, glabra, truncada, 1 mm compr.; lâminas eretas 2-5 mm larg.; conduplicadas, carenadas, pilosas na base, escabrosos nas margens. Inflorescências corimbosas formando uma massa comprida e muito densa, racimos delicados, 1 ou 2-digitados, flexuosos, 2-3 cm compr.; espiguetas sésseis perfeitas, linear-lanceoladas, 3 mm compr., glabras, amarelado-verdes, sem arista (Smith *et al*, 1982b).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** em todo o Brasil

**Usos na medicina popular:** Pio Corrêa (1926) chama de “capim péba”, “capim d’água” e “capim de bezerro”, entre outros nomes vulgares; as raízes são reputadas emolientes, diuréticas e sudoríficas.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Silva cita uma *Equisetum* como cavalinha, associada ao orixá Oxumaré e usada nas obrigações no *Ori*, *Abô*, e para o assento *Okutá*.

**OBSERVAÇÕES:** freqüentemente associada à *Melinis minutiflora*. Este nome vulgar é geralmente atribuído às espécies de *Equisetum* (Equisetaceae).



**Espécie:** *Coix lacryma-jobi* L.

**Família:** Poaceae

**Sinonímias:** *Coix lacryma* L.; *Lithagrostis lacryma-jobi* (L.) Gaertn.; *Sphaerium lacryma* (L.) Kuntze

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** **lágrima-de-Nossa-Senhora**

**Procedência:** 1, 2, 3

**Uso(s):** chá ou lavagem para inflamação da vagina, do útero (P4)

**Parte(s) utilizada(s):** folha e flor

**Preparo:** ferver cerca de 200 g em 1 litro d'água, tomar o chá ou lavagem 4 vezes ao dia.

**Material examinado:** 12/05/99 (MMS 97) R-197243

**DESCRIÇÃO:** Planta anual ou perene, 90-150 cm alt., colmo compacto e ereto; entrenós lisos e vernicosos. Folhas glabras, bainhas lisas, lígula membranácea, curtíssima; lâminas atenuadas de uma base largo-arredondada ou cordada e abraçando o colmo, 10-45 cm compr.; 25-50 mm larg., margens cartilagíneas, escabrosas; nervura principal distinta, nervuras secundárias visíveis mas delicadas. Inflorescências longo-pedunculadas; racimos 1-4 cm de compr. Espiguetas 8-10 mm de compr.; branco ou pouco azulado. Cariopse ovóide a globosa, glabra, vernicosa, muito dura (Smith et al, 1982b).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** originária da Índia, mas cultivada em todas as regiões tropicais do mundo; ocorre em todo o Brasil

**Usos na medicina popular:** usa como banho, tintura e chá para reumatismo, asma e afecções pulmonares no geral, retenção de urina, e como excitante, tônica, depurativa, emoliente, e diurética.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** dos frutos fazem-se rosários e colares para o orixá Nanã no *Omoloko* e na linha das almas, além de usar para obrigações no *Ori*, banho de descarrego e no *Abô*.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Cymbopogon citratus* (DC) Stapf

**Família:** Poaceae

**Sinonímias:** *Andropogon schoenanthus* L.; *A. citratus* DC.; *A. citriodorum* Desf.; *A. roxburgii* Ness ex Steud.; *A. ceriferus* Hack.; *A. nardus* subsp. *ceriferus* Hack.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** **capim-limão**

**Procedência:** 1 (P4)

**Uso(s):** como chá para problemas de coração, rins; como calmante, para tosse

**Parte(s) utilizada(s):** folhas, frescas ou secas

**Preparo:** ferver 5-8 folhas em água, tomar quente ou morno

**Material examinado:** 23/02/00 (MMS 6b) R-197241

**DESCRIÇÃO:** Planta 3 m ou mais de alt.; rizomas curtos. Colmos simples ou ramificados, erectos, lisos, glabros. Folhas basais, glabras; bainhas fechadas na base, mais curtas que os entrenós, estriadas; lígula membranácea ou árida; lâminas eretas, planas, longo-atenuadas na base, base estreita, ca. de 1 m compr. Inflorescência normalmente em pares de racimos espiciformes, ou solitário, 30-60 cm compr., eretas; racimos desiguais, 3-6 cm compr. Espiguetas sésseis desarmadas, canaliculadas no lado ventral. Glumas iguais ou subiguais, lanceoladas, a inferior bicarenada. Lema estéril lanceolada, 3,5 mm compr., 2-nervado; lema fértil linear, 2,5 mm compr., 1-nervado (Smith *et al.*, 1982b).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** provavelmente originada na Índia, e atualmente cultivada nas regiões tropicais e subtropicais; possivelmente foi introduzida no Brasil no tempo colonial.

**Usos na medicina popular:** serve como febrífuga, emenagoga, sudorífica, excitante difusivo, anti-reumático e no tratamento das paralisias e das úlceras atônicas.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** associada ao orixá Oxóssi, é usada para defumar a barracão periodicamente para atrair bond fluidos, e também para banho de descarrego.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Melinis minutiflora* Beauv

**Família:** Poaceae

**Sinonímias:** *Agrostis glutinosa* Fischer, *Tristegis glutinosa* Nees; *Panicum minutiflorum* (Beauv.) Raspail; *Panicum melinis* Trin, *Suardia picta* Schrank, *Tristegis glutinosa* Ness.; *Muhlenbergia brasiliensis* Steud.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** capim-gordura

**Procedência:** 3, 4 (P3)

**Uso(s):** banho para segurar as raízes do cabelo, para o cabelo não cair; xarope para gripe

**Parte(s) utilizada(s):** planta inteira, ou uma parte dela

**Preparo:** para banho, ferver a planta em água, passar no cabelo 1 vez ao dia; para xarope, cozinhar açúcar até escurecer um pouco, acrescentar 3 xícaras d'água e 100 g de planta, cozinhar mais um pouco e tomar morno quando necessário.

**Material examinado:** 19/05/99 (MMS 104) R-197244



**DESCRIÇÃO:** Planta perene, viscosa. Colmos muito ramosos na base, ascendentes, até ca. de 2 m. de compr. Folhas laxo até denso-pilosas, fino-tuberculadas; bainhas imbricadas mas divergentes para o ápice: lígula curtíssima, ciliada; lâminas lineares até linear-lanceoladas, agudas até atenuadas, 5-15 cm compr., 5-10 mm larg., planas. Inflorescência cilíndrica até oblongo-ovóide, densa ou subdensa, 10-20 cm compr., roxo-avermelhadas ou rosáceas; pedicelos sem pêlos apicais. Espiguetas 2 mm de compr., glabras. Gluma superior bilobada, com ou sem arista terminal, sulcada (Smith *et al*, 1982a).

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** Todo o Brasil menos na mata amazônica. Origem na África, mas largamente introduzida nas Américas tropical e subtropical.

**Usos na medicina popular:** dizem que o cheiro característico de suas folhas afugenta as cobras e os carrapatos e a mosca tse-tse, tais virtudes insetífugas dando origem à introdução e cultura do capim-gordura em vários países; na medicina popular, consideram-no diurético, antidisentérico e antidiarréico.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** -

**Espécie:** *Zea mays* L.

**Família:** Poaceae

**Sinonímias:** *Talysia mays* Kuntze

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** cabelo de milho

**Procedência:** 1 (dado pelos vendedores de legumes na feira)

**Uso(s):** problemas dos rins (P1)

**Parte(s) utilizada(s):** folha e flor

**Preparo:** ferver em 1 litro d' água e tomar uma xícara 3 vezes ao dia

**Material examinado:** 23/02/00 (MMS 58b) R-197242

**DESCRIÇÃO:** Planta até 2 m de altura. Folhas com bainhas imbricadas; lígula membranácea, ciliada, ca. de 4 mm de compr.; lâminas 0,4-1,0 m compr., 3-10 cm larg., laceoladas, ápice acuminado. Espiguetas monóicas; masculinas biflores em cachos espiciformes formando uma panícula terminal, 7-15 mm de compr; inflorescências femininas com brácteas, uma ou várias em cada planta, fusiforme-cilíndricas, 10-30 cm compr. Flores masculinas com 3 estames; flores femininas com estigmas terminais, filiformes, com 12-30 cm compr. Cariopses 5-25 mm de compr, amarelos, brancos ou violáceos, dispostas em 8-16(-30) fileiras no eixo da espiga (Smith et al, 1982a).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** origem nas Américas, possivelmente no México, hoje cultivada no mundo inteiro

**Usos na medicina popular:** Pio Corrêa (1974) menciona somente que a casca é reputada adstringente, mas é comumente utilizada para problemas dos rins.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** segundo Barros, é chamada de *àgbàdo* em Yorùbà e pertence ao orixá Oxóssi e o compartimento Terra. Silva acrescenta que se usa o grão na alimentação deste orixá e que tem usos associados a vários outros: para o orixá Ogum, se deve pendurar a espiga na entrada do Axé; para o orixá Iansan a espiga cozida é oferecida arrumada em pé numa gamela; para o orixá Ibeji o milho é assado na brasa e servido no *Ipanan Ere*.

**OBSERVAÇÕES:** o “cabelo” é formado pelos estigmas longos e filiformes.



**Espécie:** *Polygonum punctatum* L.

**Família:** Polygonaceae

**Sinônimas:** -

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** erva-de-bicho

**Procedência:** 4 (P4)

**Uso(s):** como banho para coceira, micose

**Parte(s) utilizada(s):** folhas

**Preparo:** ferver folhas em água durante 20 minutos, banhar o corpo; não pode secar-se depois

**Material examinado:** 12/08/98 (MMS 12) R-197267

**DESCRIÇÃO:** Erva até 1,2 m alt. geralmente glabra ou com alguns pêlos marginais nas folhas; caule cilíndrico, geralmente ramificado, decumbente na parte inferior, avermelhado, glabro, com pontuações glandulares; ócrea cilíndrica com 1-1,5 cm compr, cílios terminais. Folhas simples, alternas, lanceoladas a elíptico-lanceoladas, ápice agudo, base atenuada, até 15 cm compr., 0,6-3,5 cm larg.; pecíolo até 1 cm compr. Espiga longamente pedunculada, terminal, geralmente isoladas, eretas ou pendentes. Perianto ca. 3 mm compr., com 5 lobos, alvos ou esverdeados, com pontuações glandulosas avermelhadas ou negras com flores alvacentas; estames 8, inclusos; ovário encimado por estilete 2- ou 3-partido desde a base, com 3-4 cm compr. Nucela triangular, apiculada, pedicelada. (Bacchi *et al*, 1984)



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** ocorrência na região sudeste do Brasil, comum na região Sul do Brasil, com presença também no Uruguai e Argentina.

**Usos na medicina popular:** as diversas espécies de *Polygonum* são empregadas contra os vermes intestinais, no tratamento de hemorróides, disenterias e afecções artríticas.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** uma das espécies de *Polygonum* é associada ao orixá Oxalá, para a feitura de qualquer *Omorixá*.

**OBSERVAÇÕES:** Há várias espécies de *Polygonum* com este nome vulgar.



**Espécies:** cf. *Gonoderma* sp. **Família:** Polyporaceae

**DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** orelha-de pau-preta

**Procedência:** 4, em madeira podre (P2)

**Uso(s):** chá para varizes

**Parte(s) utilizada(s):**

**Preparo:** ferver 45 gramas (e não mais!) em 1 litro d'água, tomar 3 vezes ao dia

**Material examinado:** 19/05/99 (MMS 100) R-197286

**DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** orelha-de pau-branca

**Uso(s):** chá para má circulação (P2)

**Parte(s) utilizada(s):**

**Preparo:** ferver 45 gramas (e não mais!) em 1 litro d'água, tomar 3 vezes ao dia

**Procedência:** 4, em madeira podre

**Material examinado:** 19/05/99 (MMS 101) R-197284

**Espécie:** *Pycnoporus sanguineus* (R. ex. Fr.) Murr



**Nome(s) vulgar(es):** orelha-de-pau-vermelho

**Procedência:** 4

**Uso(s):** chá para aborto ou varizes (P2)

**Parte(s) utilizada(s):** fungo inteiro

**Preparo:** para aborto, pôr 1 orelha em meio copo d'água e tomar em jejum; para varizes, pôr 1 orelha em 1 litro d'água e tomar 1 xícara, com comida.

**Material examinado:** 09/06/99 (MMS 127) R-197285

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Silva menciona "orelha-de-pau-vermelho" para corrimento (secreção patológica que se escoia de um órgão).



**Espécie:** *Talinum triangulare* (Jacq.)

**Família:** Portulacaceae

**Sinonímias:** *Portulaca fruticosa* L.; *P. triangularis* Jacq.; *P. racemosa* L.; *P. paniculata* L.; *P. crassifolia* Jacq.; *P. crassicaulis* Jacq.; *Ruelingia triangularis* (Jacq.) Ehrh.; *Talinum paniculatum* Moench.; *T. triangulare* (Jacq.) Willd. (ver Segadas-Vianna et al., 1965).

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** preta

**Procedência:** 1, 4 lugares úmidos (P4)

**Uso(s):** sumo para purgativa, promover diarreia

**Parte(s) utilizada(s):** folha e flor

**Preparo:** botar vários ramos da planta, com ou sem flor, no liquidificador, ou socar com água, e tomar quantas vezes foram necessárias.

**Material examinado:** 07/04/99 (MMS 81) R-197268

**DESCRIÇÃO:** Erva carnosa, ereta, 20-60 cm alt., lisa, glabra. Caule cilíndrico com até 2 cm de espessura na base, ramificado. Folhas alternas, sésseis, carnosas, de limbo obovado, gradualmente atenuado para a base, com ápice arredondado e ligeiramente emarginado; compr. até 12 cm compr. por 5 cm larg.; nervura mediana proeminente na face dorsal. Inflorescência terminal de pedúnculo trígono, alado, áfilo com até 20 cm compr. Cálice com 2 sépalas de 4-5mm compr., verde-claras e com nervuras longitudinais mais escuras; corola com 5 pétalas de ca. 1 cm, de coloração rósea; 20-40 estames com anteras amarelas; ovário globoso, encimado por estilete tri-partido na parte superior. Cápsula subglobosa, de 5-7 mm diâm., unilocular com 3 valvas. Semente de pericarpo preto, brilhante, glabro e liso (Segadas-Vianna et al., 1965).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** originária do continente Americano, ocorrendo desde o sul da América do Norte, através de toda a região tropical da América Central e América do Sul, alcançando o sul do Brasil.

**Usos na medicina popular:** além das folhas serem comestíveis cruas ou cozidas, são lhes atribuídas propriedades refrescantes, mucilaginosas e antiescorbúticas, servindo ainda para a extração de calos e como emenagoga.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** -

**Espécie:** *Roupala sculpta* Sleumer

**Família:** Proteaceae

**Sinonímias:** -

**DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **jurema-preta**

**Procedência:** 4 (P2)

**Uso(s):** banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** planta inteira

**Preparo:** normal para banho

**Material examinado:** 30/06/99 (MMS 141) R-197271

**DESCRIÇÃO:** Árvore, caule jovem piloso. Folhas alternas, as jovens compostas paripenadas, com folíolos subsésseis, de base assimétrica, bordo denteado, e as adultas com limbo inteiro, o pecíolo bem desenvolvido. glabras. Inflorescência com brácteas involucrais coloridas Flores actinomorfas, alvas ou branco-amareladas; perigônio tubuloso no botão floral e na antese, com os segmentos livres ou quase livres entre si; filetes concrecidos às tépalas, anteras rimosas; ovário livre, unicarpelar. Folículo, de paredes lenhosas, no ápice o rudimento do estilete, deiscência na porção médio-superior da sutura marginal do carpelo; 2 sementes plano-compridas, com núcleo seminífero central contornado por um ala larga, membranácea; testa fina e o embrião axial com com 2 cotilédones foliáceas e eixo radícula-hipocótilo curto (Barroso, 1991).



**DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** o maior número de representantes da família é sul-africano e australiano.

**Usos na medicina popular:** as espécies de *Roupala* são mais conhecidas por sua madeira de que pelas propriedades medicinais, mas algumas são tidas como adstringentes.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** o nome jurema-preta é freqüentemente associado a espécies de Leguminosas, estas sim com usos rituais.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Punica granatum* L.

**Família:** Puniaceae

**Sinonímias:** *Punica florida* Salisb.; *P. spinosa* Lam.; *P. granatum rubra* DC.; *P. granatum rubra* Hort.; *P. grandiflora* Hort ex. Steud.; *P. multiflora* Hort ex. Vilmorin's Blumeng; *P. sinensis* Hort ex Lavellée; *P. nana* L.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** romã

**Procedência:** 2 (P2)

**Uso(s):** chá para inflamação da garganta; bochecho para dor de dente

**Parte(s) utilizada(s):** fruto e/ou folhas

**Preparo:** ferver 50 gramas em 1 litro d'água e tomar 1 xícara 3 vezes ao dia, ou bochechar com o líquido quando necessário

**Material examinado:** 16/06/99 (MMS 124) R-197269

**DESCRIÇÃO:** Arbusto raramente acima de 3 m alt.; tronco nodoso, muito ramoso, espinescente. Folhas opostas ou fasciculadas, semipersistentes, elípticas a oblongo-lanceoladas, de margem um pouco ondulada; 2-8 cm compr., 1-2 cm larg., pecíolo curto, avermelhado. Flor curtamente pedicelada; cálice tubuloso, vermelho-púrpura, 2-4 cm compr., 1,5-2 cm larg., carnosos; pétalas 5-8, membranáceas, vermelho-púrpuras, 1,5-2 cm compr.; estames numerosos; ovário ínfero, multilocular, com lojas dispostas em 2, raro 3, planos, 5-9 superiores com placentação parietal, 3 inferiores com placentação axial. Fruto balaústio, com cálice persistente; sementes muitas em cada loja, facetadas com tegumento gelatinoso formado pelo episperma (Reitz, 1984; Da Silva, 1983).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** nativa nas regiões mediterrâneas, oeste da Ásia até os Himalaias; cultivada em todo o Brasil, e nos trópicos e subtropicais, onde também aparece como espontânea.

**Usos na medicina popular:** considerada adstringente, anti-helmíntica, antidisentérica e as folhas cozidas são usadas para lavar os olhos.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** -





**Espécie:** *Citrus aurantium* L.

**Família:** Rutaceae

**Sinonímias:** *Citrus bigaradia* Risso, *C. communis* Risso, *C. vulgaris* Wight et Arm.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** laranja-da-terra

**Procedência:** 1, comprada num sítio pequeno

**Uso(s):** xarope para tosse (P1)

**Parte(s) utilizada(s):** folha

**Preparo:** normal para xarope com mel

**Material examinado** 09/06/99 (MMS 119) R-197274

**DESCRIÇÃO:** Árvore de 6-10 m de altura, copa densa; caule com espinhos finos, pontiagudos, axilares. Folhas unifolioladas, persistentes, alternas, oval-elípticas, glabras, com pecíolo alado. Cimeiras pequenas, axilares. Flores fortemente aromáticas; cálice em forma de taça com 4-5 sépalas; corola com 4-5 pétalas brancas, erguidas na antese, salpicadas de glândulas oleíferas; estames em número de 20-25, com filetes largos unidos em feixes; ovário com 10-12 lóculos. Baga do tipo hesperídeo, sucoso (Ribeiro, 1996).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** originário da Ásia, provavelmente da China, atualmente cultivada em todas as regiões tropicais e subtropicais do mundo (Cowan & Smith, 1973).

**Usos na medicina popular:** todas as partes da laranja encontram usos na medicina caseira, as indicações mais comuns sendo calmante, antifebril, antigripal, analgésica, depurativa do sangue, antiartrítica, e remédio para as doenças respiratórias, especialmente como anti-asmática.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** segundo Silva, o nome em Yorùbà é *oro-m-bo nla* e pertence ao orixá Oxalá para uso em obrigações no *Ori* e em banho, para aproximar corações enamorados.

**OBSERVAÇÕES:** -

**Espécie:** *Murraya paniculata* (L.) Jacq.

**Família:** Rutaceae

**Sinonímias:** *Chalcas paniculata* L.; *C. exotica* Millsp.; *Camunium exoticum* Ktze.; *Murraea exotica* L.; *Murraya exotica* L.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** dama-da-noite

**Procedência:** 4, somente em Raiz da Serra, região serrana (P2)

**Uso(s):** banho de descarrego; chá para má circulação, problemas do sangue

**Parte(s) utilizada(s):** flor e folha

**Preparo:** normal para banho de descarrego; para o chá, ferver 100 g de planta em 1 litro d'água e tomar durante todo o dia

**Material examinado:** 09/06/99 (MMS 125) R-197272

**DESCRIÇÃO:** Árvore até 6 m alt., os ramos pubérulos. Folhas 5-9-folioladas, os pecíolos 1,2-2 cm compr., pubérulos, a ráquis 5-9 cm compr.; folíolos 1.5-5.5 cm compr., folíolos elípticos a oblanceolados ou obovados, pubérulos; pecíolulos ca. de 2 mm compr. Corimbos axilares, curtas e mais ou menos densas. Flores 9-14 mm compr.; sépalas 1,5 mm compr., ovados, carenados, pubérulos; pétalas glabras, estreitamente oblongo-oblanceoladas, livres entre si; androceu de mais de 5 estames, filetes assovelados; estigma sésil, discóide. Baga elipsóide até ovóide, 9-10 mm compr., 7-8 mm diâm., glabro, roxo-avermelhado quando maduro (Cowan & Smith, 1973).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** natural da Ásia, cultivada nas regiões tropicais do mundo por seu aspecto ornamental e flores muito perfumadas

**Usos na medicina popular:** chamada também de murta, é considerada adstringente e estimulante, e é empregada contra mordida de cobra; as flores são usadas na perfumaria e a planta produz matéria tintorial preta.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Silva cita uma espécie de Rubiaceae como “murta-do-mato” mas sem especificar o orixá ou os usos.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Ruta graveolens* L.

**Família:** Rutaceae

**Sinonímias:** *Ruta bacteosa* DC.; *R. chalepensis* Brot.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** arruda

**Procedência:** 1 (P1)

**Uso(s):** chá como abortiva, ou para tirar mau-olhado, friagem.

**Parte(s) utilizada(s):** flor e folha

**Preparo:** chá - ferver as folhas e flores se tiver em água, tomar quente ou morno; normal para banho.

**Material examinado:** 19/08/98 (MMS 31) R-197273

**DESCRIÇÃO:** erva ereta até 60 cm alt; caule com pontuações secretoras; fortemente odorífera. Folhas alternas, pecioladas, bipinatipartidas, os segmentos elípticos, ápice triangular-arredondado, base acunhada, com pontos translúcidos por todo o limbo.

Panículas terminais; brácteas lanceoladas. Flores hermafroditas; cálice com 5 lacínios ovados com ápice agudo; corola formada por 5 pétalas livres, amarelo-esverdeadas, com base unguiculada e margem denticulada; estames 5, alternipetalos; ovário súpero, 4-carpelar, pluriovulado. Cápsula subglobosa com 4-lobos acuminados; sementes angulosas (Stone,1985; Ribeiro, 1996).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** originária da região mediterrânea, atualmente cultivada em várias regiões do Brasil, e ocorrendo espontaneamente nas capoeiras de Minas Gerais e Rio de Janeiro.

**Usos na medicina popular:** usada desde os tempos greco-romanos, as indicações são extremamente diversificadas, as mais citadas sendo como: sudorífica, emenagoga, abortiva, anti-helmíntica, inseticida e para incontinência urinária, além da aplicação das folhas para abscessos, furúnculos e olhos irritados.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** pertence aos orixás Oxóssi e Exú, para o primeiro sendo aplicada nos *bori*, lavagem de contas e banos de limpeza ou descarrego, e para o último é indicada contra maus fluidos, inveja, olho-grande e para benzimentos. Esta planta é também a preferida para *iteque* ou amuletos, em forma de figa e de cruz, sendo usada, também, na magia branca (Varella, 1973).

**Espécie:** *Serjania eucardia* Raldk.  
**Sinônimas:** -

**Família:** Sapindaceae

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** cipó-cabeludo

**Procedência:** 4 (P1)

**Uso(s) levantado(s) na feira:** chá para rins

**Parte(s) utilizada(s):** caule e/ou folhas

**Preparo:** ferver 1 maço, ca. 300 gramas, em 3 litros d'água e tomar 1 copo, 4 vezes ao dia

**Material examinado:** 25/06/99 (MMS 137) R-197276

**DESCRIÇÃO:** Liana monóica, caule 3-sulcado, com fileiras de pêlos nas pontas; gavinhas compridas, simples. Folhas alternas, compostas, trifoliadas, de margem denteada e piloso am ambas as faces. Inflorescência com flores masculinas e femininas. Flores zigomorfas, unissexuadas, por aborto, as masculinas com rudimento de ovário e as femininas com estaminóides bem desenvolvidos, assemelhando-se a flores hermafroditas; receptáculo floral prolongado entre as pétalas e estames sob a forma de glândulas livres entre si; pétalas com limbo ventral mais ou menos côncavo, com o ápice em coifa, provido de uma giba ou crista; estames férteis com anteras bitecas, romosas e filetes filiformes; ovário tricarpelar, trilocular. Fruto esquizocárpico, constituído por 3 samarídeos, eretos, com núcleo seminífero apical e alas dirigidas para baixo (Barroso, 1986).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** a família é predominantemente tropical, com cerca de 380 espécies no Brasil, na maioria amazônicas.

**Usos na medicina popular:** muitas espécies de *Serjania* são acres, e consideradas tinguijantes e potencialmente venenosas.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** o nome cipó-cabeludo é também associado a várias espécies de *Mikania* (Asteraceae), tidas como medicinais.



**Espécie:** *Lygodium volubile* Sw.

**Família:** Schizaeaceae Mart.

**Sinonímias:** *Lygodium micans* J.W.;

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** abre-caminho

**Procedência:** 4 (P4)

**Uso(s):** banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** folha

**Preparo:** normal para banho de descarrego

**Material examinado:** 25/11/98 (MMS 39b) R-197275

**DESCRIÇÃO:** Erva trepadeira volúvel pela raque, com crescimento indeterminado. Folha 2-pinada; lâmina com pêlos nas duas faces, raque glabra. pinas 15-49 cm compr., 10-25 cm larg., opostas, ovadas a oblongas. Pínulas 8-20, 0,5-2,5 cm, membranácea e papirácea, alternadas e espaçadas, a forma de linear a oblonga; peciólolo articulado na base da pínula; nervuras livres, várias vezes furcadas. Soros localizados em segmentos marginais modificados (Mynssen, 1996).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** México, América Central, América do Sul inteiro menos o Chile e Uruguai; no Brasil nos estados de BA, DF, ES,RJ,SP, PR, e SC.

**Usos na medicina popular:** citada por Pio Corrêa (1978) mas sem uso medicinal especificado.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Barros cita outra espécie do gênero *Lygodium* com o nome vulgar de “samabaia” e a denominação em Yorùbà òmum (folha de samabaia) do orixá Nanã e do compartimento Água, enquanto Silva cita o nome vulgar “abre-caminho”, mas sem especificar a espécie botânica ou o orixá.

**OBSERVAÇÕES:** Pio Corrêa (1978) cita os seguintes sinonímias: *L. expansum* Poir., *Hydroglossum volubile* Willd.; *Lygodium polymorphum* Eeigdt.; *L. scandens* Sch.; *Ophioglossum scandens* L. ex. Aubl. *Osmunda scandens* Aubl.



**Espécie:** *Scoparia dulcis* L

**Família:** Scrophulariaceae

**Sinonímias:** -

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** *vassourinha-da-igreja*,  
*vassourinha-do-mato*, *vassourinha-branca*

**Procedência:** 3, 4 (P1)

**Uso(s):** prevenir a queda de cabelo; banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** ramo inteiro, incluindo flor/fruto ou somente as folhas.

**Preparo:** para o cabelo há duas maneiras: socar somente as folhas, passar no cabelo e deixar uma hora, ou ferver a planta (incluindo flor ou fruto) em água e passar no cabelo, podendo deixar quanto tempo quiser; normal para banho de descarrego.

**Material examinado:** 02/09/98 (MMS 52) R-197277



**DESCRIÇÃO:** Erva ramosa com caule subquadrangular. Folhas oblongo-lanceoladas, serreadas, curto pecioladas, com nervura mediana bem pronunciada, e as secundárias pouco visíveis; flores pediceladas, solitárias, ou 2 a 3; cálice 4-partido, com sépalas ciliadas; corola alva; estigma truncado. Cápsula subglobosa. Sementes triangulares ou alongadas, com retículo diminuto (Ichaso e Barroso, 1970).

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** amplamente dispersa na América do Sul e encontrada em todo o Brasil

**Usos na medicina popular:** empregada como emoliente e béquica, o sumo é considerado tônico e odontálgico.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** classificada no compartimento Água, esta vassourinha pertence ao orixá Oxum e é usada para, varrendo a casa, cortar mau-olhado e trabalho feito.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Brugmansia* sp.

**Família:** Solanaceae

**Sinonímia:** -

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** trombeta

**Procedência:** 4 (P4)

**Uso(s):** infusão em álcool para reumatismo; banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** folha e flor

**Preparo:** infusão - botar as folhas e flores em 1 litro d'álcool durante pelo menos alguns dias e passar no corpo; normal para banho de descarrego

**Material examinado:** 09/09/98 (MMS 54a) R-197221

**DESCRIÇÃO:** Arbustos ou árvores pequenas. Folhas alternas. Flores solitárias, péndulas; cálice alongado, tubular, spatiforme ou 5-dentado, persistente; corola vistosa, infundibuliforme e conspicuamente cuspidada, rosadas ou amarelas; estames 5, alternando com os lobos da corola, inseridos no meio ou na base do tubo da corola; ovário com 2-lóculos, estilete filiforme, estigma bi-lobado. Fruto fusiforme, liso e coriáceo, indeiscente, com a base do cálice persistente à semelhança de um anel (Hepper, 1987).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** centro de dispersão nos Andes e Brasil; uma espécie nativa do este do Brasil, o restante dos Andes de Venezuela, Peru, Colombia, Equador, e Bolívia

**Usos na medicina popular:** trombeta, nome aplicado tanto às espécies de *Datura* quanto às de *Brugmansia*, é considerada calmante, antiasmática, narcótica e emoliente.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** Os ervatários acrescentaram que a trombeta também pode ser usada para produzir alucinações.



**Espécie:** *Cestrum laevigatum* Schl.

**Família:** Solanaceae

**Sinonímia:** -

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** flor-da-noite

**Procedência:** 4, região serrana (P2)

**Uso(s):** banho de assento para hemorróides

**Parte(s) utilizada(s):** folha e/ou flor

**Preparo:** ferver 200 gramas da planta em água e por na banheira.

**Material examinado:** 19/05/99 (MMS 98) R-197222

**DESCRIÇÃO:** Arbusto com ramos cilíndricos, verrucosos. Folhas pecioladas, simples, alternas ou subopostas, patentes, glabros, 6-20 cm compr, 2,5-5 cm larg., oblongo-lanceoladas ou elíptico-lanceoladas, ápice acuminado, base aguda, membranáceas. Corimbo axilar. Flores sésses, ca. 2,5 cm compr.; cálice cilíndrico, dentado; corola tubular, fauce um pouco ampliada, glabra externamente, pilosa internamente, lacínios 5, curtos, alvo-esverdeados ou amarelo-esverdeados, abrindo só no último quarto do tubo, ; estames 5, inseridos no tubo; ovário de estilete longo, até o fauce da corola, estigma capitado. Baga oval a oblonga; sementes oblongo-lineares de testa lisa (Smith & Downs, 1966; Barroso, 1957).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** Argentina e Brasil, nos estados de AM, PA, CE, PE, BA, MG, ES, RJ, e SP.

**Usos na medicina popular:** muitas espécies de *Cestrum* são consideradas medicinais, inclusive esta, sendo lhe atribuída as propriedades de emoliente, sedativa, antiespasmódica, parasitocida, insectífuga, diurética e anti-hemorroidária.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Barros chama esta espécie de *Ewé Ìkèrèbè* em Yorùbà, o que significa “folha de bode”, e coerana em Português, identificando-a como sendo do compartimento Fogo e o orixá Exú.

**OBSERVAÇÕES:** -





**Espécie:** *Datura* sp.

**Família:** Solanaceae

**Sinonímias:** *Stramonium* Bernh.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** trombeta

**Procedência:** 4 (P4)

**Uso(s):** infusão em álcool para reumatismo; banho de descarrego.

**Parte(s) utilizada(s):** folha e flor

**Preparo:** infusão - botar as folhas e flores em 1 litro d'álcool durante pelo menos alguns dias e passar no corpo; normal para banho de descarrego

**Material examinado:** 25/11/98 (MMS 54b) R-197223

**DESCRIÇÃO:** Ervas anuais ou perenes, ou arbustos. Folhas alternas. Inflorescências unifloras. Flores eretas, actinomorfas ou quase; cálice alongado e tubular, plicado, 5-dentado, formando um disco por baixo da cápsula; corola infundibuliforme, freq.

conspicuamente cuspidada; estames 5, iguais, alternando com os lobos da corola, insertos na base ou no meio do tubo da corola; inclusos ou pouco encimando a corola; anteras lineares, lóculos fendendo-se longitudinalmente; ovário imperfeitamente 2-locular ou 4-locular devido à presença de um septo falso. Cápsula globosa ou ovóide, deiscente irregularmente ou em 4 válvulas até indeiscente, espinhosa ou lisa; sementes numerosas, reniformes (Hepper, 1987).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** centro de dispersão no México, com várias espécies amplamente cultivadas.

**Usos na medicina popular:** trombeta, nome aplicado tanto às espécies de *Datura* quanto às de *Brugmansia*, é considerada calmante, antiasmática, narcótica e emoliente.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** citando a espécie *Datura fastuosa* L., Barros afirma que a trombeta é denominada *èsó feleje* em Yorùbà, e que pertence ao orixá Oya e o compartimento Ar; também citando uma datura, Silva associa a planta ao orixá Obaluaiyê, para banho de descarrego.

**OBSERVAÇÕES:** Os dados levantados na feira são iguais aos para *Brugmansia* sp, já que os ervatários não distinguem entre as duas espécies. Os ervatários acrescentaram que a trombeta também pode ser usada para produzir alucinações.



**Espécie:** *Lycopersicon esculentum* Mill.

**Família:** Solanaceae

**Sinonímia:** *Solanum lycopersicum* L.; *Lycopersicon pomum-amoris* Moench

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **tomate (folha-de-tomate)**

**Procedência:** 2, 4 (P4)

**Uso(s):** chá para inflamação de dente; chá e lavagem para inflamação do útero e da vagina; infusão em álcool para massagem em lugares doloridos.

**Parte(s) utilizada(s):** folha

**Preparo:** para o chá e lavagem, ferver 200 g em 1 litro d'água durante 5 minutos, bochechar se for para dente, aplicar com seringa para lavagem; para infusão, pôr 200 g ou mais em álcool, deixar durante alguns dias antes de usar.

**Material examinado:** 16/06/99 (MMS 130) R-197224



**DESCRIÇÃO:** Erva annual ou perene, 20-200 cm alt., pubescente com tricomas simples, longos. Caule carnoso. Folha 10-30 cm compr., pinatisecta, segmentos de base simétrica a assimétrica, aproximadamente 7 segmentos por folha. Flor alternifolia, isolada; cálice verde, lacínios ca. 1 cm compr; corola com lacínios amarelos, subigualando ou pouco encimando o cálice; estames 5 com anteras amarelas concrecidas num tubo. Baga vermelha, 3-10 cm diâm. (Smith & Downs, 1966).

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** natural da América do Sul mas cultivada em todas as regiões tropicais e temperadas do mundo.

**Usos na medicina popular:** as folhas são empregadas como resolutivas de abscessos e as hastes e as folhas são cozidas para produzir um inseticida.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** existe uma polêmica taxonômica sobre a classificação do tomate no gênero *Solanum* ou *Lycopersicum*; conforme a decisão de optar pela separação dos gêneros *Brugmansia* e *Datura*, optou-se pela divisão aqui também (ver Nee, s/d)



**Espécie:** *Nicotina tabacum* L.

**Família:** Solanaceae

**Sinonímias:** *Petume sive tabacum* Piso; *Nicotiana latissima* Mill.; *N. havanensis* Elench.; *N. macrophylla* Spreng.; *N. tabacum* L. var. *macrophylla* Schrank.; *N. gigantea* Ledebour.; *N. ybarrensis* HBK; *N. tabacum* L. var. *subcordata* Sendtn. *N. tabacum* L. var. *undulata* Sendtn

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** fumo, folha de fumo

**Procedência:** 2, 3, 4, qualquer lugar úmido (P2)

**Uso(s):** banho para inchação, inflamação

**Parte(s) utilizada(s):** folha

**Preparo:** cozinhar 10 folhas em 5-10 litros d'água e passar a água no local

**Material examinado:** 28/07/99 (MMS 148) R-197225

**DESCRIÇÃO:** Erva robusta variável, anual, de 1-3 m alt., caule ereto e não ramificado, verde. Folhas alternas, sésseis, ovadas, elípticas ou lanceoladas, 25-40 cm compr. x 10-15 cm larg.; ápice acuminado; base ligeiramente apliceale, membranáceas, pubescentes, discoloras. Panícula terminal. Flores róseas, infundibuliformes com cinco lacínios; estames 5, desiguais, as anteras rimosas inclusos ou pouco encimando o tubo. Cápsula de forma variável 15-20 mm compr. Sementes marrom-escuras, numerosas (Smith & Downs, 1966).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** origem nas Américas; cultivada em regiões tropicais e temperadas do mundo.

**Usos na medicina popular:** além das propriedades inseticidas e vermífugas, especialmente contra piolhos, mencionadas por Pio Corrêa (1952), as folhas são popularmente empregadas como purgativo, narcótico e contra as nevralgias, epilepsia, coqueluche, tétano, asma, hidropsia, paralisia da bexiga, catarros crônicos, odontalgias e tétano (Ribeiro, 1996).

**Usos em rituais afro-brasileiros:** associada aos orixás Xangô e Ossany para banho contra feitiçaria.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Solanum americanum* Mill.

**Família:** Solanaceae

**Sinonímia:** *Solanum nigrum* sensu Stendtn; *S. acutifolium* Kit.; *S. aegyptiacum* Forsk.; *S. alatum* Moench.; *S. amerinum* Mill.; *S. arenarium* Schur.; *S. asperum* Hornem.; *S. astroites* Forst.; *S. atriplicifolium* Desp.; *S. besserii* Weinm.; *S. canescens* Kit.; *S. chenopodioides* Lam.; *S. chlorocarpum* Schr; *S. oleraceum* Dunal; *S. pterocaulon* Dunal; *S. nigrum* var. *americanum* O. E. Schulz.(ver Corrêa, 1969)

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** erva-moura

**Procedência:** 4 (P1)

**Uso(s):** como banho para micose ou hemorróides; para banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** planta inteira menos raiz

**Preparo:** preparar o banho fervendo 15 ramos da erva em água durante 20 minutos; normal para banho de descarrego

**Material examinado:** 12/08/98 (MMS 17) R-197226



**DESCRIÇÃO:** Erva anual, até 2 m alt., glabra ou um pouco pubescente. Folhas freqüentemente em pares, pecioladas, ovadas ou às vezes oblongo-elípticas, agudas ou acuminadas, 5-11 cm compr., margem anguloso-dentada ou inteira, membranáceas, pubescentes especialmente nas nervuras. Umbelas extra-axilares, de poucas flores. Flores com pedicelo de 3-6 mm compr.; cálice muito curto, verde; corola 7 mm diâm., lacínios alvos; estames exertos, anteras com poros apicais. Baga glabra, até 7 mm diâm. (Smith & Downs, 1966).

#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** todo o Brasil e nas regiões tropicais e temperadas do Novo Mundo

**Usos na medicina popular:** utilizada como adstringente, analgésica, expectorante, diurética, anti-escrofuloso, sedativa nas crises dolorosas de diversas naturezas, como as gastrológicas, tratamento de hemorróides e dermatose como psoríase e eszema.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** pertence ao orixá Obaluaiyê para uso em banho de descarrego

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Cissus cf. verticillata* Baker

**Família:** Vitaceae

**Sinonímias:** *Cissus sulcicaulis* Baker; *Vitis sulcicaulis* Baker

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** mãe-boa

**Procedência:** 4 (P2)

**Uso(s):** chá para diabetes; banho para varizes

**Parte(s) utilizada(s):** ramo com folhas

**Preparo:** chá - 100 gramas de material em 1 litro d'água, tomar quando dá sede; banho - ferver 300 gramas em 4 litros d'água, e banhar o local 4-5 vezes ao dia.

**Material examinado:** 30/06/99 (MMS 145) R-197261

**DESCRIÇÃO:** Trepadeira; caule com gavinhas simples, axilares. Folhas simples, alternas, até 20 cm compr., verdes e ovado-oblongas quando jovens, amadurecendo avermelhadas e ovadas a deltóides, ápice curto-agudo, base truncada ou levemente cordada, glabras. Inflorescência composta. Flores diclamídeas, actinomorfas, tetrâmeras; cálice quase sem lobos; corola formada por 4 pétalas, amarelas na face interna, verdes na face externa; estames livres; ovário livre, bilocular, com lóculos biovulados, com disco nectarífero. Baga globosa, preta; semente obovóide, sarcotesta fina e endotesta espessada e lignificada, com tegma fino (Barroso, 1986).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** único gênero representante da família no Brasil, é encontrada pelo menos na região sudeste.

**Usos na medicina popular:** algumas espécies do gênero *Cissus* são empregadas contra o reumatismo e na cura de abscessos.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Silva cita esta espécie e uma Asterácea como mãe-boa, sem, porém, distinguir a qual está se referindo quando associa o nome ao orixá Xangô, para obrigações no *Ori*, e ao orixá Oxum para banho de limpeza. Barros dá este mesmo nome popular a uma espécie de Acanthaceae.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Alpinia zerumbet* (Pers.) Burt & Smith

**Família:** Zingiberaceae

**Sinonímias:** *Alpinia speciosa* Schum; *A. nutans* Roscoe; *Catimbium nutans* Juss., *Costus zerumbet* Pers., *Globba nutans* Redouté; *Renealmia nutans* Andr.; *Reumbet speciosum* Wendl.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** colônia

**Procedência:** 2 (P4)

**Uso(s):** chá para problemas de pressão e do coração;  
banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** folha, com ou sem flor

**Preparo:** chá - ferver as folhas e flores em água e tomar uma xícara três vezes ao dia; normal para banho de descarrego

**Material examinado:** 02/09/98 (MMS 47) R-197232

**DESCRIÇÃO:** Planta herbácea, perene, atingindo 2,5 m alt., rizomatosa; caule aéreo curto. Folhas lanceoladas em disposição dística; ápice cuspidado, base aguda, margem pubescente; pecíolo curto com bainha longa, aberta e lígula desenvolvida, se sobrepondo para formar um pseudocaulo. Cincínio terninal. Flor hermafrodita, fortemente zigomorfa; protegida por 3 brácteas soldadas, alvas com lacínios rosados, tornando-se suberificados durante o desenvolvimento das flores o qual provoca o fendimento da estrutura; perianto em 2 verticilos pouco vistosos, alvas com ápices rosados; cálice formado de 3 sépalas unidas, laciniadas, com uma abertura que se prolonga quase até a base; corola formada por 3 pétalas desiguais, unidas na base, a pétala maior com ápice cuculado; 1 estame fértil, 2 estaminóides, e os demais transformados em um labelo vermelho de margem amarelada; ovário ínfero, pubescente, com estilete passando entre as tecas da antera; 2 estruturas nectaríferas sobre o ovário (Albuquerque, 1999)



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** originária da Ásia, cultivada e subespontânea no Brasil.

**Usos na medicina popular:** as sementes e os rizomas são consideradas estomáquicos, excitantes dos intestinos, tônicos e abortivos e úteis no tratamento de úlceras

**Usos em rituais afro-brasileiros:** ambos Silva e Varella (1973) citam uma espécie de outra família como "colônia".



**Espécie:** *Costus spiralis* (Jacq.) Roscoe

**Família:** Zingiberaceae

**Sinonímias:** *Alpinia spiralis* Jacq., *Costus pisonis* Lindl.; *Costus cylindricus* Jacq.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** cana-do-brejo

**Procedência:** 4, lugares úmidos, mata fechada (P2)

**Uso(s):** chá para problemas do rins, para tirar pedra do rins, como diurético.

**Parte(s) utilizada(s):** flor, caule, folha

**Preparo:** ferver a planta em água, tomar 1 copo 3-4 vezes ao dia.

**Material examinado:** 28/04/99 (MMS 89) R-197231

**DESCRIÇÃO:** Erva rizomatosa de 1-3 m alt.; lígula truncada, 2-10 mm de compr., glabra. Folhas obovado-oblongas, ápice curto-acuminado, base acunheada a arredondada, 8-43 cm compr., 5-14 cm larg., glabras em ambas as faces; pecíolo 2-17 mm compr., glabro. Inflorescência ovóide, 4-10 cm compr., alargada até 22 cm no fruto, 2-5 cm de larg., até 8 cm no fruto; brácteas vermelhas, coriáceas, amplamente ovadas, 2-4,5 cm compr. e larg., glabras, as margens na parte coberta freq. ciliadas. Bractéolas 15-29 mm de compr., glabras a púberulas; cálice 7-12 mm compr., glabro a pubescente, lobos 2-4 mm compr.; corola rósea a vermelha, 45-60 mm compr., glabra, tubo ca. 10 mm compr., lobos 35-45 mm compr., 10-12 mm larg.; estaminóide em labelo róseo a vermelho, amarelo perto do ápice, outro estame fértil oposto; ovário ínfero com estilete terminal. Cápsula elipsóide, glabra (Maas, 1982).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** amplamente distribuída na América do Sul tropical.

**Usos na medicina popular:** é citada como sendo tônica, diurética, depurativa, sudorífica, emenagoga, febrífuga, útil contra as nefrites, inflamações da uretra, cálculos renais, gonorréia, leucorréia, para atenuar a artério-sclerose, com calmante das excitações nervosas e do coração, além de lavagem de úlceras sifilíticas.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** outras espécies de Zingiberaceae são citadas como cana-do-brejo, associada ao orixá Ogum para *Abô* e banho de descarrego.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Hedychium coronarium* Koen

**Família:** Zingiberaceae

**Sinonímias:** *Hedychium flavescens* Carey; *H. flavum*, Roscoe, *H. coronarium* Koën var *flavescens* Bak.; *H. sulphureum* Wall.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** lírio branco, susena, sena

**Procedência:** 3, brejo (P2)

**Uso(s):** banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** folha e flor

**Preparo:** normal para banho

**Material examinado:** 19/05/99 (MMS 99) R-197230

**DESCRIÇÃO:** Planta herbácea, perene; caule até 3 m alt., com muitas folhas. Folhas sésseis, até 60 cm compr., 11 cm larg., lanceoladas, de ápice acuminado e base atenuada, pubescente na face abaxial; lígula 2-3 cm compr., bi-lobada, membranácea. Brácteas até 5 cm compr., oblongos, arredondadas e imbricadas, com 3-6 flores alvas em cada uma. Bractéolas tubulares, membranáceas; cálice 2,5-3,5 cm compr.; corola com tubo de 7 cm compr., lacínios lineares, 3-4 cm compr.; estaminóides 3-5 cm compr, oblongo-lanceolados; labelo freqüentemente amarelado ou esverdeado, comprimento dos estaminóides e até 5 cm larg., estreitando na base, o limbo curtamente bifido; estames não mais compridos que o labelo. Cápsula oblongo, válvulas internamente laranja-amarelas; semente com arilo vermelho (Burt & Smith, 1983)



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** comumente cultivada em países tropicais.

**Usos na medicina popular:** usada para tosse, além de servir para perfumaria e como ornamental

**Usos em rituais afro-brasileiros:** uma Liliácea é chamada de "lírio-do-brejo" por Silva, pertencendo ao orixá Xangô e usado nas obrigações no Ori.

**OBSERVAÇÕES:** -





**Espécie:** *Foeniculum vulgare* Mill.

**Família:** Umbelliferae

**Sinonímias:** *Anethum foeniculum* L.; *Foeniculum foeniculum* Karst; *F. capillaceum* Gilib.; *F. officinale* All.; *Meum foeniculum* Spreng.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** erva-doce

**Procedência:** 1 (P1)

**Uso(s):** chá para cólicas; durante a fase de dentição; como calmante

**Parte(s) utilizada(s):** folha com ou sem a flor

**Preparo:** ferver vários ramos de folha em água, com ou sem flor, e tomar 1 xícara quente ou morno

**Material examinado:** 03/03/99 (MMS 28b) R-197257

**DESCRIÇÃO:** Erva robusta com cheiro bem acentuado de anis, ramificação alterna, perene ou bienal, de 90-210 cm alt. Folhas ovais a deltóides; 20-30 cm compr. e 3-4 cm larg., as divisões últimas filiformes, 4-40 mm comp. e 0,5 mm diâm.; pecíolos 7-14 cm compr.; folhas caulinares alternas, pinado-descompostas, pecíolos completamente envaginantes e os mais próximos do ápice às vezes sem lâmina. Umbela pedunculadas, opositifólios 1,5-6,5 cm compr. Flores 12-20, amarelas. Fruto oblongo, 3,5-4, 0 mm compr. por 1,5-2 mm larg. (Mathias *et al.*, 1972).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** originária do sul da Europa; às vezes cultivada mas bem estabelecida como erva ruderal nas regiões quente-temperadas e tropicais do hemisfério do oeste

**Usos na medicina popular:** chamada também de “funcho”, é reputada valiosa como estomáquica, estimulante, carminativa e condimentar, as sementes sendo especialmente conceituadas contra bronquite, pneumonia e a febre tifóide.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** Silva cita *Anisum feniculum* L. como “funcho” ou “anis-doce”, associada ao orixá Oxalá para *Obori*, feitura de santo, tirada de *Vumbi* e banho de descarrego.

**OBSERVAÇÕES:** Somente ramos de folhas são regularmente disponíveis na feira, e não fica claro na descrição da atividade biológica de Teske et Trentini (1997) qual o efeito desta parte vegetal sem o conjunto dos frutos. A espécie *Pimpinella anisum* é também frequentemente identificada como “erva-doce”.



**Espécie:** *Pilea microphylla* (L.) Liebm

**Família:** Urticaceae

**Sinonímias:** *Adicea microphylla* Kuntze; *Parietaria microphylla* Hort.; *Pilea callitrichoides* Kunth.; *P. callitrichoides* Schl.; *P. mucosa* Lindl.; *P. peperomifolia* Liebm.; *P. serpyllifolia* Hort. *Urtica callitrichoides* HBK; *U. microphylla* Sw.; *U. portulacina* Spr.; *U. portulacoides* Spr.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** **brilhantina-do-campo**

**Procedência:** 4, lugares úmidos, frios (P2)

**Uso(s):** chá para problemas de circulação, varizes

**Parte(s) utilizada(s):** folha e flor

**Preparo:** tirar da raiz e ferver em 1 litro d'água, beber uma xícara 3 vezes ao dia

**Material examinado:** 24/03/99 (MMS 76) R-197263

**DESCRIÇÃO:** Erva anual ou bi-anual, delicada, carnosa, muito ramosa, 5-35 cm alt., glabra, plantas pequenas quase prostradas. Folhas inteiras, uni-nervadas da base, variáveis mas freq. de 2 tamanhos; folha maior 0,5 cm, com pecíolo mais curto que o limbo, a folha oposta mais curta, oblonga; folha menor geralmente 0,25 cm. Inflorescência em aglomerações axilares. Flores unissexuadas, monoclamídeas, branco-esverdeadas, miúdas; flores masculinas simétricas, com filetes dobrados no botão floral, anteras rimosas, com deiscência explosiva; flores femininas com cálice tripartido, ovário súpero, bicarpelar, unilocular, uniovular. Embrião reto (Bailey, 1949; Grisebach, 1963).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** encontrada no Sul dos Estado Unidos e na América tropical.

**Usos na medicina popular:** usada como diurética, antitérmica, nos casos de disúria e para furúnculos.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** apesar de não ter denominação em Yorùbà, a brilhantina é associada ao orixá Oxum e ao compartimento Água.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Pilea nummerifolia* (Sw.) Wedd.

**Família:** Urticaceae

**Sinonímias:** *Urtica nummularifolia* Sw.

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** dinheiro-em-penca

**Procedência:** 1, 3 (P2)

**Uso(s):** banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** toda a planta

**Preparo:** normal para banho

**Material examinado:** 24/03/99 (MMS 76) R-197262

**DESCRIÇÃO:** Erva delicada, suculenta, rasteira, com indumento de pêlos não-urticantes, aromática. Folhas pecioladas, opostas, tri-nervadas da base, orbiculares, base arredondada, margem crenada, ca. 4 cm compr., com estípulas. Flores unissexuadas, monoclamídeas, miúdas; flores masculinas simétricas, com filetes dobrados no botão floral, anteras rimosas, com deiscência explosiva; flores femininas com cálice tripartido, ovário súpero, bicarpelar, unilocular, uniovular. Embrião reto (Bailey, 1949; Grisebach, 1963).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** encontrada no Caribe, de Panamá a Peru e diversos outros países de América Latina; espontânea e cultivada no Brasil.

**Usos na medicina popular:** -

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Aloysia gratissima* (Gil et Hook) Fronc.

**Família:** Verbenaceae

**Sinonímias:** -

#### **DADOS LEVANTADOS NA FEIRA**

**Nome(s) vulgar(es):** alfazema, erva-de-jurema

**Procedência:** 2, 4 (P2)

**Uso(s):** chá calmante, banho de descarrego

**Parte(s) utilizada(s):** folha e flor

**Preparo:** ferver 300 gramas de planta verde em 1 litro d'água, tomar quando quiser acalmar-se

**Material examinado:** 07/04/99 (MMS 85) R-197258

**DESCRIÇÃO:** Arbusto aromático. Folhas opostas decussadas ou verticiladas, sem estípulas, oblongo-elípticas, ápice arredondado, base acunhada, margem inteira. Racemos espiciformes, ca. 10 cm compr. Flores hermafroditas, hipóginas, cada uma com uma bráctea estreita; cálice gamossépalo, tubuloso-campanulado, 4 lobos quase iguais, estreitos; corola alva, hipocrateriforme, bilabiada, com 4 lobos distintos e quase iguais; estames 4, didínamos, inseridos ca. do meio do tubo da corola, anteras sem apêndice; ovário bicarpelar, as papilas estigmáticas aglomeradas, 1 óvulo em cada lóculo, os óvulos basilares, ascendentes. Esquizocarpo com 2 mericarpos (Moldenke & Moldenke, 1983).



#### **DADOS BIBLIOGRÁFICOS**

**Origem e/ou distribuição geográfica:** o gênero inclui cerca de 59 espécies, com distribuição do sudoeste dos Estados Unidos, o México, o Brasil e Equador até Argentina e Chile.

**Usos na medicina popular:** -

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** o nome popular “alfazema” denomina também algumas espécies do gênero *Lavandula*, da família Lamiaceae, empregadas na medicina popular e nos rituais afro-brasileiros associados ao orixá Oxalá, para lavagem de búzios, a magia amorosa como perfume, feitura de santo, amaci e defumação.



**Espécie:** *Lantana camara* L.

**Família:** Verbenaceae

**Sinonímias:** *Lantana mutabilis* Weigel; *L. scabrida* Soland; *L. antilla* Raf.; *Camara vulgaris* Benth.; *Lantana mexicana* Turner; *Camara aculeata* var *subinermis* Kuntze; *Lantana viburnoides* Blance ex Liu.

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** **cambará, camará**

**Procedência:** 4 (P2, P4)

**Uso(s):** xarope para tosse, como expectorante

**Parte(s) utilizada(s):** folha e flor

**Preparo:** socar as folhas e a flor com guaco, poejo e mel e esquentar sobre fogo baixo.

**Material examinado:** 07/04/99 (MMS 84) R-197258

**DESCRIÇÃO:** Arbusto ereto, até 3 m alt.; caule tetragonal, com ou sem acúleos. Folhas simples, oposto-cruzadas, ovadas a cordado-ovadas; ápice acuminado, margem crenado-serreada, 2-12 cm compr., 2-4,5 cm larg., lado adaxial hirsuto e abaxial alvo-pubescente; pecíolo curto, viloso. Capítulos longo-pedunculados, axilares, 20-35 flores. Flores hermafroditas envoltas em brácteas lanceoladas, híspidas; cálice gamossépalo, com 4-5 lobos pequenos; corola tubulosa, os lacínios desiguais, coloração de laranja a vermelha; androceu didínamo, as anteras epipétalas; ovário súpero, estilete crasso, estigma alargado. Baga preta, pequena (Moldenke & Moldenke, 1983).



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** originária do Continente Americano, atualmente espontânea em quase todas as regiões entre os paralelos 45° N e 45° S, com muitos subespécies, variedades, híbridos e biotipos

**Usos na medicina popular:** usada como tônica, febrífuga, sudorífica e contra afecções bronco-pulmonares, reumatismo e a sarna.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** , denominada de *ábitólá* em Yorùbà, que significa “nascido para riqueza”, Barros declara que é espécie pertence ao orixá Xangô e é classificada no compartimento Fogo, enquanto Silva associa ao orixá Oxóssi para obrigações no *Ori*.

**OBSERVAÇÕES:** -



**Espécie:** *Lippia alba* (Mill.) N.E. Br. ex Britt. et Wilson.

**Família:** Verbenaceae

**Sinonímias:** *Lantana alba* Mill.; *Lippia geminata* HBK; *Verbena oderata* Pers ex Steud.; *Lippia citrata* Willd. ex Cham. (ver Moldenke, 1965)

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** erva-cidreira

**Procedência:** 2,3 (P4)

**Uso(s):** chá para acalmar, e pode ser colocada no xarope das outras plantas

**Parte(s) utilizada(s):** folhas

**Preparo:** ferver alguns galhos em água durante 20 minutos, tomar uma xícara quente ou morno quando quiser.

**Material examinado:** 12/08/98 (MMS 7) R-197259

**DESCRIÇÃO:** Arbusto até 2 m., perene, aromático, densamente pubérulo, geralmente ereto mas podendo ser procumbente ou subprocumbente, decumbente, raro escandente. Folhas opostas decussadas ou ternadas, muito aromáticas, 2-7 cm compr., 1,2-2,3 cm larg., ovadas a oblongas, ápice agudo a obtuso, base acunheada, margem serrada a crenada, face adaxial pubérula e rugosa, face abaxial tomentosa ou densamente curto-pilosa; pecíolo 3-8 mm compr., delgado e pubescente. Capítulos axilares, solitários ou em pares, 8 mm em diâm.; brácteas ovadas, 3-5 mm compr. Flores perfumadas; cálice bidentado; corola hipocrateriforme, lilás e rósea, freq. alva ou amarelada na face interna, tubo 4-5 mm compr., bilabiada, com lábio anterior 3-lobado e o posterior reduzido. Fruto esquizocárpico, formado de dois mericarpos plano-convexos. (Moldenke, 1965)



#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** amplamente distribuída no Caribe, México, América Central e na América tropical e subtropical, até Argentina; introduzida e freq. escapada de cultivo em outros lugares.

**Usos na medicina popular:** atribui-se as propriedades de antiespasmódica, estomáquica e emenagoga; seu efeito calamante é bastante comprovado.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** -

**OBSERVAÇÕES:** O uso popular do nome erva-cidreira corresponde a diversas espécies, principalmente Lamiáceas, Monimiáceas e outras Verbenáceas.



**Espécie:** *Stachytarpheta cayennensis* (Rich.) Vahl.

**Família:** Verbenaceae

**Sinónimas:** *Verbena cayennensis* L.C. Rich; *V. jamaicensis* (L.) Vahl.; *V. jamaicensis* Vell.; *Stachytarpheta australis* Mold.; *S. dichotoma* (Ruiz & Pav.) Vahl.; *S. polyura* Schauer

#### DADOS LEVANTADOS NA FEIRA

**Nome(s) vulgar(es):** **gervão, gervão roxo**

**Procedência:** 3 (P4)

**Uso(s):** chá para problemas do estômago, xarope junto com guaco para gripe

**Parte(s) utilizada(s):** folha e inflorescência

**Preparo:** chá - ferver uma mão cheia de folhas em 1 litro d'água e tomar quatro vezes ao dia; xarope - preparo normal com mel, alho e guaco; tomar morno; pode guardar na geladeira.

**Material examinado:** 25/11/98 ( MMS 53) R-196691



**DESCRIÇÃO:** Subarbusto, 0,5-1 m alt., caule pouco anguloso, lenhoso. Folhas opostas, ovaladas a elípticas; ápice agudo ou subagudo; base decurrente; margem crenado-serreada; 8 cm compr., 3 cm larg.; membranáceas ou cartáceas, enrugadas; pecíolo alado, as margens revolutas. Espigas lineares até 40 cm compr.; florescimento progressivo, encontrando-se poucas flores abertas a qualquer momento. Flores sésses, ca. 1 cm compr., perianto pentâmero; cálice gamossépalo, subulado; corola infundibuliforme, coloração arroxeadas e alva; estames 2, estaminódios 2, anteras rimosas; ovário súpero, estilete sobressaindo do tubo, estigma capitado e indiviso. Bi-aquênio castanho, ligeiramente piloso na porção apical; envolto pela bractéola de bordos esparsos-ciliados (Futuro & Neves, 1998).

#### DADOS BIBLIOGRÁFICOS

**Origem e/ou distribuição geográfica:** ampla distribuição no continente Americano, ocorrendo do México até o nordeste da Argentina; no Brasil tem ampla distribuição mas é rara a ocorrência de povoamentos densos.

**Usos na medicina popular:** empregada para combater as dores do peito e do estômago, lavar úlceras e como estimulante, sudorífica, ferbrífuga e diurética.

**Usos em rituais afro-brasileiros:** pertence ao orixá Obaluaiyê para banho de descarrego.

**OBSERVAÇÕES:** -

## V. DISCUSSÃO

Apresenta-se a seguir uma interpretação dos resultados obtidos, visando discutir algumas perguntas que surgiram ao longo da pesquisa. A quantidade e diversidade de espécies foram muito além das expectativas, evidenciando um papel importante nos cuidados da saúde do bairro. Procura-se entender, portanto, a razão desta popularidade e o papel que os ervatários representam neste contexto. Outra questão é como tratar da extração florestal que é demonstrada na análise das procedências. Para os demais aspectos pesquisados são apresentados gráficos, ilustrando a divisão percentual dos resultados, estes aspectos sendo: as famílias representadas; as partes da planta citadas nas receitas; e as moléstias para quais as plantas foram indicadas, junto como as formas de administração.

### V.1. A POPULARIDADE DAS PLANTAS DA FEIRA

As ervas encontradas na feira são destinadas a tratamentos preventivos e curativos utilizados pelos moradores da Tijuca, ambos no campo físico e espiritual. Do número de ervatários observados, e da grande quantidade de ervas disponíveis podemos inferir que uma quantidade significativa da população aproveita este recurso.<sup>57</sup> Sugerimos que há diversos fatores contribuindo para a popularidade das ervas: o comportamento dos fregueses em relação à saúde e doença; uma tendência a romantizar as plantas e considerá-las seguras; o hábito de automedicação; a situação econômica que favorece a opção pelos tratamentos de preço mais acessível que as plantas apresentam; e modificações nos costumes das religiões afro-brasileiras.

O Brasil é o quinto maior mercado de medicamentos no mundo, apesar de ocupar o 70º lugar em renda per capita.<sup>58</sup> Com respeito às atitudes sobre a saúde, o antropólogo Sidney Greenfield (1987) comenta que:

"...a preocupação com a doença é endêmica no Brasil. Qualquer um que passe um tempo lá, e venha a conhecer os brasileiros, não importa sua classe social nem região nativa, se torna consciente de que, no geral, as pessoas estão doentes, acreditam que estão doentes, temem que logo ficarão doentes, ou estão muito envolvidas com a doença de um amigo ou parente".

Entre os privados de alimentos saudáveis e cuidados médicos adequados, isso talvez seja de se esperar, mas na realidade as pessoas desta classe tarda mais a procurar os serviços de saúde, sendo mais freqüente a procura pelo tratamento entre pessoas com um poder aquisitivo adequado para se alimentar corretamente, e que se disponibilizam dos cuidados preventivos e da tecnologia médica existente.<sup>59</sup> Sendo a feira situada num bairro de



classe média, onde a preocupação com a doença é, então, teoricamente maior, isso indica que a grande procura pelas plantas é representativa de uma procura por tratamento em geral.

Outro fator que sustenta a feira é o prestígio romântico concedido às plantas medicinais. Amorozo (*in* Di Stasi, 1995) resume o fenômeno sucintamente:

"...observa-se uma tendência, entre a população urbana medianamente educada, a uma supervalorização, às vezes sem qualquer embasamento científico, de facetas deste modo de vida mais "natural", identificado com o destas populações. Isto é notório no uso de plantas para fins curativos."<sup>60</sup>

Porém, isso não explica completamente a escolha das ervas como a forma de tratamento. Decerto que uma percentagem dos fregueses opta pela medicina alternativa por considerá-la mais natural, mas a partir disso, a opção pela feira ao invés de uma farmácia homeopática implica em outras razões.

Uma hipótese que pode ser levantada baseia-se na atual crise econômica do Brasil, que tem resultado num crescente número de desempregados em todas as classes sociais, influenciando portanto, no sucesso das plantas. Desde a desvalorização do real em janeiro de 1999, os preços em geral subiram e mesmo para quem tem um padrão de vida acima do nível da miséria, os custos dos medicamentos cresceram desproporcionalmente. O fato de que, durante o ano da pesquisa, a média de ervatários presentes semanalmente aumentou de 7 para 12 dá peso a esta possibilidade. Possivelmente as dificuldades econômicas vêm aumentando a opção pelas plantas sobre as farmácias homeopáticas entre as pessoas com esta inclinação para o "natural".

Nota-se que a compra de plantas para uso medicinal ou para simpatias é equivalente à compra de remédios sem receita, ou o uso de medicações antigas, no sentido que é automedicação fora dos parâmetros do estabelecimento médico erudito. Existe uma tendência na sociedade brasileira de analisar sintomas socialmente, receitar remédios entre conhecidos, e, enfim, tratar-se sem o auxílio de um profissional da área médica. Enquanto este comportamento é mais comum entre os menos privilegiados, é também observado entre as classes abastadas.<sup>61</sup> A automedicação se limita, nesta interpretação, aos fregueses que compram plantas medicinais para remédios auto-receitados, ou para as simpatias (que por definição são feitas pelos leigos). A ampla aceitação dos tratamentos naturais como inofensivos favorece seu uso na automedicação, e, portanto, a popularidade da opção pelas plantas.

Outro fator significativo parece estar relacionado às plantas usadas em rituais; sem poder quantificar a importância das simpatias, a percentagem das plantas de uso em rituais afro-brasileiros encontrada nas mesas, e a observação de que e a conversa informal com os fregueses, indicam que os devotos utilizam o recurso da feira. Na teoria, as plantas de uso no

candomblé e umbanda teriam que ser coletadas especificamente para este propósito e por pessoas qualificadas. Porém, há ampla evidência na literatura que a prática não ocorre sempre desta forma. Bastide (1973) observa que "as ervas que servem para a lavagem também não podem ser arrancadas de qualquer maneira e em qualquer lugar; existe o rito da "colheita" (embora, ao que nos pareça, ele nem sempre seja seguido na Bahia, devido à facilidade de encontrar as ervas nos erveiros)."<sup>62</sup>

Barros (1993), no seu livro sobre os sistemas de classificação de vegetais no Candomblé Jê-je-Nago, confirma este papel atual dos ervatários vinculados ou não com as Casas de Culto dizendo que "são independentes, prestam serviços e vendem mercadorias às diferentes comunidades religiosas, e este conhecimento processa-se de maneira transgeracional."<sup>63</sup> Sua observação corrobora o que foi visto na feira e com as declarações dos informantes. Ele acrescenta que a compra das ervas sagradas é funcional em parte porque os ervatários compartilham a mesma cosmovisão que os religiosos, e que "embora tenha ocorrido uma redefinição de papéis historicamente demonstráveis, esta não alterou profundamente o quadro das representações do grupo nem a relevância da relação homem/vegetal."<sup>64</sup>

## V.2. O PAPEL DOS ERVATÁRIOS

Quando o ervatário indica plantas e receitas, ele exerce o papel de curandeiro, numa situação que se assemelha aos tratamentos religiosos, sendo estes também aplicados por um especialista, embora eles não sejam reconhecidos pela medicina ocidental. O uso das plantas, quando orientado por alguém socialmente identificado como conhecedor do assunto, deixa de ser automedicação, mas não por isso terá uma eficácia mais comprovada.

Entretanto, o papel de ervatário nem sempre abrangia o de curandeiro. Apesar de alguns fregueses perguntarem que produto havia para uma ou outra moléstia, um número igual ou maior estava a procura de itens específicos, aproveitando a feira meramente como fornecedora de material, não como lugar de consulta. Ao contrário desta observação, na pesquisa de Loyola (1984), os moradores de um bairro pobre em Nova Iguaçu utilizavam os ervatários como se fossem médicos, mesmo tendo que ir ao centro do município para ter acesso aos seus serviços. Ademais, em sua pesquisa, os ervatários se conceberam de uma forma não observada neste trabalho, exemplificada na citação abaixo:

"Embora seus produtos sejam dirigidos ao comércio, o erveiro [ervatário] não se define como um comerciante, mas como um produtor ou, melhor ainda, como um criador, espécie de artista, que, dotado de conhecimentos específicos, é capaz, como um músico, de combinar os elementos necessários para compor uma harmonia."<sup>65</sup>

Mesmo não se considerando presenteados com um dom de deus, ou algo semelhante, os ervatários acreditam no seu conhecimento e nas plantas, utilizando-as no tratamento de si mesmos e de seus familiares. Eles fazem parte das populações rurais, ou das desprivilegiadas urbanas, para quem a falta de hospitais, médicos e até farmácias, torna a utilização dos recursos vegetais uma necessidade, adquirindo a prática no cotidiano.<sup>66</sup> Isso é uma situação distinta ao uso das plantas praticado pelos tijucanos, que, mesmo sabendo o nome de algumas plantas, freqüentemente não reconheciam a espécie. Em parte, os ervatários atuam como ponte entre estes dois mundos, difundindo o seu conhecimento entre pessoas, sem esta tradição, que procuram saber.

Contudo, há várias influências que vem modificando o saber dos ervatários, notavelmente a mídia e seus próprios fregueses. P2 afirma que ele procura se informar através da leitura, introduzindo um elemento externo aos dados culturais, já que no geral o conhecimento dos demais informantes, removidos há poucas gerações da roça e ainda moradores de bairros ou áreas semi-rurais, pode ser caracterizado como tradicional, ou seja, obtido via transmissão oral dentro da família. De fato, P2 é considerado mais versado nos assuntos de uso e preparo (mas não na identificação), sendo as dúvidas dos outros ervatários geralmente esclarecidas com ele. Não averiguamos, porém, o quanto de seu conhecimento é fruto de sua alfabetização, tampouco se seu prestígio deve-se à percepção dele como alguém com mais estudo ou simplesmente como um ervatário com mais aprendizagem da medicina popular.

Em relação aos fregueses, foi observada uma troca regular de indicações e receitas junto aos ervatários, aumentando, assim, o seu repertório. Por sua vez, os fregueses estavam transmitindo informação de um círculo ainda mais amplo, pedindo uma planta ou outra porque um conhecido tinha obtido sucesso no seu uso. Se este intercâmbio ameniza ou exacerba os problemas inerentes ao tratamento sem cuidados médicos é muito difícil definir, pois apesar de haver uma difusão de informação, muitas vezes esta não é comprovada.

Não cabia a esta pesquisa tentar definir com exatidão a interação de conhecimentos na feira, nem a possível influência da instrução de um dos participantes, mas acrescenta-se aqui a observação de Camargo (1998):

“Como todos os fenômenos sociais sofrem a influência indireta dos meios de comunicação e intelectualizados, tais como escolas, igrejas, jornais, rádio, televisão etc., o mesmo acontece com a medicina popular. Aí está a razão de uma série de modificações ocorridas com respeito ao uso e ao preparo dos remédios caseiros.”

### V.3. Famílias

As 151 espécies levantadas na feira (excluindo as cascas não determinadas) pertencem a 59 famílias, sendo que a maioria, 33, está representada por apenas uma espécie (vide Figura 1). As famílias mais comercializadas na coleta da feira são Asteraceae (com 21 espécies), Lamiaceae (13), Solanaceae (9) e Leguminosae (6), juntas responsáveis por 32,7% das plantas encontradas.

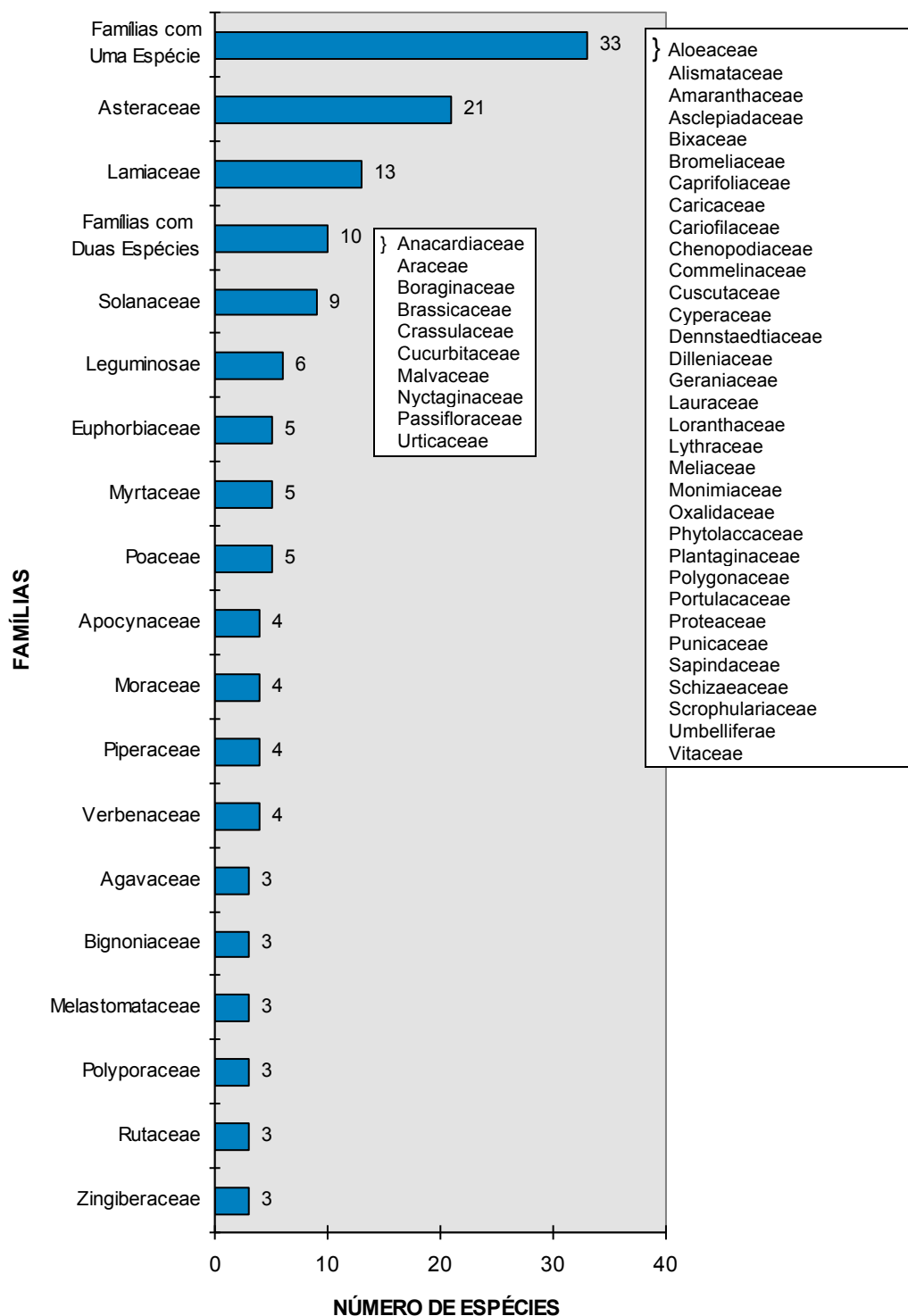


Figura 1. Representatividade das famílias em número de espécies

Esta distribuição das famílias, especialmente a predominância de Asteraceae e Lamiaceae, parece ser comum na medicina popular de comunidades semi-rurais e rurais; nas pesquisas de Ribeiro (1996), Gomes e Carvalho (1998), Pagliarini-Grams e Cevi (1999), e Amorozo (1999), estas duas famílias figuraram entre as cinco melhor representadas.

#### V.4. AS PROCEDÊNCIAS

A seguir encontram-se dois gráficos (Fig. 2 e Fig. 3) representando as quatro origens citadas pelos ervatários para as plantas coletadas durante o ano da pesquisa.

Sabendo-se que uma espécie poderia ter diferentes procedências, Figura 2 ilustra as plantas em categorias compostas, para que cada espécie pudesse se enquadrar numa única divisão. As combinações resultam da variação de respostas entre os ervatários, somado ao fato de que, por vezes, um vendedor tenha que recorrer a uma outra fonte para obter a sua planta. Por exemplo, uma espécie que cresce espontaneamente perto da moradia pode faltar ocasionalmente, sendo assim necessário entrar na mata para encontrá-la. A Figura 3 representa a percentagem do número total de citações; como algumas espécies são oriundas de mais de um lugar, cada procedência, e não cada espécie, foi contada uma vez.

Todas as procedências podem ser consideradas significativas, mas observa-se que as plantas compradas, de jardim e ruderais são encontradas mais constantemente que as espécies silvestres, que aparecem com frequência variada. As plantas compradas, apesar de representarem um número menor de espécies, provavelmente compõem um volume maior do total de vendas do que seria proporcionalmente previsto.

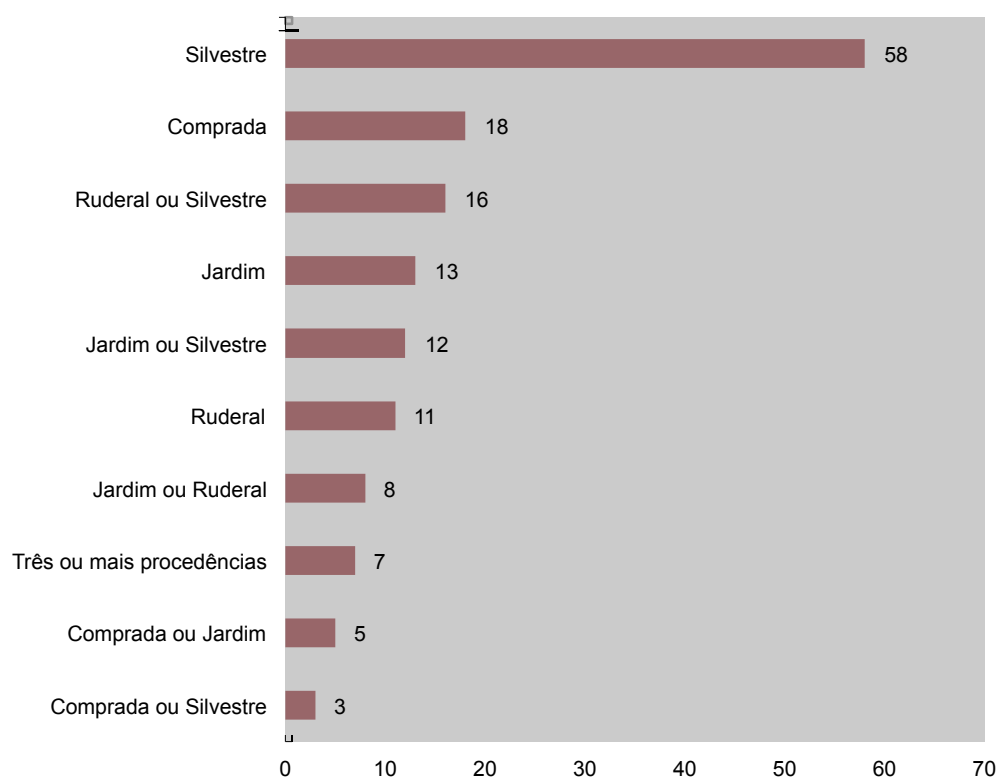


Figura 2. Categorias de procedência por número de espécies.

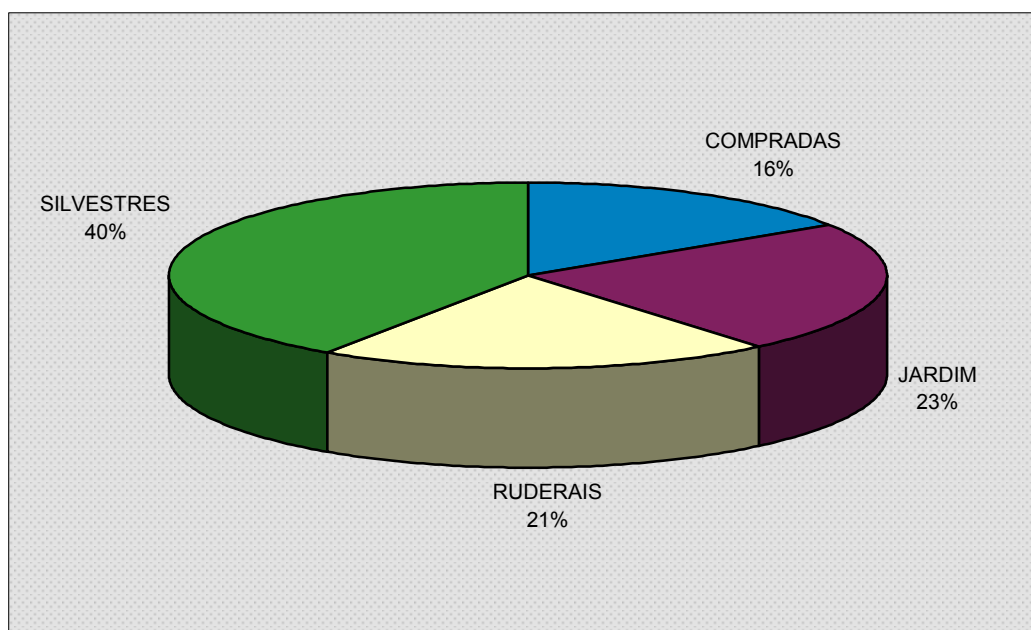


Figura 3. Procedência como percentagem do total de citações.

Mesmo que cada espécie silvestre não seja encontrada toda semana, o efeito cumulativo da coleta merece atenção. É provável que a extração de recursos florestais praticada pelos ervatários nesta única feira, extrapolado para as 182 feiras da cidade, tenha um impacto nas áreas de Mata Atlântica utilizadas pelos ervatários. Discutindo o estado deste ecossistema, o projeto Homem e Biosfera da UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e a Cultura) comentou que:

“Essa diversidade, ao mesmo tempo em que representa uma excepcional riqueza de patrimônio genético e paisagístico, torna a mata extremamente frágil. A destruição de parcelas ainda que pequenas dessa floresta pode significar a perda irreversível de inúmeras espécies, por vezes sequer estudadas pela ciência.”<sup>67</sup>

Pelo menos na teoria, a floresta já goza de um sistema de proteção através da legislação do país, iniciado indiretamente com o Código Florestal Brasileiro de 1934 que "determina que as encostas com declividade acima de 45 graus sejam áreas de preservação permanente."<sup>68</sup> Quatro anos depois, o primeiro Parque Nacional preservou a Mata Atlântica de Itatiaia, no Estado do Rio de Janeiro, e paulatinamente surgiu a idéia de se tomar uma medida para abranger todos os remanescentes, de forma contínua, culminando com a Constituição Brasileira de 1988, que declarou toda a Mata Atlântica como patrimônio nacional.<sup>69</sup>

O difícil cumprimento dessas leis é constatado pela miríade de espécies nativas encontradas na feira. A simples proibição da coleta obviamente não funciona; a alternativa mais freqüentemente proposta por especialistas é a extração controlada dos recursos

florestais, definida como “a exploração florestal com manutenção da biomassa original (estoque ou número de indivíduos existentes) e retirada periódica do aumento de biomassa (incremento no ciclo em questão)”.<sup>70</sup>

O programa Homem e Biosfera (MAB) da UNESCO, responsável pelo equacionamento dos problemas das Reservas, afirma que:

“A Reserva propicia o desenvolvimento de pesquisas orientadas à solução dos problemas vinculados à conservação dos ecossistemas da Província Atlântica, ao mesmo tempo em que promove a participação das populações locais no aproveitamento e no desenvolvimento do solo. Fomenta o planejamento regional e o desenvolvimento rural integrado das áreas que abarca.”<sup>71</sup>

A descrição das populações locais das Reservas da Biosfera não menciona os ervatários, mesmo que vivam na proximidade da floresta e que seu meio de sobrevivência seja intimamente ligado às espécies vegetais ali contidas. Sugere-se sua inclusão, o que lhes daria o direito à ajuda disponível às populações locais para desenvolver um programa de manejo sustentável, o que pode tornar as plantas medicinais, além de um recurso terapêutico, uma fonte de recursos econômicos sem desequilibrar o ecossistema.<sup>72</sup>

## V.5. NOMES VULGARES

A antropologia lingüística divide a relação entre nomes folclóricos e categorias botânicas em três tipos: correspondência de um a um; sobre-diferenciado, em que o taxon botânico tem mais de um nome popular; e sub-diferenciado, em que diversos taxa (por exemplo, espécies de um gênero) têm somente um nome popular.<sup>73</sup> No geral, espécies de muita importância social ou com variação morfológica são sobre-divididas, e espécies que são menos importantes ou têm aparências parecidas são sub-divididas.

A grande maioria dos nomes populares citados pelos ervatários corresponderam um a um com as espécies botânicas, sendo encontrados somente dois casos de sobre-diferenciação, e três de sub-diferenciação. A espécie *Sansevieria trifasciata* Hort. ex Paine (Agavaceae), amplamente cultivada, variavelmente apresenta uma margem foliar amarela, sendo designada pelos ervatários como espada-de-Santa-Barbara quando a faixa é presente, e espada-de-São-Jorge quando ausente. A espécie *Ocimum minimum* L. (Lamiaceae) é chamada de manjeriçao-de-folha-miúda quando verde, e manjeriçao-roxo quando roxo, uma diferença visualmente lógica mas que não distingue a espécie botanicamente. No caso da *Sanserviera*, o uso em banho e como decoração que protege contra olho-grande é atribuído a ambas as espécies folclóricas, enquanto para *Ocimum*, o manjeriçao-de-folha-miúda é um tempero e manjeriçao-roxo é usado em ritual.



Dos casos de sub-diferenciação, dois envolvem taxa tão parecidos que existe debate taxonômico sobre sua distinção. A "trombeta" coletada da primeira vez (MMS 54a) foi do gênero *Datura*, e da segunda vez (MMS 54b) foi *Brugmansia* (ambos da família Solanaceae), não sendo possível a determinação específica devido à ausência do cálice. A polêmica entre Solanólogos sobre a separação dos dois gêneros é de longa duração e divide os especialistas internacionais<sup>74</sup>. O "dente-de-leão" encontrado na feira, além de não ser *Taraxacum officinale* Web., foi determinado por um especialista em Asteraceae como *Emilia coccinea* Sims e *E. sonchifolia* DC., com o comentário que na sua opinião as duas deveriam ser reunidas numa espécie só (Esteves, via oral). O terceiro caso, de "agoniada", envolve duas espécies de Apocynaceae, sendo que num dia o fruto, que pertence ao gênero *Peschiera*, foi coletado, e num outro dia as folhas, da espécie *Himatanthus lancifolius* (Muell. Arg) Woodson, foram coletadas. Os dois nunca foram encontrados juntos na mesa, e é muito provável que o ervatário saiba que não são tiradas de plantas iguais; o fato de que ambas são "agoniada" exemplifica a situação de sub-diferenciação.

Os nomes vulgares nem sempre corresponderam aos nomes citados nos livros populares sobre plantas medicinais, o que pode ser interpretado de várias formas. As fontes de informação sobre as plantas medicinais, como livros populares e suplementos de jornal, geralmente são reapresentações de outros livros, assim perpetuando a informação do trabalho inicial sem lhe acrescentar ou atualizar os dados. Os nomes "pouco comuns" levantados nesta pesquisa, então, podem ser de origem recente, o que não parece muito provável devido à constância das respostas entre os informantes, ou simplesmente não foram incluídos nos trabalhos de referência das fontes populares.

Quando informado de que a denominação dada na feira não fora encontrada na literatura, um ervatário deu a explicação de que isso é resultante do fato que cada planta tem 7 nomes, um nome velho, um nome jovem, um nome de ritual e daí adiante. Por tanto, ele sabia de um nome, e o livro de outro, mas acrescentou quando indagado que não sabia todos para espécie alguma. Bastide (1973) ecoa esta observação sobre a diversidade dos nomes no seu livro "Estudos afro-brasileiros":

"É que cada orixá é múltiplo. Essa multiplicidade do orixá encontra-se ligada, primeiro, à multiplicidade das nações e mesmo, provavelmente, na origem, à multiplicidade das tribos: existiram 41 Exus, me disse uma mãe-pequena jejê; existiam vários Xangôs, um em cada nação, me disse Joana de Ogum.... Além disso, todo Orixá tem duas formas, há um orixá moço e um orixá velho. Ora, nota-se nitidamente que cada um tem uma identificação diferente, não se unindo, em geral, ao mesmo santo católico."<sup>75</sup>

## V.6. Preparo das plantas

Dos 217 remédios levantados nas entrevistas, 30% foram para uso externo, e 70% para uso interno, sendo ilustrado abaixo (Fig. 4) o número de citações para cada preparo. Esta divisão parece bastante comum, pois ambos Ribeiro (1996) e Alexiades (1999) documentaram usos 35% externos e 65% internos nas suas pesquisas.<sup>76</sup>

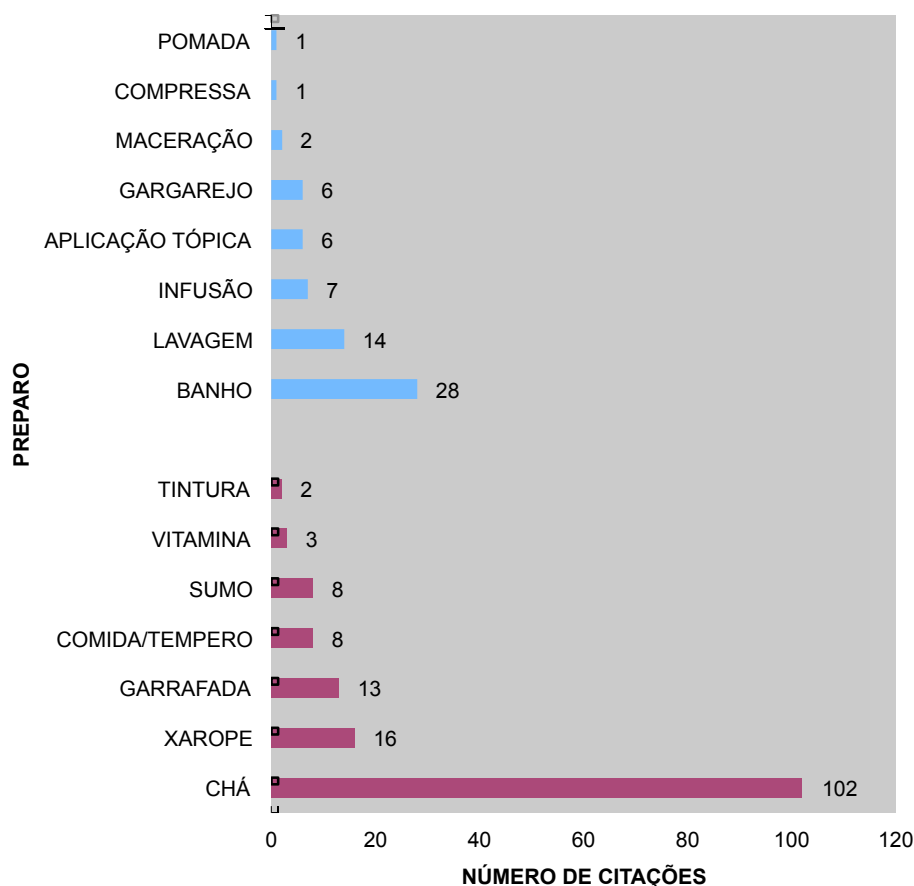


Figura 4. Número de citações por forma de preparar.

Chá é a forma mais comum de preparar a planta, indicado em 47% das receitas, uma percentagem muito parecida com o resultado de Ribeiro (1996) em Minas Gerais (48,2%) e de Urquiza *et al.* (1999) no Pará (35%).

Todos os participantes forneceram dados sobre o preparo da planta quando perguntados pela pesquisadora, mas em geral sem receitas exatas, as quantidades sendo solicitadas com perguntas adicionais. Havia alguns casos, como por exemplo as plantas abortivas, para as quais especificaram com muito cuidado horário, quantidade e forma de tomar. Eles demonstraram despreocupação generalizada sobre as plantas medicinais, mas estavam conscientes de que algumas espécies exigem cuidados especiais.

## V.7. UTILIZAÇÕES

Foram documentadas 60 utilizações para 158 espécies (as raízes e cascas sendo aqui incluídas), uma sendo “banho de descarrego”, aplicado a diversos males, as outras consistindo de moléstias específicas. O total de 291 citações dá uma média de cerca de duas citações por planta, embora muitas espécies sejam usadas para tratar apenas um problema, e outras tratem três ou quatro. Por conveniência de análise, as utilidades estão categorizadas entre ritual, medicinal e comestível (geralmente tempero).

Nota-se que estes não são termos empregados pelos ervatários, que não identificam as plantas como rituais nem medicinais, embora certamente reconheçam as categorias. Em resposta à pergunta sobre o uso para uma planta ritual, eles citam "banho de descarrego", mesmo que indubitavelmente tenha outras aplicações, até mesmo nas simpatias que os ervatários mencionaram em conversas informais. Duvida-se que a generalização do uso destas plantas reflita uma falta de conhecimento, ou uma restrição verdadeira do uso, mas sim, uma reticência de falar sobre o assunto. Em contraste, as plantas "medicinais" são especificamente associadas às moléstias que tratam, e os ervatários nunca se referem explicitamente à categoria de medicinal.

Usa-se aqui estes termos para facilitar o entendimento dos dados, e sob a suposição de que não compromete as informações concedidas pelos participantes do estudo. A seguir, a Figura 5 demonstra a divisão das plantas por tipo de uso, e o Quadro 6 lista o número de citações para cada moléstia.

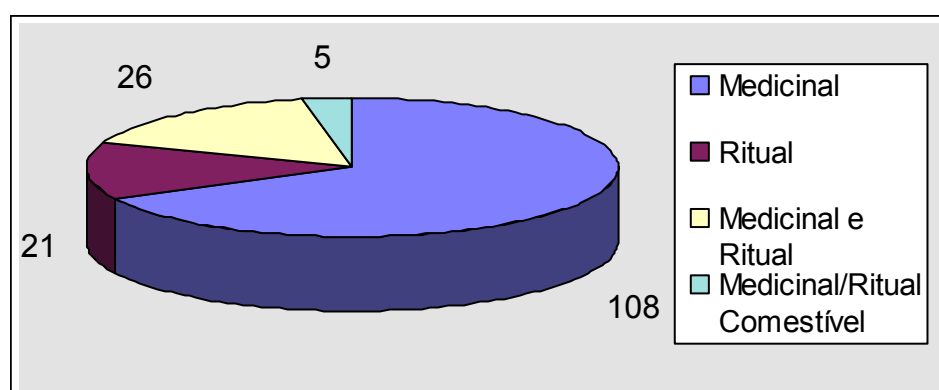


Figura 5. Número de indicações por tipo de uso

Quadro 6. Número de indicações por utilização

BANHO DE DESCARREGO	50	FEBRE	3
DIABETES	14	FORTIFICANTE/ESTIMULANTE	3
CABELO (QUEDA, BRILHO, CLAREAR)	11	HEMORRÓIDAS	3
ÓRGÃOS FEMININOS	11	INTESTINO	3
SANGUE GROSSO/ CIRCULAÇÃO	10	TUBERCULOSE	3
INFLAMAÇÃO (GERAL)	10	CATARRO	2
FÍGADO/HEPATITE/ CIRROSE	10	DIARRÉIA	2
RINS	10	DOR DE GARGANTA	2
GRIPE / RESFRIADO	9	FURÚNCULO/ BURSITE/ TUMOR	2
VARIZES	9	INCHAÇÃO	2
REUMATISMO	8	MELHORAR OS NERVOS	2
CALMANTE	7	OLHO/ VISÃO/ CATARATAS	2
DOR NO CORPO	7	URINA SOLTA	2
TOSSE/BRONQUITE	7	APENDICITE	1
DOR DE DENTE / ABCESSO	6	ASMA	1
DOR DE ESTÔMAGO	6	COCEIRA EM ANIMAL	1
GASTRITE	6	COLESTEROL	1
MACHUCADO/FERIDAS	6	CÓLICAS	1
PRESSÃO ALTA	6	CORANTE	1
PULMÃO / PNEUMONIA	6	DENTIÇÃO	1
ABORTIVA	5	EMAGRECER	1
CORAÇÃO	5	FRIAGEM	1
EXPECTORANTE	5	IMPOTÊNCIA	1
TEMPERO/COMIDA	5	INSÔNIA	1
CÂNCER/ TUMORES	3	PARAR DE FUMAR	1
COCEIRA / MICOSE	3	PULGAS	1
DEPRESSÃO	3	PURGATIVA	1
DIURÉTICO	3	SARAMPO	1
ENFEITAR CASA	3	VERME (ANTI-HELMÍNTICO)	1

Observa-se que, fora os banhos de descarrego, as moléstias mais comuns afetam uma população adulta, o que corrobora a observação de que a feira não serve como o único recurso da saúde. Sem dúvida as crianças do bairro também adoecem, mas provavelmente não são expostos aos riscos de um tratamento alternativo ou a medicação sem a supervisão profissional de um médico. Loyola (1984) observou esta mesma tendência no seu estudo em Nova Iguaçu, em que é geralmente para doenças dos filhos que as mães enfrentam os obstáculos da medicina pública, mas para seu próprio tratamento tendem a recorrer a outros recursos.

## V. 8. PARTE UTILIZADA

Nas receitas dos ervatários encontram-se 8 categorias de órgãos utilizados. A citação de um órgão para alguma espécie não quer dizer, porém, que somente esta parte seja encontrada na feira; a maioria das receitas, por exemplo, utilizam as folhas, mas vende-se o caule com as folhas, e a flor ou o fruto também podem estar presentes dependendo da estação do ano. As categorias foram definidas a partir do que era essencial à receita, sendo a presença das outras partes da planta facultativa. O número de órgãos indicado para uso pelos

ervatários tampouco está ligado ao número de receitas para aquela planta. As flores, por exemplo, podem ser a única parte aproveitada, entretanto são ministradas em forma de chá para gripe ou xarope para tosse.

Os nomes das categorias abaixo são essencialmente fiéis às definições dos ervatários, sendo "fruta" do vocabulário leigo substituída por "fruto", e sendo os termos permutáveis como galho e ramo reunidos em "parte aérea". Esta última categoria refere-se tanto às extremidades de árvores e arbustos quanto às plantas herbáceas (menos a raiz).

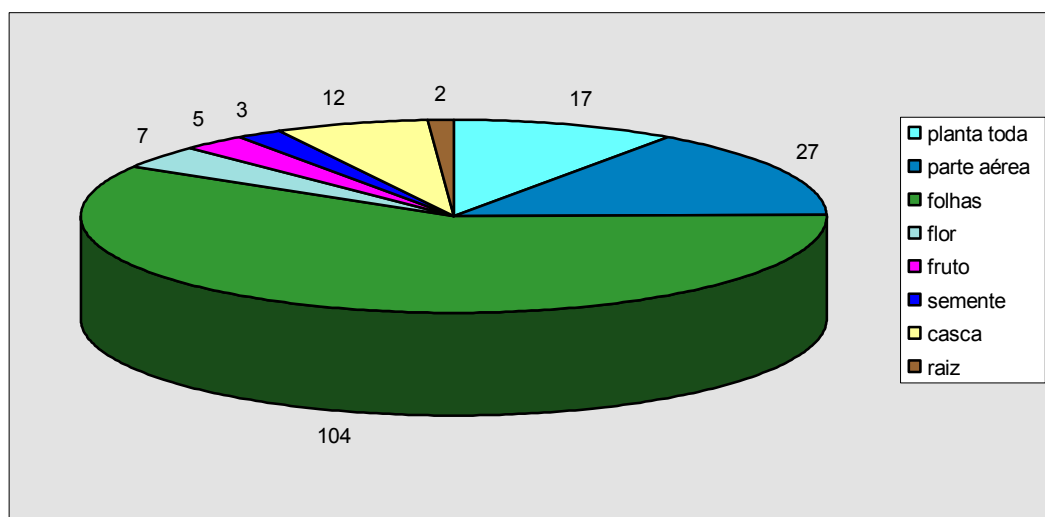


Figura 6. Número de citações por órgão.

As raízes e cascas estão aqui incluídas por fazerem parte do levantamento do que é vendido pelos ervatários; para o propósito desta contagem é suficiente que sejam espécies distintas, o que podemos afirmar mesmo sem a identificação completa.

Como está ilustrado na Figura 6, as 158 espécies foram divididas em 178 órgãos, sendo que para 13 espécies duas partes são utilizados, para três espécies três partes são utilizadas e o restante cabem numa única categoria. A representação de cada parte apresenta-se dentro da esperada, sendo as folhas mais frequentemente utilizadas, e as outras partes menos comuns, porém, presentes.

Na feira, por exemplo, as folhas representam 58,4% dos órgãos utilizadas, enquanto Ribeiro (1996) documentou um índice de 67,6 % em Minas Gerais rural, Pasa e Netto (1999) encontraram 42,5 % em Mato Grosso, e Alexiades (1999) 46% entre a tribo indígena Ese Eja, no Peru. A preferência pode evidenciar uma seleção farmacológica na parte da medicina popular, já que compostos secundários, especialmente alcalóides, são encontrados em concentrações mais altas em folhas e tecidos jovens.<sup>77</sup>

Mesmo entre populações utilizando ecossistemas diferentes como as procedências da feira e a floresta peruana, as percentagens parecem se manter aproximadamente constantes;

as flores fazem 3,93% do levantamento da feira, enquanto Ribeiro (1996) encontrou 2,86% e Alexiades (1999) 2% (Pasa e Netto (1999) não especificaram esta categoria).

## VI. CONCLUSÕES

A utilização das plantas da feira reflete aspectos intrínsecos da cultura e da classe do bairro em relação à saúde, em combinação com fatores temporais como a economia. Enquanto não podemos resolver a questão da validade da medicina popular, é importante notar que não é um conhecimento estático; como afirma Camargo (1998), ela "...vai se modificando espontaneamente, influenciada não só pelos meios intelectualizados e de comunicação, como também pelo entrelaçamento de traços culturais entre habitantes de um mesmo grupo social."<sup>78</sup> Na feira, esta transmissão de informação ocorre bidirecionalmente entre os fregueses e os ervatários.

Ademais, a abordagem aqui apresentada não é completa. Afirmamos categoricamente que há mais espécies a serem encontradas na feira, espécies vistas após o período determinado para coleta, e então não incluídas. Mesmo que exista uma base constante de espécies, toda semana apareceram plantas diferentes, e arriscamos que se o estudo continuasse mais um ano, e todas as cascas e raízes fossem identificadas, cerca de 250 espécies seriam encontradas.

Em relação aos outros aspectos pesquisados, sem dúvida há mais usos e preparos, indicações, quantidades e intervalos a tomar os remédios que pudessem ser encontrados. A falta de precisão nas respostas dos participantes, também observada nas conversas dos fregueses, indica uso das ervas de uma forma pouco segura, e realça a necessidade, já reconhecida, de mais estudo para determinar a correta utilização terapêutica.

Di Stasi (1995) afirma que: "Durante muitos anos a pesquisa com plantas medicinais foi subestimada no meio científico, e os preconceitos velados a químicos e farmacologistas, que desenvolveriam pesquisas com produtos de origem natural, se verificavam pelos pequenos espaços dentro dos congressos, publicações e instituições científicas."<sup>79</sup> É necessário mudar isso, e etnobotânica é o início deste processo; como explica Amorozo (*In* Di Stasi, 1995)"...uma boa seleção de plantas para estudos farmacológicos apenas poderá ser realizada com a coleta, o registro e a análise de usos contextualizados de plantas medicinais."<sup>80</sup>

Não seria útil culpar os ervatários e os compradores pela extração de recursos florestais protegidos. Devemos, antes, apoiar pesquisas mais aprofundadas sobre as plantas. Um programa coordenado poderia servir como um passo na padronização das alternativas à medicina ocidental, sendo importante tanto para os procuradores de tratamentos naturais quanto para as comunidades carentes sem acesso aos remédios industrializados, além de valorizar a exploração ecologicamente sensata.

---

NOTAS

- <sup>1</sup> Savastano, M.A.P., Di Stasi, L.C. Folclore: conceitos e metodologia *In* Di Stasi, L. C. 1995. Plantas Medicinais: Arte e Ciência Um Guia de Estudo Interdisciplinar. São Paulo: Ed. UNESP. p. 37-46
- <sup>2</sup> Ming, L.C. Coleta de plantas medicinais *In* Di Stasi, *op. cit.* p.69-86
- <sup>3</sup> Ming, *op.cit.* *In* Di Stasi, *op. cit.*
- <sup>4</sup> Wilkes, G. The Ethnobotany of Artificial Selection in Seed Plant Domestication *In* **Ethnobotany: Evolution of a Discipline** ed. Schultes, R.E. & von Reis, S.1995. London: Chapman & Hall. p. 203
- <sup>5</sup> Manilal, K.S. Linkages of ethnobotany with other sciences and disciplinas. SEBS news letter 7(1-3):1-2 *apud* Sensarma, P. & Ghosh, A.K. Ethnobotany and Phytoanthropology *In op.cit* Schultes & von Reis, p. 69
- <sup>6</sup> Schultes & von Reis *In* Schultes & von Reis, *op.cit.* p. 19
- <sup>7</sup> Emboden, W.A. Art and Artifact as Ethnobotanical Tools in the Ancient Near East with Emphasis on Psychoactive plants *In* Schultes & von Reis, *op.cit.* p. 96
- <sup>8</sup> Schultes & von Reis *In* Schultes & von Reis, *op.cit.* p. 89-90
- <sup>9</sup> Davis, E.W. Ethnobotany: An Old Practice, A New Discipline *In* Schultes & von Reis, *op.cit.* p. 41
- <sup>10</sup> Schultes & von Reis *In* Schultes & von Reis, *op.cit.* p. 90
- <sup>11</sup> Lipp, F. J. Ethnobotanical Method and Fact: A Case Study *In* Schultes & von Reis, *op.cit.* p. 52
- <sup>12</sup> Schultes & von Reis *In* Schultes & von Reis, *op.cit.* p. 90
- <sup>13</sup> Davis, *op. cit* *In* Schultes & von Reis, *op.cit.* p. 41
- <sup>14</sup> Schultes & von Reis *In* Schultes & von Reis, *op.cit.* p. 90
- <sup>15</sup> Davis, *op. cit* *In* Schultes & von Reis, *op.cit.* p. 41
- <sup>16</sup> *ibid* p. 43
- <sup>17</sup> Lipp *op. cit.* Schultes & von Reis, *op.cit.* p. 52
- <sup>18</sup> Amorozo, M.C.M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. *In* Di Stasi, *op. cit.* p. 48
- <sup>19</sup> Sensarma & Ghosh *op. cit.* *In* Schultes & von Reis, *op.cit.* p. 69
- <sup>20</sup> *id.*
- <sup>21</sup> Ramos, W.P.B., Ramos A.O. Abuso de drogas. *In* Silva, P. Farmacologia. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1985. *apud* Di Stasi, L.C. Arte, ciência e magia. *In* Di Stasi, *op. cit.* p. 18
- <sup>22</sup> Ferreira, A.B.H. 1986. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa** 2a Ed., Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- <sup>23</sup> "O que é preciso saber sobre Mecados e Feiras Livres" 1982. Rio de Janeiro: Secretárias de Planejamento da Presidência da República e de Articulação com os Estados e Municípios. p. 56
- <sup>24</sup> Savastano, M.A.P., Di Stasi, L.C. Folclore: conceitos e metodologia. *In* Di Stasi, *op. cit* p. 40
- <sup>25</sup> <http://www.rio.rj.gov.br/clf/feiras>

- 
- <sup>26</sup> *id.*
- <sup>27</sup> "O que é preciso saber sobre Mecados e Feiras Livres" *In. Secret. de Planaj. op. cit.* p. 56
- <sup>28</sup> <http://www.rio.rj.gov.br/clf/feiras>
- <sup>29</sup> "O que é preciso saber sobre Mecados e Feiras Livres" *In op. cit. Secret. de Planaj.* p. 8
- <sup>30</sup> Veloso, C. **Verdade Tropical**. São Paulo: Companhia das Letras. p. 45
- <sup>31</sup> Imbiriba, L.E. Era uma vez... **Jornal O Quarteirão** 1(4) Setembro 1999 p. 6
- <sup>32</sup> Imbiriba, L.E. Era uma vez... **Jornal O Quarteirão** 1(5) Outubro 1999 p. 7
- <sup>33</sup> Fernandez, F.G.& Bezerra, P. 1990. **Estudo Fitogeográfico do Brasil**. Fortaleza: Stylus Comunicações. p. 105
- <sup>34</sup> Menezes, P.D.C. 1996 **Trilhas do Rio**. Rio de Janeiro: Salamandra, p. 86
- <sup>35</sup> *ibid* p. 87
- <sup>36</sup> Heynemann, C. 1995. **Floresta da Tijuca: Natureza e Civilização no Rio de Janeiro Século XIX**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração. p. 58 "Tornava-se vitoriosa e consensual para as autoridades e os membros destacados da classe senhorial a importância do reflorestamento, em grande parte atribuído à urgente recuperação da Tijuca". Porém, ao contrário da opinião popular, em 1866 os problemas da escassez de água foram assinalados pelo inspetor de Obras Públicas como sendo "insuficiência dos depósitos de recepção e reserva, obstrução dos encanamentos gerais e secundários de ferro e pequeno volume dos mananciais aproveitados." Mesmo se enganosamente, porém, ganhamos a Floresta da Tijuca; Heynemann acrescenta que "Tornava-se vitoriosa e consensual para as autoridades e os membros destacados da classe senhorial a importância do reflorestamento, em grande parte atribuído à urgente recuperação da Tijuca".
- <sup>37</sup> O Brasil demonstrava na época um desprezo dos recursos nacionais e o eucalipto ocupava um lugar de estima devido às suas propriedades medicinais e a opinião popular da sua beleza.
- <sup>38</sup> Menezes *op. cit.* p. 86
- <sup>39</sup> *ibid* p. 88
- <sup>40</sup> Savestano e Di Stasi, *op. cit. In Di Stasi op. cit* p. 40
- <sup>41</sup> Di Stasi, *op. cit.* p.18
- <sup>42</sup> Di Stasi, *op. cit.* p. 12
- <sup>43</sup> Loyola, M.A. 1983. **Médicos e Curandeiros**. São Paulo: DIFEL. p. 38
- <sup>44</sup> *ibid.* p. 62
- <sup>45</sup> *ibid.* p. 61-62
- <sup>46</sup> *id.*
- <sup>47</sup> *id.*
- <sup>48</sup> *ibid.* p. 63
- <sup>49</sup> *id.*



- 
- <sup>50</sup> Silva, O. J. 1993. **Ervas: raízes africanas**. Rio de Janeiro: Pallas. p. 76-77
- <sup>51</sup> Barros, J. F. P. 1993. **O segredo das folhas**. Rio de Janeiro: Pallas. p. 81
- <sup>52</sup> <http://www.fefol.com.br/simpatia>
- <sup>53</sup> *id.*
- <sup>54</sup> *id.*
- <sup>55</sup> <http://www.editoras.com/pallas/catalogo/2065.htm>
- <sup>56</sup> Camargo, M.T.L. 1998. **Plantas Medicinais e de Rituais Afro-Brasileiros: Estudo Etnofarmacobotânico**. Ícone, São Paulo. p. 194
- <sup>57</sup> Loyola, *op. cit* p. 10
- <sup>58</sup> Jimenez, C.; Dias, M.C.; Krieger, G.; & Silva, E. 2000. Fábricas no Banco dos Réus **Época** 2(89): 94
- <sup>59</sup> Boltanski *apud* Loyola, *op. cit* p. 144 " O consumo de medicamentos depende igualmente do que Luc Boltanski chama de 'linguagem das sensações mórbidas', que quer dizer, a aptidão para reconhecer e designar as doenças e seus sintômas. A ida ao médico, contribuindo para enriquecer a melhorar esta linguagem, estimula o aumento da 'necessidade médica' do paciente e, desse modo, seu consumo nesta área. Os membros das classes populares cuja linguagem das sensações mórbidas é mais pobre do que a das classes abastadas, e que tendem a prestar menos atenção a seu corpo, declaram-se doentes com menor freqüência que estes últimos, quer dizer, vão ao médico com menor freqüência e consomem menos medicamentos."
- <sup>60</sup> Amorozo, *op. cit. In Di Stasi op.cit*, p. 56
- <sup>61</sup> Cordeiro, H. 1980 A Indústria da Saúde no Brasil. Rio de Janeiro, Graal. *apud* Loyola, *op. cit* p. 144 "...a demanda global de medicamentos e seu consumo geralmente decrescem quando se passa dos engenheiros aos operários qualificados, destes à mão-de-obra não qualificada e aos operários da construção civil; quanto mais baixa for a posição do indivíduo nesta hierarquia, mais ele tende a consumir medicamentos indicados exclusivamente por parentes"
- <sup>62</sup> Bastide, R. 1973. **Estudos afro-brasileiros**. Ed. Perspectiva, São Paulo.
- <sup>63</sup> Barros, *op. cit.* p. 57
- <sup>64</sup> *ibid.* p. 58
- <sup>65</sup> Loyola, *op. cit.* p. 41
- <sup>66</sup> Loyola, *op. cit.* p. 10 sobre um bairro suburbano nesta situação " Assim, a grande maioria dos habitantes de Santa Rita é obrigada a se tratar sozinha ou a recorrer ao auxílio terapêutico local oferecido pelos curandeiros e especialistas religiosos católicos, protestantes ou espíritas."
- <sup>67</sup> <http://www.lsi.usp.br/econet/snuc/biosf/plano.htm> Capítulo 2
- <sup>68</sup> *ibid.* Capítulo 4
- <sup>69</sup> *id.*
- <sup>70</sup> Reis, M.S. Manejo sustentado de plantas medicinais em ecossistemas tropicais. *In Di Stasi, op.ci.t* p. 204
- <sup>71</sup> <http://www.lsi.usp.br/econet/snuc/biosf/plano.htm> Capítulo 3

- 
- <sup>72</sup> Reis, *op. cit.* In Di Stasi, *op.cit.*, p. 201 “Desse modo, considerando-se a importância das plantas medicinais não apenas como recurso terapêutico, mas também como fonte de recursos econômicos...”
- <sup>73</sup> Martin, G. J. 1995. **Ethnobotany: a methods manual**. Cambridge: Chapman & Hall. p. 219
- <sup>74</sup> Nee, M. *Datura* and *Brugmansia*: Two Genera or One? **Solanaceae Newsletter** s/d
- <sup>75</sup> Bastide, *op. cit.* p.170
- <sup>76</sup> Alexiades, M.N. 1999 **Ethnobotany of the Ese Eja: Plants, health and change in an Amazonian Society**. CUNY: New York. Tese de Doutorado. p. 259 Apesar de um estudo ser entre uma tribo indígena, parece provável que a predominância dos tratamentos internos seja uma influência ocidental. Os Ese Eja do estudo de Alexiades, por exemplo, declaram que antigamente todos os recursos medicinais eram aplicados em banhos, o que também foi constatado entre os Yanomami e os Maias de América Central.
- <sup>77</sup> Alexiades, *op.cit.* p. 258
- <sup>78</sup> Camargo, *op.cit.* p. 49
- <sup>79</sup> Di Stazi, *op.cit* p. 10
- <sup>80</sup> Amorozo, *op. cit* In Di Stasi, *op.cit.* p. 54

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, E.S.B. 1999. **Anatomia foliar e floral de *Alpinia zerumbet* (Pers.) Burt & Smith - Zingiberiaceae**. Rio de Janeiro: UFRJ. Dissertação de Mestrado (não publicada).
- ALEXIADES, M.N. 1999 **Ethnobotany of the Ese Eja: Plants, health and change in an Amazonian Society**. CUNY: New York. Tese de Doutorado (não publicada).
- AMOROZO, C.M. 1999. Medicina Tradicional em Santo Antônio do Leverger, MT - Uso de Plantas Medicinais. **Resumos do 50º Congresso Nacional de Botânica**. Blumenau: SBB.
- ARENAS, P. 1995. **Enquesta etnobotánica: Aplicada a indígenas del Gran Chaco**. Las Lomitas, Argentina: Centro del Hombre Antiguo Chaqueño, p. 161-178.
- ASHTON, P.S. 1982. Myrtaceae In Dassanayake, M.D. & Fasberg F.R. **A Revised Handbook to the Flora of Ceylon**. New Delhi: Amerind Publishing Co., Vol. 2.
- AZEVEDO, A.M.G. 1981. **O Gênero *Desmodium* Desv. no Brasil. Considerações taxonômicas**. Campinas: Unicamp, Dissertação de Mestrado (não publicada).
- BACCHI, O.; LEITÃO, H.F.; ARANHA, C. 1984. **Plantas invasoras de culturas**. Campinas: Instituto Campineiro de Ensino Agrícola. Vol. 3.
- BAILEY, L.H. 1949. **Manual of Cultivated Plants most commonly grown in the continental United States and Canada**. New York: Macmillan Co.
- BALBACH, A. 1992. **As Plantas Que Curam**. São Paulo: Ed. Missionária.
- BARKLEY, T.M. 1975. *Emilia, Erichitis* In Woodson, R., Schery, R. **Flora of Panama. Annals of the Missouri Botanical Garden** 62 (4): 835-1322
- BARROS, J. F. P. 1993. **O segredo das folhas**. Rio de Janeiro: Pallas.

- 
- BARROSO, G. M. 1957. Flora da cidade do Rio de Janeiro - Borraginaceae, Verbenaceae, Solanaceae. **Rodriguésia**. 20 (32): 78-87
- \_\_\_ 1959. Flora da cidade do Rio de Janeiro - Compositae. **Rodriguésia**. 21-22 (33-34): 69-156
- \_\_\_ 1978-1986. **Sistemática de angiospermas do Brasil**. Ed. USP, São Paulo. Vol. 1 (1978), Vol. 2 (1984), e Vol. 3 (1986).
- BASTIDE, R. 1971. **As religiões africanas no Brasil Contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações**. São Paulo: Ed. USP, Vol. 1 e Vol. 2
- \_\_\_ 1973. **Estudos afro-brasileiros**. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- BAUMGRATZ, J.F.A. 1982. Miconias do Estado do Rio. **Arquivos do Jardim Botânico** 26: 69-86
- \_\_\_\_\_ 1980. Miconias do Município do Rio de Janeiro. **Rodriguésia** 32 (55): 78
- BRICKEL, C. & ZUK, J. 1997. **The American Horticultural Society A-Z Encyclopedia of Garden Plants**. New York: DK Publishing Inc.
- BURKART, A. 1979. Leguminosas: Mimosoideas. **Flora Ilustrada Catarinense**. (Legu).
- BURTT, B.L. & SMITH, R.M. 1983. Zingiberaceae *In* Dassanayake, M.D. & Fasberg F.R. **A Revised Handbook to the Flora of Ceylon**. New Delhi: Amerind Publishing Co., Vol. 4.
- CABRERA, A. 1938-1939 Revisión de los Anacardiáceas Austroamericanas *In* Frenguelli, J. **Sección Botánica - Revista del Museu da la Plata**, Buenos Aires. Tomo 2 (6): 13
- \_\_\_ 1972 Flora de la Provincia de Jujuy, Republica de Argentina: Compositae *In* **Colección Científica del INTA** Buenos Aires. Tomo 13 (10).
- CABRERA, A. & KLEIN, R. 1973. Compostas: tribo Mutiseae **Flora Ilustrada Catarinense**. (Comp.).
- \_\_\_ 1975. Compostas 2: tribo Senecioneae **Flora Ilustrada Catarinense**. (Comp.)
- \_\_\_ 1980 Compostas 3: tribo vernoniae **Flora Ilustrada Catarinense**. (Comp.)
- \_\_\_ 1989 Compostas 4: tribo Eupatorieae **Flora Ilustrada Catarinense**. (Comp.)
- CAMARGO, M. T. L. 1988. **Plantas Mediciniais e de Rituais Afro-Brasileiros**. São Paulo: ALMED.
- \_\_\_ 1998. **Plantas Mediciniais e de Rituais Afro-Brasileiros: Estudo Etnofarmacobotânico**. São Paulo: Ícone.
- CARAUTA, J.P.P. 1996. Moráceas do Estado do Rio de Janeiro. **Albertoa** 4 (13): 145-196
- CARVALHO-OKANO, R.M. & ALVES, S.A.M. 1998. Piperaceae C. Agardh da Estação experimental Mata do Paraíso, Visoça, MG. **ACTA Botânica Brasileira** 12(3): 349-532 (Suplemento)

- 
- CORRÊA, M.P. 1926-1978 **Dicionário das Plantas Úteis do Brasil e das Exóticas Cultivadas**. Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro. Vol. 1 (1926), Vol. 2 (1931), Vol. 3 (1952), Vol. 4 (1969), Vol. 5 (1974), Vol. 6 (1978)
- COWAN, R. & SMITH, L. 1973. Rutáceas. **Flora Ilustrada Catarinense**. (Ruta.)
- CRAMER, L.H. 1981. Lamiaceae *In* Dassanayake, M.D. & Fasberg F.R. **A Revised Handbook to the Flora of Ceylon**. New Delhi: Amerind Publishing Co., Vol. 3.
- CRONQUIST, A. 1981. **An integrated system of classification of flowering plants**. New York: Columbia University Press.
- CRUZ, G.L. 1965. **Livro Verde das Plantas Medicinais e Industriais do Brasil**. Velloso S.A., Belo Horizonte. Vol. 1 e Vol. 2.
- D'ARCY, W.G. 1975. *Bidens, Cosmos, Chrysanthemum* *In* Woodson, R., Schery, R. **Flora of Panama. Annals of the Missouri Botanical Garden** 62 (4): 1178-1188
- DA SILVA, J. G. 1983. **Punica granatum L. (Puniaceae): Aspectos Botânicos, Históricos e Medicinais**. Rio de Janeiro: UFRJ. Dissertação de Mestrado.
- DI STASI, L. C. 1995. **Plantas Medicinais: Arte e Ciência Um Guia de Estudo Interdisciplinar**. São Paulo: Ed. UNESP.
- DUKE, A. D. & VASQUEZ, R. 1994. **Amazonian Ethnobotanical Dictionary**. Boca Raton: CRC Press.
- ELIAS, T.S. 1975. *Elephantopus*. *In* Woodson, R., Schery, R. **Flora of Panama. Annals of the Missouri Botanical Garden** 62 (4): 874-878
- EPLING C. & TOLEDO, J.F. 1943. Labiadas *In* Hoene, F.C. **Flora Brasileira**. Secretária de Agricultura, Indústria e Comércio de São Paulo, São Paulo. Vol. 48: 1-14.
- FERNANDEZ, A.G. & BEZERRA, P. 1990. **Estudo Fitogeográfico do Brasil**. Stylus Comunicações, Fortaleza.
- FERREIRA, A.B.H. 1986. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa 2a Ed.** Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.
- FONSECA, V.S.D.; SILVA, I.M.; SÁ, C.F.C.D. 1998. **Etnobotânica Bases para a conservação** I WORKSHOP BRASILEIRO DE ETNOBOTÂNICA E BOTÂNICA ECONÔMICA. 1996; Nova Friburgo: EDUR.
- FREIRE, C.V. 1943. **Chaves analíticas para a determinação das famílias das plantas Pteridófitas, Gimnospermas, Angiospermas brasileiras ou exóticas cultivadas no Brasil**. 3 ed. Rio de Janeiro: Escola Superior de Agricultura de Mossoró, Fund. Guimarães Duque. Reprint 1983 4a. ed..
- FREIRE, L.A.C 1989. Espécies de *Solanum* (Seção *Cernuum* e *Lepidotum*) usadas na medicina popular brasileira (Solanaceae). **Rev. Bras. Farm.**, 70(1): 7-10.
- \_\_\_ 1996. Revisão taxonômica das espécies de *Solanum* pertencentes à seção *Lepidotum* sensu Dunal. **Pesquisa Botânica** 46: 5-83
- \_\_\_ 1997 Diversidade taxonômica das Solanáceas no estado do Rio de Janeiro (Brasil) - I **Albertoia** 4 (19): 245-260

- 
- FUTURO, D.O. & NEVES, L.J. 1998. Estudo anatômico de folhas e ramos de *Stachytarpheta cayennensis* Vahl. **Revista Brasileira de Farmácia** 79 (3/4): 78-83
- GARCIA, M.F. 1984. **Feira e trabalhadores rurais - as feiras do brejo e do agreste paraibano**. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS. Tese de Doutorado (não publicada).
- GOMES, V.E. & CARVALHO, D.A. 1998. Levantamento Etnobotânico e Florístico de Plantas Medicinais dos Cerrados na Região de Lavras - Minas Gerais. **Resumos do XLIX Congresso Nacional de Botânica**. SSB, Salvador.
- GOMES, J.C. 1957 Flora do Estado de Guanabara III (Bignoniaceae) **Rodriguésia** 10 (32):126-127
- GREENFIELD, S.M. 1987. The return of Dr. Fritz: spiritist healing and patronage networks in urban industrial Brazil. **Social Science and Medicine**: 1-13.
- GRIERSON, A.J.C. 1980. Compositae In Dassanayake, M.D. & Fasberg F.R. **A Revised Handbook to the Flora of Ceylon**. New Delhi: Amerind Publishing Co. Vol 1:224-225
- GRISEBACH, A.H.R. 1963 Flora of the British West Indian Islands In Cramer, J. et Swan, K.H. **Historiae Naturalis Classica** New York: Wheldon & Wesley e Hafner. Tomus 30.
- GUIMARÃES E.F., ICHASO C.L. F., & COSTA, C.G. 1978. Piperáceas 1. Ottonia, 2. Sarcobachis, 3. Potomorphe **Flora Ilustrada Catarinense**. (Piper.)
- \_\_\_4. 1984 Peperomia. **Flora Ilustrada Catarinense**. (Piper.)
- HEPPER, F.N. 1987. Solanaceae In Dassanayake, M.D. & Fasberg F.R. **A Revised Handbook to the Flora of Ceylon**. New Delhi: Amerind Publishing Co. Vol. 6: 386-407
- HEYNEMANN, C. **Floresta da Tijuca: Natureza e Civilização no Rio de Janeiro Século XIX**. 1995. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração.
- HEYWOOD, V. H. 1979. **Flowering Plants of the World**. London: Oxford University Press.
- <http://www.editoras.com/pallas/catalogo/2065.htm>
- <http://www.fefol.com.br/simpatia>
- <http://www.lsi.usp.br/econet/snuc/biosf/plano.htm>
- <http://www.rio.rj.gov.br/clf/feiras>
- ICHASO, C.L.F. & BARROSO, G. M., 1970. Escrofulariáceas, **Flora Ilustrada Catarinense**. (Scroph.)
- KING, R.M. & ROBINSON, H. 1975. *Ageratum*. In Woodson, R., Schery, R. **Flora of Panama. Annals of the Missouri Botanical Garden** 62 (4): 903-904
- KISSMANN, K.G. & GROTH, D. 1991-1992. **Plantas infestantes e Nocivas** São Paulo: BASF Brasileira,. Vol. 2, Vol. 3.
- KLEIN, R.M. 1984. Meliáceas. **Flora Ilustrada Catarinense**. (Meli.)

- 
- KOYAMA, T. 1985. Cyperaceae *In* Dassanayake, M.D. & Fasberg F.R. **A Revised Handbook to the Flora of Ceylon**. New Delhi: Amerind Publishing Co. Vol 5: 181
- KUBITZKI, K. & KLEIN, R. 1971. Dileniáceas. **Flora Ilustrada Catarinense**. (Dili.)
- LACERDA, A. 1999. **Banhos de descarga**. Rio de Janeiro: Pallas.
- LAPASSADE, G. & LUZ, M.A., 1972. **O segredo da Macumba**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra.
- LEGRAND C.D. & KLEIN, R. 1969. Mirtáceas. **Flora Ilustrada Catarinense**. (Myrt.)
- \_\_\_ 1977 Mirtáceas: 8. Campomanesia- 16. Psidium. **Flora Ilustrada Catarinense**. (Myrt.)
- \_\_\_ 1978 Mirtáceas: 17. Myrciaria-Índice. **Flora Ilustrada Catarinense**. (Myrt.)
- LEITÃO, H.F.F.; ARANHA, C.; BACCHI, O. 1972. **Plantas invasoras de culturas no Estado de São Paulo**. São Paulo: HUCITEC. Vol. 1.
- \_\_\_ 1982. **Plantas invasoras de culturas**. São Paulo: HUCITEC. Vol. 2.
- LOURTEIG, A. 1969 Litráceas. **Flora Ilustrada Catarinense**. (Lyth.)
- \_\_\_ 1983 Oxalidáceas. **Flora Ilustrada Catarinense**. (Oxal.)
- LOYOLA, M.A. 1984. **Médicos e Curandeiros**. São Paulo: DIFEL.
- MAAS, P.J.M. 1982 Zingerberaceae Febres, Z.L, Steyermark, J.A. **Flora de Venezuela**. Ediciones Fundación Educación Ambiental, Caracas. 11(2): 252-253
- MARKGRAF, F. 1968. Apocináceas **Flora Ilustrada Catarinense**. (Apoc.)
- MARTIN, G. J. 1995. **Ethnobotany: a methods manual**. Cambridge: Chapman & Hall.
- MARTIUS, C.F.P von 1841-1872. **Flora Brasiliensis**. München Vol. 1- 40.
- \_\_\_ 1939 **Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros**. 1884. Brasiliana, 5a. série, v. 154. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- MATHIAS, M.E.; CONSTANCE, L.; ARAUJO, D. 1972. Umbellíferas. **Flora Ilustrada Catarinense**. (Umbel.)
- MATOS F. J. A., et al. 1965. Marcha sistemática de abordagem fitoquímica. **Revista Brasileira de Farmácia** 46(3): 151-161.
- MEIJER, W. 1983. Anacardiaceae *In* Dassanayake, M.D. & Fasberg F.R. **A Revised Handbook to the Flora of Ceylon**. New Delhi: Amerind Publishing Co. Vol. 4.
- MENEZES, P.D.C. 1996. **Trilhas do Rio**. Rio de Janeiro: Salamandra.
- MOLDENKE, H.N. 1965. Monograph of *Lippia*. **Phytologia** 12 (1):48-55.
- MOLDENKE, H.N. & MOLDENKE A.L. 1983 Verbenaceae *In* Dassanayake, M.D. & Fasberg F.R. **A Revised Handbook to the Flora of Ceylon**. New Delhi: Amerind Publishing Co. Vol .4: 220-232

- 
- MORALES, L.A. 1993 **A feira de São Cristóvão: um estudo de identidade regional**. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS. Tese de Doutorado (não publicada). p. 10-17
- MORTON, J.F. 1982. **Plants poisonous to people in Florida and other warm places**. Florida: Southeastern Printing Co.
- MOTT, L.R.D.B. 1975. **A feira de brejo grande: Estudo de uma instituição econômica num município Sergipano do baixo São Francisco**. São Paulo: Unicamp. Tese de Doutorado (não publicada).
- MYNSEN, C.M. 1996. **Pteridófitas das matas de encosta do Jardim Botânico e da vertente leste do morro Mundo Novo, RJ**. Rio de Janeiro: Universidade Santa Úrsula, Monografia de Bacharel (não publicada).
- NASCIMENTO, E. L. 1993. Meio ambiente numa perspectiva afro-brasileira. **Ecologia e Desenvolvimento - Suplemento**, Ed. Terceira Mundo, Rio de Janeiro: 2 (28): 4-5
- NEE, M. s/d *Datura* and *Brugmansia*: Two genera or one? **Solanaceae Newsletter** p. 27-35
- NEVES, L. J. & DONATO, A.M. 1989. **Contribuição ao estudo de *Eugenia uniflora* L. (Myrtaceae)** Bol. do Herbário Bradeanum
- NICOLSON, D.H. 1987 *Araceae* In Dassanayake, M.D. & Fasberg F.R. **A Revised Handbook to the Flora of Ceylon**. New Delhi: Amerind Publishing Co. Vol. 6: 100-101.
- "Normas gerais para publicação de artigos na *Acta Botanica Brasilica*" 1993. **Acta Botanica Brasilica**. 7(2): 157-164.
- "**O que é preciso saber sobre Mercados e Feiras Livres**" 1982. Rio de Janeiro: Secretárias de Planejamento da Presidência da República e de Articulação com os Estados e Municípios.
- PAGLIRINI-GRAMS, W.F.M. & CERVI, A.C. 1999. Plantas Medicinais de Uso Popular em Três Distritos da Ilha de Santa Catarina, Florianópolis, SC. **Resumos do 50º Congresso Nacional de Botânica**. Blumenau: SBB.
- PASA, M.C. & NETTO, G.G. 1999. Conservação dos Recursos Vegetais no Vale do Aricã - MT: Um Estudo Etnoecológico. **Resumos do 50º Congresso Nacional de Botânica**. Blumenau: SBB.
- PECKOLT, T. 1868 **Analyses de materia medica Brasileira dos productos que forão premiados nas exposições nacionais e na exposição universal de Paris em 1867**. Rio de Janeiro: Laemmert.
- PENNA, M. 1933. **Notas sobre plantas brasileiras**. Rio de Janeiro: Araújo Penna & CIA.
- \_\_\_ 1946. **Dicionário Brasileiro de plantas medicinais indígenas e das exóticas aclimadas no Brasil**. 3a ed. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora.
- PEREIRA, C. 1979. **As espécies do gênero *Ocimum* L. (Labiatae) da América do Sul**. Rio de Janeiro: UFRJ. Dissertação de Mestrado (não-publicada).
- PEREIRA, E. 1960/1961 Flora do Estado de Guanabara III (Melastomataceae Tibuchineae) **Rodriguésia** 22-24 (35-36): 162-163.

- 
- PLOTKIN, MARK J. 1993. **Tales of a shaman's apprentice: An Ethnobotanist searches for New Medicines in the Rainforest.** New York: Penguin Books, p. 284-289.
- Que há de novo: Alcaloides do Sabugeiro. 1937. **R. de Química e Farmácia.** Rio de Janeiro (4/5): 65
- RAHN, K. 1966. Plantagináceas. **Flora Ilustrada Catarinense.** (Plan.)
- RAMOS, A. 1934. **O negro Brasileiro etnografia, religiosa e psicanalyse.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- REITZ, R. 1983. Bromeliáceas e a malária-bromélia endêmica. **Flora Ilustrada Catarinense.** (Brom.)
- \_\_\_ 1984 Puniáceas. **Flora Ilustrada Catarinense.** (Puni.)
- \_\_\_ 1984 Bixaceae. **Flora Ilustrada Catarinense.** (Bixa.)
- REITZ, R & KLEIN, R. 1985. Caprifoliáceas. **Flora Ilustrada Catarinense.** (Capr.)
- RIBEIRO, L. M. P. 1996. **Aspectos Etnobotânicos numa Área Rural São João da Cristina - MG.** Rio de Janeiro: UFRJ. Dissertação de Mestrado (não publicada).
- SACCO, J.C. 1980. Passifloráceas. **Flora Ilustrada Catarinense.** (Pass.)
- SANTOS, E. 1970. Caricáceas. **Flora Ilustrada Catarinense.** (Caric.)
- SANTOS, E., FLASTER, B. 1967. Fitolacáceas **Flora Ilustrada Catarinense.** (Phyto.)
- SANTOS, D.M.N.; RODRIGUES, T.J.A.; BANZATTO, D.A. 1998. Desenvolvimento inicial da parte aérea e do sistema radicular do guandu, *Cajanus cajan* (L.) Millsp. **ACTA Botânica Brasilica** 12(3): 349-532 (Suplemento)
- SCHLEIFFER, H. 1973. **Sacred Narcotic Plants of the New World Indians An anthology of texts from the sixteenth century to date.** New York: Hafner Press.
- SCHMIDT, J.A. 1978. Plantaginaea *In* Martius, **Flora Brasiliensis.** 6(4): 167-176
- SCHULTES, R.E. & RAFFAUF, R.F. 1991. **The healing forest: medicinal and toxic plants of the northwest Amazonia.** Oregon: Dioscorides Press.
- SCHULTES, R.E., VON REIS, S. 1995. **Ethnobotany Evolution of a Discipline.** London: Chapman & Hall.
- SEGADAS-VIANNA, F.; ORMOND, W.T.; DAU, L. 1965. Portulacaceae. **Flora Ecológica de Restingas do Sudeste do Brasil.** Museu Nacional, Rio de Janeiro. Vol. 2
- SILVA, O. J. 1993. **Ervas: raízes africanas.** Rio de Janeiro: Pallas.
- SIQUIERA, C.R. & WINDISCH, P.G. 1998. Pteridófitas da região noroeste do estado de São Paulo, Brasil: Dennstaedtiaceae. **ACTA Botânica Brasilica** 12(3): 349-532 (Suplemento)
- SMITH, L.B. & DOWNS, R.J., 1966 Solanáceas **Flora Ilustrada Catarinense.** (Sola.)
- \_\_\_ 1972. Amarantáceas **Flora Ilustrada Catarinense.** (Amara.)



- 
- \_\_\_ 1988. Euforbiáceas. **Flora Ilustrada Catarinense**. (Euph.)
- SMITH, L. B. & KLEIN, R. 1970. Boraginaceae. **Flora Ilustrada Catarinense**. (Bora.)
- SMITH, L. B.; WASSHAUSEN D.; KLEIN, R. 1982a. Gramíneas: Gêneros 45. Deschampsia até 84. Pseudechinolaena. **Flora Ilustrada Catarinense**. (Gram.)
- \_\_\_ 1982b. Gramíneas: Gêneros 85. paspalum até 84. Zea. **Flora Ilustrada Catarinense**. (Gram.)
- SPITZ, Eva. 1993. A Vida e a Natureza. **Ecologia e Desenvolvimento - Suplemento**, Ed. Terceira Mundo, Rio de Janeiro. 2 (28): 2-3.
- STONE, B.C. 1985. Rutaceae *In* Dassanayake, M.D. & Fasberg F.R. **A Revised Handbook to the Flora of Ceylon**. Amerind Publishing Co., New Delhi. Vol. 5: 471
- STUESSY, T.F. 1975. Melampodiinae. *In* Woodson, R., Schery, R. **Flora of Panama. Annals of the Missouri Botanical Garden** 62 (4):1062
- TESKE, M. & TRENTINI, A.M.M. 1997. **Herbarium Compêndio de Fitoterapia**. 3 ed. Curitiba: Ingra.
- URQUIZA, N.G. et al. 1999. Estudo Etnobotânico na Comunidade de Fortalezinha, Ilha de Maiandeuá, Município de Maracanã (PA) **Resumos do 50º Congresso Nacional de Botânica**. Blumenau: SBB.
- VAN DEN BERG, M. E. 1982. **Plantas Medicinais na Amazonia Contribuição ao seu conhecimento sistematico**. Belem: CNPq/PTU.
- \_\_\_ 1984. Ver-o-peso: The Ethnobotany of an Amazonian market. *In* Prance, G.T. & Kallunki, J.A. **Advances in Economic Botany** 1: 140-149.
- VARELLA, J.S.C 1973. **Ervas Sagradas na Umbanda**. Rio de Janeiro: Ed. Espiritualista Ltda.
- VAZ, A.M.S.F. 1993. Trepadeiras do gênero Bauhinia (Caesalpiniaceae) no estado do Rio de Janeiro. **Pesquisas Botânicas** 44: 95-114
- VELOSO, C. 1997. **Verdade Tropical**. São Paulo: Companhia das Letras.
- VERGER, P.F. 1995. **Ewé O uso das plantas na sociedade lorubá**. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_ 1997. **Orixás**. Salvador: Corrupio.
- VIDAL, W.N. & VIDAL, M.R.R. 1995. **Taxonomia Vegetal**. Minas Gerais: Imprensa Universitária Viçosa.
- WIT, H.D.C. 1954-1956. A revision of Malaysian *Bauhinieae*. **Reinwardtia** Indonesia: Herbarium Bogoriense 3: 397-398.

**ÍNDICE REMISSIVO**

Nome	pág.	Nome	pág.
abacate	99	capim-limão	137
abajerú	120	carambola	126
abre-caminho	149	<i>Carica papaya</i> L.	69
<i>Acalypha poiretii</i> Spreng	80	carobinha	60
<i>Acanthospermum austole</i> (Loef.) Kuntz.	38	carqueja	42
<i>Achyrocline satureoides</i> (Lam.) DC	39	cavalinha	135
<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart ex Spreng	86	<i>Cecropia catarinensis</i> Cuatr..	115
<i>Agave</i> sp.	23	<i>Cecropia</i> sp.	116
<i>Ageratum conyzoides</i> L.	40	<i>Celosia argentea</i> L.	28
agoniada	32	<i>Cestrum laevigatum</i> Schl.	152
agoniada	33	chapéu-de-couro	26
alecrim	97	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	70
alecrim-do-campo	41	<i>Chrysanthemum</i> sp.	44
alevante	90	<i>Cibystax antisyphiliticus</i> (Mart) Mart ex DC	59
alfavaca	93	cinco-folhas	61
alfavaca-para-tempero	92	cipó-cabeludo	148
alfavaca-para-tempero	93	cipó-caboclo	79
alfazema	163	cipó-chumbo	76
algodão	108	<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson et Jarvis	167
<i>Aloe vera</i> L.	27	<i>Citrus aurantium</i> L.	145
<i>Aloysia gratissima</i> (Gill et Hook ) Fronc.	163	<i>Coix lacrima-jobi</i> A. Pinto	136
<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) Burt et Smith	168	colônia	168
amor-do-campo	103	comigo-ninguém-pode	35
amora	117	<i>Commelina virginica</i> L.	71
<i>Andropogon bicornis</i> L.	135	confrei	64
aperta-ruão	132	cordão-de-frade	87
arnica-do-horto	54	<i>Cordia corymbosa</i> (L.) Don.	63
arnica-do-mato	51	<i>Cosmos</i> sp.	45
aroeira, casca de aroeira	30	<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe var <i>spiralis</i>	169
arruda	147	<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) McBride	107
<i>Asclepias curassavica</i> L.	37	<i>Cuscuta racemosa</i> Mart.	76
assa-peixe	57	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC) Strepf.	137
<i>Averrhoa carambola</i> L.	126	<i>Cyperus rotundus</i> L.	77
babosa	27	dadá-da-costa	77
<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.	41	dama-da-noite	146
<i>Baccharis trimera</i> (Leu.) DC.	42	<i>Datura</i> sp	153
balieira-branca	52	<i>Davilla rugosa</i> Poir	79
balieira-preta	63	dente-de-leão	48
barba-de-velho	67	dente-de-leão	49
<i>Bauhinia blakeana</i> Dunn.	100	<i>Desmodium adscendeus</i> (Sw.) DC.	103
<i>Bauhinia radiata</i> Vell.	101	<i>Dieffenbachia picta</i> Schott	35
<i>Bidens pilosa</i> L.	43	dinheiro-em-penca	162
<i>Bixa orellana</i> L.	62	dormideira	104
<i>Boerhaavia diffusa</i> L.	124	douripepe	55
boldo	96	<i>Dracaena fragrans</i> Ker-Gawl.	66
boldo-do-Chile	58	<i>Echinodorus macrophyllus</i> (Kunth) Mich.	26
brilhantina-do-campo	161	<i>Elephantopus angustifolius</i> Swartz	46
<i>Brugmansia</i> sp.	151	<i>Elephantopus mollis</i> HBK	47
bucha	74	<i>Emilia coccinea</i> Sims	48
cabelo-de-milho	139	<i>Emilia sonchifolia</i> DC	49
<i>Cajanus cajau</i> (L.) Millsp	102	<i>Erechtites hieracifolia</i> (L.) Raf ex Dr.	50
cambará	164	erva-cidreira	165
camomila	44	erva-de-bicho	140
cana-do-brejo	169	erva-de-passarinho	106
canela-de-velho	110	erva-de-Santa-Luzia-d'água	36
capa-de-Xangô	111	erva-de-Santa-Luzia-da terra	81
capim-gordura	138	erva-de-Santa-Maria	70

erva-de-São-João	40	macaé	88
erva-doce	160	mãe-boia	167
erva-grossa	47	malva	85
erva-moura	156	mamão	69
erva-prata	157	mamona	84
erva-tostão	124	<i>Mangifera indica</i> L.	29
espada-de-Santa-Barbara	25	mangueira	29
espada-de-São-Jorge	25	manjeriço	91
esperta	34	manjeriço-de-folha-miúda	94
espinheira-santa	118	manjeriço-roxo	94
eucalipto	119	mão-de-deus	56
<i>Eucalyptus</i> sp.	119	maracujá	127
<i>Eugenia aff. brasiliensis</i> Lam.	120	maracujá	128
<i>Eugenia uniflora</i> L.	121	maravilha	125
<i>Eupatorium maximilianii</i> Schrad ex DC.	51	marcela	39
<i>Euphorbia hirta</i> L.	81	masacruz	66
<i>Euphorbia prostrata</i> Ait.	92	melão-de-São-Caetano	75
fedegoso	105	<i>Melia azadarach</i> L.	113
fel-da-terra	38	<i>Melinis minutiflora</i> Beauv	138
flor-da-noite	152	<i>Menta pulegium</i> L.	89
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	160	<i>Mentha x piperita</i> L. var <i>citrata</i> (Ehrh) Briq.	90
folha-da-fortuna	73	<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Triana	110
fumo	155	<i>Miconia mirabilis</i> (Aubl.) L. Wms.	111
<i>Ganoderma</i> sp.	141	<i>Mikania glomerata</i> Spreng	53
<i>Ganoderma</i> sp.	141	<i>Mimosa pudica</i> L.	104
<i>Geissospermum vellosii</i> Allem.	31	<i>Mirabilis jalapa</i> L.	125
gervão	166	<i>Momordica charantia</i> L.	75
<i>Gochnatia polymorpha</i> (Leu.) Cobl.	52	<i>Morus alba</i> L.	117
goiabeira	122	<i>Murraya paniculata</i> (L.) Jacq.	146
<i>Gossypium barbadense</i> L.	108	negra-mina	114
guaco	53	<i>Nicotina tabacum</i> L.	155
guiné	129	<i>Ocimum basilicum</i> L.	91
<i>Hedychium coronarium</i> Koen	170	<i>Ocimum campechianum</i> Mill	92
<i>Himatanthus lancifolius</i> (Muell. Arg) Wood.	32	<i>Ocimum gratissium</i> L.	93
hortelã-pimenta	95	<i>Ocimum minimum</i> L.	94
imbaúba	115	oficial-de-sala	37
imbaúba-prata	116	orelha-de-pau-branca	141
ipê	59	orelha-de-pau-preta	141
<i>Jacaranda puberula</i> Cham	60	orelha-de-pau-vermelha	141
jambolão	123	oriri-da-oxum	130
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	83	panacéia	158
jurema-preta	143	pára-raio	113
jurubeba	159	pareatária	80
<i>Kalachoë brasiliensis</i> Camb	72	pariparoba	133
<i>Kalachoë pinnatum</i> Kurtz	73	<i>Passiflora alata</i> Dryand.	127
lágrima-de-Nossa-Senhora	136	<i>Passiflora edulis</i> Sims.	128
<i>Lantana camara</i> L.	164	pata-de-vaca	100
laranja-da-terra	145	pata-de-vaca-rasteira	101
<i>Leonotis nepethoelia</i> Benth.	87	pau-pereira	31
<i>Leonurus sibiricus</i> L.	88	<i>Pelargonium</i> sp.	85
<i>Lepidium virginicum</i> L.	65	pelegum	66
língua-de-vaca	46	<i>Peperomia pellucida</i> HBK.	130
<i>Lippia alba</i> (Mill) N.E. Br.	165	<i>Persea americana</i> Mill	99
lírio-branco	170	<i>Peschiera</i> sp.	33
<i>Luffa cylindrica</i> (L.) Roem	74	<i>Petiveria alliacea</i> L.	129
<i>Lycopersicum esculentum</i> Mill.	154	pião-roxo	83
<i>Lygodium volubile</i> Sw.	149	picão	43
macaça (catinga-de-mulata)	86	picão-da-praia	45
<i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebm.	161	<i>Talinum racemosum</i> (L.) Rohrb.	142
<i>Pilea nummularifolia</i> (Sw.) Wedd.	162	<i>Tibouchina granulosa</i> (Desr.) Cogn.	112
<i>Piper arboreum</i> Aubl.	131	<i>Tillandsia usneoides</i> L.	67

<i>Piper mollicomum</i> Kunth	132	<i>Tithonia speciosa</i> Hook ex Cris.	56
<i>Pistia stratiotes</i> L.	36	tomate	154
pita	23	traboeraba-branca	71
pitanga	121	transais	134
<i>Plantago major</i> L.	134	trombeta	151
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng	95	trombeta	153
<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	96	urucúm	62
poejo	89	vassourinha-da-igreja	150
<i>Polygonum punctatum</i> L.	140	vassourinha-de-relógio	65
<i>Pothomorphe umbellata</i> L.	133	vassourinha-preta	109
preta	142	vence-demanda	131
<i>Psidium guajava</i> L.	122	<i>Vernonia beyrichii</i> Less.	57
<i>Pteridium aquilinum</i> (Kaulf) Brade.	78	<i>Vernonia condensata</i> Baker	58
<i>Punica granatum</i> L.	144	<i>Zea mays</i> L.	139
<i>Pycnopus sanguineus</i> (R. ex Fr.) Murr.	141		
quaresma	112		
quebra-pedra	92		
<i>Rinicus communis</i>	84		
romã	144		
<i>Romarinus officinalis</i> L.	97		
<i>Roupala sculpta</i> Sleumer	143		
<i>Ruta graveolens</i> L.	147		
sabugueiro	68		
saião	72		
sálvia	98		
<i>Salvia officinalis</i> L.	98		
samambaia-de-reumatismo	78		
<i>Sambucus australis</i> Cham. et Schl.	68		
<i>Sansevieria trifasciata</i> Hort ex. Paine	25		
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	30		
<i>Scoparia dulcis</i> L.	150		
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	105		
<i>Senebiera pinnatifolia</i> DC	66		
<i>Serjania eucardia</i> Raldk.	148		
serralha	50		
sete-sangrias	107		
<i>Sida carpinifolia</i> L.	109		
<i>Siparuna guianensis</i> Aublet	114		
<i>Solanum americanum</i> Mill.	156		
<i>Solanum argenteum</i> Dun.	157		
<i>Solanum cernuum</i> Vell.	158		
<i>Solanum torvum</i> Sw.	159		
<i>Solidago chilensis</i> Meyen	54		
<i>Sorocea</i> sp. ou <i>Clarisia</i> sp.	118		
<i>Sparattosperma vernicosum</i> Bur et Schum	61		
<i>Sphagneticola trilobata</i> (L.) Pruski	55		
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich) Vohl	166		
<i>Struthantus concinnus</i> Mart.	106		
suspiro	28		
<i>Symphytum aff. officinale</i> L.	64		
<i>Syzygium jambolanum</i> DC.	123		
<i>Tabernaemontana laeta</i> Mart.	34		